



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

**JORNAL ITA: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA DECOLONIAL
NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE**

PRISCILA NUNES BRAZIL

CAMPINA GRANDE

2024

PRISCILA NUNES BRAZIL

**JORNAL ITA: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA DECOLONIAL NO
CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, situada na Área de Concentração **Estudos Linguísticos** e vinculada à Linha de Pesquisa 4, **Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem**, como requisito institucional para obtenção do Título de Mestre em **Linguagem e Ensino**.

Orientador: Prof. Dr. Manassés Morais Xavier

CAMPINA GRANDE

2024

B827j

Brazil, Priscila Nunes.

Jornal Ita: uma vivência educacional decolonial no contexto do ensino médio profissionalizante / Priscila Nunes Brazil. – Campina Grande, 2024.

223 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação: Prof. Dr. Manassés Morais Xavier".

Referências.

1. Teoria Dialógica da Linguagem. 2. Educomunicação. 3. Jornal Escolar – *Jornal Ita*. 4. Estudos Linguísticos. 5. Produção Escrita. 5. Gêneros Jornalísticos. 6. Decolonialidade. I. Xavier, Manassés Morais. II. Título.

CDU 808.1(043)

PRISCILA NUNES BRAZIL

**JORNAL ITA: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA DECOLONIAL NO
CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, situada na Área de Concentração **Estudos Linguísticos** e vinculada à Linha de Pesquisa 4, **Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem**, como requisito institucional para obtenção do Título de Mestre em **Linguagem e Ensino**.

Aprovada em 27/05/2024

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
MANASSES MORAIS XAVIER
Data: 07/06/2024 05:14:27-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Prof. Dr. Manassés Moraes Xavier – UFCG
(Orientador)**



Documento assinado digitalmente
MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA
Data: 07/06/2024 11:06:45-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Profa. Dra. Maria Angélica de Oliveira – UFCG
(Examinadora Interna)**



Documento assinado digitalmente
LAURENIA SOUTO SALES
Data: 07/06/2024 09:21:43-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Profa. Dra. Laurênia Souto Sales – UFPB
(Examinadora Externa)**



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
PROGRAMA DE POS-GRADUACAO EM LINGUAGEM E ENSINO
Rua Aprigio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

REGISTRO DE PRESENÇA E ASSINATURAS

Ata da **361** Sessão Pública de defesa de Dissertação para conferir o Grau de Mestre em Linguagem e Ensino a **Priscila Nunes Brazil**.

1. Aos 27 dias do mês de maio do ano de 2024, às 09:00 horas, através da sala virtual Google Meet em sessão pública, a Banca Examinadora presidida pelo(a) Prof(a). Dr(a). Manassés Morais Xavier, (UFCG/PPGLE), orientador(a), e composta pelo(a) Prof(a). Dr(a). Maria Angélica de Oliveira, (UFCG/PPGLE), na qualidade de membro titular interno, pela Prof(a). Dr(a). Laurênia Souto Sales, (UFPB), na qualidade de membro titular externo, reuniu-se para julgamento da Dissertação de Mestrado do(a) discente **Priscila Nunes Brazil**, intitulada: "**Jornal Ita: Uma Vivência Educomunicativa Decolonial no Contexto do Ensino Médio Profissionalizante**".

2. A sessão foi aberta pelo(a) presidente que apresentou os integrantes da Banca Examinadora e passou a palavra ao(à) mestrando(a). Este(a) fez a exposição do seu trabalho, sendo seguida das arguições do(a)s examinadores(as).

3. Logo após, o(a) presidente da Banca Examinadora solicitou aos presentes que se retirassem da sala virtual e voltassem em 20 minutos para ouvir o parecer da banca sobre o trabalho apresentado.

4. Após análise do mérito da Dissertação, do desempenho do(a) candidato(a) durante a apresentação e arguição do trabalho e, em conformidade com o artigo 78 do Regulamento do Curso de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino, o presidente da Banca Examinadora informou ao candidato que o trabalho obteve nota **10,0 (Dez)** correspondente ao conceito **APROVADO COM DISTINÇÃO**. **A banca reconheceu o mérito da pesquisa, destacando a relevância da temática, tanto em relação à Educomunicação quanto em relação à Decolonialidade, para a formação discente no tocante ao desenvolvimento da competência discursiva dos/as estudantes implicados/as. A banca ainda recomenda a pesquisa para publicação.**

5. Nada mais havendo a tratar, Eu JOSÉ NOBERTO TAVARES JÚNIOR, SIAPE 2012524, Secretário do PPGLE, lavro e assino a presente Ata, lida e aprovada pela banca examinadora, que a assina conjuntamente, e também o(a) mestrando(a) que dá ciência do resultado.



Documento assinado eletronicamente por **JOSE NOBERTO TAVARES JUNIOR, SECRETÁRIO (A)**, em 28/05/2024, às 11:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **LAURENIA SOUTO SALES, Usuário Externo**, em 28/05/2024, às 12:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MANASSES MORAIS XAVIER, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 28/05/2024, às 21:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Priscila Nunes Brazil, Usuário Externo**, em 02/06/2024, às 19:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **MARIA ANGELICA DE OLIVEIRA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 05/06/2024, às 08:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4455904** e o código CRC **AE679D60**.

*Honro o fechamento desse ciclo dedicando esta dissertação a **Deus e aos benfeitores espirituais** pelas sublimes lições de amor e fé no futuro, **às crianças da minha existência**: Pedro (In memoriam), Bernardo e Thiago e **à juventude engajada**, que é cor, som, sorriso e sonho. Avante!*

AGRADECIMENTOS

A Deus, inteligência suprema, causa primária de todas as coisas.

À minha mais velha, minha avó Hercília (*In memoriam*), cuja existência nos inspira até hoje pelo cheiro do almoço de domingo que fazia em pura demonstração de afeto, pelas rezas cheias de fé com galhos de arruda no quintal de casa, pelo abraço tímido, pelo conselho assertivo e pelo agrado material em forma dos meus primeiros cadernos.

Ao meu pai, Stanley, pela determinação incansável e inspiradora desde o início de tudo. Pelas memórias de infância de quando me levava e buscava na escola e ia deixar as fichas do lanche que significavam apenas a ponta do *iceberg* de sua dedicação com meus estudos até suas presenças e ligações que me encorajam e apoiam a persistir na caminhada.

À minha mãe, Luciana, pela sensibilidade e presença amorosa desde os primeiros passos até os momentos mais significativos da minha vida. Sou imensamente grata pelo estímulo para que eu siga meu próprio caminho.

À minha irmã Larissa e ao meu irmão Thiago, partes essenciais da minha história, por cada momento compartilhado e por cada risada dividida. Vocês são verdadeiros tesouros na minha vida.

À minha companheira de vida, de estudos e sorrisos, Thaís, por compartilhar sonhos, desafios e conquistas ao meu lado. Sou grata por termos construído juntas uma história de cumplicidade que só cresce a cada dia.

Aos meus amigos e amigas por entenderem as ausências durante esse período desafiador de fazer uma pesquisa de mestrado comprometida e séria, alinhada com objetivos que são profundamente significativos para mim.

À Universidade Federal de Campina Grande e à Unidade Acadêmica de Letras que me acolhe com muita gentileza desde os primeiros passos da graduação.

Ao Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande: à coordenação e aos secretários pelo apoio institucional e dedicação empreendida.

Às professoras das disciplinas do curso de Mestrado Acadêmico: Denise Lino de Araújo, Maria Angélica de Oliveira e Maria Augusta Reinaldo e aos professores Edmilson Luiz Rafael e Manassés Morais Xavier pelo admirável trabalho como pesquisadores/as e pelo comprometimento inspirador com a formação de docente.

À professora Maria Angélica de Oliveira, em especial, pela inspiração docente e pelo conhecimento trazido às aulas de Teorias Linguísticas. Pela abordagem para além das perspectivas cartesianas convencionais, desafiando-nos a enxergar a linguagem e o mundo de maneira mais ampla e profunda.

Às professoras Laurênia Souto Sales e Maria Angélica de Oliveira por aceitarem ser as primeiras leitoras da presente dissertação desde o 7º Fórum de Pesquisa do PPGLE, passando pelo exame de qualificação e agora defesa. E, ainda, pela dedicação e pelas contribuições cuidadosas que ofereceram ao longo deste caminho a fim de que maturássemos esse trabalho, também contribuindo com o meu crescimento como pesquisadora.

Ao Instituto Federal da Paraíba – *Campus* Itaporanga, instituição que tanto admiro pela promoção dos eixos da pesquisa, do ensino e da extensão de maneira tão sólida e que nos inspira a ser melhores profissionais e humanos todos os dias.

Aos que fizeram e fazem o *Jornal Ita*, estudantes e hoje amigos, pelo afeto e pela motivação, que foram elementos fundamentais que nos impulsionaram a gerar dados valiosos durante nossa jornada acadêmica nesse campus. A troca de experiências marcou para além do nosso ecossistema comunicativo.

Em especial, aos mestres orientadores: Rosângela de Melo Rodrigues e Manassés Xavier, pela cuja orientação e sabedoria foram fundamentais em momentos cruciais de minha trajetória acadêmica desde a graduação.

Ao meu orientador e amigo Manassés Xavier, por vivenciar verdadeiramente a humanidade trazida pela teoria bakhtiniana. Sua habilidade em olhar o outro, em ver além das aparências e compreender as múltiplas vozes que ecoam em nossa sociedade é notável. Ao longo do nosso percurso no mestrado, pude testemunhar sua dedicação em promover um ambiente de diálogo genuíno, de respeito às diferenças e de valorização das perspectivas diversas. Agradeço por ser um exemplo vivo de como a teoria pode se entrelaçar com a prática, de como a academia pode ser um espaço para a construção de relações significativas e para o fortalecimento da empatia. Que sua capacidade de enxergar e valorizar o outro continue inspirando não apenas a mim, mas a todos aqueles que têm o privilégio de cruzar seu caminho.

A todos os/as colegas de mestrado e pessoas que torceram por mim durante esse percurso: muito obrigada!

*“Por que sou levada a escrever?
Porque a escrita me salva da complacência
que me amedronta. Porque não tenho escolha.
Porque devo manter vivo o espírito
de minha revolta e a mim mesma também”.*

(Gloria Anzáldua)

RESUMO

A presente pesquisa apresenta uma discussão embasada pelos estudos da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), pela Educomunicação em perspectiva dialógico- discursiva e pelos estudos decoloniais, tendo como ênfase o jornal escolar enquanto mídia capaz de possibilitar construções escritoras no âmbito social com vistas ao auxílio da formação de produtores críticos. A dissertação está delineada a partir da seguinte questão de pesquisa: como a construção de um jornal escolar pode impactar a formação de estudantes do Ensino Médio Profissionalizante acerca de conhecimentos sobre a escrita de gêneros jornalísticos? Na busca pela resposta à questão de pesquisa apresentada, tem-se como objetivo geral: compreender como estudantes do Ensino Médio Profissionalizante se apropriam da prática da escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação jornalística, com foco na incorporação de temas decoloniais; e como objetivos específicos: 1) situar as práticas sociais de escrita demonstradas pelos estudantes implicados nesta investigação; 2) descrever o processo de concepção, produção e circulação de um jornal escolar empreendido na proposta metodológica da pesquisa; e 3) investigar o impacto formativo nos/as estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo e de temas decoloniais. Nesse viés, a pesquisa baseia-se nos conceitos da TDL ressaltando as contribuições de Bakhtin e o Círculo no tocante à língua(gem) como interação, aos gêneros do discurso e ao ensino de Língua Portuguesa como espaço de dialogicidade; posteriormente, na investigação, a função cidadã promovida pela produção do jornal escolar no ensino de língua(gem) com base nos pressupostos da Educomunicação e dos estudos decoloniais, a partir da construção de uma mídia que possibilite novas formas de produzir discursos além do que está posto pelas grandes empresas jornalísticas. Nessa perspectiva, a intervenção está pautada em analisar os textos produzidos por estudantes de turmas do Ensino Médio Profissionalizante em uma instituição pública federal no Sertão da Paraíba. O trabalho, almejando suscitar as relações entre as práticas sociais de escrita e as produções do jornal escolar impresso, constituiu uma pesquisa interventiva e colaborativa junto aos sujeitos do estudo. Para efetivação da proposta, utilizamos, metodologicamente, a pesquisa-ação, tendo o diário de campo como instrumento de registro, considerando o conhecimento gerado e compartilhado pelos sujeitos da pesquisa e pela pesquisadora, bem como a utilização de questionários abertos e fechados que visaram registrar a compreensão dos/as estudantes acerca da escrita de gêneros jornalísticos e das edições produzidas e postas em circulação social através do jornal escolar. Ao longo do estudo, investigou-se como os/as estudantes se apropriaram dos diversos gêneros discursivos incorporados na produção do jornal escolar. A análise de dados revelou o impacto formativo das práticas de escrita na construção do jornal, contribuindo para a elaboração de experiências significativas dentro do escopo desta pesquisa. Utilizando as categorias de análise produzidas neste trabalho, que versam sobre as concepções de escrita; a escrita de gêneros jornalísticos na formação crítica e suporte no processo de planejamento e execução da escrita jornalística, exploramos os dados gerados para promover a formação de estudantes como produtores críticos e responsivos. Essa abordagem permitiu uma compreensão mais profunda do impacto das práticas de escrita na formação dos/as estudantes e na criação de um ambiente educacional emancipatório.

PALAVRAS-CHAVE: Teoria Dialógica da Linguagem; Educomunicação; Jornal Escolar; Produção Escrita; Gêneros Jornalísticos; Decolonialidade.

RESUMEN

Esta investigación presenta una discusión basada en estudios de la Teoría Dialógica del Lenguaje (TDL), la Educomunicación en una perspectiva dialógico-discursiva y estudios descoloniales, con énfasis en el periódico escolar como medio capaz de posibilitar construcciones escritas en el ámbito social con miras a hasta ayudar a capacitar a productores críticos. La disertación se plantea a partir de la siguiente pregunta de investigación: ¿cómo puede impactar la construcción de un periódico escolar en la formación de estudiantes de Educación Secundaria Vocacional en cuanto a conocimientos sobre los géneros periodísticos escritos? En la búsqueda de respuesta a la pregunta de investigación presentada, el objetivo general es: comprender cómo estudiantes de Enseñanza Media Vocacional se apropian de la práctica de géneros escritos pertenecientes al campo de la comunicación periodística, con enfoque en la incorporación de temas descoloniales; y como objetivos específicos: 1) localizar las prácticas de escritura social demostradas por los estudiantes involucrados en esta investigación; 2) describir el proceso de concepción, producción y circulación de un periódico escolar emprendido en la propuesta metodológica de la investigación; y 3) investigar el impacto formativo en los estudiantes respecto de la construcción de conocimiento crítico-reflexivo sobre la función social del periodismo y los temas descoloniales. En este sentido, la investigación se fundamenta en los conceptos de TDL, destacando los aportes de Bajtín y el Círculo respecto del lenguaje como interacción, los géneros del habla y la enseñanza del portugués como espacio de dialogicidad; posteriormente, en la investigación, se analiza la función cívica que promueve la producción del periódico escolar en la enseñanza de lenguas a partir de los presupuestos de la Educomunicación y los estudios descoloniales, a partir de la construcción de un medio que posibilite nuevas formas de producir discursos más allá de lo publicado por las grandes empresas periodísticas. Desde esta perspectiva, la intervención se basa en el análisis de los textos producidos por estudiantes de las clases de Enseñanza Secundaria Vocacional de una institución pública federal del Sertão da Paraíba. El trabajo, que tuvo como objetivo plantear las relaciones entre las prácticas sociales de escritura y la producción del periódico escolar impreso, constituyó una investigación intervencionista y colaborativa con los sujetos de estudio. Para implementar la propuesta, utilizamos metodológicamente la investigación acción, utilizando el diario de campo como instrumento de registro, considerando el conocimiento generado y compartido por los sujetos de investigación y el investigador, así como el uso de cuestionarios abiertos y cerrados que tuvieron como objetivo registrar las experiencias de los estudiantes. Comprensión de la escritura de los géneros periodísticos y de las ediciones producidas y puestas en circulación social a través del periódico escolar. A lo largo del estudio, investigamos cómo los estudiantes se apropiaron de los diferentes géneros discursivos incorporados en la producción del periódico escolar. El análisis de los datos reveló el impacto formativo de las prácticas de escritura en la construcción del periódico, contribuyendo para la elaboración de experiencias significativas en el ámbito de esta investigación. Utilizando las categorías de análisis producidas en este trabajo, que abordan las concepciones de escritura; la escritura de géneros periodísticos en la formación crítica y el apoyo en el proceso de planificación y ejecución de la escritura periodística, exploramos los datos generados para promover la formación de estudiantes como productores críticos y responsivos. Este enfoque permitió una comprensión más profunda del impacto de las prácticas de escritura en la formación de los estudiantes y la creación de un ambiente educativo emancipador

PALABRAS CLAVE: Teoría Dialógica del Lenguaje; educomunicación; Periódico escolar; Producción escrita; Géneros Periodísticos; Descolonialidad.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Número do tipo de produções encontradas na área de escrita e jornal escolar entre os anos de 2012 e 2022	94
Quadro 2: Número de produções encontradas na área de escrita e jornal escolar entre os anos de 2012 e 2022	95
Quadro 3: Produções encontradas na área de escrita e jornal escolar entre os anos de 2012 e 2022.....	96

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Áreas da Educomunicação.....	61
Figura 02 – Capa da Edição Piloto.....	135
Figura 03 – Capa da Edição Oficial 01.....	136
Figura 04 – Capa da Edição Oficial 02.....	136
Figura 05 – Crônica da Edição Oficial 01.....	146
Figura 06 – Crônica da Edição Oficial 02.....	148
Figura 07 – Entrevista da Edição Oficial 01.....	155
Figura 08 – Entrevista da Edição Oficial 02.....	159
Figura 09 – Demonstração de página de elaboração no Canva.....	166
Figura 10 – Logo do Jornal Ita.....	167
Figura 11 – Tutorial de explicação do Aplicativo Notion.....	168
Figura 12 – Modelo de crachá confeccionado.....	169
Figura 13 – Entrega dos crachás.....	170
Figura 14 – Modelo de ata.....	171
Figura 15 – Seções da Edição Piloto e das Versões Oficiais 01 e 02.....	173
Figura 16 – Distribuição do Jornal Ita pela cidade de Itaporanga/PB.....	176

SUMÁRIO

1 DIÁLOGOS INICIAIS	16
2 NAS TESSITURAS DA TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM	26
2.1 PARA O CÍRCULO DE BAKHTIN, O QUE É A LINGUA(GEM)?.....	28
2.2 INTERAÇÃO: LUGAR DE PRODUÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE SIGNIFICADO(S)	35
2.3 GÊNEROS DISCURSIVOS: ENTRE ENUNCIADO, DIALOGISMO E DISCURSO.....	40
3 DECOLONIALIDADE, EDUCOMUNICAÇÃO E O JORNAL ESCOLAR	48
3.1 DECOLONIALIDADE: DESAPRENDIZAGEM DAS LÓGICAS COLONIAIS E REAFIRMAÇÃO DOS SABERES LOCAIS	52
3.2 AFINAL, EDUCOMUNICAÇÃO, O QUE É?.....	59
3.3 LUZ, CÂMERA E INTER(AÇÃO): O JORNAL ESCOLAR	66
3.4 POR UMA <i>PEDAGOGIA CRÍTICA</i> DA ESCRITA NO CONTEXTO DO ENSINO LINGUAGEM	72
4 TRILHAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA	77
4.1 A PESQUISA-AÇÃO	78
4.2 A PESQUISA AÇÃO DE ABORDAGEM QUALITATIVA.....	82
4.3 O CAMPO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	85
4.4 A CONSTRUÇÃO DO <i>CORPUS</i> : TÉCNICAS DE PESQUISA E DE ANÁLISE DE DADOS	88
4.5 ESCRITA E JORNAL ESCOLAR: ESTADO DO CONHECIMENTO DAS PRODUÇÕES DE TESES E DISSERTAÇÕES NO ÂMBITO NACIONAL	93
4.5.1 Produções encontradas em pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes no período de 2012-2022	94
5 NARRATIVAS EDUCOMUNICATIVAS DECOLONIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE ESCRITA DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE	103
5.1 MAPEANDO PERSPECTIVAS ESTUDANTIS: UMA ANÁLISE DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS.....	105
5.1.1 Refletindo sobre a escrita: uma jornada pela amplitude	106
5.1.2 Navegando pelas especificidades da escrita jornalística	120
5.2 IMPACTO E COMPREENSÃO: A INFLUÊNCIA DA ESCRITA DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA FORMAÇÃO CRÍTICA	134
5.2.1 A crônica	141
5.2.2 A entrevista	152
5.3 DISCUSSÃO DO PROCESSO: TRILHANDO O CAMINHO DO PLANEJAMENTO À EXECUÇÃO.....	164
À GUIA DE (IN)CONCLUSÕES	178
REFERÊNCIAS	183
APÊNDICES	192
APÊNDICE A - CARTA DE ANUÊNCIA	193
APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE	194
APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE	197
APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO	199
ANEXOS	200
ANEXO A - EDIÇÃO PILOTO	201

ANEXO B - EDIÇÃO JUNHO	207
ANEXO C - EDIÇÃO SETEMBRO.....	213
ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA.....	219

1 DIÁLOGOS INICIAIS

...aquele que pratica um ato de compreensão (também no caso do pesquisador) passa a ser participante do diálogo.

(Mikhail Bakhtin)¹

Nesta dissertação, apresentamos uma discussão embasada pelos estudos da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), pela Educomunicação e pelos estudos decoloniais, tendo como ênfase o jornal escolar enquanto mídia capaz de possibilitar a produção de gêneros discursivos no âmbito social. Na perspectiva da Educação Básica, o jornal pode ser construído sob contextos diversos por meio dos/as discentes, gerando impacto para além dos muros físicos da escola. O cerne deste estudo está na compreensão da linguagem como uma prática social que possibilita que os/as estudantes se apropriem criticamente de diversos conhecimentos relacionados à consciência crítica, à diversidade, inclusão, empoderamento e contextos sociais diversos a fim de impulsionar mudanças e transformações em uma sociedade ainda marcada por profundas desigualdades de classe, discriminações relacionadas a gênero, orientação sexual, religião, raça, etnia e disparidades no acesso à educação.

No presente trabalho, vemos a pertinência de uma análise dos estudos da linguagem sob um olhar diferenciado, compreendendo que a resistência dos/as estudantes aos modelos tradicionais, desde às aulas meramente expositivas de gramática normativa aos modelos prontos de redações escolares pode ser um passo para repensarmos as diversas situações de ensino, o discurso educacional e a prática pedagógica, que tendem a condicionar as interações e modelar perfis não-autônomos, ao esculpirem uma mentalidade que desconsidera contextos políticos, sociais, econômicos e culturais.

A concepção de aprendizagem aqui defendida diz respeito àquela que se empenha em considerar o desenvolvimento cultural do ser humano por meio do processo de construção do conhecimento, que envolve quem ensina e quem aprende em um diálogo recíproco e colaborativo. Nesse debate, a aprendizagem parte do contato do indivíduo não apenas com o objeto do conhecimento, mas também com sujeitos outros, por meio da linguagem entendida neste trabalho como *interação discursiva*, que implica na troca constante de significados, ideias e

¹ BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. *Estética da criação verbal*. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003 [1979].

perspectivas entre os indivíduos em um contexto comunicativo.

Considerando isso, os/as estudantes atuam e se expressam no mundo, redefinindo o ambiente por meio das linguagens e culturas que constroem. Eles/as se percebem como agentes ativos no processo de mediação proporcionado pelo/a professor/a. Ainda nesse intento, é relevante ressaltar que partimos do pressuposto de que a linguagem pode ser ponte possibilitadora de movimentos contra-hegemônicos, indo além das definições de “certo e errado”, sobretudo, compreendendo-a como um meio para romper fronteiras meramente disciplinares, a fim de visualizar novas formas de conceber o tempo-espaço escolar.

Com isso, a presente dissertação corrobora anseios pessoais e profissionais decorrentes da nossa trajetória enquanto professora de Língua Portuguesa, bem como das produções de artigos científicos e trabalho de conclusão de curso e de especialização que envolvem comprometimento com as agendas oriundas das lutas e reivindicações em prol das *maiorias minorizadas*² que perpassam a interseccionalidade de raça/etnia, gênero, cor, classe social e idade. Tais inquietações aqui delineadas puderam ser vivenciadas de forma prática na experiência enquanto professora do ensino básico em cidades no Alto Sertão da Paraíba. Em tais oportunidades, foi possível, em colaboração com os/as estudantes, problematizar questões inerentes à formação do/a educador/a plural, tendo como base conceitos como *dialogicidade* e *emancipação* a partir de um olhar freireano sobre os discursos e as práticas educativas, sobretudo, instigando a construção de novos olhares sobre/para/com o todo educacional.

É crucial ressaltar a relevância desta pesquisa no âmbito da linha de pesquisa *Práticas sociais, históricas e culturais de linguagem* do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), visto que nosso trabalho se concentra especialmente nas interações entre linguagem, discurso e cultura. Compreendemos as práticas de linguagem como processos simbólicos fundamentais para a constituição e representação de sujeitos e sentidos, contribuindo de maneira significativa para a construção e reconstrução de identidades e memórias. Nesse contexto, reconhecemos e abraçamos a multiplicidade das linguagens e línguas, considerando suas diversas materialidades.

² Richard Santos (2020) introduz o conceito de “*Maioria Minorizada*” como um dispositivo teórico que desafia nossa percepção sobre nós mesmos, nossa nação e as dinâmicas sociais que nos levam, apesar da maioria numérica, a ser percebidos como minoria.

Nesse íterim, explorando os estudos decoloniais, como delineados por autores como Boaventura de Sousa Santos, Cida Bento, Walter D. Mignolo, Sueli Carneiro, Aníbal Quijano, Ailton Krenak, entre outros, nos deparamos com uma nova perspectiva para compreender as complexas dinâmicas sociais e educacionais. Nessa dissertação, a decolonialidade é entendida como uma abordagem crítica que questiona e desafia as estruturas de poder, narrativas dominantes e hierarquias sociais historicamente estabelecidas. Uma perspectiva fundamental é a desobediência epistêmica proposta por Mignolo (2005), que enfatiza a necessidade de desafiar ativamente os sistemas de conhecimento impostos pelos colonizadores, buscando valorizar e legitimar os saberes locais e subalternos. Essa abordagem não apenas questiona as epistemologias ocidentais hegemônicas, mas também busca reconhecer e fortalecer os conhecimentos marginalizados que emergem das comunidades historicamente subjugadas.

Essa abordagem crítica tem como propósito questionar as dinâmicas históricas de opressão, ressaltando a necessidade de repensar e reconfigurar os sistemas de conhecimento e as práticas pedagógicas tradicionais. Nesse cenário de questionamento e reconfiguração de paradigmas, o ensino de Língua Portuguesa e o trabalho com o jornal escolar, por exemplo, surge como área de estudo crucial, onde a decolonialidade pode desempenhar um papel fundamental na busca por práticas equitativas e reflexivas.

O jornal escolar, ao ser considerado como ecossistema propício a interações discursivas, partindo dos pressupostos dos estudos decoloniais, têm o potencial de promover debates étnico-raciais, de gênero, intergeracionais, e outros temas relevantes para a comunidade escolar. Através da amplificação de vozes diversas e da abordagem de questões pertinentes, como diversidade e justiça social, o jornal escolar pode se tornar um espaço de reflexão e expressão, permitindo o diálogo e a conscientização sobre diferentes realidades e perspectivas.

Nossa dissertação, portanto, se insere nesse contexto desafiador no qual exploramos as interseções entre o jornal escolar, a decolonialidade e o ensino de linguagem, considerando a linguagem como expressão essencial na comunicação e que desempenha um papel vital na desconstrução e não-perpetuação de estruturas de poder coloniais. Nesse sentido, nossa pesquisa também anseia contribuir com o (re)pensar do ensino de Língua Portuguesa à luz dos estudos decoloniais, a fim de desafiar estereótipos, hegemônias linguísticas e práticas opressivas que permeiam a

educação linguística.

No âmbito das pedagogias críticas, a *Educomunicação*, perspectiva central neste estudo, assume um papel de destaque na compreensão e na formulação de estratégias comunicativas mais equitativas e efetivas no contexto escolar. Dentro desse escopo, é primordial destacar a relevância dos *ecossistemas comunicativos* para uma *educação crítica*, entendida como uma *prática de liberdade*. Esses ecossistemas abarcam a intrincada teia de interações e meios presentes no ambiente educacional, não se limitando apenas aos canais como rádio, TV e mídia impressa. Vão além, abraçando as mais modernas e diversas formas de comunicação, como redes sociais, dispositivos móveis e aplicativos como *WhatsApp*, cada qual empregando uma multiplicidade de linguagens, como texto, áudio, vídeo, imagem e até mesmo *emojis*.

Nesse sentido, essa riqueza de possibilidades dos ecossistemas comunicativos propicia um espaço onde a educação crítica se torna uma prática para a emancipação. A dinâmica em constante evolução desses sistemas não apenas influencia a circulação de informações, mas também a interpretação e a troca de ideias entre os diversos agentes educacionais. Consideramos esses *ecossistemas*, a exemplo da *mídia impressa* elaborada neste trabalho de dissertação, portanto, para pensar estratégias pedagógicas que nos provocam criticamente quanto a esses ambientes em transformação, permitindo a construção do conhecimento de maneira autônoma e emancipatória.

Refletindo sobre os objetivos atuais da educação escolar a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no componente curricular de Linguagens e suas Tecnologias (Língua Portuguesa Arte, Educação Física e Língua Inglesa), percebemos o direcionamento docente para a necessidade de utilização de textos de variados *gêneros discursivos* e *modalidades linguísticas*, a fim de mediar os conteúdos que possibilitarão aos estudantes aprenderem práticas de linguagem, auxiliados por recursos tecnológicos (Brasil, 2018). Tal escolha nos lembra *O Círculo de Bakhtin*, que por seu turno, não se volta para a língua unicamente como um sistema de formas normativas. Para os autores, a realidade fundamental da *língua* é constituída “pelo fenômeno social da interação discursiva, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*” (Volóchinov, 2017 [1929], p. 123, grifos nossos). Nesse intento, o exercício da linguagem pressupõe diálogo e interação entre sujeitos, em uma relação que é *ativa e responsiva*, e não passiva.

O *objeto de estudo* desta pesquisa está centrado na análise do impacto formativo das práticas de escrita no processo de elaboração de um jornal escolar. Dessa forma, nossa investigação visa compreender como essas práticas exercem influência sobre o desenvolvimento das habilidades de comunicação, expressão e cidadania entre os/as estudantes. Considerando isso, o âmago do ensino de Língua Portuguesa, perpassado pelo trabalho com o jornal escolar, conta com uma série de aspectos que podem contribuir para a formação de sujeitos coparticipes e atuantes, bem como para um desenvolvimento integral que envolve fatores cognitivos, sociais e afetivos. Alguns desses pontos corroboram as práticas já orientadas pelo documento da BNCC no Brasil, no qual o campo *jornalístico-midiático* é um espaço de atuação social e prevê a produção e circulação de informações por via de mídias informativas - sejam impressas, televisivas, radiofônica ou digital - que quando materializadas no cotidiano das instituições de ensino, por meio das vivências e contato com professores, pares e demais sujeitos pertencentes ao âmbito educativo, possibilitam reflexões e participação na vida pública.

Neste contexto, a presente pesquisa, em nível de Mestrado Acadêmico, buscou responder à seguinte indagação: *como a construção de um jornal escolar pode impactar a formação de estudantes do Ensino Médio Profissionalizante acerca de conhecimentos sobre a escrita de gêneros jornalísticos?*

No fito pela resposta à questão de pesquisa apresentada, temos como *objetivo geral*: compreender como estudantes do Ensino Médio Profissionalizante se apropriam da prática da escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação jornalística, com foco na incorporação de temas decoloniais; e como *objetivos específicos*: 1) situar as práticas sociais de escrita demonstradas pelos estudantes implicados nesta investigação; 2) descrever o processo de concepção, produção e circulação de um jornal escolar empreendido na proposta metodológica da pesquisa; e 3) investigar o impacto formativo nos/as estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo e de temas decoloniais.

Dessa forma, nossa dissertação se propõe a integrar e ampliar essas discussões, favorecendo, de maneira efetiva, para a compreensão e transformação do ensino de Língua Portuguesa à luz da perspectiva decolonial e das complexas interrelações entre linguagem, cultura e identidade.

Nesse intento, ao propor teoricamente um diálogo entre a Teoria Dialógica da

Linguagem, a Educomunicação e a Decolonialidade, investigamos como o jornal escolar também pode ser eficaz para promover mudanças significativas no contexto educacional, instigando os/as estudantes a se tornarem agentes de mudança em suas comunidades.

No campo do ensino de Linguagem e da Educomunicação, intentamos estimular práticas de escrita ao explorar gêneros variados da comunicação discursiva presentes no jornalismo, envolvendo gêneros como reportagens, editoriais, entrevistas e crônicas, desafiando os estudantes a discutirem e produzirem diferentes formas de expressão. Mais do que isso, almejamos suscitar reflexões e debates sobre como (re)imaginar o ensino de língua e a produção midiática no ensino básico, fomentando uma educação consciente das intrincadas dinâmicas de poder que moldam nossa sociedade.

A relevância deste estudo emerge ao oferecer um olhar reflexivo sobre a dinâmica escolar e a formação das práticas de escrita no ambiente educacional, particularmente ao promover a produção de um jornal pelos/as estudantes. Este enfoque também se pauta na promoção dos Múltiplos Letramentos, alinhando-se aos campos da comunicação delineados na BNCC (Brasil, 2018).

A importância das questões aqui abordadas é fundamental no contexto do *ensino profissionalizante*, pois nos permite, enquanto pesquisadores e profissionais, refletir e examinar esse ambiente como um campo no qual, muitas vezes através da linguagem, são estabelecidos padrões dialetais que levam à desvalorização de características plurais. Isso tende a ignorar a natureza heterogênea e multifacetada da língua(gem). É crucial considerar essas dinâmicas no contexto da formação desses sujeitos, uma vez que influenciam diretamente a interação com diferentes contextos e públicos, preparando os/as estudantes para compreender e se comunicar efetivamente em ambientes diversos e complexos da prática profissional.

Esse enfoque não apenas fortalece a formação de cidadãos ativos, mas também incentiva os estudantes a compreenderem e se expressarem no ambiente comunicativo diversificado e dinâmico do século XXI, onde desde a habilidade de decodificar, analisar até o processo de criar mensagens é essencial para a participação plena na vida social, política e cultural. Buscamos, assim, com esta pesquisa, contribuir para uma visão mais ampla e atualizada do ensino de linguagem, que vá além das práticas tradicionais, abraçando uma perspectiva crítica que esteja alinhada com as demandas da sociedade contemporânea.

No decorrer deste trabalho, adotamos uma perspectiva discursiva fundamentada nos preceitos da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), que encontra embasamento nos estudos do *Círculo de Bakhtin*. Destacamos a compreensão da língua como um espaço de *interação*, valorizando os *gêneros do discurso* e o ensino de Língua Portuguesa como um ambiente propício à *dialogicidade*.

Ao discutir a Teoria Dialógica da Linguagem (TDL), buscamos compreender o papel da linguagem enquanto lugar de negociação de sentidos, reconhecendo-a como um ambiente multifacetado de produção de enunciados concretos. Isso se desdobra na análise dos gêneros discursivos, os quais se inserem nesse contexto, sendo perpassados pelo *dialogismo*.

A Educomunicação, por sua vez, é abordada sob a perspectiva de autores como Citelli (2020), Xavier (2020), Soares (2018; 2011; 2002), Ijuim (2002; 2000) e Barbero (1997). Destacamos, ainda, o papel da linguagem na construção de práticas libertárias tomando como referência as contribuições de Freire (2019 [1967]; 1987 [1974]; 1981 [1975]).

Para compreendermos a intersecção entre decolonialidade, Educomunicação e o papel essencial do jornal escolar na formação educacional nesses termos de *desaprendizagem das lógicas coloniais e valorização dos saberes locais* nos embasamos nos estudos de importantes autores Maldonado-Torres (2008; 2007), Mignolo (2005; 2003), Quijano (2005) e Santos (1995).

As reflexões provenientes dos estudos que circundam a pedagogia crítica do ensino da escrita norteiam a investigação direcionando o nosso olhar para a função cidadã promovida pela produção do jornal escolar no ensino de linguagem, buscando a construção de uma mídia dos/as estudantes/as capaz de oferecer novas perspectivas discursivas para além das propostas pelas grandes empresas jornalísticas.

Para efetivação da intervenção, utilizamos, metodologicamente, a pesquisa – ação com auxílio do diário de campo como instrumento de registro, as edições do jornal escolar e questionários semiestruturados considerando o conhecimento gerado e compartilhado pelos sujeitos da pesquisa e pela pesquisadora. A pesquisa se caracteriza também como uma abordagem qualitativa, pois diz respeito a “um estudo que não se delimita a dados bibliográficos e é capaz de intervir na realidade” (Rauen, 2002, p. 59). Esse tipo de pesquisa nos permite acompanhar, adentrar, compreender e inserir-se no contexto de vida dos adolescentes no espaço da

Educação Básica, enxergando os sujeitos a partir do seu mundo, de sua realidade no lócus sociocultural e educativo do qual fazem parte.

Esperamos que a vivência resulte numa significativa contribuição teórica e prática para o âmbito acadêmico e escolar, ao se embasar na perspectiva da Teoria Dialógica da Linguagem, da Educomunicação e dos Estudos Decoloniais que se desenvolvem a partir da compreensão de língua como interação construída e (re)construída social e culturalmente por sujeitos de direitos, aguçando questionamentos relevantes a respeito das narrativas tradicionais sobre ensino e produção do conhecimento definidas na modernidade e reconstruídas na contemporaneidade.

Quanto à estruturação da presente dissertação, propomos *cinco capítulos*. No *primeiro capítulo*, na introdução nomeada *diálogos iniciais*, oferecemos uma visão abrangente da pesquisa em pauta. Nesse ponto inicial, delineamos não apenas o contexto, mas também os objetivos e motivações que fundamentam e dão direção ao estudo. Destacamos, de forma mais específica, o objeto de pesquisa que serve como alicerce para nossa investigação. Além disso, abordamos de maneira detalhada a questão de pesquisa que impulsiona este trabalho, identificando questões cruciais no âmbito do ensino de linguagem. Ao estabelecermos os objetivos gerais e específicos, buscamos fornecer uma visão clara do que se pretende alcançar com esta pesquisa. Propomos, ainda, algumas bases teóricas que fundamentam nossa dissertação, assim como expectativas de contribuições da vivência educacional em questão.

No *segundo capítulo* intitulado *Nas tessituras da Teoria Dialógica da Linguagem*, exploramos a Teoria Dialógica da Linguagem, enfatizando sua relevância como alicerce teórico desta pesquisa. Durante essa abordagem, concentramo-nos em explorar as contribuições cruciais da escrita enquanto espaço de produção da interação, considerando os conhecimentos mobilizados pelos gêneros discursivos, os enunciados, o dialogismo, além da noção de discurso. Esses elementos constituem pilares fundamentais para compreendermos a dinâmica da linguagem, especialmente no que tange à sua natureza dialógica, oferecendo subsídios importantes para análise e reflexão acerca dos processos comunicativos.

No *terceiro capítulo* nomeado *Decolonialidade, Educomunicação e o Jornal escolar*, abordamos reflexões sobre Educomunicação, o jornal escolar e o conceito de decolonialidade. Compreendemos a Educomunicação em sua conceituação,

investigamos a relação entre o jornal escolar e a interação educacional e discutimos a busca por uma pedagogia crítica do ensino da escrita no contexto de linguagem. Esses tópicos formam uma estrutura sólida para a análise e reflexão sobre as práticas educacionais, especialmente no que se refere à comunicação e à formação crítica dos estudantes.

No *quarto capítulo* intitulado *Trilhas metodológicas da pesquisa*, nos dedicamos à exposição detalhada da abordagem escolhida para a construção dos dados. Em seguida, delineamos a pesquisa com e para adolescentes no contexto educacional da educação básica. Descrevemos os sujeitos e o campo de pesquisa, bem como as técnicas e instrumentos empregados para registrar as informações e analisar os dados, explorando as considerações éticas que norteiam o desenvolvimento deste estudo. Além disso, *neste capítulo*, realizamos uma pesquisa para sintetizar o estado do conhecimento do tema nas plataformas de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) a fim de validar a originalidade e relevância da pesquisa. Isso nos permitiu contextualizar nosso trabalho dentro do panorama atual de estudos acadêmicos relacionados ao assunto, demonstrando a contribuição única que nossa pesquisa oferece para a área de estudo.

No *quinto capítulo*, nomeado *Tecendo narrativas educomunicativas decoloniais: uma análise das práticas de escrita de gêneros jornalísticos no ensino médio profissionalizante* realizamos a análise dos dados gerados, estabelecendo conexões entre as informações obtidas e as teorias e conceitos discutidos nos capítulos anteriores. Dentro deste capítulo, são explorados aspectos como a reflexão sobre a escrita, a amplitude das respostas aos questionários, bem como a especificidade da produção textual jornalística. Além disso, analisamos a influência dos gêneros jornalísticos na formação crítica dos estudantes, especialmente ao explorarmos a crônica e a entrevista como exemplos representativos desses gêneros. Por fim, discutimos o processo desde o planejamento até a execução das práticas de escrita jornalística.

Nas considerações finais intituladas como *À guisa de (in)conclusões*, reunimos reflexões consolidadas a partir dos resultados obtidos na análise dos dados, considerando os aportes teóricos e práticos discutidos ao longo deste trabalho. Visamos sintetizar os principais pontos abordados, destacando os aprendizados resultantes da pesquisa e sua relevância para o campo da Educação,

especificamente no que diz respeito à linguagem e à abordagem crítica por meio do jornalismo escolar. Além disso, delineamos possíveis caminhos para futuras investigações, contribuindo para a ampliação e aprofundamento desses estudos no contexto educacional.

A seguir, apresentamos o *segundo capítulo* da nossa dissertação, no qual nos ancoramos sob a égide da Teoria Dialógica da Linguagem. Neste espaço, direcionamos nossa atenção para a lingua(gem) como um lugar fundamental para produção de interação, considerando os elementos mobilizados pelos gêneros discursivos, pelos enunciados, pelo dialogismo e pela noção de discurso.

2 NAS TESSITURAS DA TEORIA DIALÓGICA DA LINGUAGEM

O que ocorre, de fato, é que, quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos desde o meu interior; vejo a mim mesmo com os olhos do mundo - estou possuído pelo outro.

(Mikhail Bakhtin)³

Com esta epígrafe, buscamos, antes de tudo, situar, poeticamente, onde reside a essência do conceito de *língua* e *interação* na linguagem humana. Considerando que um sujeito não se constitui apenas por si mesmo, mas caracteriza-se atravessado pela ressonância de discursos de outros e intenções sociais, a língua só faz sentido quando tem um propósito definido por seu usuário com vistas à interação. Conforme afirma Volóchinov (2017 [1929], p. 125, grifos nossos), a língua constitui o “fenômeno social da *interação discursiva* realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação constitui, assim, a realidade fundamental da língua”.

Nesse sentido, essa epígrafe nos conduz a uma profunda reflexão sobre a natureza intrinsecamente social da linguagem. Ela nos lembra que a língua não é uma entidade isolada, mas sim uma ferramenta complexa de comunicação que se desdobra na interação entre sujeitos. A partir dessa perspectiva, podemos compreender que a língua não é apenas um conjunto de regras gramaticais, mas, sobretudo, um meio pelo qual os indivíduos se conectam, compartilham significados e constroem realidades compartilhadas.

Essa concepção ressoa de forma significativa com os objetivos desta dissertação, que se propõe a explorar a interseção entre a Teoria Dialógica da Linguagem, a Educomunicação e a Decolonialidade no contexto do ensino de Língua Portuguesa. Ela nos desafia a repensar o ensino de linguagem não apenas como um exercício gramatical, mas como uma oportunidade de promover a interação, a construção de significados e a participação ativa dos estudantes em um mundo cada vez mais interconectado e diverso.

Assim, a epígrafe de Bakhtin nos convida a explorar como a língua/linguagem é fundamentalmente um fenômeno social, e como podemos aproveitar essa compreensão para enriquecer a experiência educacional dos estudantes, formando não apenas falantes competentes, mas cidadãos críticos, reflexivos e engajados em

³ BAKHTIN, Mikhail. *O Homem ao Espelho*: apontamentos dos anos 1940. Trad. Marisol B. Mello, Maria Leticia Miranda et. al. São Carlos: Pedro & João, 2019.

suas comunidades e no mundo.

À priori, a linguagem, em termos de Língua Portuguesa, para a escola, deve ser compreendida como lugar para que contribui na interação entre os sujeitos - entendidos como estudantes, professores e toda a comunidade escolar. Considerar a língua como algo desvinculado da intenção social – ou das interações entre sujeitos que têm objetivos a alcançar por meio da comunicação – pode tornar o ensino mecânico e sem sentido para o/a estudante.

É fundamental destacar que o ensino de Língua Portuguesa não deve ser encarado como um conjunto de regras e convenções desprovidas de significado. Pelo contrário, ele deve ser moldado por uma compreensão mais ampla de que a língua é uma ferramenta de comunicação e interação, fundamental para a construção de relações sociais e culturais. Nesse contexto, a leitura e a escrita são habilidades essenciais, não apenas para decodificar textos, mas para participar ativamente do discurso público, contribuir com diferentes perspectivas e compreender as complexidades do mundo ao nosso redor.

A pesquisa que empreendemos, portanto, explora como a Teoria Dialógica da Linguagem pode contribuir para o ensino da Língua Portuguesa enquanto uma experiência significativa, instigando estudantes não só produtores de sentido, mas sobretudo engajados na construção de conhecimento e na promoção da cidadania. Ao incorporar a dimensão social e comunicativa da língua, podemos abrir caminhos para uma educação mais envolvente e relevante, que prepara os sujeitos para enfrentar os desafios e as oportunidades da sociedade contemporânea.

No âmbito dos documentos oficiais que orientam a educação básica, a BNCC, versão publicada em 2018, destaca a necessidade de ancorar o ensino de línguas nas vivências sociais dos/as estudantes. Essa abordagem da BNCC condiz com os princípios da Teoria Dialógica da Linguagem, ao considerar que o diálogo entre os diferentes contextos culturais e sociais dos estudantes é fundamental para um ensino significativo. Ao considerar essa orientação, é possível transformar a prática da escrita em uma atividade estimulante para os/as estudantes. Este enfoque dialógico, assim, reconhece que a linguagem é um meio de construção identitária e de interação social, permitindo a ampliação das possibilidades de expressão e compreensão.

Neste trabalho, defendemos que a escola não deve visar a formação de um/a estudante que tenha memorizado tão somente conhecimentos relativos ao limite da

linguagem como forma, mas sobretudo buscamos contribuir na formação de um sujeito consciente, ativo e participante social, portanto, um/a produtor/a que interage socialmente, é lido/a e ouvido/a.

Este capítulo visa, a partir dos estudos propostos pelo Círculo de Bakhtin, apresentar a visão da linguagem a partir da perspectiva *dialógica*. Apresentamos conceitos propostos pelo grupo⁴ e necessários para compreender nossas categorias de análise.

Quando nos referimos ao conceito de linguagem na *teoria bakhtiniana e do círculo*, pode-se dizer que tal reflexão se desenvolve especialmente porque como em outros conceitos tratados pelo grupo, a linguagem desempenha um papel forte e não se limita à “*língua*”. Portanto, a teoria supracitada nos auxilia na compreensão de língua e de linguagem para além da decodificação, requerendo uma atitude responsiva do/a interlocutor/a, ou seja, uma aproximação e/ou distanciamento daquilo a que estamos expostos, fornecendo subsídios para que os sujeitos compreendam melhor as diversas representações criadas por meio da linguagem.

2.1 PARA O CÍRCULO DE BAKHTIN, O QUE É A LINGUA(GEM)?

A vitória de uma língua dominante (dialeto) sobre outras, o desalojamento de línguas, sua subjugação, sua instrução pela palavra verdadeira, a familiarização dos bárbaros e dos segmentos sociais inferiores com a língua única da cultura e da verdade [...] – tudo isso determinou o conteúdo e a forma da categoria de língua única no pensamento linguístico e estilístico e o seu papel criador e formador de estilos na maioria dos gêneros poéticos que se constituíram no curso das mesmas forças centrípetas da vida verboideológicas. [...] ao lado da centralização verboideológica e da unificação desenvolvem-se incessantemente os processos de descentralização e separação.

(Mikhail Bakhtin)⁵

A visão de linguagem oriunda dos estudos do Círculo Bakhtiniano tem se tornado um tema central em várias áreas do conhecimento, sendo objeto de discussões e fonte de inspiração para diversas investigações. No entanto, poucas disciplinas têm mergulhado profundamente nesse conceito. A própria disciplina da linguística, cujo foco é a linguagem, muitas vezes não explora essa concepção sob

⁴ O pensamento do Círculo de Bakhtin registra a contribuição de intelectuais a exemplo de Valentin Nikolaevich Volóchinov e Pavel Nikolaevitch Medvedev, entre 1920 e 1970.

⁵ BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. In: BAKHTIN, M. *Teoria do romance I: o romance como gênero literário*. Tradução, posfácio e notas Paulo Bezerra. Organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2015.

essa perspectiva específica. São nos estudos discursivos, que transcendem os limites da análise linguística convencional, e também nos estudos literários, onde encontramos investigações mais minuciosas das contribuições advindas das ideias bakhtinianas. Essas áreas oferecem um terreno fértil para uma compreensão mais abrangente e detalhada de tais contribuições para a compreensão da linguagem e do discurso.

Ao investigarmos mais a fundo a concepção de linguagem nos estudos Bakhtinianos observamos que essa reflexão perpassa toda a obra, mas é especialmente enfatizada em noções específicas. A linguagem, assim como outras ideias tratadas por eles, não está restrita apenas à "língua". Em outras palavras, nos estudos desses autores, não encontramos uma abordagem "linear" das noções de língua e linguagem; ao invés disso, há um movimento dialógico que demanda respostas do leitor, envolvendo uma interação entre compreensão e questionamento. Essa leitura desafiadora requer atenção e coragem para reconstruir um edifício composto por várias camadas, em diferentes textos e épocas. É por isso que ainda há muitos aspectos a serem explorados nessa abordagem.

Considerando a multiplicidade de abordagens possíveis elaboradas pelo Círculo de Bakhtin e suas potenciais respostas, objetivamos trazer nessa breve discussão teórica aspectos fundamentais da concepção de linguagem através do dialogismo. Assim, a possibilidade de investigar o dialogismo para compreender a linguagem se apresenta como um campo promissor que nos motiva a dedicar esforços para desenvolver um percurso teórico capaz de gerar reflexões substanciais sobre a linguagem em situações concretas.

Inicialmente, embora o conceito de "dialogismo" seja central na teoria bakhtiniana, sua definição não se revela de maneira simples. O dialogismo é apresentado como um "princípio", uma "propriedade polivalente", que abarca as ideias desenvolvidas e se manifesta como uma constante interação com o outro, evitando definições rígidas. Por esse viés, não se concebe uma conclusão definitiva sobre os fenômenos sociais variados. Em outras palavras, o princípio dialógico abraça a ideia de "não-finalização" e "vir-a-ser", representando um princípio de "inconclusividade", que preserva a heterogeneidade, a diferença e a alteridade (Bakhtin, 2008 [1929]).

Dentro dessa perspectiva, a teoria de Bakhtin concentra-se na investigação das especificidades da linguagem sob uma ótica dialógica. Em "Problemas da

poética de Dostoiévski" (2008 [1929]), Bakhtin define seu objeto de estudo como o "discurso", entendido como "a língua em sua totalidade concreta e viva, e não a língua como objeto específico da linguística" (Bakhtin, 2008 [1929], p. 183). Isso demonstra que seu foco está nas análises baseadas em relações dialógicas, no plano do discurso, ao invés de análises estritamente linguísticas, no sentido restrito da linguagem. Ele propõe uma nova disciplina - a metalinguística - para estudar os aspectos da vida do discurso que vão além dos limites da linguística estruturalista.

Nessa perspectiva, o pensador russo enfatiza: "as relações dialógicas são absolutamente dependentes das relações lógicas e concreto-semânticas, mas possuem uma especificidade que vai além dessas, sendo irreduzíveis a elas" (Bakhtin, 2008 [1929], p. 188). Ele esclarece que abordar a língua apenas como uma relação lógica é insuficiente sem considerar a enunciação, e que o estudo do discurso baseado em relações dialógicas transcende a lógica.

Sob essa abordagem, as relações dialógicas são apreendidas no discurso, considerando a língua como um fenômeno integral e concreto, sem desconsiderar as relações lógicas. Dessa forma, a tensão entre relações dialógicas e lógicas aponta para a ideia de que a linguagem somente ganha vida na comunicação dialógica, na comunicação de significados, que constituem seu domínio de existência.

Estas observações são retomadas no capítulo "O problema do texto" contido na obra *Estética da criação verbal* (2003c [1959-1961]) onde Bakhtin destaca as relações dialógicas como relações de sentido entre os enunciados, onde o sentido é inscrito nas vozes discursivas (sociais).

Essas considerações são fundamentais para compreender o princípio dialógico da linguagem, uma abordagem intrinsecamente social que se baseia no "compartilhar com o outro", rejeitando qualquer possibilidade de análise individualista, pois se desenvolve na língua como um processo interativo, realizado na enunciação. Portanto, discutir o dialogismo é, por um lado, descartar qualquer limitação ou redução de significados e, por outro lado, preservar as reverberações de outros discursos, já ditos e não ditos, na linguagem.

Sob a abordagem dialógica, os significados emergem como efeitos, não sendo reduzíveis a uma única possibilidade, mesmo que em certos contextos enunciativos existam sentidos predominantes. Assim, os efeitos de significados surgem a partir das construções discursivas, onde o sujeito não é apenas a fonte de sua fala, mas se constitui dinamicamente na instituição histórico-social. Em resumo,

tanto o sujeito quanto os significados se constroem discursivamente nas interações verbais, na relação com o outro, dentro de um campo específico da atividade humana.

Essa reflexão está alinhada com a observação de Bakhtin (2003b [1952/1953]), em "Os gêneros do discurso", onde ele discute que "o objeto do discurso de um falante, em qualquer contexto, não é introduzido pela primeira vez nesse enunciado, e esse falante não é o primeiro a falar sobre ele. O objeto já foi discutido, debatido, elucidado e julgado de várias maneiras; é um ponto de encontro onde diferentes perspectivas, visões de mundo e tendências se entrelaçam, se encontram e se afastam. O falante não é o Adão bíblico..." (Bakhtin, 2003b [1952/1953], p. 319). O objeto do discurso, assim, é o ponto de convergência onde diferentes opiniões e relações de sentido se entrecruzam.

Nessa visão, a linguagem se configura como uma resposta a algo dentro de uma interação específica, revelando as relações do falante com os enunciados do outro. Portanto, é essencial considerar que o outro, dentro do contexto dialógico, não é meramente o interlocutor imediato ou virtual. Ele vai além. O outro emerge de múltiplos discursos (passados, presentes, presumidos). São essas outras vozes discursivas - diversas posições sociais, opiniões - que permeiam o discurso em construção de diversas maneiras. Assim, o outro se manifesta em diferentes graus de presença no enunciado, por vezes visível, por vezes oculto, mas sempre presente; ele constitui um princípio de alteridade fundamental.

Assim, a concepção de linguagem sob a ótica dialógica se revela como uma rejeição a qualquer abordagem fechada ao lidar com questões linguísticas, já que o dialogismo, sendo constitutivo, pressupõe a "interação" com o outro. Considerar a linguagem como discurso, segundo Bakhtin, é principalmente reconhecer sua "dialogicidade interna", onde a forma composicional externa não determina necessariamente o aspecto dialógico (Bakhtin, 2002, [1934-1935], p. 102). De fato, podemos contrastar o dialogismo com uma interação restrita, desvinculada de outras implicações, visto que o princípio dialógico estabelece um espaço de inter-relações que vai além de uma abordagem meramente "interacionista", focada apenas na situação em si.

Nesse sentido, as palavras de Bakhtin sobre a dialogicidade interna do discurso e suas implicações acerca do "já-dito" e da resposta antecipada ilustram a tensão presente na produção discursiva: "O discurso vivo e em movimento é

imediatamente moldado pelo discurso-resposta futuro: ele provoca essa resposta, a antecipa e se baseia nela. Ao se formar no contexto do 'já-dito', o discurso está orientado simultaneamente para o discurso-resposta que ainda não foi expresso, embora seja aguardado" (Bakhtin, 2002 [1934-1935], p. 92).

A partir dessas observações, torna-se claro que o enunciado é um processo interativo complexo, onde atribui-se uma avaliação social, impossibilitando a redução dos estudos linguístico-enunciativos a um sistema de signos abstratos. Logo, a linguagem deve ser vista como um fenômeno que se configura na tensão entre o projeto discursivo de um sujeito e as influências específicas de um dado campo de interação discursiva.

Explorar a concepção de linguagem em Bakhtin requer considerar que, embora o paradigma bakhtiniano se oponha a abordagens que reduzem a sistematização da língua, ele ainda valoriza a importância de um sistema distinto de signos para compreender a complexidade das situações de enunciação. É, essencialmente, uma leitura que difere de um sistema onde os signos existem como signos ideológicos e dialógicos, tendo sua base numa inscrição subjetiva. Em outras palavras, há um sistema expandido onde os signos existem apenas na interação discursiva, como enunciados em gêneros discursivos, permitindo a compreensão de várias organizações enunciativas e discursivas, bem como a apreensão das características formais e repetíveis da linguagem que se transformam em diferentes significados.

Podemos perceber, assim, que Bakhtin difunde uma teoria enunciativa-discursiva que concebe a linguagem como uma atividade enraizada em um processo concreto, onde o signo assume uma natureza ideológica e dialógica. Não há, portanto, uma simples apropriação de signos linguísticos dentro de um sistema fechado, pois o signo existe apenas em circulação.

A visão bakhtiniana da linguagem reside em um contexto enunciativo-discursivo, expandindo-se ao considerar que a linguagem não é exclusivamente verbal; todas as manifestações humanas, influenciadas pelo homem, constituem linguagem, enunciado e texto. Esse entendimento é evidente em "O problema do texto" (Bakhtin, 2003c [1959-1961]), onde todo texto é considerado como enunciado, integrando o verbal e o extraverbal. A constituição como texto é condição para o estudo e a reflexão.

Embora a linguagem não se restrinja ao verbal na perspectiva do Círculo

Bakhtiniano, é enfatizada a importância da palavra como um fenômeno ideológico primordial, sempre orientada socialmente para um interlocutor real ou virtual. Essa ênfase é destacada em "*Marxismo e Filosofia da Linguagem*" (Volóchinov, 2017 [1929]), onde a palavra é vista como o modo mais sensível e puro das mudanças sociais. Assim, a palavra amalgama o verbal e o não-verbal, tornando-se enunciado, pois carrega um valor intrínseco. Portanto, se por um lado, a palavra carrega o aspecto da alteridade ao ser avaliada, por outro lado, toda expressão humana, ao possuir esse viés avaliativo, também se manifesta como enunciado, como linguagem.

É dessa forma que entendemos o enunciado como uma unidade concreta e real de comunicação discursiva, não apenas uma convenção, uma unidade complexa que observa a língua em situações concretas (Bakhtin, 2003a [1979]). Assim, Bakhtin contesta abordagens limitadas baseadas em relações lineares entre signos abstratos, propondo uma perspectiva de relações complexas, que requerem uma atitude dialógica em relação à língua.

O signo bakhtiniano, portanto, assume uma *postura responsiva* ativa por parte de um sujeito em relação a algo, demandando também uma atitude dialógica por parte de outro sujeito, que produz signos, numa tentativa de conectar o signo em questão com outros já conhecidos.

Somente a partir do interior de tal ato como minha ação responsável, e não de seu produto abstratamente, pode haver uma saída para a unidade do existir. Somente do interior de minha participação pode ser compreendida a função de cada participante. No lugar do outro, como se estivesse em meu próprio lugar, encontro-me na mesma condição de falta de sentido. Compreender um objeto significa compreender meu dever em relação a ele (a orientação que preciso assumir em relação a ele), compreendê-lo em relação a mim na singularidade do existir—evento: o que pressupõe a minha participação responsável, e não a minha abstração. (Bakhtin, 2010 [1986], p. 65).

No vasto contexto da reflexão bakhtiniana sobre o signo, a consideração dele como ideológico - apresentando indícios de valor social - juntamente com o conceito de dialogismo, amplia a noção de signo linguístico, levando a uma nova relação com o sistema. Este deixa de ser estritamente linguístico, com unidades significativas neutras e sem expressividade, para ser linguístico-ideológico-dialógico, apresentando signos que se formam como enunciados (entrelaçando o verbal e o não-verbal, dito e não-dito) e que implicam uma atitude ativa e responsiva do sujeito,

desencadeando outros enunciados.

Toda compreensão da fala viva, do enunciado vivo é de natureza ativamente responsiva (embora o grau desse ativismo seja bastante diverso); toda compreensão é prenhe de resposta, e nessa ou naquela forma a gera obrigatoriamente: o ouvinte se torna falante. A compreensão passiva do significado do discurso ouvido é apenas um momento abstrato da compreensão ativamente responsiva real e plena (Bakhtin, 2003a [1979], p. 271).

Portanto, compreendemos que esse sistema ampliado, dialógico, está inserido num sistema enunciativo-discursivo, composto por uma complexidade de enunciados em uma relação dialógico-discursiva.

Essas considerações nos permitem entender que o funcionamento de todo discurso está ligado a certas restrições enunciativas (situacionais, sociais e históricas). Sob essa perspectiva, as formas discursivas (enunciados) do sistema enunciativo-discursivo se inscrevem com uma relativa estabilidade - os gêneros discursivos - orientando os sujeitos na produção discursiva em situações concretas (Bakhtin, 2003a [1979]).

A enunciação se estrutura no ambiente social que envolve o indivíduo, nas relações dialógicas que se estabelecem. No entanto, há uma dualidade entre uma parte mais estável e outra mais volátil que deve ser observada na formação da linguagem: a significação e o tema (Volóchinov, 2017 [1929]). Enquanto a significação representa uma dimensão mais constante, materializada pela expressão linguística da produção enunciativa, o tema é uma dimensão mais mutável, singular na própria enunciação/enunciado, ou seja, é único e não repetível. Logo, o tema é composto por elementos verbais e não-verbais. Enquanto os elementos verbais são reconstituídos pela significação, os aspectos não-verbais são recuperados pela entonação expressiva, incorporando a dimensão histórico-social.

Dessa maneira, compreendemos que significação e tema coexistem interdependentemente (sem uma relação de causa e efeito) na enunciação, orbitando em torno de diversos valores. Nesse espaço, a interligação significação/tema é uma dualidade desmitificada na teoria bakhtiniana, uma vez que a significação no enunciado/enunciação se estabelece inseparavelmente do seu tema. O tema é influenciado pela significação e vice-versa, porém, sendo um diferente do outro, as "mesmas palavras" adquirem diferentes significados, ou seja, elas ganham sentidos a partir de apreciações sociais valorativas que emergem no

processo de enunciação, apontando para distintos aspectos históricos, nem sempre explicitados linguisticamente, mas convocados na enunciação.

Portanto, a linguagem, na perspectiva dialógica, não pode ser estudada isolada da sociedade, uma vez que o enunciado, como uma unidade tangível da interação discursiva, apresenta uma estabilidade transitória e incorpora características de cada situação de enunciação em que é gerado e circula. Além disso, o enunciado se configura como um elo em uma complexa cadeia de outros enunciados, carregando ecos de outras expressões, respondendo a algo e antecipando um discurso-resposta implícito, embora demandado para um interlocutor (real ou virtual). O enunciado, portanto, é um signo ideológico, dialógico, singular, não reiterável e se manifesta de maneira distinta em cada interação.

2.2 INTERAÇÃO: LUGAR DE PRODUÇÃO E NEGOCIAÇÃO DE SIGNIFICADO(S)

Gênero é um conjunto dos meios de orientação coletiva na realidade, dirigido para seu acabamento. Essa orientação é capaz de compreender novos aspectos da realidade. A compreensão da realidade desenvolve-se e origina-se no processo da comunicação social ideológica.

(Pavel Medviédév)⁶

O dialogismo, ao longo da obra do Círculo de Bakhtin, representa um elemento fundamental da linguagem concebida como um fenômeno ideológico que não se restringe às manifestações da consciência e do psiquismo, como proposto pela filosofia idealista e pelo psicologismo. A formação da linguagem se dá no processo de interação entre indivíduos inseridos em contextos sociais. De maneira geral, a Teoria Dialógica da Linguagem conecta os fenômenos ideológicos às condições e formas de interação social, considerando a palavra, ou seja, a linguagem em seu sentido mais abrangente, como o paradigma máximo do fenômeno ideológico e também como o meio mais sensível de interação.

É inconcebível separar a existência humana dessa dinâmica de interação com outros indivíduos, já que a própria construção do sujeito se dá nesse processo de envolvimento com o outro. Desconsiderar a natureza dialógica da linguagem seria negligenciar a íntima conexão entre a linguagem e a experiência humana. Nesse

⁶ MEDVIEDÉV, P. N. *O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica*. Tradução de Sheila Camargo Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

contexto, no presente tópico, propomos uma análise teórica dos conceitos de dialogismo e interação discursiva na a partir dos pressupostos da Teoria Dialógica da Linguagem e sua relevância para o contexto educacional. O fenômeno da interação discursiva, que estabelece uma ligação dialógica contínua entre locutor e interlocutor, desempenha um papel fundamental no contexto geral da sala de aula. Sobre esse aspecto, Beth Brait (2002) pontua

vai articulá-lo [conceito de interação discursiva], ao longo de toda a obra, com alguns outros conceitos fundamentais para a análise dialógica do discurso, como é o caso de 'enunciação', 'outro', 'dialogismo', dialogando diretamente com as vertentes mencionadas – método formal em suas várias versões e estilística -, na medida em que ambas, segundo o autor, desconsideram a interação para efeito de análise literária e linguística. (Brait, 2002, p. 140).

Volóchinov estabelece sua visão sobre a linguagem criticando vigorosamente algumas correntes linguísticas que não conseguem considerar a verdadeira essência da língua: a interação discursiva. Ele inicia sua crítica apontando o problema do objetivismo abstrato, uma corrente que considera o núcleo de todos os fenômenos da língua como um sistema linguístico imutável. Esse sistema é descrito como um conjunto fixo de características fonéticas, gramaticais e lexicais que permanecem idênticas em todos os enunciados, garantindo assim a uniformidade e compreensão por todos na comunidade linguística. Para o autor, isso é tratado como um sistema estático de formas normativas, independentes da criação individual, algo que o indivíduo recebe como um todo, sem mudanças: "Um tal sistema, o indivíduo tem que tomá-lo e assimilá-lo no seu conjunto, tal como ele é." (Volóchinov, 2017 [1929], p. 81).

Essa perspectiva formal-sistemática da Linguística encara a língua como algo isolado, o que, para Bakhtin e Volóchinov, é incompatível com uma abordagem dinâmica e histórica da linguagem. Segundo sua visão, o falante não utiliza a língua como um sistema abstrato de formas normativas que permanecem invariáveis. Pelo contrário, o que importa é a adaptabilidade das formas linguísticas, ou seja, sua adequação ao contexto. Da mesma forma, o interlocutor não se limita a reconhecer a forma linguística utilizada, mas procura compreendê-la dentro de um contexto específico. Para Volóchinov, "o cerne da língua não está na adesão à norma da forma utilizada, mas na nova significação que essa forma adquire no contexto." (Volóchinov, 2017 [1929], p. 92). Além disso, a compreensão não é um ato passivo

de capturar uma forma isolada que se basta por si mesma, excluindo qualquer resposta possível. Assim, a forma linguística

se apresenta aos locutores no contexto de enunciações precisas, o que implica sempre um contexto ideológico preciso. Na realidade, não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis, etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 96).

Corroborando o trecho acima, portanto, a língua não se apresenta como um conjunto isolado de elementos sem ideologia para aqueles que a usam. Além disso, a compreensão não é um ato passivo de capturar uma forma isolada que se basta por si mesma, excluindo qualquer resposta possível. O objetivismo abstrato enxerga a língua como um produto pronto para ser transmitido de uma geração para outra, isolando-a do fluxo natural da comunicação discursiva. Volóchinov, por sua vez, contradiz essa visão: "Na verdade, a língua não se transmite; ela dura e perdura sob a forma de um processo evolutivo contínuo. Os indivíduos não recebem a língua pronta para ser usada; eles penetram na corrente de comunicação discursiva." (Volóchinov, 2017 [1929], p. 108). Ele também critica o subjetivismo idealista, que considera a essência da língua como o ato individual de criação da fala. Segundo essa perspectiva, as leis da criação linguística estão atreladas à psicologia individual, em que os fatos da língua são explicados por processos psicológicos.

Para a TDL, ao contrário do que propõe o objetivismo abstrato, a essência da língua está profundamente ligada à sua história: "A lógica da língua não é absolutamente a da repetição de formas identificadas a uma norma, mas sim uma renovação constante, a individualização das formas em enunciações estilisticamente únicas e não reiteráveis." (Volóchinov, 2017 [1929], p. 85).

A concepção dessas teorias fundamenta-se na ideia de que a criação linguística se assemelha à criação artística, enfatizando que cada ato de fala busca uma expressão estilística única, modificando as formas abstratas da língua. Para a Teoria Dialógica da Linguagem, a enunciação não é uma expressão da consciência individual interior, mas sim um produto da interação entre indivíduos socialmente organizados.

Nesse contexto, Volóchinov explora como a palavra do locutor se direciona

dialogicamente em relação ao interlocutor:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 116).

A relação eu x tu, de acordo com a Teoria Dialógica da Linguagem, não pode ser simplificada e vinculada ao princípio da subjetividade⁷. Para Volóchinov, essa interação entre os sujeitos não apenas se refere à subjetividade individual, mas é também permeada por outra relação: a interação dos sujeitos com a sociedade. Portanto, o sujeito é principalmente definido pela sua conexão com um contexto social que molda o seu discurso. A própria maneira como a linguagem se manifesta em uma enunciação específica é completamente influenciada pelas relações sociais.

Assim, o centro organizador de toda expressão não está somente no interior do indivíduo, mas sim no contexto social que o envolve. O subjetivismo individualista, segundo Volóchinov, falha em considerar a natureza social da enunciação, ao reduzir o conteúdo ideológico das formas linguísticas ao mundo interior do locutor, negligenciando a complexidade da interação social presente na enunciação. Para o autor,

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação discursiva, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação discursiva constitui assim a realidade fundamental da língua. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 125).

A compreensão da comunicação discursiva não pode ser dissociada do contexto concreto em que ocorre. Para apreender verdadeiramente a natureza da língua, é insuficiente associá-la somente à atividade psicofisiológica dos falantes. Pelo contrário, é fundamental inserir os sujeitos dentro de um quadro mais amplo: o da interação discursiva concreta. As reflexões de Bakhtin sobre o princípio dialógico

⁷ Benveniste (1966) argumenta que o indivíduo se posiciona como sujeito de seu discurso ao se autodefinir como “eu” e ao designar o interlocutor como “tu” por meio da linguagem. Essas expressões de “pessoa” evidenciam a dinâmica da subjetividade na comunicação. No entanto, em Bakhtin, o sujeito perde sua centralidade, sendo substituído por vozes sociais que o convertem em um sujeito histórico e ideológico.

influenciaram significativamente os estudos sobre texto e discurso. Sua definição de enunciado se assemelha à concepção atual de texto, entendendo-o como um objeto significativo resultante da criação ideológica e da enunciação, definido pelo diálogo entre interlocutores e com outros textos.

As relações dialógicas extrapolam o cenário restrito do diálogo face a face, abrangendo também qualquer forma de comunicação discursiva, inclusive aquela mediada pelo texto impresso, que se torna objeto de debates ativos ou responde a outros textos: “Todo desempenho verbal inevitavelmente se conecta com outros desempenhos anteriores no mesmo campo, tanto do mesmo autor quanto de outros, constituindo um diálogo social e operando como parte dele.” (Bakhtin, 2002 [1934-1935], p. 123).

A questão do dialogismo, concebido como a reflexão de um enunciado por meio da refutação, confirmação ou complementação de outro enunciado, presumindo assim um conhecimento prévio, é uma constante nos estudos de Bakhtin. Para esse autor, todo enunciado, mesmo um monólogo solitário, possui suas referências a outros e só existe em relação ao contexto de outros enunciados. O dialogismo, portanto, configura o texto como um entrelaçado de vozes que se complementam, respondem umas às outras ou mesmo entram em polêmica. Os textos são dialógicos ao constituírem um embate de várias vozes sociais; no entanto, podem gerar efeitos de sentido distintos devido às estratégias discursivas adotadas: seja pela polifonia ou monofonia.

Todo discurso concreto (enunciação) encontra aquele objeto para o qual está voltado sempre, por assim dizer, já desacreditado, contestado, avaliado, envolvido por sua névoa escura ou, pelo contrário, iluminado pelos discursos de outrem que já falaram sobre ele. [...] O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante do diálogo social. (Bakhtin, 2002 [1934-1935], p. 86).

A maneira como estamos abordando a ideia das múltiplas vozes que atravessam um discurso busca esclarecer por que Bakhtin define o enunciado como um elo na corrente da comunicação discursiva, inseparável dos elos que o moldam interna e externamente, provocando nele reações-respostas imediatas, uma ressonância dialógica. Isso ilustra a natureza intrinsecamente dialógica da linguagem. Dentro da sala de aula, esse aspecto se torna particularmente evidente.

Este ambiente oferece um cenário privilegiado para essa interação acontecer.

A presença física dos/as estudantes, em comunicação direta uns com os outros, permite a construção conjunta de um texto por meio da troca de informações. É nesse espaço que professor e estudantes, através da linguagem, ativamente constroem o significado do mundo, explorando diversas formas de compreensão. Aqui, o individual e o social se entrelaçam constantemente, com os sujeitos em um processo contínuo de negociação.

Nesse contexto, não se pode dissociar o aspecto discursivo do aspecto social, pois um evento interacional não apenas envolve a construção de significados, mas, sobretudo, a construção de relações e identidades sociais.

2.3 GÊNEROS DISCURSIVOS: ENTRE ENUNCIADO, DIALOGISMO E DISCURSO

O gênero sempre é e não é o mesmo, sempre é velho e novo ao mesmo tempo [...] vive do presente, mas sempre recorda o seu passado, o seu começo.

(Mikhail Bakhtin)⁸

A construção do significado da existência humana emerge do mosaico das relações sociais, e a linguagem desempenha um papel essencial nesse intrincado processo. Bakhtin (2003b [1952/1953], p. 300) destaca que "nossas próprias ideias - sejam elas filosóficas, científicas ou artísticas - têm sua origem e evolução no dinamismo da interação e confrontação com os pensamentos alheios, refletindo-se nas expressões verbais do nosso pensamento." As experiências reais concedem ao indivíduo uma compreensão mais abrangente e conferem significado à sua existência. Assim, a linguagem não é apenas um produto social; mas, sobretudo, um elemento fundamental na arquitetura do pensamento humano.

Na concepção de *gênero discursivo* proposta por Bakhtin, a linguagem se revela como um fenômeno intrinsecamente social, histórico e ideológico. Nesse contexto, os gêneros do discurso são caracterizados como formas estabilizadas de enunciados que se moldam de acordo com as circunstâncias específicas de cada campo da comunicação discursiva. Essa definição está profundamente vinculada à interação sócio-histórica que engloba elementos como tempo, espaço, participantes

⁸ BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. Tradução de P. Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003b [1952/1953].

e o propósito discursivo. Como resultado, cada campo social produz suas próprias manifestações de gêneros discursivos.

O emprego da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo seu estilo da linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua mas, acima de tudo, por sua construção composicional [...] Evidentemente, cada enunciado é particular e individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, os quais denominamos gêneros do discurso. (Bakhtin, 2003b [1952/1953], p. 261-262).

O *discurso*, segundo o autor, manifesta-se por meio de enunciados, que são considerados unidades tangíveis e reais da comunicação discursiva. A noção de comunicação vai além da mera emissão ativa do discurso pelo falante e da passiva recepção e compreensão pelo ouvinte; na verdade, o interlocutor assume uma *ação responsiva* frente ao enunciado. Ao compreender o significado do discurso, o interlocutor pode concordar, discordar, complementar ou até mesmo permanecer em silêncio, proporcionando uma resposta por meio de enunciados, ações ou ausência de fala.

A enunciação, portanto, é resultado da interação entre um locutor e um interlocutor, sendo este último um elemento fundamental na elaboração do enunciado. O locutor molda sua enunciação conforme seu interlocutor, estabelecendo assim a dualidade da palavra: ela é definida pelo falante e para o ouvinte, constituindo um território compartilhado entre ambos.

As palavras de um falante estão sempre entrelaçadas com as palavras do outro: o discurso elaborado por um indivíduo é, de fato, influenciado e condicionado pelo discurso alheio que o atravessa. Esse conceito de *dialogismo* destaca múltiplas vozes presentes dentro de um discurso, o que caracteriza a dimensão polifônica deste. Nas palavras do Círculo,

a cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas, formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão. (Volóchinov, 2017 [1929], p.132).

Para Bakhtin, a língua em seu uso prático é fundamentalmente dialógica. Essa dialogia não se limita ao diálogo presencial, mas também abrange uma

dialogização interna da palavra, sempre permeada pela fala do outro. Isso significa que, ao se expressar, qualquer pessoa considera a expressão alheia, tornando-a parte intrínseca de sua própria fala. Nesses termos, o dialogismo se evidencia no discurso bivocal e nas formas direta e indireta de discurso citado. Isso implica que um enunciado está interligado a outros (interdiscursividade) e que a interação entre interlocutores constitui o princípio primordial da linguagem.

O diálogo, no sentido estrito do termo, não constitui, é claro, senão uma das formas, é verdade que das mais importantes, da interação discursiva. Mas pode-se compreender a palavra “diálogo” num sentido amplo, isto é, não apenas como a comunicação em voz alta, de pessoas colocadas face a face, mas toda comunicação discursiva, de qualquer tipo que seja. (Volóchinov, 2017 [1929], p. 117).

Na produção de um enunciado, é vital considerar o contexto social e as condições específicas que o cercam. Os *enunciados* têm origem em diversos campos sociais, e suas condições de formação são refletidas pelo tema, estilo e composição. O *tema* não se restringe ao objeto ou sentido, mas incorpora a situação social, a intenção do falante influenciada pelo contexto. O *estilo* está intrinsecamente ligado ao tema e à *composição*, indo além da formalidade linguística para abranger o sentido e a maneira de utilizar a linguagem. A composição define a organização da fala e como os campos sociais estruturam os enunciados. Além disso, Bakhtin sustenta a noção de unidade entre os elementos que constituem o gênero discursivo ao afirmar que “o estilo está intrinsecamente ligado a determinadas unidades temáticas e – o que é especialmente relevante – a determinadas unidades composicionais”. (Bakhtin, 2003a [1979], p. 266).

Essas três dimensões são determinadas pelos parâmetros da situação de produção dos enunciados e, sobretudo, pela avaliação valorativa do locutor acerca do(s) tema(s) e do(s) interlocutor(es) de seu discurso. Portanto, compreender, produzir ou conhecer os gêneros discursivos requer referência aos elementos contextuais de sua produção. As relações entre os envolvidos na enunciação não ocorrem em um vazio social, mas são estruturadas e influenciadas pelas formas de organização e distribuição dos diferentes espaços sociais em várias instituições e contextos de produção de discursos.

Esses espaços sociais, designados por Bakhtin como campos comunicativos, dividem-se em campos do cotidiano (familiares, íntimas, comunitárias etc.), que geram os gêneros primários; e campos dos sistemas ideológicos estabelecidos

(moral social, ciência, arte, religião, política, imprensa etc.), que originam os gêneros secundários. Em cada um desses campos, os participantes da comunicação ocupam posições sociais específicas, o que influencia a adoção de gêneros específicos conforme suas finalidades ou intenções comunicativas.

Ao propor-se como locutor, o sujeito assume o risco de não ser compreendido (ameaça) enquanto busca ser entendido (promessa). Assim, Bakhtin sugere não apenas que cada enunciado faz parte de algum gênero discursivo, mas também que cada *ato*, de modo geral, é parte de algum gênero de ação, inserido em uma prática social.

Se no domínio do discurso é necessário conhecer as 'regras' de enunciação do gênero para ser bem-sucedido como locutor, no âmbito dos atos, é necessário dominar as 'regras' de realização de ações para obter sucesso como sujeito. Podemos compreender esse 'domínio' como a adoção de uma das múltiplas posições enunciativas possíveis dentro de um gênero, posições que cada locutor assume de maneira singular, em consonância com as relações enunciativas estabelecidas com seu interlocutor.

Essas relações não eliminam a singularidade de cada sujeito que participa dela. Essa intersecção entre restrição/coerção e liberdade/criação representa um dos aspectos mais relevantes na concepção de gênero de Bakhtin e do Círculo. Junto a isso, a compreensão nunca é assegurada, pois falar e entender o dito envolvem tanto uma promessa quanto uma ameaça, decorrentes da natureza incompleta dos sujeitos em interação.

De acordo com Volóchinov (2017 [1929]), a unidade do meio social e do contexto imediato são condições fundamentais para que o complexo físico-psíquico-fisiológico, ao qual nos referimos, seja associado à língua, à fala, convertendo-se em um fato linguístico. Isso se dá quando objetos do mundo físico, social ou subjetivo são semiotizados ao serem abordados discursivamente. Nessas interações entre sujeitos sociais, esses mundos se apresentam unicamente como mundos discursivos.

A relação entre o elemento conteúdo temático e a significação é evidente, uma vez que ambos participam do processo enunciativo. A significação surge dos usos repetidos da linguagem, garantindo uma relativa estabilidade a esses elementos. Por sua vez, o conteúdo temático constitui um sistema de significação que, diante de uma situação comunicativa específica, é uno e, por essa razão,

atualiza e reconstrói a significação.

Sobre a inter-relação entre conteúdo temático e significação ambos são movidos pela mesma habilidade: a de significar e se retroalimentar. O conteúdo temático baseia-se tanto no plano imediato, constituído pela situação concreta de enunciação, quanto em um plano mais abrangente, referente às implicações históricas das relações sociais que emergem através da significação.

Para Volóchinov (2017 [1929]), isso é um aparato técnico para a realização do tema. Portanto, para analisar o conteúdo temático, é essencial considerar não apenas os aspectos linguísticos/textuais (escolhas lexicais, morfológicas, sintáticas, sequências tipológicas, etc.), mas também os aspectos enunciativos e discursivos (papel dos sujeitos, série de eventos socio-históricos, outros discursos presentes na construção do discurso, etc.).

A palavra, segundo Bakhtin (2003a [1979], p. 350), é um ponto convergente de vozes, não sendo neutra, mas contendo experiências diversas dos sujeitos sociais. Mesmo que se atribua ao autor a escolha e o uso da palavra, esta "não lhe pertence exclusivamente", sendo fruto da História e, portanto, pertenceria a todos. Assim, a palavra existe para o falante em três âmbitos: como palavra neutra e não pertencente a ninguém; como palavra carregada de ecos de outros enunciados; e, por último, como a minha palavra.

Além disso, o conteúdo temático em um evento enunciativo ativa não apenas significados de palavras ditas, mas também significados de palavras não ditas. Em outras palavras, as experiências dos sujeitos sociais emergem e são expressas por meio de palavras ou pela ausência delas, isto é, por apagamentos.

A situação enunciativa concreta deve ser vista como um evento único, singular e exaurível no intervalo de tempo em que ocorre, já que é um acontecimento. No entanto, por estar enraizada no dialogismo, a situação de comunicação também deve ser considerada como uma cena onde transparecem outras cenas, nas quais se reflete a diversidade e multiplicidade das experiências vivenciadas pelos sujeitos sociais ao longo da História.

O conteúdo temático, longe de ser apenas o assunto focalizado na enunciação, é um dos eixos que o locutor, com sua plasticidade, utiliza-se para se manter socialmente coerente. Nesse sentido, Medviédev (2012 [1928]) propõe o conceito de "apreciação social", que, ao fornecer o acervo valorativo que os sujeitos sociais utilizam como parâmetro na prática comunicativa, garante o reconhecimento

tanto das estabilizações quanto da singularidade do enunciado. A "apreciação social", como sistema interpretativo, permite o reconhecimento das formas de expressão, julgando-as pertinentes ou não para a demanda enunciativa.

Entre as características fundamentais do *gênero discursivo*, destaca-se a ideia de que sua definição está intrinsecamente ligada a uma *dupla orientação na realidade*. Essa perspectiva ecoa em todos os trabalhos do Círculo, enfatizando a necessidade de considerar as circunstâncias temporais, espaciais e ideológicas que guiam o discurso, bem como os elementos linguísticos, enunciativos e formais que viabilizam sua existência. A primeira orientação é analisada a partir da exterioridade envolvida no gênero, relacionada à vida no que diz respeito ao tempo, espaço e campo ideológico à qual o gênero está vinculado.

Desse modo, compreende-se que o *enunciado* se manifesta em um espaço e tempo reais, podendo assumir formas oral ou escrita, implicando a presença de um público interlocutor, destinatários, ouvintes e/ou leitores, e de certa forma, a reação desse público. Estabelece-se, portanto, uma inter-relação e interação entre o autor e o interlocutor.

A segunda orientação, também voltada para a vida, emerge da interioridade do gênero, relacionada às formas, estruturas e conteúdo temático do enunciado em sua totalidade. Esse aspecto possibilita que o gênero ocupe um lugar significativo na vida cotidiana, integrando-se ou aproximando-se de um campo ideológico específico. Nesse contexto, a reiteração da dimensão marcada por elementos linguísticos, forma e conteúdo temático não pode ser dissociada de um aspecto crucial na concepção de gênero no pensamento bakhtiniano: a noção de *campo ideológico* que abrange e constitui a produção, circulação e recepção de um gênero, destacando sua conexão com a vida em termos culturais, sociais, entre outros.

Medviédev apresenta dois exemplos ilustrativos da dualidade na orientação do gênero na realidade: o primeiro refere-se à ode, situada em um contexto temporal específico e direcionada a um público determinado, sendo parte de uma celebração e integrada à vida política e seus eventos; o segundo exemplo é a lírica litúrgica, que se insere no contexto do serviço religioso. Esses casos exemplificam como os gêneros estão intrinsecamente ligados aos campos ideológicos, delineando sua relação vital com diversos aspectos da vida cultural e social.

Refletir sobre o gênero como um enunciado completo, possuindo uma dupla orientação na realidade, implica compreender que uma obra adentra a vida e se

conecta aos diversos aspectos da realidade circundante durante o processo de sua efetiva realização, seja quando é executada, ouvida ou lida em um tempo específico, em um lugar determinado e sob circunstâncias particulares. A obra assume um lugar definido, concedido pela própria vida, transformando-se em um corpo sonoro real que se posiciona entre pessoas organizadas de maneira específica. Essa imediata orientação da palavra como um fato, mais precisamente como um feito histórico na realidade circundante, influencia toda a diversidade de gêneros dramáticos, líricos e épicos (Medviédev, 2012 [1928], p. 195).

Além dessa característica fundamental, é crucial destacar pelo menos mais uma, relacionada à dimensão temática, conforme expresso por Medviédev:

Cada gênero é capaz de dominar somente determinados aspectos da realidade, ele possui certos princípios de seleção, determinadas formas de visão e de compreensão dessa realidade, certos graus na extensão de sua apreensão e na profundidade de penetração nela. (Medviédev, 2012 [1928], p. 196).

Como pode ser notado, essa concepção de tema está teórica e metodologicamente vinculada à dupla orientação do gênero na realidade:

A unidade temática da obra é inseparável de sua orientação original na realidade circundante, ou seja, inseparável das circunstâncias espaciais e temporais. Portanto, entre a primeira orientação da obra na realidade (orientação imediata a partir de fora) e a segunda orientação (temática a partir de dentro), estabelece-se uma ligação e uma interdependência indissolúveis. Uma é determinada pela outra, e essa dupla orientação revela-se como única, mas bilateral. A unidade temática da obra e seu lugar concreto na vida entrelaçam-se organicamente, culminando na unidade dos gêneros. (Medviédev, 2012 [1928], p. 197).

Considerando que "[...] cada gênero possui seus próprios meios de visão e de compreensão da realidade, que são acessíveis somente a ele" (Medviédev, 2012 [1928], p. 198), Medviédev exemplifica com as artes plásticas para ilustrar como visão, representação e gêneros se amalgamam.

Seria ingênuo considerar que, nas artes plásticas, o homem primeiro vê e depois retrata o que viu, inserindo sua visão no plano do quadro com a ajuda de determinados meios técnicos. Na verdade, a visão e a representação geralmente fundem-se. Novos meios de representação forçam-nos a ver novos aspectos da realidade, assim como estes não podem ser compreendidos e introduzidos, de modo essencial, no nosso horizonte sem os novos recursos de sua fixação. A ligação entre eles é inseparável. (Medviédev, 2012 [1928], p.199).

Associado a esse conceito, o *gênero* pode ser definido como o conjunto de modos de orientação coletiva dentro da realidade. Isso conduz à conclusão de que, por meio do gênero, é viável apreender novos aspectos da realidade. Em outras palavras, a realidade do gênero está intrinsecamente vinculada à sua concretização no processo comunicativo, estreitamente entrelaçada ao pensamento e à dinâmica social.

Atualmente, os estudos sobre ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa frequentemente recorrem às formulações do Círculo de Bakhtin acerca dos *gêneros discursivos*. É crucial destacar, no entanto, que as próprias noções de gêneros têm como fundamento o *dialogismo*. Desconsiderar esse conceito central no pensamento do Círculo seria negligenciar as implicações fundamentais para a compreensão da linguagem empreendida na nossa dissertação. É por meio da perspectiva do *dialogismo* que se torna possível compreender as *vozes* do discurso e os *fiões ideológicos* que o entrelaçam. Este enfoque dialógico é essencial para uma compreensão mais aprofundada dos gêneros discursivos e de seu impacto formativo no ensino básico.

Com base nesse arcabouço teórico, o próximo capítulo abordará o tema da “*Decolonialidade, Educomunicação e o Jornal Escolar*”⁹. Nesse contexto, consideramos a Educomunicação como um campo de intervenção social com potencial para enriquecer práticas educativas decoloniais relacionadas à escrita, concebendo-a como um ato responsável e responsivo.

⁹ No capítulo V, abordaremos os gêneros jornalísticos crônica e entrevista, os quais foram escolhidos para a análise de dados da pesquisa.

3 DECOLONIALIDADE, EDUCOMUNICAÇÃO E O JORNAL ESCOLAR

[...] a Educomunicação, como maneira própria de relacionamento, faz sua opção pela construção de modalidades abertas e criativas de relacionamento, contribuindo, dessa maneira, para que as normas que regem o convívio passem a reconhecer a legitimidade do diálogo como metodologia de ensino, aprendizagem e convivência.

(Ismar Soares)¹⁰

Este capítulo da nossa dissertação enfatiza a importância da Educomunicação como um campo fundamental para a promoção da emancipação social. Destacamos sua valiosa contribuição para a democratização e socialização do conhecimento e da informação. Através da lente da perspectiva decolonial, examinamos o papel crucial desempenhado pela Educomunicação na desconstrução das estruturas coloniais, fomentando uma visão equitativa e multicultural. Ao direcionar nossa atenção para o contexto específico do jornal escolar, investigamos como esse *ecossistema comunicativo* se transforma em um ambiente estratégico para alcançar tais objetivos. Ele proporciona uma plataforma significativa para uma variedade de vozes e estimula a participação ativa dos estudantes na construção da consciência crítica, exemplificando a concretização desses ideais.

Reconhecemos, no entanto, que nosso compromisso ético e político inerente a essa abordagem é complexo, e entendemos que não se descomplicará em um futuro próximo. As transformações necessárias demandam o tempo de várias gerações para serem plenamente realizadas. Para efetivar essa mudança, é crucial adotar uma abordagem de decolonização dos modos de ser e existir no mundo, implementando uma perspectiva que desconstrua as marcas coloniais presentes em nossa existência e que afetam tantas vidas. Como destacado por Maldonado-Torres (2007), vivenciamos diariamente a colonialidade na modernidade, independentemente de nossa conexão com instituições colonizadoras ou colonizadas.

Portanto, expressamos nossas ideias a partir das reflexões que nos inspiraram e das ações que nos motivaram, com o objetivo não apenas de reiterar os valores subjacentes ao verbo "*Esperançar*", mas sobretudo, construir um processo

¹⁰ SOARES, I. de O. Educomunicação: um campo de mediações. In: CITELLI, A. O. e COSTA, M. C. C. (Orgs.). *Educomunicação: Construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 13-30.

alteritário orientado para a construção de significados identitários.

Conforme afirmado por Freire (1981 [1975], p. 56), "à medida que os seres humanos interagem com a realidade, transformando-a por meio de seu trabalho, [...] sua consciência é condicionada e reflete esse condicionamento em diferentes níveis". Portanto, ao nos posicionar por meio de nossos escritos, narrativas e práticas pedagógicas, utilizando as pesquisas acadêmicas e as oportunidades de intercâmbio experimentadas em aulas e cursos que conduzimos, assumimos a responsabilidade de pensar e agir com base na consciência que temos sobre o mundo em que vivemos. Buscamos contribuir para a construção daquele outro mundo possível que aspiramos alcançar.

Dentro da perspectiva alteritária proposta por Bakhtin (2003a [1979]), torna-se evidente que o pesquisador se transforma no sujeito de sua própria existência. Ele não assume uma postura de mero observador de uma realidade externa, mas, sim, encara-se como um sujeito imbuído de valores, consciente de que está estabelecendo uma discursividade única através de sua presença. Essa abordagem, em sintonia com a educomunicação, implica, por um lado, na recusa da concepção de neutralidade frequentemente buscada no campo da pesquisa e, por outro, na renúncia do pesquisador a qualquer pressuposto hierarquizante entre seu conhecimento e o conhecimento dos sujeitos com quem interage. Isso ocorre porque o pesquisador compreende que o cerne de toda pesquisa, enriquecido pela educomunicação, reside, necessariamente, na humildade do não saber. A pesquisa se inicia com o reconhecimento da ausência de conhecimento, permitindo uma abordagem mais colaborativa e participativa com os participantes do estudo.

Seguindo com a reflexão, nos dias atuais, o conhecimento que ainda recebe maior reconhecimento e destaque é aquele originado dos cânones da intelectualidade global, predominantemente representada por uma maioria de origem branca, ocidental, eurocêntrica, masculina e cisgênera, associada a classes sociais economicamente privilegiadas e historicamente considerada detentora exclusiva do saber. Em contrapartida, nas margens estão aqueles indivíduos que trilham uma trajetória oposta, compreendendo uma maioria não-branca, que não adota os valores religiosos ocidentais, não se identifica com o gênero masculino e/ou cisgênero, e que não pertence às classes sociais mais privilegiadas financeiramente.

Com base no exposto, torna-se evidente a relevância do conceito de interseccionalidade, conforme os estudos de Crenshaw (2004; 2002). Este conceito

teve origem nas lutas e perspectivas do feminismo negro desde o início dos anos 1990, sendo cunhado por pesquisadoras norte-americanas, canadenses, inglesas e alemãs. Além disso, é crucial ressaltar as significativas contribuições de Lélia Gonzalez (2020) para a compreensão mais profunda da interseccionalidade, enfatizando sua importância na análise das complexas interseções entre raça, gênero e classe social. Gonzalez ampliou o debate ao introduzir perspectivas interseccionais que consideram não apenas as opressões individuais de raça, gênero e classe, mas também as interações complexas e interdependentes entre essas categorias de identidade. Suas reflexões enriqueceram a compreensão das dinâmicas de poder e privilégio que permeiam as experiências individuais e coletivas, oferecendo uma base conceitual mais sólida para abordar as desigualdades sociais e as lutas por justiça e igualdade.

Apesar de ter surgido geograficamente no Norte Global, a interseccionalidade mantém uma sólida conexão com os ideais do Sul Global, que engloba regiões periféricas e semiperiféricas, além de países do sistema-mundo moderno anteriormente rotulados como pertencentes ao Terceiro Mundo após a Segunda Guerra Mundial (Sousa Santos, 1995).

Nesse contexto, por meio do jornal escolar produzido pelos estudantes, buscamos o desejo de "falar com" em vez de "falar por". Alinhados com as concepções de Paulo Freire, nossas contribuições intelectuais ganham significado quando ressoam com saberes e valores construídos e compartilhados por outras pessoas com as quais dialogamos em diferentes instâncias e níveis de profundidade durante o processo de pesquisa. As narrativas que desenvolvemos surgem a partir de encontros de corpos e mentes, com o propósito de ouvir e legitimar as diversas vozes das sociedades contemporâneas, especialmente aquelas historicamente negligenciadas.

Portanto, o compromisso e a contínua mobilização em prol da liberdade de ser quem se é tornam-se imperativos e fundamentais. A humanidade é constituída por indivíduos em constante evolução, com estruturas complexas e diversas, ocupando distintas posições no mundo, delineadas por fatores como classe, gênero, raça e/ou nacionalidade. Outrossim,

Querem a humanização dos homens mas, ao mesmo tempo, querem também a manutenção da realidade social em que os homens se acham

desumanizados. No fundo, temem a liberdade. Ao temê-la, porém, não podem arriscar-se a construí-la na comunhão com os que se acham dela privados. (Freire, 1981 [1975], p. 83).

Com base nas reflexões de Freire (1981 [1975]), é crucial ressaltar que, embora todos compartilhem a condição de seres humanos do ponto de vista biológico, nossas vivências e experiências são profundamente moldadas pelos marcadores de diferença que carregamos. É exatamente por esse motivo que assumir o papel de aliados/as na luta antirracista, tanto por meio da pesquisa acadêmica quanto fora do ambiente universitário, tem exigido um contínuo - e ainda em desenvolvimento - processo de reflexão sobre as posições sociais que ocupamos.

Compreendo que o conhecimento, entendido de forma contextualizada; a ciência, enquanto uma forma de expressão do conhecimento; assim como a universidade, enquanto espaço de produção e circulação do conhecimento científico, são marcados pelas relações de poder. Reconhecendo que a branquitude se constrói nos contextos de poder, podemos indagar o lugar da ciência, e da própria universidade, como um lócus privilegiado de expressão da branquitude (Laborne, 2017, p. 103).

Em resposta a essas reflexões, acreditamos que podemos tomar como referência as palavras de bell hooks (2010) que afirma: “se escolho dedicar minha vida à luta contra a opressão, estou ajudando a transformar o mundo no lugar onde gostaria de viver”. Esse é o caminho que decidimos trilhar. Buscamos, dessa forma, contribuir para a edificação de um mundo mais justo, onde a equidade em termos de raça, gênero e classe possa efetivamente se concretizar. Nesse contexto, empregamos ideias como instrumentos de luta e percebemos a realidade como uma das vias possíveis para a desconstrução das desigualdades que permeiam nosso entorno, tornando-se evidentes em nosso cotidiano.

O legado opressivo do colonialismo europeu ressoa de maneira inegável na estrutura social e humana contemporânea do Brasil, assim como em outras nações impactadas por essa dominação. Essas cicatrizes, fruto da brutalidade colonial, persistem como testemunhos vívidos das injustiças históricas que moldaram as concepções étnico-raciais não-brancas (Quijano, 2005) Ao desvendar as camadas da herança colonial, almejamos lançar luz sobre as potencialidades transformadoras da educomunicação na desconstrução de estereótipos e na promoção de narrativas

mais justas.

Dessa forma, ao adentrarmos o próximo tópico, entendemos que a educomunicação, aliada à compreensão crítica proposta pelos estudos decoloniais, emerge como uma força fundamental para desordenar as narrativas *ocidentalocêntricas*, construindo pontes em direção a um entendimento mais autêntico e equitativo de nossa identidade coletiva.

3.1 DECOLONIALIDADE: DESAPRENDIZAGEM DAS LÓGICAS COLONIAIS E REAFIRMAÇÃO DOS SABERES LOCAIS

O mundo colonial é um mundo dividido em compartimentos. Sem dúvida é supérfluo, no plano da descrição, lembrar a existência de cidades indígenas e cidades europeias, de escola para indígena e escolas para europeus [...] A linha divisória, a fronteira, é indicada pelos quartéis e delegacias de polícia. Nas colônias, o interlocutor legal e institucional do colonizado, o porta-voz do colono e do regime de opressão é o gendarme ou o soldado [...] Vê-se que o intermediário do poder utiliza uma linguagem de pura violência [...] O intermediário leva a violência à casa e ao cérebro do colonizado [...] Não basta ao colono afirmar que os valores desertaram, ou melhor, jamais habitaram o mundo colonizado. O indígena é declarado impermeável à ética, ausência de valores, como também negação de valores [...] Por vezes este maniqueísmo vai até o fim de sua lógica e desumaniza o colonizado. A rigor, animaliza-o. (Frantz Fanon)¹¹

Para iniciar a reflexão sobre uma perspectiva decolonial como elemento para a (re)construção do ensino de linguagem, é necessário retrocedermos algumas etapas. Considerando que a palavra "decolonialidade" inclui o prefixo "de", sugerindo um movimento contrário, torna-se crucial compreendermos o significado da "colonialidade" contra a qual estamos nadando.

Segundo Quijano (2005, p. 117), a colonialidade é definida como "um novo padrão de poder mundial" e representa "a classificação social da população mundial de acordo com a ideia de raça". Nesse contexto, a colonialidade está intrinsecamente ligada ao colonialismo, uma tradição cultural que gerou e continua gerando diversas implicações para a sociedade. Dessa forma,

[...] o colonialismo europeu ao resto do mundo [conduziu] à elaboração da perspectiva eurocêntrica do conhecimento e com ela à elaboração teórica da ideia de raça como naturalização dessas relações coloniais entre europeus e não-europeus. Historicamente, isso significou uma nova maneira de legitimar as já antigas ideias e práticas de relações de superioridade/inferioridade entre dominantes e dominados." (Quijano, 2005,

¹¹ FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 27-31.

p.118).

Dentro dessa perspectiva, compreendemos que a colonialidade gera um impacto nas populações submetidas ao processo de colonização, resultando na desvalorização de suas próprias produções, seja nos âmbitos econômico, político, cultural ou teórico. É nesse sentido que pretendemos abordar, ao longo deste tópico, de que maneira o pensamento decolonial, enquanto abordagem interpretativa da estrutura que compõe a sociedade na qual estamos inseridos/as, pode também influenciar o ensino de Linguagem.

O componente curricular de Língua Portuguesa assume um papel central nessa discussão, pois carrega consigo um poderoso aliado para a instituição da colonialidade, ao mesmo tempo em que pode ser um dispositivo de resistência contra ela – a língua/linguagem. Para ilustrar, é crucial compreender que a linguagem não se resume a um conjunto de regras, conforme pregava a tradição normativa associada ao subjetivismo idealista (Volóchinov, 2017 [1929]). Nesse contexto, Gnerre (1991) discorre sobre o ato comunicativo e as relações de poder que a linguagem estabelece, afirmando que, dado que as pessoas falam para serem ouvidas e respeitadas, podemos atribuir à palavra o poder de impulsionar a autoridade acumulada por quem emite a fala. Dessa forma, concordamos com a afirmação de Geraldi (1984, p. 35): "é muito mais importante estudar as relações que se constituem entre os sujeitos no momento em que falam do que simplesmente estabelecer classificações e denominar os tipos de sentenças".

Nossa utilização de "língua/linguagem", portanto, está fundamentada nos pressupostos que concebem a existência da língua dentro da linguagem se caracterizando como *um processo ininterrupto de formação*.

Partindo dessa abordagem, fundamentamo-nos nas definições de colonialidade propostas pelos teóricos do Grupo Modernidade/Colonialidade, os quais advogam pelo Giro Decolonial¹². As três dimensões delineadas por eles - *a colonialidade do poder, do saber e do ser* - esclarecem conjuntamente o

¹² O grupo Modernidad/Colonialidad, também conhecido como Projeto M/C (denominações em português: "grupo modernidade/colonialidade" e "projeto M/C", respectivamente), representa um coletivo de pensamento crítico da América Latina, ativo durante a primeira década do século XXI. Constitui-se como uma rede transdisciplinar e multigeracional de intelectuais latino-americanos, provenientes de diversas correntes de pensamento, como a teoria do sistema-mundo, a filosofia da libertação e o pós-estruturalismo. Esses pensadores convergiram em torno da proposta de uma perspectiva analítica decolonial, proporcionando uma abordagem única para a reflexão crítica sobre as intrincadas relações entre modernidade e colonialidade.

funcionamento da hegemonia eurocêntrica em diversos domínios sociais. Nesse contexto, reconhecemos a importância de explorar estratégias tangíveis para combater os impactos da colonialidade nas esferas sociais, delineando caminhos para a (re)construção dos processos de ensino de Linguagem. Assim, almejamos transformar a decolonialidade em não apenas uma perspectiva teórica, mas uma realidade palpável na (re)construção da sociedade.

Iniciamos a análise das concepções de colonialidade com a dimensão do poder, que aborda a divisão política e econômica fundamentada no colonialismo. Segundo Quijano (2005, p.118), precursor desse conceito, refere-se a uma "sistemática divisão racial do trabalho". A complexidade dessa definição se aprofunda ao considerar que a colonialidade do poder se estende por diversas áreas sociais, como destacado por Mignolo (2003), que revela como essa estrutura exerce controle sobre a economia, autoridade, natureza, recursos naturais, gênero, sexualidade e, relevante para este ensaio, subjetividade e conhecimento.

Nesse contexto reflexivo, compreendemos que a raça se torna fundamental para justificar a exploração e o reconhecimento do ser, emergindo como uma explicação imposta pelo colonialismo europeu nas relações entre dominante e dominado. Assim, esse colonialismo promove uma "identificação dos povos de acordo com suas faltas ou excessos" (Mignolo, 2003, p. 40). Mignolo (2003) e Maldonado-Torres (2008), expandindo os estudos da colonialidade do poder, integram as esferas do *ser* e do *saber*, corroborando a noção de que "as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle de trabalho" (Quijano, 2005, p. 118).

Como consequência desses processos de dominação, não apenas as relações de trabalho e identificação são impactadas, mas, como mencionado anteriormente, a colonialidade também exerce controle sobre o conhecimento produzido e disseminado no sistema de educação tradicional presente no contexto moderno. Não é por acaso que somente após um movimento de resgate e reivindicação do reconhecimento dos grandes feitos da população negra na história do Brasil foi promulgada, em 2003, a lei 10.639/03, que torna obrigatória a inclusão da temática afro-brasileira nos currículos do ensino fundamental e médio (Mangueira, 2019). Contudo, ainda persiste um significativo apagamento e silenciamento dessa e de outras narrativas em sala de aula, perpetuando a

colonialidade do saber e dando origem ao racismo epistêmico¹³, uma área amplamente discutida pelos estudiosos do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C).

Sob essa perspectiva, Almeida (2019) argumenta como o racismo sustenta as relações dominantes em todas as estruturas sociais, não sendo um problema individual ou institucional, mas, sim, estrutural. Embora faça uma divisão rigorosa, o autor apresenta análises pertinentes sobre o funcionamento das instituições e como o racismo pode moldá-las:

O uso do termo hegemonia não é acidental, uma vez que o grupo racial no poder enfrentará resistências. Para lidar com os conflitos, o grupo dominante terá de assegurar o controle da *instituição*, e não somente com o uso da violência, *mas pela produção de consensos sobre a sua dominação*. Desse modo, concessões terão de ser feitas para os grupos subalternizados a fim de que questões essenciais como o controle da economia e das decisões fundamentais da política permaneçam no grupo hegemônico. *O efeito disso é que o racismo pode ter sua forma alterada pela ação ou pela omissão dos poderes institucionais – Estado, escola etc.* – (Almeida, 2019, p.28, grifos nossos).

À luz desta análise sobre as estruturas sociais hegemônicas presentes nas instituições, compreendemos que a produção de conhecimento não é neutra, como bem observa Manguiera (2019, p. 5), ao afirmar que "a ciência moderna nada tem de universal, pois desde o seu nascimento exclui e omite conhecimentos dos povos que foram colonizados". Portanto, entendemos que o ensino tradicional foi construído sob uma ótica colonial, reafirmando a colonialidade do saber e do ser. Assim, ao adotar a decolonialidade como forma de pensamento, tanto nas instituições educacionais quanto nas práticas de ensino, a descolonização envolve conceder voz às narrativas provenientes de experiências históricas vivenciadas localmente pelos povos subalternizados na situação colonial. Essa abordagem visa conduzir a sociedade brasileira a uma transformação concreta de sua realidade.

No contexto do ensino de Linguagem, utilizar esse processo como propulsor para a criação de um espaço discursivo que considere os aspectos políticos e de poder da língua/linguagem é crucial para refletirmos, numa perspectiva decolonial, sobre como reconstruir esse processo. Fiorin (2009a, p. 150) destaca que "a língua é produto do meio social e, uma vez constituída, tem um papel ativo no processo de conhecimento e comportamento do homem. [...] ela é que classifica a realidade."

¹³ "o racismo epistêmico descarta a capacidade epistêmica de certos grupos de pessoas. Pode basear-se na metafísica ou na ontologia, mas o resultado acaba por ser o mesmo: evitar reconhecer os outros como seres inteiramente humanos" (Maldonado-Torres, 2008, p.45).

Espera-se que, conseqüentemente, outras instâncias também possam se reconstruir, seguindo a decolonialidade como guia e afastando-se do padrão de hegemonia europeia.

Se considerarmos o estudo da língua como a capacidade de identificar as relações de poder refletidas em falas situadas em determinados contextos, chegamos ao cerne da questão na (re)construção decolonial do ensino de Linguagem. Gnerre (1978, p. 36) salienta que "do nível mais elementar de relações com o poder, a linguagem constitui o arame farpado mais poderoso para bloquear o acesso ao poder." Nesse sentido, é pertinente pensar que podemos usá-la para desbloquear.

Dentro dessa lógica, Geraldi (1984) nos convida a refletir e reconhecer um fracasso da escola, especificamente no âmbito do ensino de Língua Portuguesa. Ele percebe que algo impede, dentro das salas de aula, que a concepção de linguagem seja compreendida como meio de interação social.

Embora as discussões sobre o ensino tenham ganhado algum espaço nos dias atuais, é crucial observar na prática se há a concretização de propostas que possibilitem o contato social com a língua. É necessário reconstruir não apenas as bases do ensino, mas também como os próprios professores enxergam a língua/linguagem, uma vez que

Grande tem sido a preocupação dos professores [...] com o aprimoramento da mecânica da leitura. Indiscutível o valor desta mecânica, no sentido de desenvolver a leitura clara e fluente. Esta habilidade, porém, *é mero passo em direção a objetivos qualitativamente superiores* (que devem começar a ser atingidos desde os primeiros anos da escola), ou seja, a penetração na mensagem e a apreciação crítica desta, atividades relegadas, atualmente, a plano secundário, quando não esquecidas de todo. O aluno brasileiro "lê, como diz conhecido educador, como agulha de vitrola: vai passando pela trilha e produzindo som" (Faraco, 1984, p.19, grifos nossos).

Identificamos algumas estruturas que podem e devem ser alteradas para que os/as estudantes se tornem, de fato, reflexivos e ativos na desconstrução decolonial. A BNCC, publicada em 2018, propõe a promoção de equidade na educação, buscando uma atitude de colaboração para alcançar a tão desejada equidade e permitindo a participação consciente de toda a sociedade no acompanhamento das práticas educativas propostas (Brasil, 2018, p.3). No entanto, cabe a cada ator educacional definir os melhores caminhos para o processo de ensino de crianças e jovens (Brasil, 2018, p. 3).

No âmbito da Língua Portuguesa, a BNCC estabelece como objetivo, no ensino médio, o desenvolvimento crítico e reflexivo dos adolescentes como agentes da linguagem, capazes de utilizar a língua (falada e escrita) e as diferentes linguagens em diversas atividades humanas (Brasil, 2018, p.23). Nessa perspectiva, à luz das concepções de linguagem propostas por Fiorin (2009b) e Gnerre (1991), é necessário transformar os estudantes em membros ativos e conscientes do contexto social atual. Dessa forma, o/a docente pode contribuir para a emergência dessa consciência, pois toda metodologia de ensino envolve uma teoria de compreensão e interpretação da realidade, com os mecanismos utilizados em sala de aula (Geraldi, 1984, p. 34).

Nessa lógica, os mecanismos utilizados em uma sala de ensino de Linguagem comprometido com a decolonialidade *do poder, do saber e do ser*, podem contribuir para que o/a docente, na escolha dos materiais didáticos, por exemplo, rompa com o racismo epistêmico. No entanto, é preciso ter consciência de que esse não é um rompimento simples. Para ser efetivamente decolonial, é necessário superar a colonialidade do saber. A partir desse pressuposto, Manguiera (2019) propõe um questionamento fundamental: "a que narrativas se é receptivo no aprendizado escolar e acadêmico?" (Manguiera, 2019, p. 1). Refletir sobre isso implica assumir que, apesar de a BNCC propor equidade e diversidade no âmbito educacional, ainda há muito a ser feito, visto que conteúdos, autores/as e obras consideradas relevantes sofrem os efeitos coloniais, constituindo muitas vezes um cenário distante para o/a professor/a trilhar outros caminhos didáticos, seja por pressão da instituição educacional, seja por falta de acesso a essas reflexões.

Compreendemos, dessa forma, que o processo da colonialidade do saber se dá como uma "colonização das perspectivas cognitivas, dos modos de produzir ou outorgar sentido aos resultados da experiência material ou intersubjetiva, do imaginário, do universo de relações intersubjetivas do mundo; em suma, da cultura" (Quijano, 2005, p. 121). Dialogando com a questão levantada por Geraldi (1984, p. 42) – "para que ensinamos o que ensinamos?" –, podemos, numa perspectiva decolonial, considerar que a língua/linguagem, tendo o seu caráter de bloquear ou desbloquear o acesso ao poder, pode contribuir diretamente para a mudança de perspectivas cognitivas. Dessa forma, a maneira como o sujeito se constitui e se forma em sociedade deixará de ser, ainda que inconscientemente, pautada nas relações de superioridade/inferioridade, baseadas em suas estruturas coloniais.

Os apontamentos apresentados servem para que as relações atuais vigentes possam ser compreendidas, de modo que percebamos que a escolhas metodológicas e de materiais didáticos para uso em sala de aula, as reflexões ao redor delas/es e as incitações por parte do/a professor/a devem ser escolhas políticas, uma vez que

As questões voltadas ao conhecimento, à época da colonização, nos séculos passados, impulsionaram a modernidade cuja característica intelectual é constituída basicamente por teorias e produções de conhecimento do “Centro” ou do “Norte” mundial (Souza, 2012, p. 4).

Dessa forma, compreendemos que os desdobramentos históricos que nos conduziram até o presente constituem pontos iniciais para a instauração da colonialidade do poder. Essa percepção destaca a urgência de os agentes da educação adotarem uma postura decolonial como guia para suas práticas, visando promover impacto e efetiva (re)construção em todo o ensino tradicional.

Ao abordar e ponderar sobre a colonialidade do poder, do saber e do ser conforme proposto pelos estudiosos do Grupo Modernidade/Colonialidade (M/C), reconhecemos a emergência de concepções de decolonialidade. Sugerir direcionamentos para a (re)construção do ensino de Linguagem não se revela uma tarefa simples, tampouco isenta de complexidades e múltiplas linhas teóricas. No entanto, é imperativo imergir em estudos que abordem, de maneira transdisciplinar, as questões constitucionais que regem a sociedade pós-colonial, transformando a ideia de raça em alicerce para as estruturas racistas que permeiam a sociedade contemporânea.

Considerando que "o racismo é parte intrínseca da ordem social" (Almeida, 2019, p. 32), cabe às instituições, incluindo as escolas, a responsabilidade de refletir sobre suas práticas. Isso se deve ao fato de que "as instituições que não abordam ativamente a desigualdade racial facilmente reproduzirão práticas racistas já consideradas 'normais' em toda a sociedade" (Almeida, 2019, p. 32). Diante desse contexto, aspiramos que as abordagens delineadas nesta dissertação possam contribuir para a incorporação de uma perspectiva decolonial nas práticas pedagógicas e na relação do/a educador/a com a língua/linguagem, bem como em suas implicações no processo de ensino.

3.2 AFINAL, EDUCOMUNICAÇÃO, O QUE É?

A educomunicação emerge como um paradigma orientador de práticas educativas e comunicativas ao entrelaçar os domínios da educação e da comunicação. Esse enfoque propicia a integração de indivíduos por meio de diálogos diversos, possibilitando a troca de ideias, opiniões, e a formulação de propostas de ação e intervenção na sociedade. Reconhecendo a relevância da educomunicação, a Academia Brasileira de Letras (ABL) incorporou a definição dessa palavra em seu dicionário, em julho de 2021, com as seguintes descrições:

Definição: 1. Conjunto de conhecimentos e ações que visam desenvolver ecossistemas comunicativos abertos, democráticos e criativos em espaços culturais, midiáticos e educativos formais (escolares), não formais (desenvolvidos por ONGs) e informais (meios de comunicação voltados para a educação), mediados pelas linguagens e recursos da comunicação, das artes e tecnologias da informação, garantindo-se as condições para a aprendizagem e o exercício prático da liberdade de expressão. 2. Formação e atividade profissional do educador, relacionadas ao estudo e aplicação desses conhecimentos. (ABL, 2021, *online*).

É crucial notar que a abrangência da prática educacional transcende os limites do ambiente escolar e da educação formal, uma vez que as interações entre diversos agentes contribuem para a consolidação de um *ecossistema comunicativo*. Segundo Soares (2011, p. 45), esse ecossistema representa "[...] um ideal de relações, construído coletivamente em dado espaço, em decorrência de uma decisão estratégica de favorecer o diálogo social, levando em conta, inclusive, as potencialidades dos meios de comunicação [...]".

Viver em uma era pós-colonial implica buscar novas formas de existir e se relacionar com o mundo. Nesse contexto, a abordagem da educomunicação emerge como uma prática decolonial e descolonizadora, representando uma premissa para (re)pensar as relações sociais, culturais e educacionais na busca da construção de uma sociedade mais equitativa, participativa e conectada com as complexidades e saberes pós-coloniais.

No âmbito dos encontros educacionais, destacamos a relevância do jornal escolar¹⁴ como um meio transversal que facilita intercâmbios significativos. O cenário atual se revela propício para a compreensão e implementação de práticas

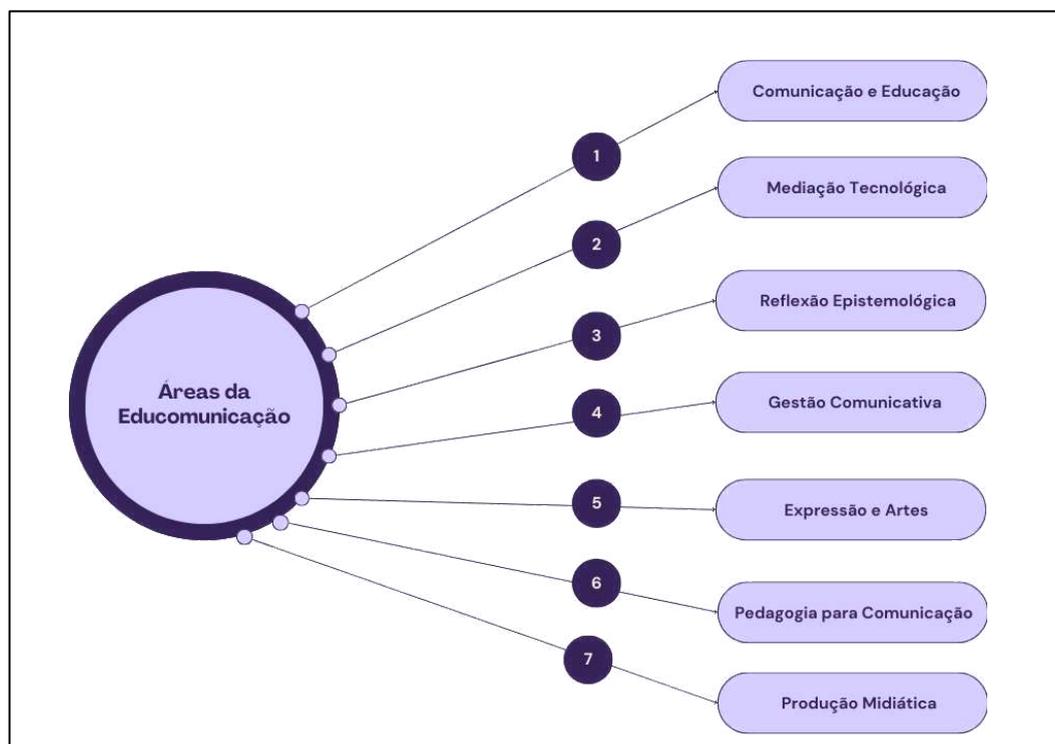
¹⁴ O jornal escolar e suas especificidades serão discutidos mais detalhadamente na seção 3.3 intitulada *Luz, câmera e inter(ação): o jornal escolar*, na qual abordaremos de maneira mais específica as características e relevância do jornal escolar no contexto da educomunicação.

educativas que possam refletir diversas aspirações decoloniais e descolonizadoras. Estas, por sua vez, são mediadas por aqueles que reconhecem a urgência de transformar a vida, permitindo que cada indivíduo exerça o direito de ser autêntico e coexistir de maneira justa e equitativa com seus semelhantes. Estamos atualmente imersos em um contexto caracterizado por demandas urgentes, conforme destacado por Citelli (2020). Essas urgências tornam-se ainda mais proeminentes em sociedades situadas no Sul Global, onde as disparidades e injustiças incidem, de maneira frequente, sobre os mesmos grupos de indivíduos, afetando tanto seus corpos quanto suas mentes.

Com base em referenciais presentes em metodologias que enfocam a aplicação dos princípios e valores da educação, tanto no contexto brasileiro quanto em outros países da América Latina, diversas áreas de intervenção foram sistematizadas dentro desse paradigma. Essas áreas surgiram com o propósito de assegurar que, diante da diversidade de abordagens e perspectivas na educação, algumas práticas teórico-interventivas pudessem ser compreendidas de maneira mais coerente em termos epistemológicos, com uma estrutura organizacional sólida e legitimidade consolidada, configurando-se como possibilidades consistentes de práxis no e com o mundo.

Até a elaboração desta dissertação, a análise de diversas fontes, incluindo publicações compiladas pela Associação Brasileira de Pesquisadores e Profissionais em Educação (ABPEducom), disponíveis em seu site, revela a existência de áreas de intervenção sistematizadas. Essas áreas compreendem:

Figura 01 – Áreas da Educomunicação



Fonte: dados da pesquisa (2022)

A educomunicação desempenha um papel significativo, tendo suas raízes na luta dos movimentos sociais pela conquista da liberdade de expressão, pela reafirmação do direito às diferenças e pelo reconhecimento dos direitos humanos (Soares, 2018, p. 16). Essa origem destaca a importância que esse paradigma atribui à valorização de trajetórias inerentemente abertas ou em desenvolvimento contínuo (Nyamnjoh, 2021). Em contraposição às lógicas coloniais e eurocêntricas, essa abordagem está longe de ser considerada frágil ou desacreditada nos ambientes onde circulam conhecimentos, seja na academia ou em comunidades originárias.

Por essa razão, argumentamos pela importância e urgência da análise dos discursos e estéticas presentes nas narrativas do jornal escolar, as quais são representativas e elucidativas, no mínimo e idealmente, de três áreas de intervenção da educomunicação: "Pedagogia para comunicação", "Produção midiática" e "Mediação tecnológica". Ressaltamos que essa proposta de "radiografia analítica" apresentada está sujeita a alterações a qualquer momento, uma vez que se trata de um paradigma em constante evolução.

Tanto o trabalho com o jornal escolar quanto a práxis educacional são

conduzidos por indivíduos, estejam eles desempenhando papéis de enunciadores ou enunciatários, como educadores ou estudantes. As narrativas que desenvolvemos estão constantemente interligadas por construções embasadas nas noções de alteridade e de dialogismo/dialogicidade, ao aproximar os pensamentos teóricos bakhtinianos e freirianos.

Nesse sentido, quando o jornal escolar se integra à abordagem educ comunicativa, estabelece-se uma relação afetiva, gerada pela troca de experiências, que propicia uma variedade de perspectivas. Surgem olhares entrelaçados pelas histórias, bagagens culturais e leituras de mundo (Freire, 2002 [1997]) durante a produção e recepção de discursos. Ao utilizar o jornal escolar como suporte no ciclo de ensino-aprendizagem, seja em ambientes educativos formais, informais ou não formais, observa-se um desenvolvimento do senso crítico tanto de educadores quanto de estudantes. A instrumentalização e a apropriação das ferramentas e linguagens na construção do imagético contribuem para desmitificar a produção do jornal escolar, promovendo a valorização de indivíduos críticos e também (re)produtores da realidade.

A integração do jornal escolar nos processos de ensino-aprendizagem é uma estratégia valiosa, vinculada à área de intervenção "*Pedagogia para comunicação*". Isso permite, especialmente no âmbito do primeiro tópico abordado (educação para comunicação, na perspectiva da educ comunicação), a ênfase em discussões relacionadas a discursos, formatos, escolhas textuais e estéticas, posicionamentos e à composição da equipe responsável pela produção. Essas reflexões são embasadas em diálogos alinhados aos princípios da práxis educ comunicativa, buscando mitigar uma abordagem ingênua, acrítica e jamais neutra em relação ao que é produzido.

No que diz respeito à área de intervenção intitulada "*Produção midiática*", convoca-se a audiência, engajada em um processo alteritário e dialógico com as narrativas presentes nos jornais escolares, a desenvolver competências de leitura crítica das mídias acessadas. Nesse contexto, destaca-se a importância de discutir a história do jornal escolar, explorando os recursos específicos dessa práxis e suas linguagens. Este percurso didático-pedagógico revela-se relevante para promover o desenvolvimento, junto à comunidade leitora dos jornais escolares, de uma cultura midiática e aprimoramento da leitura crítica dos meios de comunicação aos quais estão conectados. Entretanto, ressaltamos que nenhuma das áreas de intervenção

está rigidamente vinculada ao uso do jornal escolar como única possibilidade para aplicação das concepções e valores da educomunicação.

No âmbito da área de intervenção "*Mediação tecnológica*", possivelmente uma das áreas mais intrinsecamente vinculadas ao cerne da praxis educacional, a utilização de jornais escolares como dispositivo educacional gerador de ecossistema comunicativo de ensino-aprendizagem para a cidadania revela-se uma estratégia impactante. Ao entrar em contato consigo mesmo/a ou com outras culturas por meio dos jornais escolares, surgem diversas perspectivas e olhares adicionais que têm o potencial de contribuir para o desenvolvimento da cidadania midiática daqueles que dialogam com as narrativas jornalísticas em questão. Trata-se de um convite para humanizar o que é inerentemente e teoricamente humano, através dos discursos apresentados nas páginas.

Além da análise crítica da mídia, destaca-se especialmente a administração dos processos comunicativos, considerando propostas de autogestão no uso de tecnologias para promover a construção do aprendizado relacionado às práticas cidadãs (Soares, 2018, p. 16).

O quarto e último tópico da área de intervenção "educação para a comunicação" em nossa dissertação aborda a "educação para a comunicação: estudos de recepção e formação profissional". Nesse contexto, há uma estreita conexão com o campo europeu conhecido como "Mídia-Educação" ou ainda "*Media Literacy*" - mais comum e utilizado na América do Norte. Apesar das afinidades com a praxis educacional, existem, ao mesmo tempo, distanciamentos históricos, especialmente no que se refere aos objetivos defendidos pela educação, comprometida com as transformações sociais das camadas subalternizadas e em diálogo com demandas e utopias do Sul Global, reforçando a afirmação de sujeitos/as sociais.

Mesmo diante de um eventual cenário adverso no futuro, originado por um possível monopólio na produção editorial para a educação, a prática mídia-educativa já demonstrou ter a capacidade de assegurar, por meio de seus projetos multidisciplinares, o exercício fundamental da autonomia, diversidade e protagonismo dos sujeitos sociais. Isso inclui professores, alunos e membros da comunidade escolar de forma conjunta. (Soares, 2018, p. 15).

Portanto, dentro deste último tópico, é crucial destacar a necessidade de não apenas instituir processos de recepção que visem promover a autonomia, mas também a diversidade e o protagonismo de todas as pessoas envolvidas. Além

disso, é fundamental impulsionar a constante promoção de formação profissional, especialmente a formação docente, quando jornais escolares são incorporados nas escolas e orientados por educadores/as. Essa abordagem é uma estratégia vital para que os educadores/as se sintam melhor preparados/as e seguros/as ao apresentar notícias (reportagens ou artigos) e/ou informações aos estudantes ou a outros membros da comunidade escolar, como responsáveis pelos/as estudantes, familiares, funcionários/as das escolas e até mesmo moradores/as do entorno.

Atuar como mediador/a na produção do jornal escolar, quer seja na posição enunciatório/a ou na posição de enunciatário/a, é essencialmente estabelecer diálogos sobre o conteúdo compartilhado. Isso inclui discussões não apenas sobre o que está sendo comunicado, mas também sobre as divergências em relação aos produtores das narrativas e em contraposição àqueles que leem ou consomem as produções do jornal escolar.

Esse processo é permeado por crenças e valores da práxis educacional, que, por sua vez, se baseia na coletividade - distintamente alteritária e dialógica - para implementar demandas formais e formativas dos currículos, permitindo que qualquer pessoa com a oportunidade de educar e ser educada - dentro e fora das escolas - o faça sob os pilares de uma perspectiva libertadora (Freire, 2019 [1967]).

No entanto, em todo processo mediado, emerge uma certa tensão dialógica originada da interação entre discursos e silêncios (Orlandi, 2013), onde se evidencia seu caráter inacabado. Destaca-se o movimento constitutivo do dialogismo como a anteposição da palavra e da contra-palavra (Volóchinov, 2017 [1929]) do enunciatório. Essa configuração também está presente na práxis educacional.

Assim, a prática educacional engloba tanto uma intencionalidade quanto uma metodologia de ação que se fundamenta no princípio dialógico, orientando a criação de *ecossistemas educacionais* que são, por sua vez, notavelmente inclusivos e democráticos (Mungioli; Viana; Ramos, 2017, p. 219).

Nesse contexto, a orientação metodológica proposta por Xavier (2023) ressalta a importância de direcionar a educação para a formação de um *ecossistema comunicativo de aprendizes*. Isso implica adotar uma abordagem didática que envolve o/a estudante em uma dinâmica de audiência participativa, integrada a um ambiente de aprendizado que concede ao educando a oportunidade de desempenhar um papel ativo no processo educativo. Este ambiente é concebido como um "espaço de fluxos", onde informações convergem em uma rede que

conecta indivíduos e perspectivas. Ainda, para o autor,

um ecossistema comunicativo corresponde à construção de um espaço socialmente constituído capaz de proporcionar vivências, capaz de oferecer aos sujeitos envolvidos no processo experiências de linguagens que, a partir de protocolos e/ou etiquetas de convivência, permitem trocas de conhecimentos, diálogos e relações dialógicas. (Xavier, 2023, p. 54).

No âmbito do ensino-aprendizagem, a compreensão do jornal escolar como um ecossistema comunicativo revela-se como uma influência formativa que abre possibilidades para abordagens pedagógicas alternativas, possibilitando que professores e estudantes explorem um universo de interações, ampliando significados e contribuindo para a construção de conhecimentos.

Continuando a análise do uso do jornal escolar como parte das *estratégias educacionais*, visando estabelecer ecossistemas comunicativos inclusivos, abertos e democráticos como condição singular para a práxis educacional, destaca-se uma área de intervenção adequada para conduzir essa abordagem metodológica. Essa área é a "expressão comunicativa por meio da Arte". Sem a intenção de aprofundar e consolidar as discussões historicamente conduzidas por diversos pesquisadores/as-educadores/as, reafirmamos conhecimentos e narrativas que dão vida a pensamentos, conforme esta reflexão a seguir:

O jornal escolar, concebido como aparato simbólico e material, pode ser considerado um produto cultural utilizado dentro da sala de aula como conteúdo para problematizar (não necessariamente ilustrar). O diálogo do jornal escolar com o currículo escolar pode resvalar no criticado "uso ilustrativo" do jornal escolar, ou seja, utilizar a obra de arte de maneira didatizada ou como suporte secundário do livro didático. (Mogadouro, 2011, p. 10).

Participantes ativos na condução da práxis educacional, os jornais escolares, quando incorporados em processos de mediação por meio da arte, são percebidos como manifestações artísticas. Entretanto, é importante ressaltar que essa abordagem "centra-se no termo expressão e vê a arte como uma ferramenta do processo, não capturando plenamente a profundidade que a arte pode proporcionar em termos de experiência do mundo" (Silva, 2016, p.45).

Desse modo, os *ecossistemas comunicativos* são novamente potencializados, por meio do jornal escolar, uma vez que produtores/as dos jornais estão, colaborativamente, construindo e reconstruindo a si mesmos/as durante a leitura

crítica ou até mesmo a produção jornalística de narrativas autorais, mesmo quando realizada por estudantes. Esperamos que o encontro entre as práticas jornalísticas e educacionais propicie um chamado coletivo a outros mundos possíveis, quiçá até mesmo outras formas de ser e de estar no mundo.

3.3 LUZ, CÂMERA E INTER(AÇÃO): O JORNAL ESCOLAR

O conceito de *Educomunicação* foi introduzido pelo filósofo da educação argentino Mario Kaplún na década de 1970, marcando um ponto inicial. Kaplún, sob a influência dos pensamentos de Paulo Freire, demonstrou interesse nessa área como um meio de integrar dois campos que, até então, eram vistos como pouco interconectados ou quase desprovidos de atividades conjuntas, enfatizando a necessidade de preparar os/as estudantes para a vida social, incluindo aspectos como afetividade, percepções, sentidos, crítica e criatividade.

É relevante destacar que o jornal escolar emerge como um espaço dinâmico no contexto da Educomunicação. Através do jornal escolar, os estudantes têm a oportunidade não apenas de consumir informações, mas também de participar ativamente do processo de produção de conteúdo, desenvolvendo habilidades comunicativas e promovendo a expressão de suas ideias. Essa abordagem não só fomenta o envolvimento dos/as estudantes, mas também contribui para a construção de uma comunidade escolar mais participativa e informada.

Nesse contexto mais amplo de descolonização, a Educomunicação surge como uma abordagem intrinsecamente ligada à Comunicação Social e à Pedagogia. Esta concepção engloba não apenas o uso de mídias em sala de aula, mas estende-se para além dos limites da educação formal, abraçando também as esferas da educação não formal e informal. Ao considerar as novas formas de produção do conhecimento através das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs), percebe-se que a Educomunicação é relevante para a expansão das possibilidades de interação e aprendizado.

Ao inserir o jornal escolar nesse contexto, a abordagem prática interventiva oferecida pelas áreas da Educomunicação ganha ainda mais relevância. Essa integração proporciona não apenas uma base inicial para a prática docente, mas também se revela como um elemento crucial na descolonização do trabalho de ensino-aprendizagem. O tripé formativo, composto pela *educação formal, não formal*

e *informal*, emerge como um facilitador da dialogicidade entre as experiências formativas dos sujeitos e o mundo em construção, conforme preconizado por Freire (2002 [1997]). Este entendimento reforça a importância de abraçar, de maneira holística, os diferentes contextos formativos, construindo uma prática educativa que seja não apenas mais ampla e inclusiva, mas também conscientemente decolonizada, em consonância com as reflexões sobre educação crítica e emancipatória presentes nas discussões de hooks (2017), Oliveira e Candau (2010).

No entanto, definir ou delimitar rigidamente a área de atuação desse campo de estudo é uma tarefa desafiadora. Kenski (2008, p. 3) ressalta que quanto mais ampliamos o sentido dos termos "educação" e "comunicação", mais compreendemos a estreita relação entre eles. Baccega (2004, p. 384) complementa, destacando a complexidade do campo da comunicação e da educação, mencionando desafios contemporâneos como mediações, criticidade, informação e conhecimento, circulação das formas simbólicas, ressignificação da escola e do papel do professor.

Nesse contexto multifacetado, a busca pela criticidade é um dos objetivos centrais da Educomunicação. Ismar de Oliveira Soares (2002), professor da USP e renomado pesquisador no assunto, destaca que a UNESCO patrocina pesquisas, publicações e eventos sobre o tema, promovendo uma postura construtivista que incentiva crianças e jovens a desenvolverem uma análise crítica dos meios de comunicação. A integração do jornal escolar nesse processo assume um papel significativo, oferecendo aos estudantes a oportunidade de se tornarem não apenas consumidores, mas também produtores de informação, contribuindo assim para o desenvolvimento da sua visão crítica e habilidades comunicativas.

Ao proporcionar um espaço para que os estudantes expressem suas opiniões, investiguem e relatem notícias relevantes à comunidade escolar, o jornal escolar se torna um veículo dinâmico de educomunicação. Essa prática não apenas fortalece a criticidade dos/as estudantes, mas também fomenta a participação ativa na construção do conhecimento, transformando o jornal escolar em uma plataforma para o desenvolvimento de uma visão crítica e reflexiva sobre questões educacionais e sociais. Neste contexto, esse *ecossistema comunicativo* emerge como parte relevante para a concretização desses objetivos.

Além disso, outro elemento orientador abrangente no campo da educação/comunicação é a criação de ecossistemas comunicativos, essencialmente, ambientes nos quais ocorra uma interação genuína entre os produtores e

compartilhadores do conhecimento. Dentro do contexto das comunicações acessíveis a estudantes e professores, Sartori (2008, p. 12) expressa a preocupação com o desenvolvimento desses espaços educacionais. Ele descreve uma escola interessada em compreender e participar do "entorno cultural do/a estudante e seus pares de diálogo - colegas, família, mídia - para planejar ações que possibilitem a participação, a construção e a troca de sentidos." Nesse sentido, o jornal escolar se configura como um agente valioso, promovendo a interação ativa no ambiente escolar e contribuindo para a construção de um ambiente de interações discursivas rico e dinâmico.

É crucial ressaltar a relevância do campo da Educomunicação na promoção de uma educação mais libertadora e na formação de indivíduos habilitados para perceber e agir de maneira transformadora na sociedade. Nas palavras de Sartori (2008, p. 12), ao proporcionar *ecossistemas comunicativos* aos educandos, está-se automaticamente oferecendo condições para que possam se expressar de forma autônoma, "pronunciando o mundo de modo significativo, participativo e transformador, como cidadãos". Neste contexto, o jornal escolar emerge como um componente essencial desse ecossistema, oferecendo um espaço específico para que os/as estudantes exerçam sua expressão autônoma, participando ativamente da construção de conhecimento, troca de ideias e reflexão crítica sobre questões relevantes para a comunidade escolar e além.

Reconhecendo a diversidade das áreas de atuação da Educomunicação, podemos afirmar que o jornal escolar possui fundamentos pertinentes que o situam, apropriadamente, no campo de estudo e na prática educacional. O jornal escolar, dentro do processo educativo, tende a ampliar constantemente o horizonte do/a estudante, visando o amplo espaço da cidadania, que tem como premissa melhorar a qualidade de vida, reduzir a exclusão social, garantir a democracia e, acima de tudo, formar cidadãos.

Nesse contexto, a escrita de gêneros jornalísticos no jornal escolar desempenha um papel significativo. A produção de notícias, reportagens, entrevistas e outros formatos característicos do jornalismo não apenas proporciona aos estudantes uma experiência prática na comunicação, mas também os envolve em processos críticos de pesquisa, análise e síntese. Ao incorporar a escrita de gêneros jornalísticos, o jornal escolar não só fortalece as habilidades de comunicação dos estudantes, mas também contribui para a formação de uma consciência cívica e

para o desenvolvimento de uma visão crítica da sociedade.

Conforme mencionado anteriormente acerca do significado dos termos "ecossistemas comunicativos", esses representam, segundo Soares (2002), os espaços educativos, sejam eles presenciais ou virtuais, que visam aprimorar o coeficiente educativo das ações comunicativas.

Metzker (2008, p. 4), ao referenciar Soares, reitera a importância de promover e manter esses ecossistemas comunicativos, argumentando a necessidade de "abolir as formas autoritárias de comunicação". Além disso, essa promoção de ambientes só se torna eficaz quando alcança o objetivo principal da Educomunicação, que, segundo a análise de Rodrigues (2001, p. 3), consiste em problematizar tanto o campo comunicacional quanto o educacional, transformando-o em "um campo de mediações, de interdiscursividade".

A inclusão da escrita de gêneros jornalísticos no jornal escolar, nesse contexto, amplia a gama de experiências comunicativas dos estudantes, fomentando não apenas a leitura e a escrita, mas também a reflexão crítica sobre os meios de comunicação e o papel da informação na sociedade contemporânea.

Portanto, ao introduzir o jornal escolar na sala de aula, não se cria apenas mais uma atividade limitada aos papéis tradicionais de professores e estudantes como figuras imutáveis e inflexíveis. Pelo contrário, o jornal como lugar propiciador de interações discursivas diversas possibilita o desenvolvimento de canais múltiplos de comunicação, representando verdadeiramente a *práxis* de um ecossistema comunicativo e diversificado.

É relevante ressaltar que as reflexões sobre educomunicação transcendem as considerações mencionadas anteriormente, conforme destacado por Schaun (2000, p. 82). Trata-se, segundo a autora, de uma "ação política que se caracteriza por intervenções políticas e sociais fundamentadas na experiência e formação crítica dos processos históricos". Essa atuação abrange não apenas o contexto do ensino formal, mas estende-se para o âmbito do ensino não formal, empresas, meios de comunicação, movimentos populares e organizações não governamentais.

O propósito central de formar estudantes críticos é essencial para contribuir para a formação de cidadãos que sejam igualmente "críticos, participativos e inseridos no meio social" (Schaun, 2000, p. 82). Em uma sociedade saturada por informações de diversas fontes, a capacidade de discernir e se proteger desse influxo de dados torna-se uma habilidade crucial, especialmente para os jovens em

formação.

Nossa compreensão teórica sobre o processo de acesso à informação também se baseiam na *teoria das mediações* desenvolvida por Jesus Martin Barbero (1997). De acordo com essa perspectiva, a cultura, as instituições como a escola e a família, assim como a história de vida do sujeito e seu contexto, desempenham papéis fundamentais como instâncias mediadoras no processo de recepção das mensagens.

Nesse contexto, a escola assume uma posição crucial na maneira como os jovens recebem as informações veiculadas pela mídia. Ao considerar a escola como uma instância mediadora, a *educomunicação* se destaca como uma abordagem adequada para promover a formação não apenas de produtores, mas indivíduos mais críticos.

Contudo, há uma dualidade na perspectiva da educomunicação, conforme apontado por Braga e Calazans (2001). Apesar de os/as estudantes serem mais críticos e não considerados passivos, a interatividade ainda é questionada, especialmente em relação à televisão e ao jornal. A *não interatividade* torna-se uma área de foco para a educomunicação, que busca não apenas auxiliar na formação e transformação de sujeitos críticos e cidadãos participativos.

Nesse contexto, a criação de veículos de comunicação na/da/para escola, como rádio, jornal ou televisão, representa uma fuga das limitações da *mídia não interativa*. Esses veículos proporcionam um espaço para que todos os envolvidos expressem suas opiniões, discutam temas relevantes e considerem as perspectivas da comunidade escolar.

Com isso, o jornal escolar tem sido objeto de considerável reflexão devido à sua potencialidade. Além de auxiliar no aprendizado de linguagem, tornou-se um meio para estudantes expressarem suas vozes entre colegas e professores, abordando temas, muitas vezes, negligenciados pela *mídia convencional*. Sua finalidade, portanto, vai além do estímulo à leitura e à escrita, podendo atuar como um instrumento que potencializa o diálogo e contribui para o desenvolvimento de habilidades políticas, como salientado por Nogueira (2009, p. 45): “O jornal permite que o controle seja descentralizado, que cada estudante seja um transmissor em potencial, além de possibilitar *feedback* constante e produção coletiva. Isto resulta num processo de aprendizagem política”.

Isso implica que as atividades relacionadas aos meios de comunicação devem

ser concebidas de maneira a estimular a reflexão nos educandos, indo além da mera oferta de informações que, de outra forma, não encontrariam espaço no ambiente escolar. Os estudantes, ao utilizar as interfaces midiáticas, não apenas as empregam, mas também são instigados a refletir sobre o papel desses meios na sociedade, buscando desenvolver uma postura crítica e amadurecida para consumir seus produtos.

Contudo, é possível criticar tal atividade se a enxergarmos apenas como um meio de ensino. Ijuim (2000, p.32) apresenta uma perspectiva singular sobre o tema. Segundo ele, o jornal não deve ser apenas um espaço no qual os/as estudantes publicam seus textos ou exercitam suas habilidades narrativas. Deveria ser, na verdade, um "canal de expressão de pensamento e opiniões dos pequenos seres que crescem, de verbalização de sua observação e reflexão de mundo". Ijuim dedicou duas dissertações e uma tese (2002) ao tema, sempre associando o jornal escolar à capacidade de gerar experiências humanas, humanizando a escola e as interações entre seus participantes. Em sua visão, a forma final do produto - seja ela bonita, feia, grande ou pequena - é de pouca importância diante do processo de desenvolvimento e reflexão sobre o veículo. Ele argumenta que é nesse contexto que se constrói o aprendizado.

Sendo assim, o jornal escolar nesta dissertação é entendido não apenas como um meio didático para adquirir conhecimentos, especialmente científicos. Propomo-nos a ampliar a compreensão desse veículo, corroborando os pressupostos de Ijuim (2002, p. 46), "para além do seu caráter utilitário" considerando-o um "instrumento complexo que promove o exercício e a incorporação de posturas – atitudes, valores, uma polaridade de espírito que o siga por toda a vida".

Neste contexto, nossa dissertação de mestrado propôs uma aproximação do jornal escolar com o pensamento de Paulo Freire, visto que o autor destaca a persistência do monopólio dos meios de comunicação como uma questão ainda insolúvel. Diante desse cenário, surge a indagação sobre como os educandos, além de compreenderem esse fato, podem transformar-se em produtores de informação. A preocupação central é assegurar que esses/as estudantes desenvolvam uma perspectiva de mundo distinta daquela amplamente difundida pela mídia tradicional buscando elucidar caminhos que promovam não apenas a compreensão, mas também a construção de narrativas alternativas e reflexivas.

3.4 POR UMA *PEDAGOGIA CRÍTICA* DA ESCRITA NO CONTEXTO DO ENSINO LINGUAGEM

A crítica à *educação bancária* é um dos pilares fundamentais nas obras de Freire. Esta abordagem, opressora por natureza, encara o estudante como um mero recipiente passivo de conhecimento. Nesse cenário de opressão, o educando se resigna a memorizar informações que frequentemente são desvinculadas de sua realidade cotidiana, carecendo, muitas vezes, de relevância fora do contexto escolar. Em contrapartida, a *educação problematizadora* valoriza o diálogo entre os saberes e promove o respeito entre os indivíduos. Educador e educando aprendem conjuntamente a interpretar o mundo, e o conhecimento em foco está intrinsecamente relacionado à vida dos/as estudantes.

Freire (1981 [1975]) identifica, entre as características da teoria da *ação antidualógica*, a invasão cultural, na qual os invadidos, privados da oportunidade de expressar sua voz, passam a absorver a palavra dos “invasores” como se fosse a única salvação. Nesse contexto, o jornal escolar surge como uma possibilidade e um espaço significativo no qual os educandos, independentemente de sua faixa etária, podem dar voz e manifestar sua visão de mundo. Os “invadidos” conquistam a oportunidade de se tornarem detentores da palavra, sem, contudo, ocuparem a posição de invasores. Como destacado por Ijuim (2000), esse cenário proporciona a abertura de espaço para ouvir as perspectivas alheias, promovendo, assim, um ambiente de diálogo e construção coletiva por meio da escrita.

[...] o jornal escolar deixará de estar restrito às notícias e de servir apenas de boletim pelo qual os alunos exercitam melhor técnica narrativa; será, isto sim, canal de expressão de pensamento e opiniões, de verbalização de sua observação e reflexão de mundo. (Ijuim, 2000, p. 5).

Consoante a essa perspectiva, a escrita de gêneros jornalísticos em perspectiva decolonial emerge como uma oportunidade de desafiar estruturas hegemônicas, visto que ao incorporar a pedagogia crítica da escrita no contexto do ensino de linguagem, o/a estudante é incentivado não apenas a relatar fatos, mas a questionar, analisar e interpretar criticamente as informações que está compartilhando. Ao redigir uma matéria sobre Ciência e Tecnologia, por exemplo, o educando provavelmente desenvolverá uma visão distinta daquela imposta pela

grande mídia, percebendo que nem sempre o que lhe é apresentado deve ser aceito como uma verdade inquestionável. Isso não apenas amplia a compreensão do estudante sobre os temas abordados, mas também possibilita ultrapassar a crença disseminada de que o jornalismo reflete a realidade de forma absoluta, fomentando uma abordagem crítica e reflexiva por meio da escrita.

Além disso, essa atividade pode contribuir para superar a contradição previamente destacada entre o monopólio dos veículos de massa e a democratização dos meios. Ao compreender que pode atuar como produtor de informação, o/a estudante perceberá que não está restrito/a à dependência da grande mídia para se informar e que tem a capacidade de criar conteúdos para sua localidade ou comunidade. Isso exemplifica o que Freire denomina de “ato-limite”, emergindo após a percepção de uma “situação limite”. (Freire, 1981 [1975]).

Neste contexto, o ato-limite consiste na compreensão de que é viável agir diante do monopólio das grandes empresas de comunicação, enquanto a situação-limite reside na existência desse monopólio. O jornal escolar, ao envolver os educandos na rotina jornalística e seus desafios, pode orientá-los a compreender que diversos fatores externos à mídia influenciam a configuração das notícias, como pressões comerciais e editoriais, entre outros. Ao adotar uma perspectiva mais crítica em relação aos meios de comunicação e ao se tornarem produtores de informação, os educandos podem assumir um papel mais ativo como protagonistas sociais.

Essa perspectiva representa mais uma dimensão dos objetivos da educomunicação, alinhada à pedagogia crítica da escrita no contexto do ensino de linguagem. Ao abordar de maneira crítica os meios de comunicação, promove-se uma compreensão mais profunda da realidade, abrindo espaço para que os próprios educandos, seja em colaboração com os educadores ou de maneira autônoma, se tornem agentes ativos na disseminação de informações. Assim, temas frequentemente negligenciados pela grande mídia podem ser explorados de maneira mais aprofundada em jornais locais, de comunidade ou vinculados a instituições religiosas, permitindo uma abordagem mais inclusiva e reflexiva na produção e compartilhamento de conhecimento.

Como uma prática educomunicativa, torna-se inevitável que o jornal escolar, integrando a perspectiva da pedagogia crítica da escrita no contexto do ensino de linguagem, direcione sua atenção para a formação de um ecossistema aberto e

dialógico. A construção do produto final não apenas resulta de conversas e discussões, mas também incorpora a habilidade dos educandos em expressar suas visões de maneira crítica e reflexiva por meio da escrita. Este processo permite que o jornal escolar não apenas reflita a identidade da escola, mas também aborde temas genuinamente relevantes para os leitores, contribuindo não apenas para a assimilação de conteúdos disciplinares, mas também para a humanização e desenvolvimento de uma postura crítica em relação à mídia.

Outro aspecto abordado por Freire e incorporado pelo jornal escolar é a interdisciplinaridade. Não se restringe à/ao professora/professor de linguagem a tarefa de transformar os jovens em repórteres do veículo. Todos os educadores têm espaço no projeto, podendo sugerir pautas (temas a serem abordados) e promover a integração com seus colegas. Em um artigo sobre o aquecimento global, por exemplo, é possível envolver disciplinas como História, Geografia, Biologia, Física, Química, entre outras. Além da oportunidade de estabelecer um diálogo entre conhecimentos, o jornal escolar pode servir como ferramenta didática interdisciplinar para os educadores. Dessa maneira, os próprios educandos se tornam autores dos textos, proporcionando uma compreensão mais profunda de diversas disciplinas.

Diante dos desafios intrínsecos à prática da escrita, torna-se crucial promover essa habilidade por meio de iniciativas que possibilita os/as estudantes a se envolverem de maneira crítica. Nessa perspectiva, a promoção da escrita vai além da mera aquisição técnica, sendo entendida como um meio de empoderamento para a expressão de vozes historicamente marginalizadas.

A capacidade de escrever, sob a ótica de uma pedagogia crítica para o ensino de linguagem, não se restringe ao ambiente escolar, estendendo-se a todas os campos do conhecimento. Essa habilidade se transforma em um dispositivo essencial para desafiar narrativas hegemônicas e construir discursos próprios que reflitam as experiências e saberes locais. Adotando essa abordagem, a escrita deixa de ser apenas um instrumento de assimilação cultural, tornando-se uma prática emancipatória que promove a diversidade linguística e a expressão autêntica de identidades subalternizadas. Dessa forma, o ensino de linguagem se configura como um espaço de resistência e afirmação das múltiplas formas de linguagem, alinhado aos princípios decoloniais que visam descolonizar o conhecimento e valorizar as epistemologias não-ocidentais.

Na perspectiva da Filosofia da Linguagem, a construção de enunciados,

sejam orais ou escritos, decorre do processo interacional-linguístico-discursivo intrínseco à natureza social, dinâmica e constitutiva da linguagem. Integrando a pedagogia crítica da escrita, compreendemos que os enunciados nunca estão verdadeiramente concluídos; ao contrário, estão sujeitos a intervenções, modificações e ressignificações, moldadas pela intenção e uso dos indivíduos que têm acesso a eles.

Seguindo a ideia de Volóchinov (2017 [1929]), a língua está em constante formação, e os enunciados são construções linguísticas em evolução na interação discursiva, destacando a importância de desenvolver a escrita como uma prática contínua e reflexiva.

A natureza constitutiva da linguagem, marcada por sua formação e mudanças, acompanha a realidade humana, cultural e histórica, desempenhando um papel fundamental na formação do indivíduo. Compreender e utilizar a linguagem na modalidade escrita é crucial para registrar e compreender eventos da vida. Segundo Perrotti (1990), mesmo diante das transformações tecnológicas e diversidade de linguagens, o conhecimento depende da escrita, pois desempenha um papel central na construção, perpetuação e difusão do conhecimento científico, cultural e artístico. Geraldi (2015) complementa, destacando que o processo de fixação de valores acontece por meio de discursos materializados nos textos, essenciais para compreender o mundo, as pessoas e suas ações.

Destarte, a escola assume a responsabilidade crucial de propiciar condições para o desenvolvimento das habilidades de escrita, não apenas na sua dimensão técnica, mas, sobretudo, como um processo intrinsecamente crítico. Essa abordagem está alinhada aos princípios da Teoria Dialógica da Linguagem, que valoriza a construção de enunciados verbais e não verbais em contextos interacionais e dialógicos, sublinhando a importância de uma perspectiva crítica no ensino de linguagem. Enunciados concebidos sob essa ótica oferecem um vasto horizonte de possibilidades para aprender, expressar, interagir e viver em sociedade. Todos os indivíduos têm o direito à expressão e ao desenvolvimento intelectual, princípios fundamentais que permeiam uma abordagem pedagógica centrada na emancipação dos sujeitos.

A relevância da linguagem também é enfatizada por Colello (2012), que destaca como a escrita, ao transcender limitações temporais e espaciais, inegavelmente amplia os horizontes da existência humana. Nesse sentido, a

presente dissertação, ao incorporar uma pedagogia crítica da escrita, busca enriquecer essa discussão, contribuindo para o aprimoramento do ensino de linguagem.

Com este entendimento como pano de fundo, adentramos agora na parte metodológica da dissertação, explorando os caminhos que guiarão a investigação sobre a implementação efetiva dessa pedagogia crítica da escrita no contexto do ensino de linguagem.

4 TRILHAS METODOLÓGICAS DA PESQUISA

Uma das minhas preocupações constantes é o compreender como é que outra gente existe, como é que há almas que não sejam a minha, consciências estranhas à minha consciência que, por ser consciência, me parece ser a única.

(Fernando Pessoa)¹⁵

O estudo está estruturado com base na Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) que considera a necessidade do/a pesquisador/a partir de posturas dinâmica e dialógica, considerando como enunciados vivos os fenômenos da linguagem. Outrossim, compreender os sujeitos a partir das relações que estabelecem com o outro é base central da análise dialógica.

Nessa perspectiva, a proposta da presente dissertação esteve pautada em analisar os textos produzidos por estudantes de turmas do Ensino Médio Profissionalizante em uma instituição pública federal no Sertão da Paraíba. O trabalho, ao almejar suscitar as relações entre a prática social e as produções do jornal escolar impresso, constitui uma pesquisa interventiva e colaborativa junto aos sujeitos do estudo.

No intento de responder qual o impacto formativo escritor a partir da construção de um jornal escolar que se configure como uma mídia elaborada por estudantes do Ensino Médio Profissionalizante, e por meio da análise das práticas sociais dos/as estudantes implicados na pesquisa no tocante à escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação discursiva do jornalismo, a presente pesquisa teve os objetivos específicos de situar as práticas sociais de escrita demonstradas pelos estudantes implicados nesta investigação; descrever o processo de concepção, produção e circulação de um jornal escolar empreendido na proposta metodológica da pesquisa; e investigar o impacto formativo dos/as estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo e de temas decoloniais.

Neste momento, abordamos uma discussão abrangente acerca dos aspectos inerentes à natureza da pesquisa, suas principais características e composição do locus e sujeitos colaboradores do estudo. Além disso, exploramos a pesquisa-ação

¹⁵ PESSOA, Fernando. *Livro do desassossego*: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa. 2. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 2003. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=%20co_obra=24204 Acesso em: 02 de Abr. 2024.

de abordagem qualitativa, um método que desempenha um papel fundamental em nossa investigação.

No contexto deste capítulo, examinamos em detalhes o campo de estudo e os participantes da pesquisa, fornecendo uma visão aprofundada sobre como esses elementos se interrelacionam para moldar nosso entendimento do tópico em questão.

Adicionalmente, dedicamos um espaço considerável à construção do corpus, destacando as técnicas de pesquisa que empregamos para gerar dados robustos e representativos. Além disso, abordamos as técnicas de análise de dados que utilizamos ao longo de nossa pesquisa, que desempenham um papel crucial na interpretação e compreensão dos resultados.

Portanto, ao longo deste capítulo, exploramos os seguintes tópicos em profundidade: a pesquisa-ação; a pesquisa-ação como uma abordagem qualitativa, o campo de estudo e os participantes da pesquisa, bem como a construção do corpus, incluindo as técnicas de pesquisa e análise de dados que são essenciais para o desenvolvimento deste estudo.

4.1 A PESQUISA-AÇÃO

No que compete à tipologia da presente pesquisa, compreendemos que esta se filia ao conceito de pesquisa-ação, na medida em que segundo o sociólogo Michel Thiollent, a pesquisa-ação é definida como:

um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (Thiollent, 2011, p. 20).

Nessa perspectiva, o estudo propõe o trabalho em torno de uma ação e planejamento colaborativo, que envolva a participação de pesquisados e pesquisadores em prol de uma intervenção mediante o objeto investigado (Thiollent, 1987).

Ademais, o estudo possibilita uma abordagem profundamente colaborativa, centrada no envolvimento ativo e comprometido tanto dos pesquisados quanto dos pesquisadores. Isso se alinha com a concepção de Thiollent (1987) de uma pesquisa-ação que transcende a mera observação passiva e busca uma intervenção

significativa no objeto de investigação. Através desse engajamento conjunto, buscamos não apenas compreender e analisar o fenômeno em estudo, mas também contribuir de maneira eficaz para a melhoria ou transformação das situações investigadas, promovendo uma verdadeira interação entre teoria e prática. Assim

1) a abordagem colaborativa supõe um processo de co-construção entre os parceiros envolvidos; 2) joga simultaneamente sobre dois registros, que é o da produção de conhecimentos e o do desenvolvimento profissional dos docentes; 3) [e] contribui para a aproximação e mediação entre comunidade de pesquisa e escolar. (Desgagné, 2007, p. 7).

Essa abordagem colaborativa e orientada para a ação visou aprofundar nosso entendimento dos problemas ou questões em análise, permitindo que as percepções e conhecimentos dos envolvidos sejam integrados ao processo de pesquisa. Dessa forma, a pesquisa não é apenas um exercício acadêmico distante da realidade, mas sim uma ferramenta dinâmica para promover mudanças e soluções tangíveis. Nesse contexto, a participação ativa de todos os interessados não apenas enriquece a pesquisa, mas também fortalece a capacidade de implementar ações concretas e eficazes baseadas nas descobertas obtidas ao longo do estudo. Entendemos, assim,

[...] que o processo de pesquisa-ação, na complexidade metodológica que lhe configura, exige um período de desenvolvimento diferente das pesquisas convencionais, adepta da prática positivista. Esta é uma condição capaz de possibilitar maior envolvimento entre os sujeitos do grupo de pesquisa, com apropriações e acessos uns aos outros, ao espaço formativo instituído, identificando-se como coparticipantes das construções dos conhecimentos no grupo. (Gonçalves e Compiani, 2021, p. 96).

De acordo com Tripp (2005), a pesquisa-ação é compreendida e concebida como um tipo de investigação-ação, na medida em que requer um processo de oscilação entre o investigar um determinado objeto e o agir sobre ele.

Nessa perspectiva, de acordo com as ideias de Tripp (2005), a pesquisa-ação emerge como uma forma intrinsecamente vinculada à investigação-ação, dado que ela implica em um processo contínuo de alternância entre a investigação de um objeto específico e a ação efetiva sobre esse objeto. Essa dinâmica reflexiva e participativa permite que a pesquisa transcenda o mero ato de observar e compreender o fenômeno estudado, adentrando o domínio da intervenção direta e da transformação ativa.

Dentro desse contexto, a pesquisa-ação não se restringe a um exercício intelectual passivo, mas sim se torna um instrumento poderoso para a mudança e aprimoramento das circunstâncias investigadas. Ao integrar a pesquisa e a ação,

os/as pesquisadores/as não apenas desenvolvem um entendimento mais profundo dos problemas, mas também estão posicionados para tomar medidas eficazes e orientadas para resultados, buscando soluções práticas e significativas. Essa interligação entre investigação e ação amplia o potencial da pesquisa-ação como uma abordagem valiosa para abordar questões complexas e promover um impacto positivo nas áreas de estudo.

A pesquisa-ação para Severino (2007, p. 120),

[...] é aquela que, além de compreender, visa intervir na situação, com vistas a modificá-la. O conhecimento visado articula-se a uma finalidade intencional de alteração da situação pesquisada. Assim, ao mesmo tempo que realiza um diagnóstico e a análise de uma determinada situação, a pesquisa-ação propõe ao conjunto de sujeitos envolvidos mudanças que levem a um aprimoramento das práticas analisadas (Severino, 2007, p. 120).

Para o autor, este é um ciclo que prevê as etapas de planejar, implementar, descrever e avaliar as possíveis mudanças que auxiliam na melhora da prática objeto de estudo de uma determinada pesquisa. Este aprendizado compete tanto a realização da prática, quanto do próprio processo investigativo. Nas palavras de Xavier (2020, p.103), “a pesquisa-ação é uma modalidade de pesquisa que se configura como uma intervenção junto a um determinado grupo social, aproximando-se, profundamente, à natureza da Educomunicação”.

Conforme Severino (2007) destaca, a pesquisa-ação transcende o mero ato de compreender uma situação; ela se compromete com a intervenção direta e intencional para modificar a realidade estudada. O conhecimento buscado nesse contexto está intrinsecamente ligado à finalidade de promover alterações significativas na situação sob investigação. Assim, enquanto realiza um diagnóstico minucioso e uma análise aprofundada de uma dada situação, a pesquisa-ação propõe um conjunto de sujeitos envolvidos a implementação de mudanças que visam aprimorar as práticas sob escrutínio. Para o autor, esse processo segue um ciclo que engloba o planejamento, a implementação, a descrição e a avaliação das potenciais transformações, gerando aprendizado tanto na prática em si quanto no processo de investigação.

Assim como destacado por Xavier (2020, p.103), a pesquisa-ação assume uma configuração especial, pois se caracteriza como uma intervenção direta em um grupo social específico, compartilhando afinidades profundas com a natureza da Educomunicação. Isso realça ainda mais a importância dessa abordagem como uma

ferramenta dinâmica e eficaz para promover a interação entre pesquisa e prática, impulsionando mudanças positivas e gerando conhecimento prático que beneficia tanto os pesquisadores quanto a comunidade envolvida. Portanto, a pesquisa-ação não apenas enriquece o entendimento acadêmico, mas também contribui ativamente para a melhoria das práticas e para o desenvolvimento das pessoas envolvidas no processo.

Ainda nas ideias de Thiollent (2011, p.22-23), o autor chama a atenção para a pesquisa-ação na pesquisa social e suas principais características enquanto estratégia metodológica, que são elas: i) ampla e explícita interação entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada; ii) desta interação resulta a ordem de prioridade dos problemas a serem pesquisados e das soluções a serem encaminhadas sob forma de ação concreta; iii) o objeto de investigação não é constituído pelas pessoas e sim pela situação social e pelos problemas de diferentes naturezas encontrados nesta situação; iv) o objetivo da pesquisa-ação consiste em resolver ou, pelo menos, em esclarecer os problemas da situação observada; v) durante o processo há um acompanhamento das decisões, das ações e de toda a atividade intencional dos atores da situação; vi) a pesquisa não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo): pretende-se aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou o “nível de consciência” das pessoas e grupos considerados.

Nesse íterim, o autor destaca a necessidade de pensarmos acerca dos dois principais objetivos da pesquisa: aquele que detém de características práticas e o que está relacionado ao conhecimento em si. O primeiro objetivo precisa auxiliar em uma compreensão maior sobre o problema de pesquisa, além das possíveis soluções e ações a serem implementadas. Enquanto o segundo objetivo deve possibilitar a busca por informações nos processos de construção do conhecimento (Thiollent, 2011).

Thiollent (2011) destaca de maneira incisiva as principais características da pesquisa-ação como estratégia metodológica na pesquisa social. Essas características delineiam um processo interativo e colaborativo, onde a interação entre pesquisadores e os envolvidos na situação investigada é central. A partir dessa interação, emerge uma hierarquia de prioridade que orienta a seleção dos problemas a serem investigados e das soluções a serem implementadas sob a forma de ação concreta. Importante salientar que, neste contexto, o foco de investigação não

repousa nas pessoas em si, mas sim na situação social e nos diversos problemas que surgem dentro dela. O objetivo primordial da pesquisa-ação é não apenas resolver, mas também esclarecer os problemas identificados na situação observada. Durante todo o processo, há um acompanhamento constante das decisões, ações e atividades intencionais dos atores envolvidos, evitando assim um viés ativista. Além disso, a pesquisa-ação busca elevar tanto o conhecimento dos pesquisadores como o nível de consciência das pessoas e grupos envolvidos, promovendo um ambiente de aprendizado contínuo.

Nesse contexto, Thiollent (2011) destaca a dualidade dos objetivos da pesquisa-ação. O primeiro objetivo concentra-se nas dimensões práticas da pesquisa, visando aprofundar a compreensão dos problemas em estudo e identificar soluções viáveis e eficazes para enfrentá-los. Esse aspecto prático se alinha diretamente com a natureza orientada para a ação da pesquisa-ação. O segundo objetivo, por sua vez, concentra-se na busca por conhecimento intrínseco ao processo de construção do conhecimento. Aqui, a pesquisa-ação não é apenas uma ferramenta para resolver problemas, mas também um meio para explorar e ampliar a base de conhecimento dos pesquisadores e dos participantes envolvidos, promovendo um enriquecimento do entendimento sobre a situação e suas complexidades subjacentes. Essa dualidade de objetivos torna a pesquisa-ação uma abordagem metodológica rica e multifacetada que busca impactar tanto a prática quanto a teoria.

4.2 A PESQUISA AÇÃO DE ABORDAGEM QUALITATIVA

A pesquisa se caracteriza também como pesquisa-ação de abordagem qualitativa, pois diz respeito a “um estudo que não se delimita a dados bibliográficos e é capaz de intervir na realidade” (Rauen, 2002, p. 59). De forma mais específica, o estudo foi possível através da pesquisa - ação, considerando o conhecimento gerado e compartilhado pelos sujeitos da pesquisa e pela pesquisadora.

O autor ressalta a identificação da pesquisa como uma pesquisa participante de abordagem qualitativa, destacando sua característica de não se restringir a dados bibliográficos, mas sim de envolver uma intervenção ativa na realidade estudada. Essa abordagem é valiosa, pois permite uma imersão mais profunda e interativa no contexto de pesquisa, possibilitando uma compreensão mais completa dos

fenômenos em estudo. Além disso, ao mencionar a pesquisa-ação como um meio específico para conduzir o estudo, o texto enfatiza a importância do conhecimento gerado e compartilhado pelos sujeitos da pesquisa, bem como pela pesquisadora. Esse aspecto sublinha a colaboração ativa entre todos os envolvidos no processo de pesquisa, o que é essencial para a construção de um conhecimento mais rico e contextualizado.

A escolha da pesquisa-ação como método específico também ressalta a intenção de não apenas observar passivamente, mas de participar ativamente na realidade em estudo, buscando efetivar mudanças positivas. Essa abordagem é congruente com a ideia de que a pesquisa não deve se limitar a uma atividade acadêmica isolada, mas sim contribuir para o aprimoramento das práticas e para a resolução de problemas reais. Portanto, a pesquisa participante e a pesquisa-ação se combinam para criar uma metodologia engajada e orientada para ação que promete gerar reflexões e impactar diretamente a realidade investigada.

Dessarte, nas palavras de Vergara (2006, p. 49), a “pesquisa-ação é um tipo particular de pesquisa participante e de pesquisa aplicada que supõe intervenção participativa na realidade social. Quanto aos fins é, portanto, intervencionista”.

A autora enfatiza a natureza específica da pesquisa-ação, em que a define como um tipo particular de pesquisa participante e aplicada, caracterizada pela intervenção participativa na realidade social. Essa definição destaca a distinção da pesquisa-ação em relação a outras abordagens de pesquisa, sublinhando sua ênfase na ação direta e no engajamento ativo dos participantes na busca por soluções e melhorias na realidade investigada. Ao se referir à pesquisa-ação como "intervencionista", a autora enfatiza a dimensão prática e aplicada desse método, realçando sua capacidade de gerar resultados tangíveis e impactantes.

A autora sublinha a relevância da pesquisa-ação como uma abordagem que vai além da observação passiva, permitindo que os pesquisadores e participantes desempenhem um papel ativo na transformação das situações sociais sob investigação. Isso a torna uma ferramenta valiosa para aqueles que buscam não apenas entender, mas também contribuir para mudanças efetivas na sociedade. Portanto, a pesquisa-ação se destaca como uma abordagem que combina a pesquisa com a ação, alinhando-se com a necessidade de abordagens interdisciplinares e orientadas para resultados na pesquisa social e aplicada (Vergara, 2006).

Para Demo (2008), a pesquisa - ação é um modo do pesquisador atribuir um caráter mais político ao conhecimento, pois combina investigação social a ação do trabalho educacional, além de trazer à tona a importância política do processo de construção do conhecimento. Nas palavras do autor:

a tônica básica, todavia, do ponto de vista metodológico, é a união entre conhecimento e ação, em primeiro plano, e, mais a fundo, entre conhecimento e ação coletivamente organizada. [...] É patente a filiação educativa, a ideia de superação dos procedimentos tradicionais de conhecimento, a opção crítica e política, a união entre teoria e prática, o envolvimento comunitário. (Demo, 2008, p.101).

A pesquisa ação para o autor, está inserida na pesquisa prática, na medida em que nas palavras de Demo (2000, p.21), a pesquisa “é ligada à práxis, ou seja, á prática histórica em termos de usar conhecimento científico para fins explícitos de intervenção; nesse sentido, não esconde sua ideologia, sem com isso necessariamente perder de vista o rigor metodológico”. Existe na pesquisa ação um fator político que permite refletir sobre a relevância dos processos de investigação que buscam intervir nas diferentes realidades sociais.

Na pesquisa qualitativa,

o professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre os seus problemas profissionais, de forma a melhorar sua prática. O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias (Bortoni-Ricardo, 2008, p. 46).

Portanto, com o intuito de desenvolver estratégias efetivas para uma análise dialógica de uso da linguagem neste trabalho, elaboramos um percurso metodológico de abordagem qualitativa, a partir das orientações de Bodgan e Biklen (1994, p.24), os quais ressaltam que: 1) nesse tipo de intervenção, a descrição é de suma importância; sendo assim, o processo é mais importante do que produtos ou resultados; 2) o ambiente natural de intervenção pedagógica é a fonte direta dos dados; e 3) não existe interesse de confirmação de hipóteses construídas previamente, pois o importante, nesse caso, é a reflexão por meio da indução.

Os autores enfatizam o papel crucial do professor pesquisador na pesquisa qualitativa, destacando que esse profissional não se limita a ser um mero consumidor de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas assume o compromisso de gerar conhecimentos a partir de suas experiências e desafios

profissionais. O que o diferencia dos demais professores é sua disposição para refletir sobre sua própria prática educacional, com o objetivo de aprimorá-la e superar obstáculos. Isso requer uma abertura contínua a novas ideias e estratégias, demonstrando um compromisso constante com o desenvolvimento profissional e a melhoria do ensino.

Essa abordagem valoriza a descrição detalhada e a compreensão do processo em si, enfatizando que o ambiente natural de intervenção pedagógica é a fonte direta dos dados. Em contraste com abordagens quantitativas que muitas vezes se concentram na confirmação de hipóteses pré-estabelecidas, a pesquisa qualitativa permite uma exploração mais ampla e aberta, onde a reflexão por meio da indução desempenha um papel central. Essa metodologia é particularmente adequada para investigar as complexidades do uso da linguagem no contexto educacional e para gerar reflexões para a prática pedagógica.

4.3 O CAMPO E OS PARTICIPANTES DA PESQUISA

A presente pesquisa foi realizada no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – *campus* Itaporanga, localizado no alto sertão do estado, e teve como participantes 15 estudantes matriculados nos primeiros anos das turmas do Ensino Médio Profissionalizante em Informática da referente instituição de ensino, com faixa etária entre 15 e 18 anos de idade, que atuaram integralmente no processo de planejamento, execução e avaliação da elaboração de um jornal escolar impresso.

O IFPB, *campus* Itaporanga, está situado na PB 386, Km 2, S/N, Centro, CEP: 58780-000, no município de Itaporanga, e é mantido pelo Governo Federal, tendo mais de cem anos de existência. A respeito das características do Instituto, destacamos o Plano de Desenvolvimento Institucional - PDI, (2015-2019) que estabelece como missão dos campi no âmbito do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - IFPB:

Ofertar a educação profissional, tecnológica e humanística em todos os seus níveis e modalidades por meio do Ensino, da Pesquisa e da Extensão, na perspectiva de contribuir na formação de cidadãos para atuarem no mundo do trabalho e na construção de uma sociedade inclusiva, justa, sustentável e democrática (IFPB/PDI, 2015, p. 12).

A forma de ingresso aos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio no *campus* de Itaporanga, se dá por meio da realização de processo seletivo, destinado

aos estudantes egressos do Ensino Fundamental ou através de transferência de estudantes oriundos de instituições similares. A seleção para ingresso de estudantes na referida instituição, é realizado a cada ano letivo, de modo a ser efetivada a partir de Edital de Seleção aprovado e executado pela Coordenação Permanente de Concursos Públicos – COMPEC.

A escolha desta instituição decorre do fato de ter sido nosso local de trabalho como professora de Língua Portuguesa de junho de 2022 a abril de 2023, proporcionando um ambiente propício para o desenvolvimento da nossa formação docente. Como pesquisadora, nosso objetivo foi realizar um estudo impactante sobre a temática em colaboração com os estudantes, colaboradores e a comunidade em geral vinculada à instituição. Destacamos, ainda, a importância crucial de conduzir pesquisas descolonizadoras em cidades do alto sertão da Paraíba, com o objetivo de problematizar e questionar as formas arraigadas de opressão relacionadas à linguagem. Essas investigações não apenas procuram revelar as estruturas de poder subjacentes nos discursos dominantes, mas também buscam promover deslocamentos significativos nas concepções tradicionais de discurso, leitura e escrita. Ao priorizar essas regiões historicamente negligenciadas, essas pesquisas se propõem a ampliar as vozes marginalizadas e a desafiar os sistemas de conhecimento e linguagem que perpetuam hierarquias sociais e culturais.

A seleção dos/as estudantes foi orientada pelo fato de estarem matriculados no primeiro ano do Ensino Médio da instituição em questão. O processo de escolha envolveu a socialização e validação de um formulário do Google, no qual solicitamos que os estudantes interessados no projeto demonstrassem seu interesse por meio da leitura da proposta, compreendendo o tema, objetivos e procedimentos metodológicos. Essa abordagem assegurou que os participantes estivessem cientes e alinhados com os propósitos e diretrizes do projeto antes de se envolverem ativamente.

Assim, foi conduzido um grupo focal, uma técnica de pesquisa qualitativa que consiste em realizar discussões em grupo com participantes selecionados. O propósito foi gerar dados sobre suas opiniões, percepções, experiências e atitudes em relação a produção do Jornal Ita¹⁶. Esse grupo foi mediado pela pesquisadora, que orientou a discussão e promoveu a interação entre os/as participantes.

¹⁶ Ita é o codinome escolhido pelos/as estudantes para o jornal produzido nessa pesquisa, que faz alusão ao nome da cidade de Itaporanga.

Desse modo, a população estudada refere-se a um total de 15 estudantes da instituição selecionada, sendo 02 meninos e 13 meninas. Enquanto critérios de inclusão, foi levado em consideração ser estudante matriculado e frequentante das turmas de primeiro ano do IFPB – campus Itaporanga, além da autorização de participação dada pelos pais e pelo próprio adolescente. Entraram nos critérios de exclusão os estudantes não matriculados; os de outras turmas, ou, ainda, aqueles que não atestarem participação junto a autorização dos pais – no caso de menor de idade.

Neste intento, ao longo de toda a pesquisa, foi assegurada a execução de todos os processos éticos¹⁷ necessários para sua realização, tais como assinatura do Termo de Anuência, pela Direção da instituição; o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, pelos pais dos/as estudantes e estudantes maiores de idade; e Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE, pelos estudantes menores de idade.

Nesse sentido, destacamos a importância de garantir que todos os processos éticos necessários sejam cumpridos ao longo do estudo. Isso inclui a obtenção de consentimento livre e esclarecido por parte dos pais dos estudantes e dos próprios estudantes, dependendo de sua idade, além da anuência da direção da instituição. Essas medidas visam assegurar que todos os participantes da pesquisa estejam plenamente informados sobre os objetivos, procedimentos e implicações do estudo, garantindo, assim, que sua participação seja voluntária e informada.

Desse modo, a pesquisa está em consonância com a Resolução Nº 510, de 7 de Abril de 2016, quando nos traz em seu Art. 15 que “o Registro do Consentimento e do Assentimento é o meio pelo qual é explicitado o consentimento livre e esclarecido do participante ou de seu responsável legal, sob a forma escrita, sonora, imagética, ou em outras formas que atendam às características da pesquisa [...]”.

Portanto, ao fazer referência à Resolução Nº 510 de 7 de Abril de 2016, que delinea as diretrizes para o registro do consentimento e do assentimento em pesquisas, destacamos que a pesquisa está alinhada com as normas éticas estabelecidas, enfatizando a seriedade e o compromisso com a integridade e o bem-estar dos participantes. Esse cuidado ético é fundamental para assegurar que a pesquisa seja conduzida de maneira ética e responsável, respeitando os direitos e a

¹⁷ Este projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética sob o parecer consubstanciado 6.102.961, em decisão tomada no dia 06 de junho de 2023.

dignidade de todos os envolvidos.

4.4 A CONSTRUÇÃO DO *CORPUS*: TÉCNICAS DE PESQUISA E DE ANÁLISE DE DADOS

Colaborativamente com os/as estudantes, desenvolvemos um projeto focado no domínio jornalístico, culminando na criação de um jornal escolar impresso. Este veículo proporcionou aos estudantes a oportunidade de expressarem suas inquietações, opiniões e interesses, direcionando a escrita e a criação de conteúdo de forma a se tornar uma fonte de informação crítica no ambiente escolar. A abordagem colaborativa e interventiva permitiu não apenas a produção de um veículo informativo, mas também estimulou uma reflexão mais profunda sobre as diversas possibilidades de uso da linguagem, tanto no contexto escolar quanto além dele.

Essa abordagem ofereceu diversos benefícios educacionais, incluindo a promoção do pensamento crítico, o estímulo à expressão de opiniões e a valorização dos interesses dos estudantes. Ao permitir que suas inquietações e pontos de vista orientem a criação de conteúdo, o jornal escolar se torna uma fonte de informação crítica dentro do ambiente escolar, fomentando a participação ativa dos estudantes na vida escolar.

Além disso, o jornal escolar também serve como um veículo para ampliar a reflexão sobre as diversas possibilidades de uso da linguagem, tanto no contexto escolar quanto fora dele. Essa abordagem interdisciplinar e colaborativa não apenas enriquece a experiência educacional dos estudantes, mas também os forma para se tornarem comunicadores mais eficazes e críticos em uma sociedade cada vez mais orientada pela informação e pela mídia.

Dessa forma, o desenvolvimento do jornal escolar não é apenas uma atividade extracurricular, mas também uma oportunidade valiosa para o aprendizado e o engajamento dos estudantes em sua própria educação e no ambiente escolar como um todo.

[...] o primeiro fundamento de qualquer pesquisa científica – a compreensão crítica da realidade social; segundo, a ideia de que essa realidade, além de ser compreendida, pode ser alterada. Para tanto, é preciso apostar em ações coletivas que promovam rupturas e novas possibilidades de ação; terceiro, para falarmos em rupturas, precisamos trabalhar de forma colaborativa; por último, que esse processo demanda constante reflexão crítica sobre o vivido, um elemento importantíssimo para a produção de novos conhecimentos. (Jesus; Vieira; Effgen, 2014, p. 779).

A presente pesquisa foi dividida em quatro fases: na primeira fase, que se refere ao processo diagnóstico, dedicamo-nos a conhecer a realidade na qual os/as estudantes estão inseridos, visando realizar um diagnóstico comunitário abrangente. Utilizamos diversas ferramentas, como formulários, questionários e observação direta da comunidade. Nosso objetivo era compreender as diversas possibilidades de intervenção. Investigamos os interesses locais, examinamos a existência de outros jornais na região, mapeamos as pautas relevantes para a comunidade e, principalmente, ouvimos as sugestões e expectativas tanto dos/das estudantes quanto da comunidade em geral para entender o que desejavam ver no jornal. Essa abordagem permitiu uma análise abrangente, fornecendo reflexões para a elaboração do jornal de forma contextualizada e alinhada com as necessidades e interesses locais. Sobre essa perspectiva,

a observação é uma técnica para a coleta de dados engendrável a diversas metodologias de pesquisa por oportunizar ao pesquisador o estudo do comportamento e de diferentes aspectos do público estudado, angariando assim, respostas mais fidedignas justamente porque elimina a influência de questões circunstanciais que podem distorcer o levantamento de dados. Na observação, o preparo e o treinamento do observador são cruciais e a presença dele, certamente, influencia no contexto pesquisado; contudo, aquilo que é observado se exhibe em um estado mais “natural” e, mesmo que haja pequenas interferências e mediações, a interatividade é mais restrita, deste modo, o objeto que se observa/pesquisa se apresenta de modo mais fidedigno à realidade, à dinâmica e à conjectura na qual ele está inserido. (Fontana e Rosa, 2021, p. 221).

Na segunda fase, que consistiu na apresentação da proposta, contextualizamos os/as estudantes em relação ao domínio jornalístico, enfatizando a importância do conhecimento crítico diante do jornalismo convencional. Realizamos reuniões quinzenais que incorporaram momentos formativos para os estudantes, abordando o domínio jornalístico, suas especificidades, processos de circulação e outros aspectos relevantes. Essa etapa foi crucial para proporcionar aos participantes uma compreensão mais aprofundada sobre o papel e o impacto do jornalismo, possibilitando uma abordagem das temáticas sociais de forma informada e reflexiva em seu trabalho no jornal escolar.

Na terceira fase, demos início ao processo de produção do jornal escolar, começando pela seleção da equipe e pela distribuição de funções e tarefas para cada indivíduo ou grupo. Essa escolha considerou também as habilidades específicas dos/as estudantes, oportunizando que cada membro desempenhasse

um papel alinhado com suas aptidões. Nesse momento, optamos pela regularidade de publicação e escolhemos a versão impressa devido à demanda da comunidade, visando um impacto mais significativo na região. Essa fase foi essencial para a organização eficiente do trabalho, garantindo a efetividade do jornal escolar.

Os registros dos momentos de mediação e diálogos com os/as estudantes acerca da produção do jornal escolar foram realizados através de anotações no diário de campo. Para Araújo et al. (2013):

[...], o diário tem sido empregado como modo de apresentação, descrição e ordenação das vivências e narrativas dos sujeitos do estudo e como um esforço para compreendê-las. [...]. O diário também é utilizado para retratar os procedimentos de análise do material empírico, as reflexões dos pesquisadores e as decisões na condução da pesquisa; portanto ele evidencia os acontecimentos em pesquisa do delineamento inicial de cada estudo ao seu término. (p. 54)

O diário de campo consiste, assim, como instrumento para registro das observações, comentários e principais reflexões acerca das vivências observadas pelo/a pesquisador/a em um determinado campo e mediante objetivos previamente elaborados da pesquisa. Tal instrumento garante uma sistematização mais detalhada das situações ocorridas ao longo da pesquisa.

A pesquisa enfatiza a importância do diário de campo como uma ferramenta essencial no contexto da pesquisa. Ele desempenha um papel crucial ao permitir que o pesquisador registre sistematicamente observações, comentários e reflexões relacionadas às experiências vivenciadas no campo de estudo. Essa documentação minuciosa é particularmente valiosa, pois ajuda a garantir a geração de dados detalhados e a manter um registro organizado das situações e eventos ao longo da pesquisa.

Além disso, o diário de campo desempenhou um papel crucial na qualidade da pesquisa, pois ajudou a pesquisadora a manter o foco nos objetivos predefinidos do estudo. Ao documentar suas observações e reflexões de maneira sistemática, o pesquisador pode revisar e analisar essas anotações a fim de aprofundar sua compreensão do fenômeno estudado. Portanto, o diário de campo é um recurso metodológico que contribui para a rigorosidade e a eficácia da pesquisa, ao mesmo tempo que facilita a reflexão contínua do pesquisador sobre o processo de investigação.

Foi realizada ao longo do processo de escrita do trabalho aqui delineado, uma pesquisa para sintetizar o estado do conhecimento do tema em questão nas

plataformas de *Teses e Dissertações da Capes* no período de 2012 a 2022 como forma de validar a originalidade e necessidade da realização desse estudo e, ainda, de sua realização ser efetivada na região Nordeste e, principalmente, em uma cidade do sertão paraibano.

A pesquisa, com a finalidade de sintetizar o estado do conhecimento do tema nas plataformas de Teses e Dissertações da Capes no período de 2012 a 2022, revelou um compromisso com a fundamentação sólida deste estudo e com a validação da sua relevância e originalidade. Esse processo permite ao pesquisador contextualizar sua pesquisa no cenário acadêmico atual, identificando lacunas e oportunidades para contribuições significativas. Além disso, a decisão de realizar o estudo na região Nordeste, especificamente em uma cidade do sertão paraibano, enfatiza o compromisso com a pesquisa regionalizada e a busca por compreender de forma aprofundada as dinâmicas e desafios locais. Isso demonstra uma abordagem sensível às especificidades regionais e uma intenção de gerar impacto direto na comunidade local.

A presente pesquisa também pôde fornecer subsídios para a formulação de políticas e práticas mais adaptadas às necessidades da região, promovendo uma ligação mais estreita entre a pesquisa acadêmica e a aplicação prática no contexto local. Assim, ao combinar uma revisão rigorosa da literatura acadêmica com uma pesquisa prática na região Nordeste, o estudo buscou alcançar um equilíbrio entre a teoria e a prática, contribuindo de maneira significativa para a compreensão e o avanço do tema abordado.

Durante o processo, os/as estudantes, com a mediação da pesquisadora, elaboraram três edições do jornal escolar: a primeira em dezembro de 2022, a segunda em junho de 2023 e a terceira em setembro de 2023. Vale ressaltar que a primeira edição foi considerada uma *edição piloto*, destinada a familiarizar os/as participantes com as habilidades necessárias para ler, escrever e produzir no ecossistema comunicativo em questão. Portanto, para efeitos de análise e verificação do impacto formativo escritor, serão consideradas as respostas dos/as estudantes referentes à segunda e terceira edições do jornal, que representam um estágio mais consolidado do processo após a etapa inicial de adaptação. Essa escolha visa focar nas edições que refletem melhor o desenvolvimento das habilidades jornalísticas ao longo da vivência.

Nesse ínterim, analisamos os diferentes modos que os/as estudantes se

apropriam dos vários gêneros discursivos inseridos na produção do jornal escolar. Em relação à variedade de gêneros discursivos, compreendemos que

a riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multifacetada atividade humana e porque em cada campo dessa atividade vem sendo elaborado todo um repertório de gêneros do discurso que cresce e se diferencia à medida que tal campo se desenvolve e ganha complexidade (Bakhtin, 2003b [1952/1953], p. 12).

Desse modo, a partir da análise de dados foi possível verificar as práticas de escrita na construção do jornal escolar e na elaboração de práticas significativas no âmbito dessa pesquisa. As categorias de análise foram mobilizadas a partir da Teoria Dialógica da Linguagem e da Educomunicação, que versam sobre as concepções de escrita; a escrita de gêneros jornalísticos na formação crítica e suporte no processo de planejamento e execução da escrita jornalística, com o objetivo de desenvolver a formação de estudantes leitores-produtores críticos e responsivos.

Nesse sentido, compreendemos a importância da análise de dados como um passo crucial na pesquisa em questão, que visou examinar as práticas de escrita relacionadas à construção do jornal escolar e à elaboração de atividades significativas dentro do contexto da pesquisa. Essa análise permitiu uma compreensão mais profunda das dinâmicas envolvidas no processo de criação do jornal escolar, bem como das maneiras pelas quais as práticas de escrita estão sendo aplicadas e evoluindo. Ao direcionar a análise com base na Teoria Dialógica da Linguagem e na Educomunicação, a pesquisa buscou uma abordagem interdisciplinar que visa não apenas compreender, mas também promover a formação de estudantes como leitores-produtores críticos e responsivos.

Nossas categorias de análise discutidas no próximo capítulo desta dissertação estão fundamentadas em teorias sólidas que sugerem uma abordagem cuidadosamente planejada e rigorosa na investigação, buscando gerar não apenas dados superficiais, mas também refletir as nuances e interações subjacentes ao processo de produção do jornal escolar. A ênfase na formação de estudantes como agentes críticos e responsivos ressalta a dimensão educacional e transformadora da pesquisa, onde os resultados não apenas documentam práticas, mas também buscam promover a capacidade dos estudantes de se envolverem ativamente com a linguagem e a comunicação de maneira reflexiva e consciente. Portanto, a análise de dados desempenha um papel essencial na consecução dos objetivos da pesquisa

e na busca por uma compreensão mais profunda e informada das práticas de escrita e da educação mediadas pela mídia escolar.

Destacando a importância de valorizar as “práticas de letramento do dia a dia dos estudantes”, conforme enfatizado por Paiva e Santos (2022, p. 23) é crucial reconhecer que essas práticas não devem ser meramente utilizadas como trampolim para o ensino de práticas canônicas historicamente valorizadas. Pelo contrário, elas merecem ser consideradas por si só no ambiente escolar. Dentro do âmbito da área de Linguagens na Base Nacional Comum Curricular, essa abordagem tem como foco não apenas proporcionar a vivência de diferentes representações de realidades sociais, mas também contribuir para o desenvolvimento de uma consciência crítica nos sujeitos participantes. No campo jornalístico/midiático, incorporado na BNCC, são abordados temas pertinentes à educação midiática, convergindo para o objetivo central de promover a formação ética e responsável dos estudantes. Essa iniciativa visa, assim, a construção de cidadãos críticos e atuantes no cenário democrático. Essa integração entre práticas jornalísticas/midiáticas e os princípios da BNCC na área de Linguagens evidencia a importância dessas abordagens para o desenvolvimento integral dos estudantes no ensino médio.

4.5 ESCRITA E JORNAL ESCOLAR: ESTADO DO CONHECIMENTO DAS PRODUÇÕES DE TESES E DISSERTAÇÕES NO ÂMBITO NACIONAL

Ao percebermos a necessidade de uma análise das produções em torno da temática da escrita e jornal escolar, e pensando na relevância da realização de pesquisas na área, realizamos uma busca em torno do estado do conhecimento das produções encontradas em estudos e pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes no período de 2012-2022.

Nesse sentido, acreditamos que a presente pesquisa intitulada “Escrita de gêneros jornalísticos no contexto do ensino médio profissionalizante: uma vivência educacional decolonial” aborda um tema de grande relevância no campo da educação e da comunicação. Para essa compreensão, analisamos alguns aspectos da originalidade e a necessidade dessa pesquisa, a partir dos dados já existentes.

4.5.1 Produções encontradas em pesquisas no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes no período de 2012-2022

Primeiramente, definimos que o levantamento seria realizado no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, por este ser um dos maiores acervos bibliográficos, de modo que possibilita um acesso a produção científica nacional de forma atualizada e de qualidade, fornecendo bases textuais nas diversas áreas do conhecimento, dos mais diversos locais e programas de pós-graduação.

Utilizamos a seguinte combinação de descritores para efetivação da pesquisa no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes: **Escrita AND “Jornal Escolar”**. Nesse sentido, a partir da realização da pesquisa, foram encontradas 16 produções, sendo 02 Teses e 14 Dissertações.

Para melhor organização e análise das produções, realizamos a elaboração de quadros, em que constam as principais informações acerca das produções encontradas ao longo do trabalho, tais como: tipos de produção; quantidade de produções e região brasileira na qual pesquisa foi realizada; bem como informações para um maior detalhamento das teses e dissertações encontradas: tipo de produção; título; ano; autor(a); programa de pós-graduação.

Quadro 1: Número do tipo de produções encontradas na área de escrita e jornal escolar entre os anos de 2012 e 2022

TESES	DISSERTAÇÕES
02	14

Fonte: Levantamento feito pela pesquisadora a partir de pesquisa no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, 2023. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em 20 dez. 2022.

Das 16 produções encontradas, 02 foram realizadas no Centro-Oeste; 01 no Norte; 05 no Nordeste; 05 no Sul e 03 no Sudeste. A partir desses dados, percebemos a necessidade de novas pesquisas em torno da temática, na medida em são poucas as produções por região, o que indica uma lacuna significativa no conhecimento disponível. Esta carência de estudos regionais e locais ressalta a importância de uma pesquisa mais abrangente e diversificada, capaz de considerar as particularidades e nuances que podem existir em diferentes contextos geográficos e culturais.

A falta de produções acadêmicas em determinadas regiões, muitas vezes, pode

ser atribuída a diversos fatores, como recursos limitados, acesso restrito à educação superior e falta de incentivos para a pesquisa local. No entanto, é crucial superar essas barreiras e promover a pesquisa nas regiões menos representadas, pois isso pode enriquecer nosso entendimento sobre como as abordagens de uma educação decolonial podem ser adaptadas e aplicadas de maneira eficaz em diferentes contextos.

Uma pesquisa mais descentralizada e regionalizada pode contribuir para a identificação de melhores práticas específicas para cada área, levando em consideração as necessidades e desafios locais. Isso é especialmente importante, considerando que a educação e a comunicação são profundamente influenciadas por fatores culturais, socioeconômicos e políticos específicos de cada região.

Além disso, ao incentivar a pesquisa em regiões menos exploradas, podemos dar voz a comunidades que muitas vezes são marginalizadas no debate acadêmico e promover a inclusão de perspectivas diversas e plurais na construção do conhecimento. Essa diversificação da pesquisa também pode contribuir para uma compreensão mais completa dos impactos das práticas de educomunicação nas diferentes realidades locais.

Nesse sentido, a falta de produções acadêmicas em determinadas regiões não deve ser vista como um obstáculo, mas sim como uma oportunidade para a expansão do campo da linguagem e para promoção de uma pesquisa mais abrangente, inclusiva e contextualmente relevante. A diversificação geográfica da pesquisa pode enriquecer significativamente o campo, tornando-o mais sensível às necessidades e aspirações de comunidades diversas em todo o mundo.

Quadro 2: Número de produções encontradas na área de escrita e jornal escolar entre os anos de 2012 e 2022

REGIÃO BRASILEIRA					TOTAL
<i>Centro-oeste</i>	<i>Norte</i>	<i>Nordeste</i>	<i>Sul</i>	<i>Sudeste</i>	
02	01	05	05	03	16

Fonte: Levantamento feito pela pesquisadora a partir de pesquisa no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, 2023. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em 20 dez. 2022.

Desse modo, a necessidade dessa pesquisa se torna ainda mais evidente quando consideramos a sua realização na região nordeste do Brasil, em particular,

em uma cidade no sertão paraibano. Essa localização específica acrescenta uma camada adicional de relevância e urgência ao estudo.

Abaixo, apresentamos um quadro do quantitativo de 16 produções encontradas e divididas devidamente por tipo; ano; título; autor(a) e programa de pós-graduação, que versam sobre a temática da escrita e jornal escolar.

Quadro 3: Produções encontradas na área de escrita e jornal escolar entre os anos de 2012 e 2022

TIPO	ANO	TÍTULO/FONTE	AUTOR(A)	PROGRAMA
Dissertação	2014	TESSITURAS DO JORNAL ESCOLAR NA PRÁTICA DOCENTE DA LEITURA E DA ESCRITA: UMA LEITURA DE PROFESSORAS DOS ANOS INICIAIS Fonte: https://tede.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/tede/3556	ALEXSANDRA SOUZA SANTOS	Mestrado Profissional em FORMAÇÃO DE PROFESSORES (UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA)
Dissertação	2017	A APROPRIAÇÃO DO GÊNERO REPORTAGEM DIGITAL NA ESCRITA COLABORATIVA PARA UM JORNAL ESCOLAR ONLINE Fonte: https://dspace.unipampa.edu.br/handle/ri/2365	VANESSA DE ALMEIDA MARQUES	Mestrado Profissional em Ensino de Línguas (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA)
Dissertação	2022	JORNAL ESCOLAR : DESENVOLVENDO O LETRAMENTO DIGITAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA POR MEIO DO ENSINO HÍBRIDO Fonte: https://repositorio.ifes.edu.br/handle/123456789/2497	TIAGO CASSIO MONTEIRO LOPES	Mestrado Profissional em EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA (INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO ESPÍRITO SANTO)
Dissertação	2013	A REDAÇÃO DE NOTÍCIAS EM UM JORNAL ESCOLAR NA TELA: de Trairi para o Mundo Fonte: https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=78195	THIAGO VAZ MACENA	Mestrado em LINGÜÍSTICA APLICADA (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ)
Dissertação	2022	MANIFESTAÇÕES DOS PROFESSORES SOBRE O JORNAL NA ESCOLA:POSSIBILIDADES E DESAFIOS Fonte: https://sigaa.sistemas.ufcat.edu.br/sigaa/public/programa/defesas.jsf?lc=lc=en_US&id=3221	TATIANA KIMIER SIQUEIRA MARTINS	Mestrado em EDUCAÇÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO)

Dissertação	2012	MITOS E RITOS DA ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE Fonte: https://siduece.uece.br/siduece/trabalhoAcademicoPublico.jsf?id=71213	SARAH BEZERRA LUNA VARELA	Mestrado em EDUCAÇÃO (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ)
Dissertação	2018	A DINÂMICA DISCURSIVA NO JORNAL ESCOLAR: a negociação de vozes em práticas de uso real da língua Fonte: https://repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/11017?locale=pt_BR	SACHA EMMANUELLE DE SOUSA GOMES	Mestrado Profissional em LETRAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ)
Dissertação	2016	A REVISÃO DE TEXTOS NO DESENVOLVIMENTO DA ESCRITA: EXPERIÊNCIA A PARTIR DA PRODUÇÃO DE UM JORNAL ESCOLAR Fonte: https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/172268	JOSIANE CRISTINA COUTO	Mestrado Profissional em LETRAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)
Dissertação	2021	A PESQUISA ESCOLAR NO PROCESSO DE PRODUÇÃO DE REPORTAGENS PARA JORNAL ESCOLAR DIGITAL: UM ESTUDO A PARTIR DA ANÁLISE CRÍTICA DE GÊNERO Fonte: https://tede.ufsc.br/teses/PPL0044-D.pdf	JOSELICE DA ROCHA LEAL	Mestrado Profissional em LETRAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)
Dissertação	2018	O PROCESSO E O PRODUTO EDITORIAL DE UM JORNAL ESCOLAR IMPRESSO: INVESTIGAÇÃO ACERCA DO LETRAMENTO JORNALÍSTICO DE ESTUDANTES DO ENSINO FUNDAMENTAL Fonte: https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/34753	GISELLE BEZERRA MESQUITA DUTRA	Mestrado em EDUCAÇÃO (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ)
Dissertação	2015	JORNAL: DA LEITURA PARA A ESCRITA DE UM GÊNERO Fonte: https://repositorio.unimontes.br/jspui/handle/1/499	DYENE MERCIA LIMA ELEUTERIO	Mestrado Profissional em Letras (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MONTES CLAROS)
Dissertação	2018	MANUAL PARA UTILIZAÇÃO DO JORNAL ESCOLAR COMO RECURSO METODOLÓGICO NO ENSINO DE FÍSICA Fonte:	ANTONIO MARCOS SILVA DIAS	Mestrado Profissional em Ensino de Física (FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ)

		https://sigaa.ufpi.br/sigaa/verProducao?idProducao=3783341&key=97b0f3b183efd7c7d64cc6f09ab0f2e		
Dissertação	2016	PORTAL JORNAL ESCOLAR: ANÁLISE CRÍTICA DE UMA PROPOSTA DE ENSINO DO GÊNERO ARTIGO DE OPINIÃO PARA O ENSINO FUNDAMENTAL Fonte: https://profletras.letras.ufmg.br/arquivos/TCF%20final.pdf	ANGELICA MACIEL COELHO	Mestrado Profissional em LETRAS (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS)
Dissertação	2019	DO LETRAMENTO DA LETRA AO LETRAMENTO CRÍTICO: ALÉM DA SALA DE AULA POR MEIO DO JORNAL ESCOLAR ONLINE Fonte: https://drive.google.com/file/d/10cK97AveHLmHS_YZBMD6dnTeDk4pDpuA/view	ADRIANO BARBOZA DE OLIVEIRA	Mestrado Profissional em LETRAS (UNIVERSIDADE DO ESTADO DO MATO GROSSO)
Tese	2017	A POSIÇÃO AXIOLÓGICA DO JORNAL ESCOLAR O COLEGIAL (1945-50) ACERCA DAS PRÁTICAS DE LEITURA Fonte: https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/186181	TANIA MARIA BARROSO RUIZ	Doutorado em LINGÜÍSTICA (UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA)
Tese	2019	PEDRO SALLES DE OLIVEIRA MESQUITA (1893-1951): UM PROFESSOR LEIGO NA PRIMEIRA REPÚBLICA Fonte: https://uniso.br/mestrado-doutorado/educacao/teses/2019/adilson-aparecido-spim.pdf	ADILSON APARECIDO SPIM	Doutorado em EDUCAÇÃO (UNIVERSIDADE DE SOROCABA)

Fonte: Levantamento feito pela pesquisadora a partir de pesquisa no Portal de Teses e Dissertações da CAPES, 2023. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br>. Acesso em 20 dez. 2022.

A pesquisa realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, nos reafirma a necessidade da pesquisa, ao apontar um campo emergente que busca descolonizar o ensino e a comunicação, questionando as narrativas dominantes e promovendo uma perspectiva mais inclusiva e diversificada. Esse enfoque é relativamente novo e representa uma contribuição original para a academia.

Ao mergulhar no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes, deparamo-nos com um panorama revelador que ressalta a essencialidade da pesquisa em curso. Esse levantamento aponta para a emergência de um campo inovador que visa decolonizar tanto o ensino quanto a comunicação. A necessidade premente de

questionar as narrativas dominantes surge como um fio condutor desse movimento, impulsionando a promoção de uma perspectiva mais inclusiva e diversificada.

Esse enfoque de decolonialidade é, sem dúvida, uma incursão recente no meio acadêmico, conferindo à pesquisa em questão uma natureza pioneira. Essa reflexão não apenas coloca a pesquisa no epicentro de discussões relevantes e atuais, mas também a posiciona como uma voz singular que procura transcender paradigmas estabelecidos. O desejo de confrontar as normas existentes e criar espaço para vozes marginais e experiências sub-representadas destaca a pesquisa como uma iniciativa necessária.

Nesse contexto, a pesquisa não apenas identifica lacunas no conhecimento, mas também se propõe a preenchê-las com uma abordagem que desafia a inércia intelectual. Ao destacar a necessidade premente de decolonizar tanto o ensino quanto a comunicação, a pesquisa não apenas sinaliza para um campo de estudo em expansão, mas também aponta para a urgência de repensar os paradigmas educacionais e midiáticos vigentes. Desse modo, a pesquisa não apenas contribui para a academia, mas também lança luz sobre um caminho promissor para transformações significativas no cenário educacional e comunicacional.

Ao focalizar o contexto do Ensino Médio Profissionalizante, a pesquisa adentra um terreno muitas vezes negligenciado nos círculos acadêmicos, especialmente quando comparado ao foco mais tradicional do ensino. A inovação trazida pela abordagem das práticas de escrita jornalística nesse ambiente específico promete reflexões, destacando-se como um tema relevante e oportuno, sobretudo em uma era onde a informação e a mídia desempenham papéis cada vez mais centrais.

O foco no Ensino Médio Profissionalizante posiciona a pesquisa como uma voz pioneira que busca preencher uma lacuna de conhecimento e oferecer direcionamentos práticos para aprimorar as práticas educacionais. Essa abordagem não só enriquece o entendimento acadêmico sobre práticas de escrita jornalística, mas também apresenta uma perspectiva pragmática para aprimorar a preparação dos estudantes para os desafios da comunicação mediada pela mídia no século XXI. Portanto, a pesquisa não apenas ressalta uma necessidade premente, mas também oferece soluções e possibilidades concretas para o aprimoramento do ensino nesse contexto específico.

O alinhamento da pesquisa com a necessidade de decolonizar a educação

reflete um compromisso em desafiar as estruturas centralizadoras e os currículos educacionais que, por vezes, perpetuam desigualdades e viéses culturais. A busca por uma educação mais justa e representativa é um chamado urgente, e a pesquisa contribui para esse movimento ao fornecer uma análise crítica e prática.

Ao questionar as estruturas existentes, a pesquisa não apenas identifica lacunas, mas também aponta caminhos para uma abordagem educacional mais inclusiva e diversificada. As conclusões e orientações práticas derivadas desta pesquisa podem servir como uma bússola para educadores, formuladores de políticas e profissionais envolvidos na transformação da educação. Ao destacar a necessidade de representatividade e diversidade nos contextos educacionais, a pesquisa assume um papel vital na promoção de ambientes de aprendizagem que respeitam e valorizam a multiplicidade de perspectivas.

A abordagem prática da pesquisa oferece reflexões sobre como implementar mudanças reais e concretas no sistema educacional. Ao apontar direções para a construção de práticas inclusivas, a pesquisa se torna não apenas uma voz crítica, mas também um guia prático para ações transformadoras. Assim, a pesquisa não apenas descreve os desafios da educação decolonial, mas também se propõe a ser parte da solução, oferecendo contribuições significativas para a construção de uma educação mais equitativa e alinhada com as necessidades diversificadas da sociedade contemporânea.

A inserção do ensino de gêneros jornalísticos no contexto do Ensino Médio Profissionalizante ressalta sua relevância na preparação dos estudantes para os desafios do mundo real, onde a comunicação é uma habilidade crucial. Esta dissertação emerge como uma ferramenta valiosa ao explorar estratégias pedagógicas eficazes que podem capacitar os estudantes com as habilidades necessárias para enfrentar um ambiente midiático complexo.

Ao focar na teoria educomunicativa, a pesquisa se torna uma contribuição significativa para o campo, oferecendo subsídios para abordagens decoloniais aplicáveis na prática educacional. A necessidade de tais abordagens torna-se ainda mais evidente à medida que as discussões sobre diversidade, representação e inclusão se intensificam no âmbito da educação e da comunicação. Dessa forma, a pesquisa não apenas aborda lacunas existentes, mas também propõe soluções práticas para uma educação mais inclusiva, diversificada e crítica.

Desse modo, a originalidade da pesquisa reside na sua capacidade de se

posicionar como resposta a uma demanda significativa na interseção entre educação e comunicação. Ao promover uma abordagem mais inclusiva e crítica para o ensino e prática jornalística, a pesquisa se destaca como um esforço essencial para moldar o futuro da educação, preparando os estudantes não apenas para a comunicação eficaz, mas também para a compreensão crítica e contextualizada do mundo ao seu redor.

No próximo capítulo, promovemos uma análise detalhada, dividida em três categorias de análise, alinhadas aos objetivos delineados ao longo desta pesquisa. Inicialmente, na primeira categoria, nos dedicamos a examinar minuciosamente as respostas obtidas nos questionários aplicados aos/as estudantes participantes. Essa abordagem permitiu uma compreensão direta das percepções, compreensões e experiências dos/as estudantes em relação à escrita de gêneros jornalísticos no âmbito educacional.

Na segunda categoria, aprofundamos o impacto da produção escrita dos gêneros jornalísticos e temáticas sociais na formação dos/as estudantes. Concentramos nossos esforços na avaliação de como os gêneros jornalísticos influenciam a compreensão dos/as estudantes acerca da função social do jornalismo. Essa análise proporcionou reflexões sobre como as práticas de escrita podem moldar não apenas a competência jornalística, mas também a visão crítica dos/as estudantes em relação ao papel transformador do jornalismo na sociedade.

A terceira categoria desta análise concentrou-se na discussão aprofundada do processo de planejamento e execução do jornal escolar. Este momento revelou-se crucial para a compreensão de como as decisões, ações e reflexões dos/as estudantes moldaram o produto final. Dentro dessa categoria, abordamos aspectos como a seleção de temas, a coordenação de funções e a dinâmica colaborativa, visando desvendar a complexidade envolvida na criação de um jornal escolar e como essa experiência contribuiu significativamente para a formação dos/as participantes.

É nesse contexto que exploramos detalhadamente a produção do ecossistema comunicativo e do suporte midiático, elementos fundamentais que permeiam todo o processo. Essa discussão adiciona uma camada de compreensão mais profunda sobre como a interação entre os diversos elementos influenciou não apenas o conteúdo do jornal, mas também a percepção e participação dos/as estudantes do ensino médio profissionizante na construção do conhecimento e na

formação de habilidades comunicativas.

5 NARRATIVAS EDUCOMUNICATIVAS DECOLONIAIS: UMA ANÁLISE DAS PRÁTICAS DE ESCRITA DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE

A formação técnico científica envolve, de um lado, a capacitação técnica, de outro a apreensão da razão de ser da própria técnica. Mais ainda, a formação técnico científica não pode prescindir, sob pena de mutilar-se mutilar-nos, da incessante busca de criação de um saber pensar, de um pensar certo, de um pensar crítico. Pensares e saberes que, não se contentando com a "fonologia" e a "morfologia" da tecnologia e da ciência, se alongou até sua " sintaxe.

(Paulo Freire)¹⁸

A análise dos dados desta pesquisa buscou aprofundar nossa compreensão sobre as práticas de escrita de gêneros jornalísticos no contexto do Ensino Médio Profissionalizante, destacando uma abordagem educ comunicativa sob a perspectiva decolonial. Fundamentada nos pilares da Teoria Dialógica da Linguagem, nos princípios da Educomunicação e dos estudos decoloniais, nossa investigação teve como epicentro o jornal escolar como uma mídia potencialmente transformadora, capaz de fomentar construções escritoras que transcendam a sala de aula e alcancem o âmbito social, moldando sujeitos críticos e reflexivos.

Neste contexto, a presente dissertação buscou responder à seguinte indagação: *como a construção de um jornal escolar pode impactar a formação de estudantes do Ensino Médio Profissionalizante acerca de conhecimentos sobre a escrita de gêneros jornalísticos?* Nesse sentido, na busca pela resposta à questão de pesquisa apresentada, tivemos como objetivo geral: compreender como estudantes do Ensino Médio Profissionalizante se apropriam da prática da escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação jornalística, com foco na incorporação de temas decoloniais; e como objetivos específicos: 1) situar as práticas sociais de escrita demonstradas pelos estudantes implicados nesta investigação; 2) descrever o processo de concepção, produção e circulação de um jornal escolar empreendido na proposta metodológica da pesquisa; e 3) investigar o impacto formativo nos/as estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo e de temas decoloniais.

Dessa forma, este capítulo de análise assume um papel central na revelação dos impactos dessas práticas sociais de escrita. Este percurso, pautado na Teoria

¹⁸ FREIRE, Paulo. *Cartas a Cristina*, São Paulo: Paz e Terra, 1994.

Dialógica da Linguagem e na Educomunicação, revelou não apenas como os/as estudantes se apropriam dos diversos gêneros discursivos, mas também como essas apropriações contribuem para a formação de produtores críticos e responsivos em um contexto educacional decolonial.

Este capítulo se desdobra em três momentos distintos, guiados pelos objetivos delineados ao longo da pesquisa. Inicialmente, na primeira seção, conduzimos uma análise minuciosa das respostas obtidas nos questionários aplicados aos estudantes participantes. Essa abordagem nos permitiu acessar diretamente as percepções, compreensões e experiências dos/as estudantes em relação à escrita de gêneros jornalísticos no âmbito educacional.

Na segunda seção, mergulhamos na análise do impacto da produção e entendimento de diferentes gêneros jornalísticos e das temáticas sociais na formação dos/as estudantes. Aqui, concentramos nossos esforços na avaliação de como os gêneros jornalísticos influenciam a compreensão dos/as estudantes acerca da função social do jornalismo. Esta análise proporcionou reflexões sobre como as práticas de escrita podem contribuir não apenas a competência jornalística, mas também a visão crítica dos/as estudantes em relação ao papel transformador do jornalismo na sociedade.

A terceira seção deste capítulo foi dedicada à discussão aprofundada do processo de planejamento e execução do jornal escolar. Este momento foi crucial para entender como as decisões, ações e reflexões dos/as estudantes influenciaram os resultados da pesquisa. Abordamos aspectos como a seleção de temas, a coordenação de funções e o trabalho colaborativo, visando compreender a dinâmica envolvida na criação de um jornal escolar e como essa experiência contribuiu para a formação dos/as participantes.

Ao desmembrar a análise em três momentos específicos, buscamos fornecer uma visão abrangente e aprofundada das diferentes facetas envolvidas na trajetória metodológica desta pesquisa.

Para concretizar esta pesquisa, adotamos metodologicamente a abordagem de pesquisa-ação, sustentada pelo uso do diário de campo como um elo essencial de registro. As edições do jornal escolar e os questionários semiestruturados emergiram como ferramentas fundamentais, contribuindo para capturar e contextualizar o conhecimento compartilhado entre os sujeitos da pesquisa e a pesquisadora. Essa abordagem, intrinsecamente participativa, permitiu uma imersão

profunda nas dinâmicas do Ensino Médio Profissionalizante, proporcionando uma compreensão enriquecida das experiências e reflexões dos/as estudantes.

Na realização da pesquisa, inicialmente, exploramos a realidade dos/as estudantes, conduzindo um diagnóstico comunitário na primeira fase. Este processo permitiu uma compreensão mais profunda das diferentes facetas do contexto educacional, fundamentando ações futuras de intervenção.

Na segunda fase, situamos os/as estudantes no contexto jornalístico, destacando a importância do conhecimento crítico diante das práticas do jornalismo convencional. Este momento serviu como uma preparação essencial para a próxima etapa, na qual iniciamos o processo de produção do jornal escolar. A seleção da equipe e a distribuição de funções foram cuidadosamente conduzidas, garantindo uma participação ativa e engajada de cada indivíduo/grupo na pesquisa.

A terceira fase, marcada pela produção do jornal escolar, foi uma jornada colaborativa entre os/as estudantes, mediada pela pesquisadora. A partir da seleção de temas, redação de artigos e *design* gráfico, cada etapa foi meticulosamente coordenada para garantir uma representação autêntica das vozes dos/as estudantes.

5.1 MAPEANDO PERSPECTIVAS ESTUDANTIS: UMA ANÁLISE DAS RESPOSTAS AOS QUESTIONÁRIOS

Este momento representa um mergulho profundo no entendimento das perspectivas dos/as estudantes, ou mesmo uma sondagem que se revela como um elo essencial para compreender as nuances da experiência educacional. Os questionários, norteados por uma abordagem cuidadosa e reflexiva, foram aplicados em dois momentos cruciais: antes e após a elaboração de cada uma das edições do jornal escolar pelos/as próprios/as estudantes.

A relevância desse momento de sondagem reside na sua capacidade de capturar não apenas as visões iniciais dos/as participantes, mas também de documentar as transformações e reflexões ao longo do processo. Ao observarmos as respostas antes da elaboração das edições do jornal escolar, delineamos o ponto de partida das percepções dos/as estudantes em relação à escrita. Este é um momento crucial que nos ofereceu uma linha de base essencial para compreender as mudanças que se desenharam.

O processo não se limita a uma única tomada de perspectiva; ele se estende ao segundo momento, após a intensa experiência de criação jornalística. Aqui, os questionários novamente assumem o papel de instrumentos de sondagem, capturando os reflexos das jornadas individuais na produção de textos jornalísticos. Essa dupla temporalidade proporciona uma visão panorâmica das mudanças ocorridas, possibilitando-nos verificar o impacto formativo escritor na trajetória educacional dos/as estudantes.

As respostas aos questionários foram estruturadas em duas seções distintas. A primeira seção convida os/as estudantes a refletirem sobre a escrita em sua amplitude, enquanto a segunda seção direciona o foco para a especificidade da escrita de textos jornalísticos. Essa abordagem estratégica visa explorar não apenas a evolução das perspectivas individuais, mas também compreender como o ato de produzir textos jornalísticos influencia a percepção dos/as estudantes sobre a função social do jornalismo. Este capítulo, assim, emerge como uma jornada de análise crítica, mapeando as perspectivas estudantis em meio ao tecer das práticas de escrita educacional.

5.1.1 Refletindo sobre a escrita: uma jornada pela amplitude

Neste segmento da análise, embarcamos em uma exploração das respostas oferecidas pelos/as estudantes na primeira seção dos questionários. Essa seção, cuidadosamente concebida, buscou situar reflexões sobre a escrita, convidando os/as participantes a compartilharem suas percepções, desafios e sentimentos em relação a essa prática vital.

Ao mergulharmos nessa jornada pela amplitude da escrita, buscamos compreender não apenas as competências técnicas dos/as estudantes, mas também as dimensões subjetivas e emocionais associadas a esse ato criativo. Cada resposta é uma peça valiosa no quebra-cabeça da construção educacional, revelando nuances individuais que se entrelaçam com a complexidade da expressão escrita. Vamos, assim, desbravar os caminhos traçados pelas vozes dos/as estudantes enquanto refletimos sobre a escrita em seu espectro mais amplo.

Neste trecho da análise, apresentaremos as respostas fornecidas pelos/as

estudantes em duas versões distintas do questionário¹⁹. A primeira versão, aplicada antes da elaboração do jornal escolar, capturou as percepções que oferecem um retrato inicial das reflexões dos/as participantes sobre a escrita. A segunda versão, aplicada após a experiência de criação jornalística, revela a evolução dessas perspectivas.

Ao analisarmos essas duas versões, destacamos não apenas as mudanças nas respostas individuais, mas também os padrões emergentes que refletem a influência do processo de produção textual na percepção dos/as estudantes sobre a escrita em sua amplitude. Vamos agora desvendar as reflexões proporcionadas por essas respostas, observando o diálogo entre as vozes dos/as estudantes e o contexto mais amplo da educomunicação.

Nesta fase inicial da análise dos questionários, exploramos o conteúdo de sete questões que compõem a primeira seção. Como mencionado, estas questões foram respondidas pelos/as estudantes em dois momentos distintos, tratando-se das mesmas questões: na versão 01, aplicada antes da elaboração do jornal escolar, e na versão 02, aplicada após a conclusão deste projeto educamunicativo.

Cada uma dessas questões foi concebida para desvendar aspectos específicos das percepções, desafios e experiências dos/as estudantes no universo da escrita. Ao analisar as respostas nas duas versões do questionário, buscamos identificar não apenas mudanças individuais, mas também padrões coletivos que possam indicar o impacto formativo da produção textual no contexto jornalístico.

É relevante ressaltar que, antecipadamente, solicitamos a todos/as os/as estudantes que selecionassem pseudônimos como uma medida de preservação de suas identidades na transposição e análise dos dados gerados ao longo desta pesquisa. Dos/as 15 estudantes que participaram da pesquisa, foram selecionados **três**²⁰ para compor o corpus de análise.

Essa prática reafirma nosso compromisso com a garantia do anonimato e da confidencialidade em relação à participação dos/as estudantes neste estudo. Para atender a essa solicitação, os/as estudantes realizaram uma escolha colaborativa, optando por nomes que guardassem afinidade com personagens da literatura afro-

¹⁹ Aqui identificaremos essas versões como V1 (Versão 01) e V2 (Versão 02).

²⁰ Os **três** estudantes em questão foram selecionados/as porque, através de suas escritas, foi possível lermos marcas linguísticas e discursivas que ilustram, de maneira mais efetiva para a pesquisa, seu comportamento escritor e suas subjetividades, possibilitando a visualização do impacto.

brasileira. Desta forma, os pseudônimos coletivamente eleitos foram: **Dandara**²¹, **Ruth**²² e **Fernando**²³. Essa decisão coletiva reflete a sensibilidade do grupo em conectar-se simbolicamente com a rica tradição literária afro-brasileira.

No primeiro questionamento perguntamos aos estudantes o que eles compreendiam sobre **o que é escrever**:

R1²⁴ - Escrever é comunicar ideias, sentimentos ou informações (Fernando – V1).

R2 - Escrever é a habilidade de expressar informações por meio de palavras e textos escritos. É uma forma de comunicação que nos permite transmitir mensagens, contar histórias e compartilhar conhecimento (Ruth – V1).

R3 - Escrever é colocar as ideias no papel, meio como falar, mas com caneta ou teclado. É tipo contar uma história, só que por escrito (Dandara – V1).

No questionamento inicial sobre a compreensão do ato de escrever, os/as estudantes apresentaram perspectivas que revelam uma visão abrangente e multifacetada dessa prática linguística. Suas respostas evidenciam a escrita como um meio de comunicação, expressão e narrativa.

Nesse contexto, as respostas convergem para a compreensão da escrita como um meio versátil, capaz de comunicar, expressar emoções e contar histórias. Essa abordagem multifacetada destaca a importância da escrita como uma forma de expressão humana que vai além da simples transmissão de informações.

Embora a visão destacada pelos/as estudantes reconheça a escrita como um meio versátil capaz de comunicar, expressar emoções e contar histórias, a perspectiva bakhtiniana nos incita a pensar sobre os diferentes propósitos comunicativos presentes nos diversos gêneros discursivos. Para Bakhtin (2003a [1979]), a linguagem é essencialmente heterogênea, refletindo as várias vozes e perspectivas presentes na sociedade. A escrita, nesse contexto, não é apenas um veículo de informações, mas uma forma de expressão que carrega consigo a pluralidade de significados, identidades e vivências.

No entanto, quando **Fernando** e **Ruth** destacam a importância da escrita para

²¹ Referência à guerreira e líder quilombola, esposa de Zumbi dos Palmares, que resistiu contra a escravidão no Brasil.

²² Protagonista de "Quarto de Despejo", obra de Carolina Maria de Jesus que retrata a vida e as dificuldades de uma mulher negra e catadora de papel em São Paulo.

²³ Protagonista do livro "Terra Sonâmbula", de Mia Couto, é um menino que, em meio à guerra civil em Moçambique, tem suas histórias entrelaçadas com a rica tradição oral africana. Embora a obra não seja brasileira, é importante reconhecer a diversidade das vozes da literatura africana.

²⁴ O R representa as respostas dos/as estudantes.

além da simples transmissão de informações, abrangendo a dimensão emocional e narrativa, eles já refletem, de maneira inicial, uma visão alinhada com as perspectivas teóricas que reconhecem a linguagem como um fenômeno social dinâmico e diversificado (Bakhtin, 2010 [1986]).

Na Versão 02 da aplicação do questionário, eles nos apontam que:

R1 - Escrever, para mim, após a experiência no Jornal Ita, é uma forma poderosa de interação e ação. Não é apenas a transmissão de palavras, mas a criação de conexões e influência por meio da escrita (Fernando – V2).

R2 - Escrever vai além da expressão individual; é uma forma de conectar ideias, compartilhar histórias e representar as vozes e interesses da comunidade. É uma maneira de dar vida a narrativas que influenciam, informam e unem as pessoas (Ruth – V2).

R3 - Escrever é mais do que apenas colocar palavras no papel. É uma forma de interação, de compartilhar histórias e informações que conectam as pessoas (Dandara – V2).

Na Versão 02 do questionário, os participantes revelam uma evolução em suas percepções sobre a escrita, especialmente após a experiência no Jornal Ita. Suas respostas sugerem uma compreensão mais aprofundada da escrita como uma prática social perpassada pela interação, conexão e influência.

A ampliação na percepção dos/as participantes sobre a escrita na Versão 02 do questionário é notável. As respostas indicam uma evolução na compreensão da escrita, destacando não apenas sua capacidade informativa, mas também sua habilidade de fomentar interações significativas, promover a conexão entre as pessoas, representar aspectos sociais e exercer influência. Essa expansão de perspectiva pode ser atribuída, em parte, à experiência no Jornal Ita, sugerindo que a participação nesse contexto específico enriqueceu a visão dos estudantes sobre a escrita, conferindo-lhe uma dimensão mais significativa, marcada por sua função social e a capacidade de estabelecer vínculos representativos entre os sujeitos sociais.

No contexto do ensino da escrita, é essencial adotar a perspectiva educacional proposta por Geraldi (1997, 1984). O autor destaca que, muitas vezes, a prática de escrita na escola é limitada ao processo de alfabetização, focando apenas na decodificação de palavras e negligenciando a construção de significados por meio da interação com o texto. No entanto, para uma abordagem educacional comprometida com a crítica, é crucial considerar a leitura e a escrita como práticas sociais. Isso implica utilizá-las como instrumentos para explorar e questionar o

conhecimento ideologicamente construído e difundido na sociedade. Nesse sentido, o objetivo de formar leitores e escritores vai além de exercícios repetitivos; envolve a concepção da leitura e da escrita como atividades integradas ao contexto da vida social, capazes de fomentar o pensamento crítico, a análise das estruturas de poder e a expressão significativa das ideias.

Em um segundo momento, perguntamos aos/as estudantes **com que frequência eles escrevem**:

R1 - Eu escrevo com frequência para tarefas escolares e ocasionalmente em meu tempo livre (Fernando – V1).

R2 - Eu escrevo com frequência, principalmente para tarefas escolares e atividades do dia a dia. Também gosto de escrever em meu diário ocasionalmente (Ruth – V1).

R3 - Escrevo mais nas aulas de redação e alguns trabalhos da escola. Fora isso, só mensagens pro celular mesmo (Dandara – V1).

No segundo questionamento, que abordou a frequência da prática de escrever, os/as estudantes compartilharam reflexões sobre seus hábitos de escrita. Suas respostas fornecem um panorama das situações em que costumam se envolver com a escrita.

É relevante destacar que as respostas de **Dandara** sugerem uma associação da escrita principalmente com contextos escolares e comunicação digital. No entanto, ao empregar a palavra “só” ao se referir às mensagens para o celular, pode-se observar uma possível subvalorização dessa forma de escrita, aspecto que ganha relevância ao considerarmos o contexto do *letramento digital*. Problematizar essa expressão torna-se crucial, uma vez que a escrita de mensagens para o celular não apenas constitui uma prática social significativa, mas também reflete uma modalidade importante de comunicação na era digital, evidenciando o letramento digital de **Dandara**.

Conforme ressaltado por Prensky (2001), no cenário contemporâneo, o letramento digital vai além da simples habilidade de utilizar tecnologias; ele abrange a compreensão crítica e a competência na utilização da linguagem em ambientes digitais. Nesse sentido, a comunicação por meio de mensagens móveis não **só** representa uma manifestação válida e relevante da escrita, mas também destaca a necessidade de adaptar a linguagem para diferentes contextos e plataformas online.

Assim, ao considerarmos a fala de **Dandara**, podemos não apenas reconhecer suas atividades de escrita em contextos específicos, como aulas de

redação e trabalhos escolares, mas também valorizar e compreender melhor suas práticas de escrita cotidianas, inseridas no contexto mais amplo do letramento digital contemporâneo.

Em síntese, as respostas indicam que a frequência de escrita dos participantes está vinculada principalmente a atividades escolares e, em alguns casos, a momentos mais pessoais, como a escrita em diários. Essa análise fornece reflexões sobre os contextos nos quais os/as estudantes mais se engajam na prática da escrita em suas vidas cotidianas.

Após a elaboração do Jornal eles nos apontam que:

R1 - Agora, escrevo com mais frequência do que antes. Além dos textos jornalísticos, comecei a escrever mais em meu tempo livre, como diários e até mesmo pequenos contos (Fernando – V2).

R2 - Escrevo diariamente, não só para mim, mas também para representar as histórias e necessidades da comunidade no Jornal Ita. Cada texto busca ser uma voz para aqueles que talvez não tenham a chance de ser ouvidos (Ruth – V2).

R3 - Escrevo diariamente, especialmente para o Jornal Ita, produzindo matérias e interagindo com a comunidade por meio da escrita (Dandara – V2).

Na Versão 02 do questionário, os/as participantes compartilham uma mudança positiva em seus hábitos de escrita, evidenciando um aumento na frequência e diversificação de suas práticas.

Os/as estudantes indicam um aumento significativo na frequência e na variedade das práticas de escrita. Esse crescimento está associado à participação no Jornal Ita e reflete uma maior diversificação de suas atividades de escrita em diferentes contextos.

Na Versão 02, há uma transformação notável nos hábitos de escrita dos/as estudantes após a elaboração do Jornal Ita. **Fernando** relata um aumento na frequência de escrita, incluindo textos jornalísticos, diários e contos. **Ruth** e **Dandara**, por sua vez, destacam uma escrita diária direcionada para representar a comunidade no jornal, indicando uma motivação social e um compromisso mais profundo com a prática da escrita.

Essa mudança é interessante à luz das teorias de Educomunicação de Soares (2011), que defende a integração da comunicação no contexto educacional para promover uma participação mais ativa e crítica dos estudantes na sociedade. O Jornal Ita parece ter desempenhado um papel crucial nesse processo,

proporcionando uma experiência significativa que vai além das demandas escolares, promovendo uma escrita mais engajada.

Além disso, a análise pode ser relacionada às ideias de Freire (2002 [1997]) sobre a importância da prática reflexiva e da conscientização. A escrita, ao se tornar uma ferramenta para representar histórias e necessidades da comunidade, não apenas desenvolve habilidades de expressão, mas também desperta uma consciência crítica e um compromisso com a transformação social.

Em um terceiro momento indagamos os/as estudantes sobre **qual o maior desafio que enfrentam ao escrever:**

R1 - Meu maior desafio é a ortografia e a gramática corretas, às vezes cometo erros (Fernando – V1).

R2 - O meu maior desafio ao escrever é estruturar minhas ideias de forma coerente e organizada. Às vezes, tenho dificuldade em encontrar as palavras certas para expressar o que estou pensando (Ruth – V1).

R3 - Ah, acho que o maior desafio é começar. Às vezes, não sei como colocar as palavras certas logo de cara (Dandara – V1).

No terceiro questionamento, que abordou os maiores desafios enfrentados pelos estudantes ao escrever, os/as participantes compartilharam suas percepções sobre as dificuldades específicas que encontram durante o processo de escrita.

A análise integrada das respostas dos/as estudantes evidencia que os desafios na escrita não se restringiam unicamente a aspectos gramaticais técnicos, expandindo-se para questões relacionadas à expressão clara e superação de bloqueios iniciais. Diante dessa diversidade de obstáculos, tornou-se imperativo adotarmos abordagens educacionais flexíveis e personalizadas, capazes de abranger tanto os elementos formais quanto os aspectos mais subjetivos e processuais envolvidos no ato de escrever.

Na busca por intervenções educacionais eficazes, a *abordagem prática* para aprimoramento das dificuldades subjetivas surgiu como uma estratégia relevante. Oferecemos sessões específicas de revisão gramatical e ortográfica, por exemplo, para suprir diretamente as necessidades apontadas por **Fernando**, proporcionando ferramentas concretas para a melhoria desses aspectos formais da escrita, partindo dos estudos de Menegassi (2001) e Garcez (1998). Além disso, criamos ambientes colaborativos de aprendizagem, nos quais os/as estudantes puderam compartilhar e discutir seus textos, favorecendo a troca de conhecimentos e práticas entre os pares.

Para lidar com desafios como o de **Ruth** na estruturação coerente de ideias, fizemos uso de abordagens centradas na expressão criativa. Oferecemos oficinas de escrita criativa que estimularam a expressão pessoal e contribuíram para o desenvolvimento de habilidades mais fluídas e orgânicas na articulação de pensamentos, a partir de Geraldini (1997) e Serafini (1998).

Já diante da dificuldade inicial de **Dandara** ao começar a escrever, usamos estratégias direcionadas à superação de bloqueios. Técnicas de *brainstorming* e diários de escrita antes da composição formal de textos são exemplos de intervenções educomunicativas que incentivaram sua confiança e a fluidez no processo criativo, a partir dos estudos de Alencar (2000) e Azevedo (2007).

Na segunda versão do questionário, temos que:

R1 - O maior desafio que enfrento ao escrever agora é garantir que minha escrita seja objetiva e imparcial, especialmente quando escrevo notícias (Fernando – V2).

R2 - O maior desafio é traduzir as complexidades e diversidades da comunidade em palavras. Encontrar a maneira mais autêntica e inclusiva de representar os diferentes pontos de vista é um constante aprendizado (Ruth – V2).

R3 - O maior desafio é manter um equilíbrio entre a objetividade e a criatividade ao escrever matérias que sejam informativas e envolventes ao mesmo tempo (Dandara – V2).

Na segunda versão do questionário, os/as estudantes refletiram sobre os maiores desafios enfrentados ao escrever após sua experiência no Jornal Ita. As respostas indicam uma mudança nas percepções dos/as participantes, destacando novos desafios relacionados à prática jornalística.

As respostas na Versão 02 indicam que os/as participantes passaram a enfrentar desafios mais específicos relacionados à prática jornalística, como a representação da diversidade e a busca pelo equilíbrio entre objetividade e criatividade. Essas mudanças revelam uma evolução nas percepções dos/as estudantes após a vivência no contexto do Jornal Ita, refletindo um maior entendimento das demandas e responsabilidades inerentes à produção jornalística.

É importante destacar que, mesmo na V2, **Fernando** ainda mantém a associação do gênero notícia com a imparcialidade. No entanto, ao considerarmos a noção de linguagem como uma ação permeada por múltiplas identidades, torna-se evidente que a imparcialidade na escrita jornalística é uma realidade impossível. A linguagem, na perspectiva dialógica empreendida nesta pesquisa, não é apenas um

veículo neutro de transmissão de informações; ela é moldada pelas perspectivas, experiências e posicionamentos dos/as autores/as.

Nesse sentido, a busca de **Fernando** pela imparcialidade pode ser vista como uma tentativa de mitigar a influência de sua própria subjetividade na construção da narrativa jornalística. No entanto, essa busca não pode eliminar completamente as inclinações pessoais do autor, que, inevitavelmente, se manifestam na escolha de palavras, estruturação de argumentos e seleção de fontes. Assim, embora **Fernando** aspire à imparcialidade, a noção de linguagem como ação reitera a inevitável não neutralidade da escrita jornalística.

As preocupações de **Ruth** em traduzir as complexidades da comunidade em palavras e representar autenticamente diferentes pontos de vista podem ser conectadas aos conceitos de pluralismo e interculturalidade propostos por Sousa Santos (2008). O autor argumenta que uma abordagem intercultural na comunicação é fundamental para reconhecer e valorizar as diversas perspectivas presentes em uma sociedade. A busca de **Ruth** por autenticidade reflete uma sensibilidade para a importância de representar a diversidade de forma inclusiva.

Em um quarto momento, perguntamos aos/as estudantes se eles/elas **costumam planejar o que vão escrever antes de começar e, ainda, se costumam revisar o que escrevem:**

R1 - Nem sempre, mas tento fazer um esboço básico para me organizar. Sim, eu reviso meu texto, mas às vezes esqueço de fazer isso com frequência (Fernando – V1).

R2 - Sim, eu tento fazer um esboço ou planejamento básico antes de começar a escrever, especialmente para tarefas mais longas. Isso ajuda a manter meu texto organizado. Sim, eu reviso meu texto antes de finalizá-lo. Eu tento fazer pelo menos uma revisão para corrigir erros de gramática e melhorar a clareza do meu texto (Ruth – V1).

R3 - Não muito, só começo a escrever e vou vendo no que dá. Às vezes, faço um rascunho rápido. Às vezes dou uma olhada rápida, mas não sempre. Depende do tempo que tenho (Dandara – V1).

As respostas refletem a diversidade nas abordagens individuais dos/as estudantes em relação ao planejamento e revisão da escrita. Enquanto alguns/mas demonstram uma preocupação mais estruturada, outros/as adotam métodos mais flexíveis, evidenciando a individualidade nos processos de produção textual.

Na Versão 02 desse questionamento, temos que:

R1 - Sim, aprendi a importância do planejamento ao escrever para o jornal.

Agora, sempre faço um esboço antes de começar a escrever. Agora, eu reviso meus textos com mais frequência, especialmente quando escrevo notícias. A precisão é fundamental (Fernando – V2).

R2 - Sim, planejar se tornou fundamental. Agora, antes de escrever, busco entender as necessidades da comunidade e como posso melhor representá-las, criando um esboço para direcionar a escrita. A revisão se tornou uma etapa essencial. Faço várias revisões para garantir que cada palavra represente fielmente os interesses e necessidades da comunidade (Ruth – V2).

R3 - Sim, aprendi a importância do planejamento. Agora, sempre faço um esboço inicial para organizar minhas ideias e estruturar minhas matérias. Sim, reviso várias vezes. A revisão é essencial para garantir precisão, clareza e qualidade nas informações que compartilho com os leitores do Jornal Ita (Dandara – V2).

Na análise da Versão 02, observamos um desenvolvimento notável nas práticas de planejamento e revisão dos/as estudantes, principalmente após a experiência de escrever para o jornal.

Nesse contexto formativo, atribuímos essas respostas à imersão prática dos/as estudantes na produção jornalística. A experiência no Jornal Ita não apenas forneceu conhecimento teórico sobre a importância do planejamento e revisão, mas também ofereceu um ecossistema comunicativo para aplicação desses conceitos. Os/as estudantes, ao se engajarem ativamente na produção de gêneros do campo da comunicação discursiva do jornalismo, assimilaram essas práticas como elementos cruciais para a eficácia e qualidade de suas contribuições.

As transformações nas práticas de planejamento e revisão refletem não apenas uma assimilação conceitual, mas também uma internalização prática desses métodos, sinalizando um desenvolvimento substancial nas habilidades de escrita dos/as estudantes durante a experiência no Jornal Ita. Essa evolução constitui uma valiosa contribuição para a formação de escritores mais conscientes, críticos e competentes, evidenciando uma mudança positiva e sistemática em seus processos editoriais após a participação no projeto do jornal escolar.

A mudança observada nas estratégias de planejamento e revisão dos/as estudantes pode ser interpretada à luz da teoria bakhtiniana. Ao escrever para o jornal, os estudantes se envolveram em um diálogo constante com a comunidade, buscando compreender suas necessidades e interesses. Esse diálogo, por sua vez, influenciou suas práticas de planejamento, levando-os a considerar mais cuidadosamente a audiência e a estruturar suas ideias de maneira mais organizada.

A análise comparativa das respostas entre a **Versão 01** e a **Versão 02** revela um notável impacto formativo da experiência no Jornal Ita sobre os hábitos de

planejamento e revisão dos/as estudantes. Na **Versão 02**, há uma clara evolução nas práticas de escrita, indicando uma assimilação significativa de conceitos e técnicas específicas advindas da experiência jornalística.

A ênfase na revisão também reflete uma sensibilidade ao contexto dialógico. Volóchinov (2017 [1929]) enfatizou a natureza dinâmica da linguagem, sujeita a constantes ajustes e modificações. Os/as estudantes, ao reconhecerem a necessidade de revisões frequentes, demonstram uma compreensão mais profunda da importância da comunicação precisa e da responsabilidade editorial ao apresentar informações à comunidade.

Dessa forma, a teoria bakhtiniana fornece um arcabouço conceitual valioso para entender a evolução observada nas práticas dos/as estudantes. A linguagem, vista como um processo social e dialógico, destaca a relevância das interações na formação das habilidades comunicativas dos indivíduos (Volóchinov, 2017 [1929]). Nesse contexto, as práticas aprimoradas de planejamento e revisão podem ser interpretadas como reflexos do diálogo contínuo estabelecido entre os/as estudantes e a comunidade através do jornal escolar.

No quinto questionamento indagamos a respeito do que os/as estudantes **fazem para melhorar suas habilidades de escrita:**

R1 - Eu tento ler mais e praticar a escrita regularmente. Às vezes, também peço dicas aos meus professores (Fernando – V1).

R2 - Eu tento ler bastante para aumentar meu vocabulário e exposição a diferentes estilos de escrita. Além disso, pratico escrevendo regularmente e busco feedback de professores e colegas (Ruth – V1).

R3 - Acho que ler mais ajuda, além de praticar mais redações e tentar usar palavras diferentes (Dandara – V1).

Na análise da Versão 01 deste questionamento, observamos as estratégias adotadas pelos/as estudantes para melhorar suas habilidades de escrita antes da experiência no Jornal Ita.

Já na aplicação da segunda versão do questionário, temos que:

Além de escrever mais regularmente, procuro aprender com meus colegas mais experientes e professores. Também leio mais para ampliar meu vocabulário (Fernando – V2).

Além de ler e praticar regularmente, agora busco mais interação com a comunidade, ouvindo suas histórias e entendendo suas demandas para representá-las de forma mais autêntica (Ruth – V2).

Estou sempre lendo e observando diferentes estilos de escrita (Dandara – V2).

Analisando a Versão 02 do questionamento sobre como os/as estudantes buscam aprimorar suas habilidades de escrita, observamos mudanças significativas nas estratégias adotadas após a experiência no Jornal Ita.

Ao considerar as falas dos/as estudantes à luz da teoria de Bakhtin (2003b [1952/1953]) sobre os gêneros do discurso, percebemos que a busca por interação com colegas e professores - como destacado por **Fernando** - evidencia a influência do gênero discursivo acadêmico-científico, onde a aprendizagem colaborativa e a troca de conhecimentos são fundamentais. Bakhtin (2003b [1952/1953]) argumenta que os gêneros do discurso são moldados pelas práticas sociais e pelas relações interpessoais, o que corrobora com a abordagem colaborativa mencionada por **Fernando**.

A ênfase de **Ruth** na interação com a comunidade para entender suas histórias e demandas reflete uma mudança em direção a uma escrita mais engajada e representativa. Nesse sentido, Freire (2002 [1997]) propõe uma educação que vá além da transmissão de conhecimento, buscando uma compreensão mais profunda das realidades locais e das vozes da comunidade. **Ruth** demonstra uma inclinação para essa abordagem ao considerar as demandas da comunidade como parte integrante de sua prática de escrita.

Dandara, ao enfatizar a leitura e observação de diferentes estilos de escrita, destaca a importância da diversidade de gêneros discursivos. Essa abordagem alinha-se com a teoria de Bakhtin (2002 [1934/1935]) sobre a heteroglossia, a coexistência de vozes e estilos linguísticos diversos em um texto. A prática contínua de **Dandara** de expor-se a diferentes estilos de escrita demonstra uma consciência da riqueza proporcionada pela heteroglossia na construção textual.

No sexto questionamento da aplicação dessa primeira parte do questionário, perguntamos **de que forma os/estudantes acreditam que escrever pode melhorar o conhecimento:**

R1 - Escrever me ajuda a organizar o que aprendo na escola e a entender melhor os tópicos. Também me faz pesquisar e aprender mais (Fernando – V1).

R2 - Escrever me ajuda a organizar e consolidar o que aprendo. Quando escrevo sobre um tópico, tenho que compreendê-lo profundamente para explicá-lo aos outros, o que melhora meu conhecimento sobre o assunto (Ruth – V1).

R3 - Acho que escrever me faz organizar melhor as ideias e pensar mais

sobre um assunto, então acabo aprendendo mais sobre o que escrevo (Dandara – V1).

Na análise da Versão 01 do questionamento sobre como os/as estudantes acreditam que escrever pode melhorar o conhecimento, observamos algumas percepções recorrentes.

Na segunda versão da aplicação do questionário, em relação a essa questão, eles/elas nos respondem que:

R1 - A escrita me ajuda a consolidar o conhecimento que adquiro na escola e nas minhas pesquisas para escrever notícias. Também me tornou mais crítico ao avaliar informações e fontes (Fernando – V2).

R2 - Escrever tem sido uma jornada de aprendizado contínuo. Representar as vozes da comunidade me desafia a pesquisar, aprofundar meu entendimento sobre diversos assuntos e, assim, ampliar meu conhecimento (Ruth – V2).

R3 - Escrever me faz mergulhar profundamente em assuntos variados, me desafia a pesquisar mais e a compreender melhor os temas que abordo nas matérias (Dandara – V2).

Na análise da Versão 02 do questionamento sobre como os/as estudantes acreditam que escrever pode melhorar o conhecimento, observamos evoluções e aprofundamentos em suas percepções.

Bakhtin (2003a [1979]), em sua obra "Estética da Criação Verbal", destaca a importância da linguagem como um meio de interação social e construção de significados. As respostas dos/as estudantes refletem essa perspectiva, evidenciando que a escrita não é apenas uma transmissão de conhecimento, mas um processo ativo de construção e consolidação do entendimento adquirido.

Soares (2018), propõe uma abordagem crítica e reflexiva sobre a comunicação e a educação. As respostas destacam a escrita como uma ferramenta que não apenas registra conhecimento, mas também desafia a pensar criticamente, avaliar informações e ampliar perspectivas.

Por último, perguntamos aos/as estudantes **qual a importância da escrita na vida pessoal e profissional:**

R1 - A escrita é importante porque nos ajuda a comunicar nossas ideias de maneira clara, seja na escola, no trabalho ou em nossas vidas pessoais. Ela é essencial para compartilhar informações e se expressar (Fernando – V1).

R2 - A escrita é fundamental tanto na vida pessoal quanto na profissional. Na vida pessoal, nos permite comunicar nossos sentimentos e pensamentos de maneira mais eficaz. Na carreira, a escrita é essencial para redigir relatórios, e-mails, apresentações e outros documentos que são parte do mundo profissional. Ter boas habilidades de escrita pode abrir portas e

melhorar nossas oportunidades no futuro (Ruth – V1).

R3 - Na vida pessoal, ajuda a se expressar melhor. Já na profissional, deve ser importante porque acho que muitos trabalhos precisam de gente que saiba se comunicar por escrito (Dandara – V1).

Na análise da Versão 01 em relação à importância da escrita na vida pessoal e profissional, observamos que os/as estudantes já possuíam uma compreensão inicial das implicações dessa habilidade.

Nesse sentido, na Versão 01, os/as estudantes já demonstravam uma percepção da escrita como uma habilidade multifacetada e essencial em diversos contextos da vida.

Já na Versão 02:

R1 - Após minha experiência no Jornal Ita, percebo que a escrita desempenha um papel crucial em todas as áreas da vida. Ela é fundamental para comunicar ideias, expressar opiniões e avançar na educação e na carreira. A escrita eficaz é uma habilidade valiosa que todos devem cultivar (Fernando – V2).

R2 - Na vida pessoal, a escrita é uma forma de compreender melhor a mim mesma e aos outros. Na profissional, é uma ferramenta poderosa para representar a diversidade de vozes e para promover a mudança e a inclusão (Ruth – V2).

R3 - Na vida pessoal, a escrita me permite me expressar melhor, e na profissional será a base da comunicação para minha carreira provavelmente (Dandara – V2).

Ao analisar a Versão 02 das respostas sobre a importância da escrita na vida pessoal e profissional, percebemos uma evolução nas percepções dos/as estudantes, evidenciando o impacto da experiência no Jornal Ita.

Em síntese, na Versão 02, as respostas refletem a compreensão da importância da escrita como ato, abrangendo não apenas aspectos comunicativos, mas também aspectos pessoais, sociais e profissionais, evidenciando a influência positiva da experiência no Jornal Ita nas percepções dos/as estudantes.

Ao concluir a análise das respostas dos/as estudantes, é possível constatar uma notável evolução nas percepções individuais. A experiência enriquecedora no Jornal Ita desempenhou um papel significativo no aprimoramento da compreensão dos/as estudantes em relação à escrita.

Fernando, Ruth e Dandara, inicialmente, abordaram a escrita de forma genérica, reconhecendo sua importância em diversos campos da vida. Contudo, após a imersão no contexto do Jornal Ita, suas visões se expandiram de maneiras distintas. Enquanto **Fernando** continuou a enfatizar a relevância da escrita para a

comunicação e a expressão de ideias, **Ruth e Dandara** ampliaram suas percepções, destacando a escrita como uma prática social poderosa não apenas para a comunicação, mas também para a compreensão pessoal, a representação da diversidade e a promoção de mudanças sociais. Essa experiência no Jornal Ita permitiu-lhes reconhecer o potencial transformador da escrita, tanto em nível individual quanto coletivo, ampliando assim seus horizontes e perspectivas sobre o papel da linguagem na sociedade.

A evolução dessas perspectivas reforça a influência positiva do projeto jornalístico educacional nas concepções dos/as estudantes. Essa transformação evidencia não apenas o desenvolvimento das habilidades práticas de escrita, mas também uma maturidade na compreensão do papel intrínseco da escrita em diferentes contextos (Soares, 2002).

Dessa forma, a análise das respostas sinaliza não apenas a aquisição de competências técnicas, mas também uma compreensão mais profunda da escrita como instrumento de expressão individual, representação comunitária e impacto social. Este panorama reforça a importância não apenas do desenvolvimento de habilidades, mas do engajamento em experiências educacionais que contribuem para uma formação mais integral e consciente dos/as estudantes.

5.1.2 Navegando pelas especificidades da escrita jornalística

Nesse momento, adentramos no âmago da produção textual jornalística, explorando a intrincada relação entre os/as estudantes e as especificidades da escrita jornalística. Nesse mergulho, nosso foco se volta para a compreensão do impacto formativo da experiência no Jornal Ita sobre a maneira como os/as estudantes escrevem gêneros jornalísticos. Este tópico visou desvendar não apenas a evolução das técnicas e habilidades práticas, mas também as transformações nas percepções sobre o jornalismo como ferramenta de expressão e intervenção social. A análise a seguir delinea um panorama detalhado desse processo, examinando os desafios, conquistas e reflexões emergentes da jornada educacional empreendida pelos/as participantes.

Nesta segunda etapa de análise dos questionários, abordamos o espectro específico da produção textual jornalística, direcionando nosso olhar para sete questões cruciais. Essas perguntas foram formuladas com o propósito de

compreender, de maneira abrangente, a evolução das perspectivas e práticas dos/as estudantes antes e após sua experiência na elaboração do Jornal Ita. Cada indagação busca não apenas mapear o desenvolvimento técnico, mas também capturar as nuances das transformações nas percepções individuais sobre o jornalismo e seu papel na sociedade. Dessa forma, delineamos um caminho analítico que desvela as complexidades dessa jornada educacional, destacando as interconexões entre a teoria, a prática e as percepções emergentes no contexto da produção jornalística estudantil.

Cabe ressaltar, que nesta etapa de análise dos questionários, centrada na escrita jornalística, foi imperativo obter informações específicas dos/as estudantes acerca do gênero jornalístico. Dada a ausência de experiência prévia dos/as estudantes na produção de jornais, tornou-se crucial compreender seus conhecimentos e entendimentos prévios sobre esse ecossistema comunicativo. Questões como o hábito de leitura de jornais, interesses específicos em tópicos jornalísticos, critérios para avaliar a qualidade da informação, entre outras, foram essenciais para contextualizar o desenvolvimento posterior das práticas de escrita jornalística. Essa abordagem estratégica permitiu uma análise mais aprofundada das percepções e expectativas dos/as estudantes em relação ao jornalismo, fundamentando a condução adequada das atividades de produção e aprimorando a compreensão dos/as participantes sobre o processo editorial.

Em um primeiro questionamento dessa seção, perguntamos se os/as estudantes **costumam ler²⁵ gêneros jornalísticos**:

R1 - Eu leio notícias em sites de notícias online de vez em quando para me manter informado sobre eventos importantes. Não leio jornais impressos (Fernando – V1).

R2 - Sim, eu leio gêneros jornalísticos ocasionalmente. Geralmente, leio notícias online e reportagens em sites de notícias. Faço isso para me manter informado sobre eventos atuais e aprender mais sobre o mundo ao meu redor (Ruth – V1).

R3 - Às vezes leio notícias no site do meu time de futebol, mas não com muita frequência. Prefiro outras coisas (Dandara – V1).

Na análise do primeiro questionamento desta seção, que aborda o hábito de leitura de gêneros jornalísticos, observamos diferentes níveis de engajamento por parte dos/as estudantes. As respostas indicam uma variação nos padrões de

²⁵ Apesar de termos a escrita como foco desta pesquisa, consideramos questões relacionadas à leitura pela sua indissociabilidade.

consumo de notícias e gêneros jornalísticos.

Essas respostas refletem a diversidade de interesses e preferências dos/as estudantes em relação à leitura de gêneros jornalísticos. Essa diversidade pode ser influenciada por fatores individuais, como interesses pessoais e motivações específicas para consumir informações jornalísticas.

Na Versão 02:

R1 - Sim, após minha experiência no Jornal Ita, passei a ler mais notícias impressas, como jornais locais e nacionais. Isso ocorre porque agora compreendo melhor a importância de se manter informado e gosto de ver meu trabalho impresso (Fernando – V2).

R2 - Sim, leio regularmente notícias e reportagens online, buscando compreender os acontecimentos e as perspectivas diversas sobre questões locais e globais (Ruth – V2).

R3 - Sim, leio reportagens investigativas. Gosto de aprender sobre temas relevantes para nossa comunidade e entender diferentes pontos de vista (Dandara – V2).

Na análise da resposta sobre o hábito de leitura de gêneros jornalísticos, observa-se uma transição significativa nas práticas dos/as estudantes ao longo da participação no projeto do Jornal Ita. Inicialmente, os relatos indicam que a leitura de notícias, especialmente *online*, era uma prática esporádica, predominantemente voltada para se manterem informados sobre eventos relevantes.

Contudo, na segunda versão do questionário, após a experiência no Jornal Ita, nota-se uma mudança marcante nos comportamentos de leitura. Os/as estudantes passaram a consumir mais variedades de gêneros jornalísticos, como notícias impressas, jornais locais e nacionais, além de reportagens investigativas. Esse fenômeno sugere uma ampliação do interesse e da compreensão sobre a diversidade do jornalismo, indicando uma conexão mais profunda com os temas abordados no contexto local e global.

Essa evolução pode ser atribuída ao envolvimento direto na produção jornalística, que não apenas despertou um interesse renovado nos/as estudantes, mas também proporcionou uma compreensão mais aprofundada sobre a importância da leitura para se manterem informados e engajados com as questões que cercam sua comunidade. Essa mudança reflete não apenas uma alteração nos hábitos de leitura, mas também uma internalização da relevância do jornalismo como instrumento de compreensão e engajamento social.

Nesse contexto, a mudança nos hábitos de leitura dos estudantes pode ser interpretada como uma forma de resistência ao poder hegemônico das informações

pré-digeridas, uma vez que eles passaram a buscar uma gama mais ampla de fontes jornalísticas.

Ao diversificar suas leituras, os/as estudantes não apenas ampliaram seu repertório informativo, mas também se tornaram agentes ativos na construção de conhecimento sobre sua comunidade e o mundo ao seu redor. Essa mudança sugere uma conscientização crescente sobre a importância de se engajar criticamente com diferentes perspectivas e abordagens jornalísticas.

Em um segundo questionamento, perguntamos **com que frequência os/as estudantes leem notícias jornalísticas**:

R1 - Leio notícias jornalísticas algumas vezes por semana, quando algo me interessa (Fernando – V1).

R2 - Eu leio notícias jornalísticas algumas vezes por semana. Tento acompanhar as notícias importantes, mas não leio todos os dias (Ruth – V1).

R3 - Não toda hora, só quando tem alguma coisa bem interessante acontecendo (Dandara – V1).

Na Versão 02 do questionário:

R1 - Leio notícias jornalísticas quase diariamente. Sempre procuro o jornal para ver como estão as histórias que escrevi (Fernando – V2).

R2 - Diariamente, busco estar atualizada, procurando entender as nuances por trás das notícias e como elas afetam a comunidade (Ruth – V2).

R3 - Leio todos os dias, acompanho as notícias para me manter informada e para me inspirar para futuras matérias (Dandara – V2).

Na análise do segundo questionamento sobre a frequência de leitura de notícias jornalísticas, percebemos uma evolução no engajamento dos/as estudantes, especialmente após a experiência no Jornal Ita.

O impacto formativo da participação no Jornal Ita nas práticas de leitura de notícias dos/as estudantes é evidente na mudança tanto na frequência quanto na abordagem dessa atividade. A produção do Jornal Ita não apenas incentivou um aumento significativo na frequência da leitura diária de notícias, como também promoveu uma transformação qualitativa nas motivações e no engajamento dos/as participantes.

Fernando ilustra essa transformação ao tornar sua leitura quase diária e vinculá-la diretamente à verificação dos gêneros discursivos que ele mesmo contribuiu para criar. Esse hábito evidenciou não apenas uma assimilação superficial, mas uma internalização profunda do papel ativo na produção de notícias.

Esse engajamento sugeriu uma consciência crítica sobre o impacto e a relevância do jornalismo, indicando uma mudança substancial em sua atitude em relação à informação. A leitura diária, nesse contexto, transcende a mera busca por informação, tornando-se um processo reflexivo e participativo, consolidando sua compreensão sobre a interconexão entre a produção e o consumo de notícias. Essa mudança qualitativa fortaleceu sua posição não apenas como consumidor, mas como um agente ativo na construção e disseminação de informações na sociedade.

Ruth, que transicionou de uma leitura semanal para adotar um hábito diário de buscar atualizações, revela a ênfase em compreender as nuances por trás das notícias aponta para uma postura mais crítica e analítica, características essenciais para uma participação informada e ativa na sociedade. Essa mudança reflete não apenas um aumento na quantidade de leitura, mas também uma evolução qualitativa em sua prática, indicando um engajamento mais consciente e reflexivo com as informações veiculadas. A busca por compreensão aprofundada das nuances jornalísticas sugeriu um desejo de ir além do superficial, consolidando-se como uma leitora crítica e atenta às complexidades dos temas abordados. Essa postura, construída após a experiência no Jornal Ita, reforça a importância da formação jornalística na promoção de cidadãos críticos e participativos.

Dandara, ao adotar a leitura diária para se manter informada e encontrar inspiração, reflete uma integração mais profunda no contexto jornalístico. Essa mudança não apenas amplia seu conhecimento sobre a atualidade, mas também evidencia uma compreensão mais apurada da importância do jornalismo como uma fonte confiável e inspiradora de informações. Sua busca pela leitura diária não se limita a uma simples busca por dados, mas abraça o jornalismo como parte essencial para compreender o mundo ao seu redor e se inspirar para futuras contribuições. Essa postura sugere não apenas uma mudança de hábito, mas uma internalização dos valores e da relevância do jornalismo na formação de uma visão informada e participativa.

Além de influenciar positivamente a frequência e a natureza da leitura de notícias jornalísticas, a participação no Jornal Ita desempenhou um papel crucial no aprofundamento da compreensão dos/as estudantes sobre temas sociais relevantes, sob uma perspectiva decolonial, visto que a prática jornalística proporcionou um ecossistema comunicativo para explorar e abordar questões sociais significativas, contribuindo para a conscientização e engajamento dos/as participantes e da

comunidade em relação a essas temáticas.

Ao produzirem notícias para o jornal, por exemplo, os/as estudantes tiveram a oportunidade de investigar e comunicar questões sociais, considerando a diversidade de vozes e perspectivas presentes em suas comunidades. O contato direto com a realidade social por meio da escrita de gêneros dos discursivos empreendidos no jornal sensibilizou os/as estudantes para a importância de questões como justiça social, diversidade, inclusão e outros tópicos relevantes, sob uma abordagem que valoriza e respeita as diferentes formas de conhecimento.

Assim, a experiência no Jornal Ita, quando considerada sob uma perspectiva decolonial, não apenas impactou positivamente os padrões de leitura de notícias dos/as estudantes, mas também desempenhou um papel significativo na ampliação de sua compreensão sobre temas sociais, abordando-os de maneira mais inclusiva e respeitosa das diferentes narrativas e saberes presentes em suas comunidades. A abordagem decolonial dessas questões por meio do jornalismo escolar foi fundamental para a formação de cidadãos/ãs mais informados/as, conscientes e engajados/as em relação aos desafios e questões sociais contemporâneos.

Além disso, a Educomunicação, abordada por Soares (2018), destaca a integração da comunicação no processo educativo. A mudança nos hábitos de leitura pode ser vista como um reflexo do empoderamento dos/as estudantes como agentes comunicativos, evidenciando a eficácia da abordagem educacional na promoção de uma relação mais ativa com a informação.

Com isso, a mudança na frequência de leitura evidencia a valorização do ato de buscar informações, tornando-se sujeitos ativos na busca pelo conhecimento. Bakhtin (2003b [1952/1953]), contribui para a compreensão das mudanças na linguagem e na forma como os/as estudantes passam a se relacionar com as notícias. Ao discutir os gêneros discursivos, o autor destaca a importância das práticas sociais na construção da linguagem. A participação no jornal escolar pode ser interpretada como uma prática social que influencia a forma como os/as estudantes se aproximam e interagem com os gêneros jornalísticos, promovendo uma maior familiaridade e interesse.

No terceiro questionamento, indagamos como os/as estudantes **avaliam a qualidade da informação apresentada em uma notícia:**

R1 - Eu olho para a fonte da notícia e procuro informações adicionais para

verificar se a notícia é confiável (Fernando – V1).

R2 - Para avaliar a qualidade da informação em uma notícia, eu verifico a fonte, procuro evidências e citações de especialistas, e vejo se a notícia apresenta informações equilibradas e imparciais. Também considero se a notícia segue os princípios éticos do jornalismo (Ruth – V1).

R3 - Acho que se parece real e tem detalhes, deve ser boa. Não costumo analisar tanto (Dandara – V1).

R1 - Agora, após minha experiência no jornal, aprendi a avaliar a qualidade da informação com mais critério. Verifico a fonte, a credibilidade do jornalista e a presença de fatos sólidos na matéria (Fernando – V2).

R2 - A qualidade é medida pela objetividade, pelo embasamento em fontes confiáveis e pela capacidade de oferecer uma visão imparcial e completa do assunto (Ruth – V2).

R3 - Avalio a qualidade pela clareza, pela diversidade de fontes e pela contextualização dos fatos apresentados (Dandara – V2).

Ao analisar as respostas referentes à avaliação da qualidade da informação em uma notícia, observamos uma mudança significativa nas percepções dos/as estudantes após a experiência no Jornal Ita.

Na versão inicial do questionário, **Fernando** indica que avalia a qualidade da informação olhando para a fonte da notícia e procurando informações adicionais para verificar a confiabilidade. Porém, após a experiência no jornal, sua abordagem tornou-se mais crítica. Ele aprendeu a avaliar com mais critério, verificando não apenas a fonte, mas também a credibilidade do jornalista e a presença de fatos sólidos na matéria.

Ruth, na versão inicial, demonstra uma avaliação mais elaborada da qualidade da informação. Ela verifica a fonte, busca evidências e citações de especialistas, analisa a imparcialidade e equilíbrio da notícia, além de considerar os princípios éticos do jornalismo. Na versão pós-experiência, reforça a importância da objetividade, do embasamento em fontes confiáveis e da capacidade de oferecer uma visão imparcial e completa do assunto.

Dandara, inicialmente, avalia a qualidade da informação com base na aparência de realidade e na presença de detalhes, sem uma análise aprofundada. Após a participação no jornal, ela aprimora sua abordagem, considerando clareza, diversidade de fontes e contextualização dos fatos como critérios para avaliar a qualidade da informação.

Essas mudanças indicam que a experiência no Jornal Ita não apenas influenciou positivamente as práticas de leitura, mas também fortaleceu a capacidade crítica dos/as estudantes na avaliação da qualidade das informações jornalísticas. O entendimento aprimorado sobre credibilidade, objetividade e ética

jornalística destaca a relevância do envolvimento ativo na produção de notícias para o desenvolvimento dessas habilidades.

Soares (2018), destaca a importância de abordagens críticas e reflexivas na educação midiática. Suas ideias sobre Educomunicação como um paradigma indispensável à renovação curricular podem ser aplicadas à transformação nas percepções dos/as estudantes após a experiência no jornal.

A abordagem inicial de **Fernando**, que se limitava a verificar a fonte da notícia, pode ser relacionada à falta de uma educação midiática mais aprofundada. A mudança em sua abordagem após a experiência, incorporando a avaliação da credibilidade do jornalista e a presença de fatos sólidos, reflete uma evolução na compreensão da complexidade envolvida na análise de informações jornalísticas.

Ruth, ao mencionar a busca por evidências, citações de especialistas e a consideração dos princípios éticos do jornalismo, revela uma postura alinhada com a proposta de uma educação para os meios, conforme defendido por Soares (2011). A ênfase dela na objetividade, fontes confiáveis e visão imparcial na versão pós-experiência demonstra uma assimilação mais profunda desses conceitos.

A evolução na abordagem de **Dandara**, que passou de uma avaliação superficial baseada na aparência de realidade para critérios mais sólidos como clareza, diversidade de fontes e contextualização dos fatos, sugere um desenvolvimento significativo na sua competência crítica.

Em um quarto momento, perguntamos **quais os assuntos que mais interessam os/as estudantes em relação a matérias jornalísticas:**

R1 - Tenho interesse em notícias sobre esportes e entretenimento, além de assuntos relacionados à ciência e tecnologia (Fernando – V1).

R2 - Tenho interesse em matérias relacionadas à ciência, tecnologia e meio ambiente. R3 - Além disso, acompanho notícias sobre política e eventos globais (Ruth – V1).

Gosto de ler sobre música, cultura pop, e às vezes, notícias de esporte (Dandara – V1).

R1 - Minha experiência no Jornal Ita me fez apreciar uma variedade de assuntos. Gosto de ler sobre eventos locais, cultura e até mesmo questões nacionais e internacionais (Fernando – V2).

R2 - Questões socioambientais, inovação e a diversidade de histórias humanas têm meu interesse particular, pois refletem os valores e desafios da comunidade (Ruth – V2).

R3 - Tenho interesse especial em matérias sobre educação, cultura e questões sociais, pois são temas que impactam diretamente nossa comunidade (Dandara – V2).

Ao analisar as respostas relacionadas aos interesses em matérias jornalísticas, é possível observar uma evolução nas preferências e uma ampliação do escopo de interesse após a experiência no Jornal Ita.

Essas mudanças sugerem que a participação ativa na produção de matérias jornalísticas proporcionou aos/as estudantes uma compreensão mais aprofundada da diversidade de assuntos relevantes. O envolvimento no Jornal Ita não apenas influenciou seus interesses, mas também ampliou sua percepção sobre os temas que impactam diretamente a comunidade, enriquecendo assim sua experiência jornalística.

Bakhtin (2003b [1952/1953]), em sua teoria, destaca a importância dos gêneros discursivos como formas específicas de interação discursiva, moldadas pelo campo social e cultural. As mudanças nos interesses dos/as estudantes podem ser compreendidas à luz da perspectiva bakhtiniana, considerando que a participação ativa na produção jornalística proporciona uma imersão mais profunda na diversidade de gêneros discursivos. A experiência no Jornal Ita pode ter influenciado a percepção dos/as estudantes sobre os temas, ampliando seus repertórios discursivos.

Outro aspecto relevante é a questão da polifonia, presente na teoria bakhtiniana, que destaca a coexistência de vozes diversas em um texto. No contexto do Jornal Ita, a pluralidade de vozes e perspectivas pode ter impactado diretamente nos interesses dos/as estudantes, tornando-os/as mais receptivos/as a uma variedade de assuntos.

Em um quinto questionamento, indagamos a respeito do que os/as estudantes **acham mais importante em uma matéria, se a imparcialidade ou a opinião do jornalista:**

R1 - Acho importante a imparcialidade, pois quero apenas os fatos para formar minha própria opinião (Fernando – V1).

R2 - Eu acredito que a imparcialidade é mais importante em uma matéria jornalística. O papel do jornalista é fornecer informações objetivas e equilibradas, permitindo que o leitor forme sua própria opinião com base nos fatos apresentados (Ruth – V1).

R3 - Acho que é bom ter um pouco dos dois, mas acho que a imparcialidade é mais importante (Dandara – V1).

R1 - Aprendi que a imparcialidade é mais importante em uma matéria jornalística. Embora a opinião do jornalista seja válida, a notícia deve ser imparcial e baseada em fatos objetivos (Fernando – V2).

R2 - A imparcialidade é essencial para relatar os fatos, mas a análise e a contextualização da opinião do jornalista também são valiosas para

compreender a complexidade de certos assuntos (Ruth – V2).
R3 - Acredito que a imparcialidade é crucial para reportagens informativas, mas a opinião do jornalista pode agregar valor em análises e artigos de opinião, desde que seja claramente distinguida dos fatos (Dandara – V2).

Ao analisar as respostas dos/as estudantes entre as versões 1 e 2 referentes à importância da imparcialidade versus a opinião do jornalista em uma matéria, podemos observar uma evolução nas perspectivas após a participação no Jornal Ita. É notável que **Fernando** mantém a ênfase na importância da imparcialidade, mesmo após a produção do Jornal Ita, indicando uma firmeza em sua visão sobre a necessidade de objetividade na matéria jornalística.

Por outro lado, **Ruth e Dandara** apresentam uma evolução mais evidente de suas perspectivas sobre linguagem como interação e marcada pela polifonia após a participação no Jornal Ita. Essa evolução sugere não apenas uma maior conscientização sobre a complexidade da escrita jornalística, mas também uma ampliação do entendimento sobre a linguagem como uma ferramenta de interação e expressão, enriquecida pela diversidade de vozes e perspectivas. A participação no Jornal Ita parece ter proporcionado aos/as estudantes uma experiência enriquecedora que os levou a repensar suas concepções sobre o papel do jornalismo na sociedade e a natureza multifacetada da linguagem na comunicação contemporânea.

Volóchinov (2017 [1929]) ressalta a pluralidade de vozes que coexistem nos diferentes discursos, enfatizando que a imparcialidade não implica a ausência de perspectiva ou posicionamento. Ele argumenta que a compreensão completa de um fenômeno requer a consideração de diversas vozes e pontos de vista.

Almeida (2016), ao discutir projetos de intervenção em Educomunicação, também contribui para a compreensão da importância da diversidade de vozes no ambiente educacional. Para a autora, a Educomunicação enfatiza a produção coletiva de sentido e a participação ativa dos/as estudantes na construção do conhecimento. A interação no Jornal Ita pode ser percebida como uma prática educacional, estimulando a reflexão crítica sobre a relação entre imparcialidade e opinião.

Portanto, a evolução observada nas respostas dos/as estudantes não apenas reflete uma compreensão mais refinada da imparcialidade e opinião no jornalismo, mas também sugere uma internalização dos princípios educacionais, onde a

multiplicidade de vozes e a participação ativa são valorizadas na construção do conhecimento.

Em um sexto questionamento, solicitamos que os/as estudantes nos dissessem **se já tiveram alguma experiência com a escrita de textos jornalísticos. E em caso positivo, que nos relatassem como foi:**

R1 - Não tive experiência em escrever textos jornalísticos até agora (Fernando – V1).

R2 - Sim, tive a oportunidade de escrever textos jornalísticos na escola como parte de projetos e atividades. Foi uma experiência interessante, pois me desafiou a pesquisar, entrevistar pessoas e escrever de forma clara e objetiva (Ruth – V1).

R3 - Não, nunca escrevi nada assim. Acho que seria legal tentar (Dandara – V1).

Após a escrita do Jornal:

R1 - Sim, minha experiência escrevendo para o Jornal Ita foi emocionante. Aprendi a pesquisar, entrevistar pessoas e escrever de maneira clara e objetiva. É gratificante ver meu trabalho impresso e distribuído para a comunidade (Fernando – V2).

R2 - Sim, foi uma experiência enriquecedora. Escrever para o Jornal Ita me permitiu entender o poder da escrita para representar os interesses da comunidade e promover mudanças positivas (Ruth – V2).

R3 - Sim, como repórter do Jornal Ita. Foi desafiador no início, mas me trouxe aprendizados valiosos e me permitiu contribuir com a minha comunidade (Dandara – V2).

Ao analisar as respostas dos/as estudantes sobre suas experiências anteriores com a escrita de textos jornalísticos e a evolução após a participação no Jornal Ita, podemos identificar transformações significativas.

As análises indicam que a participação no Jornal Ita não apenas proporcionou uma experiência prática na escrita jornalística, mas também teve um impacto significativo no entendimento e apreciação dos/as estudantes sobre o papel e a influência da escrita jornalística na comunidade. A experiência parece ter sido catalisadora para uma compreensão mais profunda do potencial da escrita jornalística como meio de expressão e agente de mudanças positivas.

Fernando, na V1, representa o sujeito que ingressa no universo da escrita jornalística sem experiência prévia. Ao relatar sua experiência na V2, ele destaca a emoção de ver seu trabalho impresso e distribuído para a comunidade. Nesse contexto, Volóchinov (2017 [1929]) ressaltaria a dimensão social da linguagem, evidenciando como a escrita jornalística não é apenas uma atividade individual, mas uma forma de interação que envolve a comunidade.

Ruth, na V1, já tinha alguma experiência, mas destaca o desafio de pesquisar e escrever de forma objetiva. Na V2, ela amplia sua visão, reconhecendo o poder da escrita para representar interesses da comunidade e promover mudanças. Essa mudança revela uma compreensão mais profunda dos gêneros discursivos, como apontado por Bakhtin (2003b [1952/1953]), que destaca a diversidade de vozes presentes nos discursos sociais.

Essas análises à luz da teoria bakhtiniana sugerem que a participação no Jornal Ita não apenas desenvolve habilidades práticas na escrita jornalística, mas também promove uma compreensão mais profunda da função social e dialogia presentes nesse gênero discursivo. A interação com a comunidade, o reconhecimento do poder da escrita e a promoção de mudanças positivas destacam a relevância e a influência da educomunicação na formação dos/as estudantes.

Em um último questionamento, perguntamos **qual é a importância dos textos jornalísticos na sociedade atual:**

R1 - Os textos jornalísticos são importantes porque nos mantêm informados sobre o que está acontecendo no mundo. Eles nos ajudam a entender eventos e questões importantes e a participar de discussões significativas na sociedade (Fernando – V1).

R2 - Os textos jornalísticos desempenham um papel fundamental na sociedade atual, pois fornecem informações críticas que ajudam as pessoas a tomar decisões informadas. Eles também servem como um contrapeso ao poder, ao expor questões importantes e responsabilizar instituições e indivíduos. Além disso, os jornalistas desempenham um papel vital na manutenção da democracia, garantindo a transparência e a prestação de contas (Ruth – V1).

R3 - Acho que eles ajudam a gente a saber o que tá acontecendo no mundo e a entender melhor as coisas que tão rolando (Dandara – V1).

Após a análise das respostas dos/as estudantes sobre a importância dos textos jornalísticos na sociedade, percebemos uma compreensão aprofundada do papel vital desempenhado pelo jornalismo na formação da opinião pública e na manutenção de uma sociedade informada.

As respostas evidenciam a importância percebida dos textos jornalísticos como uma fonte essencial de informação, promovendo a compreensão, o engajamento e a participação cívica na sociedade. A abordagem de **Ruth** destaca a dimensão crítica do jornalismo no funcionamento da democracia, sublinhando seu papel como um pilar fundamental na estrutura social.

Por fim, na V2 da aplicação do questionário, os/as estudantes apresentam

que:

R1 - Os textos jornalísticos, especialmente em um jornal impresso como o Jornal Ita, são cruciais para manter a comunidade informada sobre eventos locais e questões importantes. Eles também desempenham um papel fundamental na democracia, ao garantir a transparência e a prestação de contas das instituições. Minha experiência me mostrou como o jornalismo impresso continua a ser uma parte valiosa da sociedade atual, mantendo as pessoas conectadas e informadas (Fernando – V2).

R2 - Os textos jornalísticos são um alicerce da informação e da democracia. Eles desempenham um papel crucial na representação dos interesses da comunidade, na responsabilização das instituições e na promoção de uma sociedade informada e inclusiva (Ruth – V2).

R3 - Os textos jornalísticos têm um papel fundamental na sociedade atual ao informar, conscientizar e influenciar a opinião pública, contribuindo para uma comunidade mais informada e engajada (Dandara – V2).

Na versão 2 do questionário, observamos uma continuidade e aprofundamento das percepções dos/as estudantes sobre a importância dos textos jornalísticos na sociedade. As respostas refletem uma apreciação mais refinada do papel do jornalismo, especialmente após a experiência no Jornal Ita.

Desse modo, as respostas na V2 reiteram a importância do jornalismo na sociedade, destacando não apenas a função informativa, mas também o papel fundamental na promoção da democracia, transparência e engajamento cívico. Essa evolução nas percepções pode ser atribuída à experiência direta no Jornal Ita, que proporcionou uma compreensão mais aprofundada do funcionamento e do impacto do jornalismo na comunidade.

Freire (2019 [1967]) ressalta a importância de práticas educativas que promovam a comunicação e a expressão, aspectos fundamentais presentes nas respostas dos/as estudantes. A ideia de que os textos jornalísticos não apenas informam, mas também possibilitam a participação em discussões, está alinhada com a perspectiva educacional de empoderamento e expressão.

Sousa Santos (2021 [2006]), ao abordar a gramática do tempo e uma nova cultura política, oferece subsídios para entender as percepções dos/as estudantes no contexto da sociedade atual. As respostas indicam uma consciência da importância do jornalismo não apenas como informação, mas como um agente ativo na formação da opinião pública e na promoção da democracia, aspectos alinhados às discussões do autor sobre transformações culturais e políticas.

Xavier (2020) destaca a importância da comunicação na educação e a necessidade de repensar a prática educativa. As respostas dos/as estudantes,

especialmente na V2, revelam uma compreensão mais ampla dos textos jornalísticos, indicando uma possível influência da perspectiva educacional na percepção de sua importância.

Diante da análise abrangente dos questionários aplicados aos/as estudantes, é possível extrair reflexões significativas sobre suas percepções em relação à escrita e ao jornalismo. Inicialmente, ao indagarmos sobre a compreensão do ato de escrever, percebemos uma visão unânime entre os/as participantes, que enxergam a escrita como uma forma de comunicação, expressão de ideias e veículo para compartilhar conhecimento.

Ao longo das diferentes versões do questionário, evidenciamos uma evolução notável nas respostas, especialmente após a experiência no Jornal Ita. Os/as estudantes não apenas ampliaram sua frequência de escrita, mas também passaram a enxergar a escrita como ato, e uma prática social poderosa para interação, representação da comunidade e criação de conexões.

A análise revelou uma mudança nas percepções sobre os desafios da escrita, destacando a transição de preocupações iniciais, como ortografia e estruturação de ideias, para desafios mais refinados, como objetividade, imparcialidade e equilíbrio na produção jornalística.

No que tange aos hábitos de escrita, os/as estudantes demonstraram uma transição positiva, passando de uma escrita mais restrita a tarefas escolares para uma prática mais abrangente e contínua, especialmente ao se engajarem na redação para o Jornal Ita.

Quanto à leitura de gêneros jornalísticos, a experiência no jornal contribuiu significativamente para um aumento no interesse e na compreensão da importância do jornalismo na sociedade. Os/as participantes, ao refletirem sobre a qualidade da informação, evidenciaram uma postura mais crítica e criteriosa, priorizando a imparcialidade e a veracidade.

Em relação à experiência específica com a produção jornalística, a participação no Jornal Ita foi destacada como enriquecedora e desafiadora. Os/as estudantes não apenas aprenderam a pesquisar, entrevistar e escrever de forma mais clara e objetiva, mas também passaram a compreender a relevância do jornalismo para a representação da comunidade e a promoção de mudanças positivas.

Ao abordarem a importância dos textos jornalísticos na sociedade, os/as

estudantes, na segunda versão do questionário, consolidaram a percepção de que o jornalismo é um pilar essencial para a informação, a democracia e o engajamento cívico.

Assim, a análise detalhada dos questionários revela uma trajetória de evolução nas percepções e práticas dos estudantes em relação à escrita e ao jornalismo, destacando a relevância da experiência prática no Jornal Ita na formação de uma compreensão mais profunda e madura sobre esses elementos fundamentais.

5.2 IMPACTO E COMPREENSÃO: A INFLUÊNCIA DA ESCRITA DOS GÊNEROS JORNALÍSTICOS NA FORMAÇÃO CRÍTICA

Nessa seção, adentramos uma análise sobre o impacto significativo e a compreensão resultante da interação dos/as estudantes com diversos gêneros jornalísticos no processo de elaboração do Jornal Escolar almejado nessa pesquisa. O foco recai na avaliação minuciosa de como esses gêneros específicos impactam a perspectiva dos/as estudantes em relação à função social do jornalismo. Nesta etapa, dirigimos nossa atenção para examinar de que maneira as práticas de escrita não apenas desenvolvem a competência jornalística dos/as estudantes, mas também influenciam de maneira substancial a visão crítica sobre o papel transformador e essencial do jornalismo na sociedade.

Explorar o impacto e a compreensão derivados da exposição dos/as estudantes a diversos gêneros jornalísticos é crucial para desvendar o potencial formativo dessas práticas. Ao analisar como os/as estudantes absorvem e interpretam diferentes modalidades discursivas presentes no jornalismo, podemos desvelar reflexões sobre a construção de conhecimento e a percepção que desenvolvem em relação às complexidades sociais e informativas que os cercam.

Dentro desse escopo, torna-se evidente que a experiência com gêneros jornalísticos vai além do aprimoramento das habilidades técnicas de escrita. Aprofundar-se nesse universo propicia uma compreensão mais sofisticada da dinâmica entre a imprensa e a sociedade. Os gêneros jornalísticos, ao serem veículos de informação, não apenas transmitem notícias, mas também impactam a maneira como os indivíduos interpretam e respondem aos eventos que ocorrem ao seu redor.

Essa análise visa não apenas destacar a influência dos gêneros jornalísticos na formação crítica dos/as estudantes, mas também lançar luz sobre como essas práticas escritas podem ser instrumentos catalisadores de uma consciência mais aguçada em relação aos desafios e responsabilidades inerentes ao exercício do jornalismo na contemporaneidade. O propósito é desvendar como a diversidade de gêneros jornalísticos se torna um componente vital na construção de uma visão cidadã informada e reflexiva.

No desenvolvimento do Jornal Escolar, intitulado Jornal Ita, os estudantes lideraram a criação de três edições com a supervisão da pesquisadora. A primeira, realizada em dezembro de 2022, serviu como um projeto **piloto** e, embora não seja objeto de análise neste momento, compartilharemos parte de seus resultados como forma de validar essa produção inicial. A edição inaugural oficial foi lançada em junho de 2023, seguida pela segunda edição oficial em setembro do mesmo ano. Ambas as edições exploraram temáticas sociais que envolvem uma perspectiva decolonial.

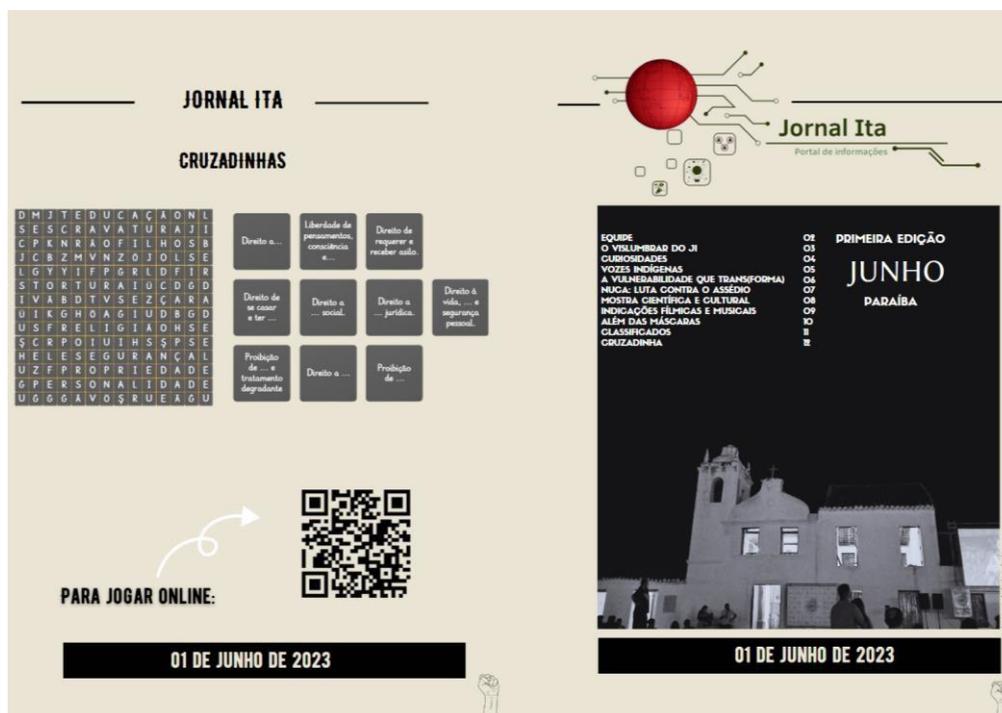
A seguir, apresentamos a concepção das três capas das edições elaboradas ao longo dessa pesquisa:

Figura 02 – Capa da Edição Piloto



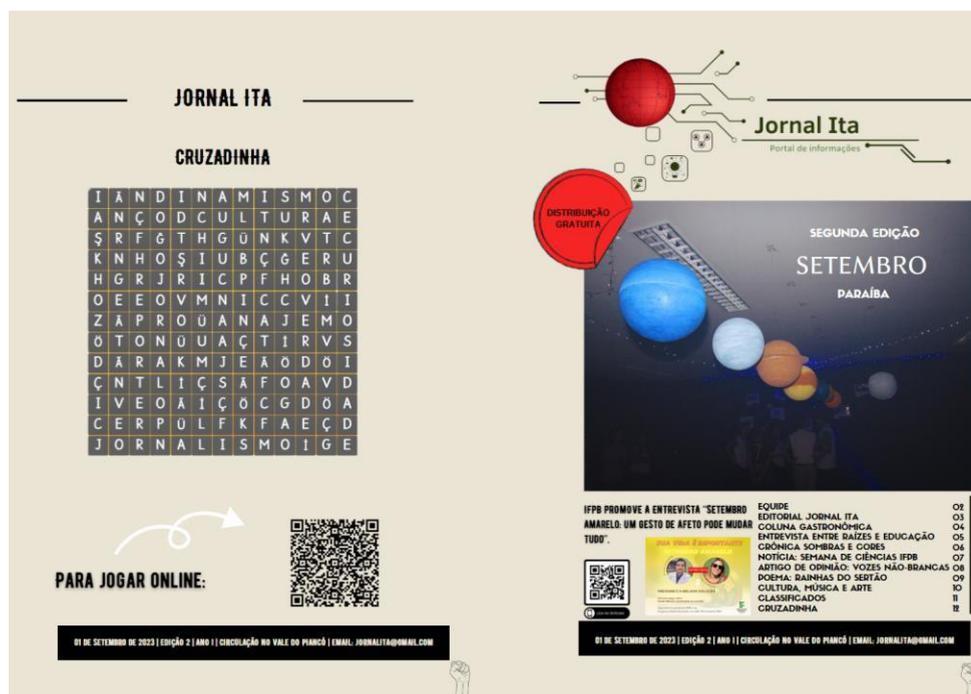
Fonte: dados da pesquisa (2022)

Figura 03 – Capa da Edição Oficial 01



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Figura 04 – Capa da Edição Oficial 02



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A análise das melhorias nas capas das três edições do jornal escolar revela

uma evolução significativa em termos de organização, estética e conteúdo. Nesse sentido, compreendemos que o surgimento de um público-leitor diferente e o advento de novas ferramentas de editoração gráfica, juntamente com as transformações contínuas nas práticas profissionais, estabeleceram novos paradigmas para o campo do jornalismo.

Nos últimos 40 anos, testemunhamos mudanças substanciais, especialmente no que se refere aos projetos gráficos no âmbito do jornalismo impresso. Atualmente, o espaço dedicado a elementos verbais e visuais tem uma predominância notável em comparação com a década de 80. Moraes (2003, p. 25) destaca que essas transformações têm sido significativas, quando nos traz que “As imagens que aparecem nos jornais contemporâneos são frutos do desenvolvimento não só da tecnologia da produção e impressão, mas também do esforço de comunicar alguma coisa com recursos gráficos, e não apenas com o texto”.

Sabendo disso, a primeira edição oficial, em comparação a edição piloto, observa-se uma clara melhoria na apresentação. A introdução de um logo personalizado confere identidade ao jornal, proporcionando uma aparência mais profissional e coesa. Os títulos das seções estão mais organizados, e a seleção de temas decoloniais demonstra uma abordagem mais ampla e engajada, com destaque para assuntos relevantes, como a luta contra o assédio e vozes indígenas.

A segunda edição representa um avanço notável em relação à primeira. A presença do logo é mantida, consolidando a identidade visual do jornal. Os títulos das seções estão mais estruturados, e a diversidade de conteúdo é ampliada, incorporando gêneros como entrevistas, crônicas, artigos de opinião e poemas. A capa transmite uma atmosfera mais profissional e atraente, refletindo a evolução editorial.

Na segunda edição, além dos avanços já mencionados em relação à primeira, os/as estudantes introduzem elementos adicionais que enriquecem ainda mais a apresentação do jornal. Destaca-se a inclusão de informações cruciais, como o local de circulação do jornal, o endereço de e-mail para contato direto com a redação e a identificação de que o periódico é distribuído gratuitamente.

A divulgação do local de circulação do jornal proporciona aos leitores uma compreensão clara da área de abrangência do periódico, contextualizando a relevância das notícias e eventos apresentados. O fornecimento de um endereço de e-mail para contato direto fortalece a interação entre a redação e os leitores,

estabelecendo um canal eficaz para sugestões e participação da comunidade escolar.

Além disso, ao identificar explicitamente que o jornal é distribuído de forma gratuita, os estudantes comunicam de maneira transparente a acessibilidade do periódico, incentivando uma maior adesão e participação da comunidade. Esses elementos adicionais contribuem não apenas para a informação do público, mas também para a consolidação da credibilidade e transparência do jornal, reforçando a evolução editorial evidenciada na segunda edição.

No contexto do desenvolvimento do jornal escolar, a intervenção da pesquisadora desempenhou um papel fundamental na implementação de aprimoramentos significativos. Dentre as orientações proporcionadas, destaca-se a introdução de uma identidade visual personalizada, evidenciada pela incorporação de um logotipo exclusivo nas edições oficiais. Essa intervenção visou conferir ao jornal uma identidade mais profissional e distintiva.

Outro aspecto abordado durante a orientação da pesquisadora foi a reorganização e estruturação das edições oficiais. Nesse sentido, observa-se uma clara melhoria na disposição dos títulos das seções, resultando em uma leitura mais fluída e agradável para o público-alvo do jornal. Esse refinamento na organização contribuiu para a otimização da experiência de leitura.

A ampliação da variedade de conteúdo foi outra diretriz adotada durante a orientação, refletindo-se diretamente na riqueza e diversidade dos elementos presentes nas edições oficiais. A inserção de entrevistas, crônicas, artigos de opinião e poemas representa uma abordagem mais abrangente e enriquecedora para os leitores, conferindo ao jornal uma pluralidade de vozes e perspectivas.

A pesquisa orientada também se pautou pelo engajamento em temas relevantes, evidenciado pelas escolhas temáticas sociais presentes nas edições oficiais. A abordagem de assuntos como vozes indígenas, a luta contra o assédio e enfoques culturais e científicos demonstra um comprometimento com a reflexão crítica e a informação contextualizada.

Nesse sentido, as melhorias implementadas nas capas das edições sob a orientação da pesquisadora delineiam um processo de refinamento editorial, denotando um amadurecimento na proposta do jornal escolar. A introdução de uma identidade visual distinta, a reorganização eficiente e a ampliação da diversidade de conteúdo convergem para conferir ao jornal uma apresentação mais profissional e

atrativa, alinhada aos objetivos educacionais propostos.

A partir desse entendimento, é possível perceber que o campo jornalístico é formado e operado por meio de gêneros, os quais, por sua vez, são construídos nesse contexto específico. Esses gêneros do discurso no campo jornalístico não apenas refletem as características da situação social, mas também servem como padrões para as diversas interações comunicativas que ocorrem nesse ambiente. Seguindo a perspectiva de Rodrigues (2001, p. 74),

Os gêneros estão vinculados aos campos sociocomunicativas. Eles se formam e se desenvolvem à medida que se desenvolve e se complexifica a sua esfera social. Eles refletem nos seus diferentes momentos constitutivos as particularidades da sua situação social, constituem-se como modelos para a construção e interpretação dos discursos das suas esferas.

Bakhtin (2003a [1979]) argumenta que, ao considerar as interações que ocorrem nos diversos campos sociais em que os gêneros estão presentes, é necessário pressupor um horizonte social específico. Esse horizonte é definido pela situação e pelo meio sociais, que, por sua vez, são os elementos constituintes dos gêneros. De acordo com as bases da Teoria Dialógica da Linguagem, a “[...] a situação social mais imediata e o meio social mais amplo determinam completamente e, por assim dizer, a partir do seu próprio interior, a estrutura da enunciação” (Bakhtin, 2003a [1979], p. 117). Os gêneros refletem situações sociais tipificadas de interação discursiva em um campo social específico. Assim, cada gênero possui objetivos específicos, uma concepção distinta de autor e destinatário, um conteúdo temático particular, um estilo verbal próprio e uma composição que reflete as condições e propósitos do campo ao qual estão associados (Rodrigues, 2001).

Nesse sentido, as edições do jornal escolar abrangem uma variedade de categorias que refletem a diversidade e riqueza de conteúdo produzido pelos/as estudantes engajados no processo editorial. A seção “Equipe” proporciona uma visão sobre os bastidores do jornal, apresentando os colaboradores responsáveis pela elaboração e execução de cada edição, destacando a importância do trabalho coletivo.

A seção “Editorial” oferece uma plataforma para expressão de opiniões e posicionamentos da equipe editorial, refletindo a identidade e perspectiva do jornal. Já em “Curiosidades”, os leitores têm acesso a informações interessantes e

envolventes que estimulam a curiosidade e o aprendizado.

A “Coluna Gastronômica – Receita” traz um toque culinário ao jornal, compartilhando receitas e explorando a cultura alimentar da região. A seção “Entrevista” proporciona uma abordagem mais aprofundada, permitindo aos leitores conhecerem personalidades locais e suas histórias.

A presença da “Crônica” oferece uma narrativa mais pessoal e reflexiva, enquanto a seção de “Notícia” traz atualizações sobre eventos e acontecimentos relevantes na comunidade escolar. Os “Artigos de Opinião” estimulam o debate e a reflexão sobre questões importantes.

A “Reportagem” amplia a cobertura jornalística, abordando tópicos mais extensos e complexos. A categoria “Poema – Coluna Literária” enriquece o jornal com expressões artísticas, proporcionando uma pausa poética aos leitores.

As “Indicações Fílmicas” e “Indicações Musicais” oferecem sugestões culturais, incentivando a apreciação de diferentes formas de arte. A seção de “Classificados/Empregos” conecta a comunidade, enquanto as “Cruzadinhas” proporcionam uma dose de entretenimento e desafio intelectual. Essas diversas categorias demonstram a amplitude do jornal como mídia da/para escola, refletindo a pluralidade de interesses e talentos dos/as estudantes envolvidos.

Dentre as diversas categorias presentes nas edições do jornal escolar, optamos por direcionar nosso aprofundamento de análise para os gêneros Crônica e Entrevista. Essa seleção se justifica pelo fato de que esses gêneros ofereceram uma abordagem que propiciou uma compreensão mais detalhada dos processos de escrita, expressão e construção de significados.

A *crônica*, enquanto gênero, permite uma narrativa mais pessoal e reflexiva, oferecendo reflexões sobre experiências e observações cotidianas. Ao explorar a crônica, buscamos compreender como os/as estudantes utilizam esse formato para expressar suas perspectivas individuais, construindo relatos que possam ressoar com a comunidade escolar.

A *entrevista*, por sua vez, proporcionou a oportunidade de conhecer personalidades locais, suas histórias e opiniões. Esse gênero jornalístico favorece a interação direta com a comunidade, permitindo-nos examinar como os/as estudantes conduziram entrevistas, selecionaram perguntas e apresentaram as respostas de maneira informativa e envolvente.

É imprescindível ressaltar que a seleção específica dos gêneros em questão

não apenas visou uma compreensão da habilidade dos/as estudantes em produzir essas formas de expressão discursiva, mas também responder à necessidade de uma análise cuidadosa da produção jornalística em um contexto escolar situado no Alto Sertão da Paraíba. Ao abordarem questões intrínsecas à realidade regional, como raça, classe social e etnia, a crônica e a entrevista destacaram de maneira explícita os aspectos decoloniais presentes nas narrativas.

É relevante salientar que o Alto Sertão Paraibano é marcado por uma rica diversidade de identidades e vivências, e os/as estudantes, durante o processo de escrita, conscientemente buscaram representar essa multiplicidade. Por fim, é relevante ressaltar que a abordagem decolonial permeou não apenas a escolha dos gêneros, mas todo o processo de produção jornalística, refletindo o compromisso dos/as estudantes em trazer à tona vozes e histórias que frequentemente são marginalizadas. O resultado final não apenas informa, mas desafia estereótipos, promove a diversidade e contribui para a construção de uma narrativa mais equitativa e representativa da região.

5.2.1 A crônica

A crônica é um gênero literário que se destaca pela sua abordagem informal, intimista e reflexiva sobre eventos cotidianos. Diferentemente de outros formatos mais rígidos, a crônica permite uma liberdade expressiva considerável, proporcionando ao autor uma ampla margem para explorar sua subjetividade e opiniões pessoais. Esse gênero é comumente encontrado em jornais, revistas e, mais recentemente, em *blogs*, consolidando-se como uma forma versátil de expressão.

O cronista utiliza uma linguagem acessível e coloquial, muitas vezes repleta de humor, ironia ou poesia, para abordar temas variados, desde acontecimentos triviais até questões sociais profundas. Uma característica marcante da crônica é sua capacidade de capturar a essência do momento, proporcionando uma visão particular e singular do mundo.

Ao longo da história, diversos escritores renomados, como Machado de Assis, Fernando Sabino e Rubem Braga, contribuíram significativamente para o desenvolvimento e popularização desse gênero. A crônica, por sua natureza flexível e adaptável, continua a desempenhar um papel vital na literatura contemporânea,

servindo como uma plataforma para a expressão de experiências pessoais e reflexões sobre a vida.

Cândido et al. (1992) destacou que a origem da crônica contemporânea remonta a Machado de Assis, considerando que foi ele quem, pela primeira vez em nossa literatura, compreendeu plenamente a complexidade da existência, e nos proporcionou uma compreensão profunda da arte, extraindo do trivial o espírito mais perspicaz de nossa cultura. Machado de Assis incorporou a paródia, a ironia, a digressão, o absurdo e o humor, desafiando convenções estabelecidas. Dessa maneira, a crônica passou a ser reconhecida como uma forma de expressão artística capaz de perceber o aspecto literário nos detalhes mais sutis da vida cotidiana.

Nesse sentido,

a vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja, o homem participa na vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se em funcionamento todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologias (Heller, 2008 [1970], p. 31).

Nesse contexto, o cronista e sua crônica podem ser interpretados como representantes de um momento histórico singular, no qual o cotidiano serve como indicador do tempo vivido, tornando-se um espaço tangível e essencial para a narrativa da história. A rotina retratada na crônica e a experiência do cronista não representam um período de alienação, mas sim apontam críticas, desvendam mistérios e revelam os detalhes ocultos da sociedade. Essas narrativas abordam os receios, as esperanças e as vontades do povo, aspectos que só podem ser verdadeiramente revelados pela compreensão do momento presente, um instante que ganha vida nas páginas do jornal diário.

A estratégia de explorar as nuances do cotidiano foi cuidadosamente incorporada na elaboração das crônicas do Jornal Ita. Cada crônica foi meticulosamente concebida para transcender a superficialidade do dia a dia, proporcionando aos leitores uma imersão mais profunda nas intrincadas complexidades da vida cotidiana. Ao destacar os elementos cotidianos, os estudantes não apenas ofereceram uma visão aguçada da realidade que nos cerca, mas também buscaram revelar as críticas, os mistérios e os detalhes muitas vezes invisibilizados da sociedade. Dessa maneira, as crônicas do jornal não se limitaram a um mero relato do trivial; ao contrário, tornaram-se veículos de reflexão que

capturam a essência do presente, proporcionando uma conexão significativa com os leitores.

Nesta análise, direcionaremos nossa atenção para duas crônicas veiculadas no Jornal Ita. A primeira delas, intitulada **A vulnerabilidade que trans(forma): a conexão de Antônio e Sofia** (presente na Edição Oficial 01), e a segunda, denominada **Sombras e Cores: refletindo sobre as teias das desigualdades** (presente na Edição Oficial 02).

O processo de escrita das crônicas pelos/as estudantes produtores do Jornal Ita envolveu uma série de etapas cuidadosas, desde a concepção da ideia até a materialização da narrativa de forma coletiva. Inicialmente, os/as estudantes embarcaram em um exercício de observação atenta do cotidiano, identificando elementos, personagens e situações que poderiam servir como base para suas crônicas. Essa fase inicial foi crucial para a construção de crônicas autênticas, enraizadas em experiências reais.

Uma vez selecionados os temas, os/as estudantes passaram para a fase de pesquisa e coleta de informações complementares. Esta etapa envolveu conversas com pessoas reais da comunidade, busca por dados e contextos relevantes, a fim de enriquecer suas narrativas com detalhes verídicos e representativos. A interação direta com o ambiente ao redor permitiu que suas crônicas adquirissem uma autenticidade que ressoa com os leitores.

A escolha cuidadosa de elementos literários também desempenhou um papel significativo no processo de escrita. Os/as estudantes exploraram recursos como metáforas, simbolismos e descrições vívidas para transmitir não apenas os fatos, mas também as emoções subjacentes às suas crônicas. Essa atenção à linguagem e à estilística contribuiu para a construção de textos envolventes e reflexivos.

Outro aspecto relevante foi a consideração da estrutura narrativa. Os/as estudantes enfrentaram o desafio de equilibrar a fluidez da narrativa com a transmissão efetiva das mensagens centrais. A organização cuidadosa de suas crônicas permitiu que mantivessem a atenção do leitor, conduzindo-os por uma jornada reflexiva através das palavras.

O processo de escrita das crônicas no Jornal Ita envolveu uma abordagem holística, desde a observação inicial até a seleção meticulosa de elementos jornalísticos e literários. A experiência proporcionou aos/as estudantes uma oportunidade valiosa para desenvolverem habilidades de escrita, além de

expressarem suas perspectivas únicas sobre a sociedade em que vivem.

Vale salientar, que os/as estudantes, de maneira consciente e engajada, fizeram a escolha de explorar temáticas decoloniais em suas crônicas, direcionando a atenção para problemas sociais cruciais. Essa abordagem incluiu uma ampla gama de questões, como diversidade cultural, de gênero, orientação sexual, raça, etnia, religião, inclusão, empoderamento, desigualdade de classe e disparidades no acesso à educação, abrangendo, assim, os diversos pluralismos sociais existentes.

Ao escolherem essas temáticas sociais, os/as estudantes demonstraram um comprometimento notável em utilizar o Jornal Ita como uma plataforma para abordar assuntos muitas vezes negligenciados ou marginalizados. Essa escolha reflete não apenas uma consciência aguçada das dinâmicas sociais contemporâneas, mas também um desejo de fomentar a reflexão crítica e promover a conscientização entre os leitores.

As crônicas produzidas pelos/as estudantes se tornam, assim, instrumentos de sensibilização, desafiando os leitores a examinarem suas próprias perspectivas e preconceitos em relação a questões de grande relevância social. A decisão de explorar temas decoloniais, que abordam as estruturas de poder e as desigualdades sistêmicas, contribuiu para a construção de um espaço no jornalismo escolar que não é apenas informativo, mas também reafirma a importância dos saberes locais.

Nesse sentido, ao elegerem temáticas decoloniais, os/as estudantes do Jornal Ita não apenas ampliam o escopo das discussões importantes, mas também promovem uma abordagem crítica e reflexiva sobre as questões sociais mais urgentes da atualidade, consolidando o papel do jornal como um veículo de conscientização e engajamento social.

Pensando nisso, em um contexto permeado pelo neoliberalismo, pelas lógicas meritocráticas e ocidentocêntricas, reiteramos a necessidade de uma abordagem educacional que seja sensível a compreensão da existência de mecanismos modernos coloniais que influenciam as diferentes formas de ser e estar dos sujeitos. Nessa trajetória, o ensino de Linguagem deve assumir a responsabilidade de operacionalizar letramentos que inspirem esperança (Freire, 1997 [1992]) e provoquem uma reflexão sobre as desigualdades, bem como sobre como essas desigualdades são perpetuadas através da linguagem.

A compreensão do ensino sob uma perspectiva decolonial emerge como um processo ético direcionado à formação integral do indivíduo por meio do ambiente

escolar. Portanto, a abordagem que propomos para o ensino da língua portuguesa não se restringe apenas às formas linguísticas, como poderia ser concebido em uma visão que considera a linguagem como expressão do pensamento. Pelo contrário, busca estimular os sujeitos a adotarem uma postura crítica, observando como a linguagem pode favorecer atitudes sensíveis diante das vulnerabilidades sociais presentes em nossas interações constantes, marcadas por relações de poder (Maldonado-Torres, 2018).

Freire (1987 [1968]) destaca a ideia de que o domínio de conhecimentos sobre diferentes temas e contextos é uma ferramenta emancipatória e libertadora. Com base nesse entendimento, propugnamos por uma abordagem de ensino de língua portuguesa que incorpore os princípios da pedagogia decolonial. Tal abordagem visa proporcionar uma educação que desafie ideologias fundamentadas no monolinguismo, no racismo, na xenofobia, na homofobia e em qualquer outra forma de discriminação.

Vejamos abaixo uma análise da primeira crônica²⁶:

²⁶ Ambas crônicas foram escritas a partir de uma escrita colaborativa entre os participantes da pesquisa.

Figura 05 – Crônica da Edição Oficial 01



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A crônica “A vulnerabilidade que trans(forma): a conexão de Antônio e Sofia” presente na Edição Oficial 01 do Jornal Ita é uma narrativa envolvente que retrata a experiência de um encontro inesperado entre dois personagens distintos, Antônio e Sofia, nas ruas de uma cidade. Os autores utilizam uma linguagem poética e descritiva para transmitir os sentimentos e nuances dessa conexão humana.

A figura solitária de Antônio é introduzida, destacando sua vulnerabilidade social por meio de sua expressão cansada e olhos tristes. O contraste entre a

correria das pessoas apressadas e a presença silenciosa de Antônio reforça a invisibilidade que muitas vezes acompanha aqueles em situação de vulnerabilidade.

O ponto de virada ocorre com a chegada de Sofia, uma garotinha que simboliza a inocência roubada pela dura realidade. A interação entre Antônio e Sofia é descrita com sensibilidade, ressaltando a conexão humana que transcende as circunstâncias adversas. O diálogo silencioso entre eles é expresso de maneira poética, ressaltando a importância da comunicação além das palavras.

A crônica explora temas como a esperança, a resiliência e a capacidade de encontrar beleza nos momentos simples, representados pela história de Sofia. A troca de experiências entre Antônio e Sofia revela uma oportunidade de compreensão mútua e empatia, transformando a vulnerabilidade social em um vínculo especial.

A narrativa atinge seu clímax com a despedida de Antônio e Sofia, marcada por abraços apertados e um vínculo que permanece mesmo após a separação. Os autores utilizam a metáfora do pôr do sol para simbolizar a conclusão desse encontro, ressaltando a beleza da conexão humana em meio às adversidades.

Ao concluir a crônica, os autores destacam a importância de enxergar além das aparências e estender a mão aos invisíveis, transmitindo uma mensagem de solidariedade e compaixão. A história de Antônio e Sofia, segundo os autores, ecoa como um lembrete para construirmos um mundo onde a vulnerabilidade seja transformada em dignidade e a esperança floresça em todos os corações.

Nesse sentido, percebemos que a crônica apresenta características que revelam a noção de enunciado e dialogismo na perspectiva de Bakhtin (2003a [1979]). O enunciado, para Bakhtin (2003a [1979]), é uma unidade de comunicação, e a crônica em questão ilustra isso ao construir uma narrativa coesa e significativa sobre o encontro entre Antônio e Sofia.

O dialogismo, que se refere à interação de vozes sociais no discurso, também é evidente na crônica. A interação entre Antônio e Sofia, mesmo que silenciosa, constitui um diálogo emocional que transcende as palavras. Além disso, as histórias compartilhadas por ambos representam diferentes vozes sociais, enriquecendo a narrativa com diversas perspectivas.

A escrita da crônica corresponde ao gênero por meio de sua estrutura narrativa, focada em um evento cotidiano, e pelo estilo reflexivo que permeia a história. A conexão entre Antônio e Sofia, marcada pela empatia e compreensão

mútua, reflete elementos típicos de crônicas, que frequentemente exploram aspectos humanos, sociais e emocionais. A narrativa busca ir além das aparências, valorizando a conexão humana e destacando temas como solidariedade, dignidade e esperança, características fundamentais de uma crônica.

Vejam os abaixo uma análise da segunda crônica:

Figura 06 – Crônica da Edição Oficial 02



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A crônica “Sombras e Cores: refletindo sobre as teias das desigualdades”, presente na Edição Oficial 02 do Jornal Ita, proporciona uma profunda reflexão sobre as complexas questões de desigualdade que persistem em nossa sociedade contemporânea. Os autores conduzem os leitores por uma tarde quente de verão, compartilhando suas observações atentas em um parque, onde a diversidade

humana é o palco para a narrativa.

A atmosfera inicialmente descrita, com o sol acentuando sua presença, cria um pano de fundo metafórico que destaca a intensidade e a urgência do tema abordado. Os autores exploram as desigualdades de cor, raça e gênero, ressaltando a persistência dessas questões apesar dos avanços sociais. A utilização de exemplos concretos, como a mulher negra enfrentando estatísticas desfavoráveis e o casal inter-racial sujeito a olhares de reprovação, personaliza as estatísticas e dá voz às experiências individuais, tornando o relato mais impactante, o que realça o papel decolonial assumido nestas ilustrações.

A narrativa também aborda as expectativas de gênero impostas pela sociedade, destacando a resiliência de uma jovem que desafia normas preestabelecidas. A indignação dos autores diante das desigualdades é palpável, ecoando o questionamento sobre como, em um mundo avançado e interconectado, ainda persistem essas formas de discriminação.

Contudo, a crônica não se detém apenas na denúncia das desigualdades; ela traz uma mensagem de esperança. A força, resiliência, solidariedade e empatia das pessoas que enfrentam esses desafios diariamente são destacadas como elementos essenciais para a construção de um mundo mais justo e igualitário. A conclusão da crônica enfatiza a importância da educação, empatia e ação como instrumentos para combater as desigualdades, convidando cada leitor a participar dessa jornada coletiva rumo a um mundo mais inclusivo.

Assim, a crônica não apenas desvela as teias das desigualdades, mas também propõe uma reflexão ativa e um chamado à ação, transformando-se em uma poderosa ferramenta de conscientização e estímulo para a construção de um futuro mais equitativo.

A crônica evidencia, por meio de sua estrutura narrativa e conteúdo, elementos relacionados à noção de enunciado, dialogismo, discurso e responsividade, conforme propostos por Bakhtin (2010 [1986]).

O texto constrói um enunciado peculiar ao narrar uma tarde quente de verão, onde o observador, sentado em um banco do parque, reflete sobre a diversidade das pessoas ao seu redor. Esse enunciado é dialogizado por meio das distintas vozes sociais presentes na narrativa, cada uma contribuindo para a construção de significados e reflexões.

No âmbito do discurso, a crônica aborda as desigualdades sociais,

especialmente aquelas relacionadas a cor, raça e gênero, apresentando uma postura crítica diante dessa realidade. A responsividade do narrador manifesta-se na indignação perante tais desigualdades, mas também na esperança gerada ao testemunhar a força e resiliência das pessoas em meio a esses desafios.

A estrutura narrativa, típica de uma crônica, enfoca as observações do cotidiano e as reflexões pessoais do narrador. A abordagem de temas sociais, a ênfase nas experiências individuais e o tom reflexivo são características intrínsecas ao gênero crônica.

Além disso, a crônica transcende as fronteiras do gênero ao possuir um impacto educacional notável. Ao destacar a importância da educação, empatia e ação como instrumentos de combate às desigualdades, busca sensibilizar o leitor e incentivá-lo a refletir sobre seu papel na construção de um mundo mais justo.

No que concerne a elementos decoloniais, a crônica aborda questões relacionadas à diversidade cultural, racial, de gênero e social. Ao questionar normas sociais e propor uma visão mais igualitária e inclusiva, a narrativa reflete uma perspectiva decolonial, ampliando sua relevância e contribuindo para a discussão de temas sociais prementes.

Ambas as crônicas selecionadas para análise abordam temáticas sociais relevantes, contribuindo para a compreensão e reflexão sobre questões pertinentes à sociedade.

Na crônica “A vulnerabilidade que trans(forma)”, os autores destacam a vulnerabilidade social por meio do encontro entre Antônio, um homem grisalho em situação de rua, e Sofia, uma garotinha que vive em um abrigo temporário. A narrativa revela a conexão humana como um elemento capaz de transformar a vulnerabilidade em força, evidenciando a importância da empatia e do entendimento mútuo, mesmo nas circunstâncias mais adversas. A história ressalta a necessidade de enxergar além das aparências e estender a mão aos invisíveis, transmitindo uma mensagem de solidariedade e compaixão.

Já na crônica “Sombras e Cores”, a reflexão se concentra nas desigualdades sociais. O título sugere uma abordagem poética sobre a complexidade das teias que envolvem as disparidades sociais. Os autores, ao explorarem sombras e cores, metaforicamente apresentam as nuances das desigualdades, destacando a importância de refletir sobre essas questões. A crônica convida os leitores a considerarem as diversas camadas que compõem a sociedade, incentivando uma

análise crítica sobre os padrões sociais e as disparidades que permeiam as relações humanas.

Ambas as crônicas, ao abordarem temas sociais, proporcionam uma plataforma para a expressão artística e literária dos/as estudantes, oferecendo uma perspectiva única sobre as realidades que muitas vezes passam despercebidas. A relevância dessas crônicas reside na capacidade de sensibilizar, conscientizar e instigar a reflexão do público leitor, promovendo um diálogo sobre questões sociais prementes. Essas narrativas não apenas ampliam a compreensão dos leitores sobre as complexidades do mundo ao seu redor, mas também incentivam a busca por soluções e ações transformadoras.

A comparação entre a primeira crônica (Edição Oficial 01), e a segunda crônica (Edição Oficial 02), evidencia um notável aprimoramento na escrita e abordagem dos autores ao longo do tempo.

Em primeiro lugar, nota-se uma evolução na capacidade narrativa e descritiva dos autores na segunda crônica. Eles utilizam metáforas, como o sol que queima mais forte, para criar uma atmosfera intensa, contribuindo para uma experiência mais vívida e impactante para o leitor. A descrição detalhada do parque e das pessoas que o frequentam enriquece a narrativa, proporcionando uma imersão mais profunda na cena.

Em termos de estrutura composicional, a segunda crônica apresenta uma organização mais refinada. Os autores introduzem o cenário, desenvolvem os personagens e constroem o enredo de maneira mais fluida e coesa. A transição entre as diferentes situações e reflexões é mais suave, proporcionando uma leitura mais agradável.

Além disso, a segunda crônica demonstra uma maior complexidade na abordagem das questões sociais. Os autores não se limitam a relatar um encontro singular, como na primeira crônica, mas ampliam a análise para contemplar desigualdades mais amplas relacionadas a cor, raça e gênero. Essa expansão temática revela uma maturidade na compreensão dos autores em relação às complexidades das questões sociais.

A utilização de elementos literários, como o sentimento de indignação e a esperança, também representa um refinamento na expressividade dos autores. Esses elementos conferem à segunda crônica uma dimensão mais poética e emocional, envolvendo o leitor de maneira mais eficaz.

Nesse sentido, a segunda crônica evidencia melhorias significativas na escrita dos autores, refletindo um amadurecimento em termos de estilo, estrutura narrativa e profundidade temática. Os autores demonstram uma habilidade aprimorada em transmitir não apenas a narrativa, mas também as nuances emocionais e sociais envolvidas nas situações abordadas.

5.2.2 A entrevista

A entrevista, como um dos gêneros jornalísticos mais impactantes, vai além da simples transmissão de informações. Ela se destaca pela capacidade de proporcionar uma imersão mais profunda nos assuntos abordados, permitindo que os leitores, ouvintes ou espectadores tenham acesso não apenas aos fatos, mas também às nuances das ideias e personalidades envolvidas.

No âmbito jornalístico, a entrevista se manifesta em diferentes formatos, desde sua modalidade impressa até as entrevistas em vídeo e *podcasts*. Essa versatilidade permite que ela alcance diversos públicos, adaptando-se aos meios de comunicação contemporâneos.

Para Morin (1973, p. 115), “uma entrevista é uma comunicação pessoal tendo em vista um objetivo de informação”. Essa definição abrange tanto a entrevista nas Ciências Sociais quanto aquela realizada no âmbito da comunicação social, embora haja uma distinção na natureza da informação. Essa distinção reside no fato de que, nas Ciências Sociais, a informação está inserida no contexto metodológico e de verificação, enquanto na comunicação social, ela segue as normas jornalísticas, muitas vezes com o propósito de proporcionar espetáculo.

A interação entre o entrevistador e o entrevistado é uma característica fundamental desse gênero. As perguntas elaboradas pelo entrevistador têm o propósito não apenas de extrair informações, mas de criar um diálogo que envolva a audiência. Dessa forma, a entrevista se torna um instrumento valioso para a construção de narrativas envolventes, muitas vezes revelando aspectos inéditos ou perspectivas menos conhecidas sobre determinado tema.

Nesse sentido,

A língua representa, sobretudo, uma atividade sociodiscursiva por meio da qual os sujeitos constroem e dialogam sentidos, considerando os interlocutores que participam dos atos de interação verbal, os contextos que englobam as ações, as situações e os sujeitos envolvidos nesses atos, bem

como os projetos de dizer que se materializam na forma instável de textos [...] os usos da língua satisfazem condições concretas de enunciação e realizam-se por meio de textos – orais, escritos ou mistos – coconstruídos pelos sujeitos durante os atos de interação verbal, que viabilizam negociações de sentidos plurais, plásticos e sócio-historicamente contextualizados (Oliveira Júnior, 2015, p. 234).

Além disso, a entrevista destaca-se por sua capacidade de humanizar as histórias e proporcionar um contato mais próximo entre o público e figuras públicas, especialistas ou pessoas comuns que tenham experiências relevantes para compartilhar. Essa dimensão humanizadora contribui para a empatia e compreensão, elementos essenciais na construção de uma comunicação eficaz.

Desse modo,

A entrevista, nas suas diferentes aplicações, é uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais; pode também servir à pluralização de vozes e à distribuição democrática da informação (Medina, 1990, p. 8).

Portanto, a entrevista não apenas informa, mas também engaja, provocando reflexões e estabelecendo conexões mais profundas entre os envolvidos. Essa riqueza discursiva e a capacidade de explorar a complexidade dos temas fazem da entrevista uma peça-chave no panorama jornalístico contemporâneo.

O processo de elaboração e execução das entrevistas pelo Jornal Ita envolveu uma abordagem cuidadosa e meticulosa, refletindo a dedicação dos/as estudantes envolvidos. Inicialmente, a equipe editorial identificou personalidades, temas ou assuntos relevantes que despertaram interesse na comunidade escolar. Essa seleção foi fundamental para garantir que as entrevistas fossem significativas e atrativas para os leitores.

Com os temas definidos, os/as estudantes realizaram pesquisas preliminares para compreender melhor o contexto e preparar perguntas pertinentes. Esse estágio foi crucial para garantir que as entrevistas abordassem questões relevantes e proporcionassem reflexões valiosas aos leitores.

Durante a elaboração das perguntas, a equipe considerou a diversidade de pontos de vista e a necessidade de abordar questões pertinentes ao tema em discussão. A intenção era promover entrevistas informativas, envolventes e capazes de proporcionar uma compreensão mais profunda dos assuntos tratados.

Durante a redação das perguntas, houve uma troca animada de ideias. Os/as estudantes buscaram equilibrar a profundidade das questões com a acessibilidade

para os entrevistados, visando garantir respostas reflexivas e, ao mesmo tempo, manter a fluidez do diálogo. Foi interessante observarmos como a diversidade de perspectivas na equipe contribuiu para uma gama abrangente de perguntas.

Isso destaca um momento crucial no processo de elaboração das entrevistas, onde a equipe de estudantes se envolve ativamente na formulação das perguntas. A troca animada de ideias indica um ambiente colaborativo e dinâmico, onde os membros da equipe estão engajados e entusiasmados com a tarefa.

A busca pelo equilíbrio entre a profundidade das questões e a acessibilidade para os entrevistados revela a consideração cuidadosa dos/as estudantes para criar um diálogo significativo. Essa é uma habilidade essencial no jornalismo, pois permite que as entrevistas sejam informativas, instigantes e, ao mesmo tempo, compreensíveis para uma audiência diversificada.

A menção à diversidade de perspectivas na equipe é especialmente relevante. A variedade de pontos de vista contribui para uma gama abrangente de perguntas, enriquecendo a qualidade da entrevista. Esse aspecto destaca a importância da inclusão de diferentes vozes no processo jornalístico, garantindo uma abordagem mais holística e representativa na elaboração das perguntas e, conseqüentemente, na cobertura jornalística como um todo.

A execução das entrevistas envolveu a interação direta com os entrevistados, que podiam incluir membros da comunidade escolar, professores, especialistas ou personalidades externas. A equipe buscou criar um ambiente acolhedor e respeitoso para estimular respostas genuínas e reflexões significativas.

Durante o processo de entrevista, os/as estudantes utilizaram habilidades de escuta ativa e adaptação, garantindo que pudessem explorar respostas inesperadas ou aprofundar determinados tópicos. A flexibilidade foi essencial para capturar respostas espontâneas.

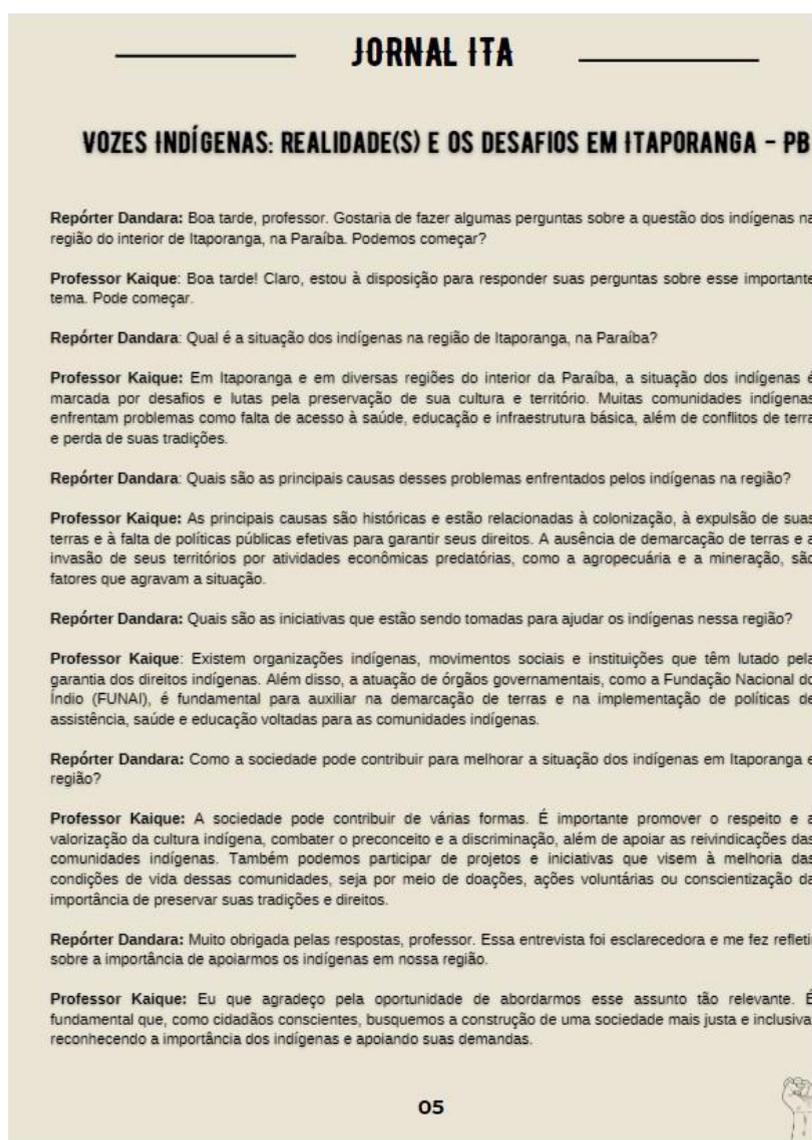
Após a coleta das informações, iniciou-se a fase de transcrição e edição. A equipe trabalhou para apresentar as entrevistas de maneira clara, coesa e interessante, mantendo a fidelidade às respostas originais e preservando a autenticidade dos entrevistados.

Dessa forma, o processo de elaboração e execução das entrevistas pelo Jornal Ita visou oferecer aos leitores uma perspectiva plural sobre temas relevantes, destacando a diversidade de vozes na comunidade escolar e proporcionando uma experiência informativa e envolvente.

Nesta análise, direcionamos nossa atenção para duas entrevistas²⁷ veiculadas no Jornal Ita. A primeira delas, intitulada **Vozes Indígenas: realidade(s) e os desafios em Itaporanga – PB**, (presente na Edição Oficial 01), e a segunda, denominada **Entre Raízes e Educação: a jornada de uma mulher indígena em Itaporanga, PB** (presente na Edição Oficial 02).

Vejamos uma análise da primeira entrevista, presente na Edição Oficial 01 do Jornal:

Figura 07 – Entrevista da Edição Oficial 01



Fonte: dados da pesquisa (2023)

²⁷ Ambas entrevistas foram escritas a partir de uma escrita colaborativa entre os participantes da pesquisa.

A entrevista “Vozes Indígenas: realidade(s) e os desafios em Itaporanga – PB” conduzida pela repórter Dandara com o Professor Kaique²⁸ é marcada por uma abordagem sensível e informativa sobre a realidade dos indígenas na região.

A interação inicial entre a repórter Dandara e o Professor Kaique estabelece uma atmosfera de respeito e abertura para discussão, evidenciada pelo cumprimento cordial e pela prontidão do entrevistado em participar da conversa. A escolha de começar a entrevista com a pergunta sobre a situação dos indígenas demonstra a intenção de abordar diretamente o cerne da questão, proporcionando aos leitores uma visão imediata do tópico central.

Ao longo da entrevista, o Professor Kaique fornece respostas detalhadas e contextualizadas, abordando tanto os problemas enfrentados pelos indígenas da região quanto as causas históricas dessas dificuldades. Ele destaca a importância da demarcação de terras e menciona o papel crucial de organizações e órgãos governamentais na defesa dos direitos indígenas.

A repórter Dandara demonstra habilidade em conduzir a entrevista de maneira fluída, apresentando perguntas pertinentes e explorando aspectos cruciais do tema. Sua pergunta sobre iniciativas em andamento revela a busca por soluções e destaca o papel ativo de diferentes entidades na melhoria das condições de vida das comunidades indígenas.

O Professor Kaique responde à última pergunta enfatizando a importância do respeito à cultura indígena e do apoio às suas reivindicações. Sua resposta reflete uma visão de sociedade mais justa e inclusiva, ressaltando a responsabilidade individual e coletiva em reconhecer e apoiar as demandas indígenas.

O encerramento da entrevista é marcado por agradecimentos mútuos, criando uma atmosfera de apreciação pela oportunidade de discutir um assunto relevante. A repórter expressa que a entrevista foi esclarecedora, indicando que o diálogo atingiu seu objetivo informativo e reflexivo.

Nesse sentido, a entrevista se destaca por sua abordagem respeitosa, perguntas pertinentes, respostas detalhadas e uma conclusão que reforça a importância do engajamento social na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Concordamos com Bakhtin (2003a [1979]) quando ressalta que um enunciado

²⁸ O professor **Kaique** é professor de História do Estado da Paraíba, morador de Itaporanga, e povo indígena Tupi-Guarani.

transcende a mera frase, representando uma unidade comunicativa completa que incorpora a interação entre os falantes, suas vozes e o contexto circundante. Nesse sentido, as respostas do Professor Kaique, portanto, constituem enunciados que não apenas comunicam palavras, mas incorporam sua voz, experiência e perspectiva.

A entrevista é perpassada pelo dialogismo, caracterizado pela interação de diversas vozes. A repórter Dandara e o Professor Kaique participam de um diálogo constante, no qual suas vozes se entrelaçam para construir significado. O dialogismo se evidencia nas perguntas da repórter, moldadas pelas respostas do entrevistado, gerando uma dinâmica de intercâmbio de vozes.

Para Volóchinov (2017 [1929]), o discurso não se restringe às palavras, abrangendo o contexto social, histórico e cultural em que ocorre. As respostas do Professor Kaique não constituem apenas um discurso individual, mas uma resposta enraizada em um contexto mais amplo. Ele aborda questões históricas, sociais e políticas que moldam a realidade dos indígenas em Itaporanga-PB.

A responsividade bakhtiniana destaca a capacidade de um enunciado responder a outros enunciados, criando um diálogo contínuo. Na entrevista, a repórter Dandara dá sequência às respostas do Professor Kaique com perguntas subsequentes, indicando uma interação responsiva. Além disso, as respostas do entrevistado também constituem uma forma de resposta às preocupações e interesses trazidos pela repórter.

Nesse sentido, a escrita desta entrevista incorpora os princípios bakhtinianos ao reconhecer a natureza dinâmica e interativa da linguagem. Os enunciados se entrelaçam em um diálogo que reflete as vozes individuais dos participantes, enquanto o discurso revela camadas mais profundas de significado, situando as respostas em um contexto mais amplo. A responsividade, por sua vez, estabelece uma dinâmica contínua de intercâmbio de vozes ao longo da entrevista, proporcionando aos/as estudantes uma compreensão prática da complexidade da linguagem em interação.

A produção escrita desta entrevista alinha-se com as características típicas do gênero, evidenciando sua estrutura e propósito específicos. Inicia-se de maneira formal, com a repórter saudando o professor e manifestando seu interesse na temática em discussão. As perguntas elaboradas revelam clareza e pertinência, indicando uma pesquisa prévia e um entendimento aprofundado do assunto, proporcionando aos/as estudantes um modelo de como estruturar uma entrevista de

maneira eficaz.

O Professor Kaique participa ativamente, oferecendo respostas detalhadas e engajadas, abordando não apenas aspectos superficiais, mas contextualizando a situação dos indígenas em Itaporanga em um panorama histórico e social mais amplo. A entrevista é conduzida de maneira a explorar profundamente o tema proposto, demonstrando para os/as estudantes como é possível aprofundar-se nas questões, contextualizando-as em um cenário mais abrangente.

A estrutura da entrevista, com uma introdução apropriada, formulação clara de perguntas, participação ativa do entrevistado, contextualização social e histórica, e encerramento adequado, confirma que a escrita cumpre as convenções típicas de uma entrevista. Isso proporciona aos/as estudantes não apenas o entendimento teórico, mas também a prática efetiva de como organizar e conduzir uma entrevista de maneira eficaz.

O impacto educacional dessa entrevista é significativo, pois transcende a mera transmissão de informações para se tornar um veículo de conscientização e educação para os leitores. Ao abordar a realidade e desafios enfrentados pelos indígenas em Itaporanga, a entrevista não apenas informa, mas também convida à reflexão e à ação, estimulando uma postura crítica e ativa nos/as estudantes.

A produção da entrevista e a abordagem de temas decoloniais, especialmente relacionados aos indígenas, desempenham um papel crucial na formação crítica dos/as estudantes. Ao engajá-los/as em uma prática educacional que vai além da mera transmissão de informações, essa experiência proporciona uma compreensão profunda das complexidades sociais, históricas e políticas que permeiam a realidade dos indígenas em Itaporanga.

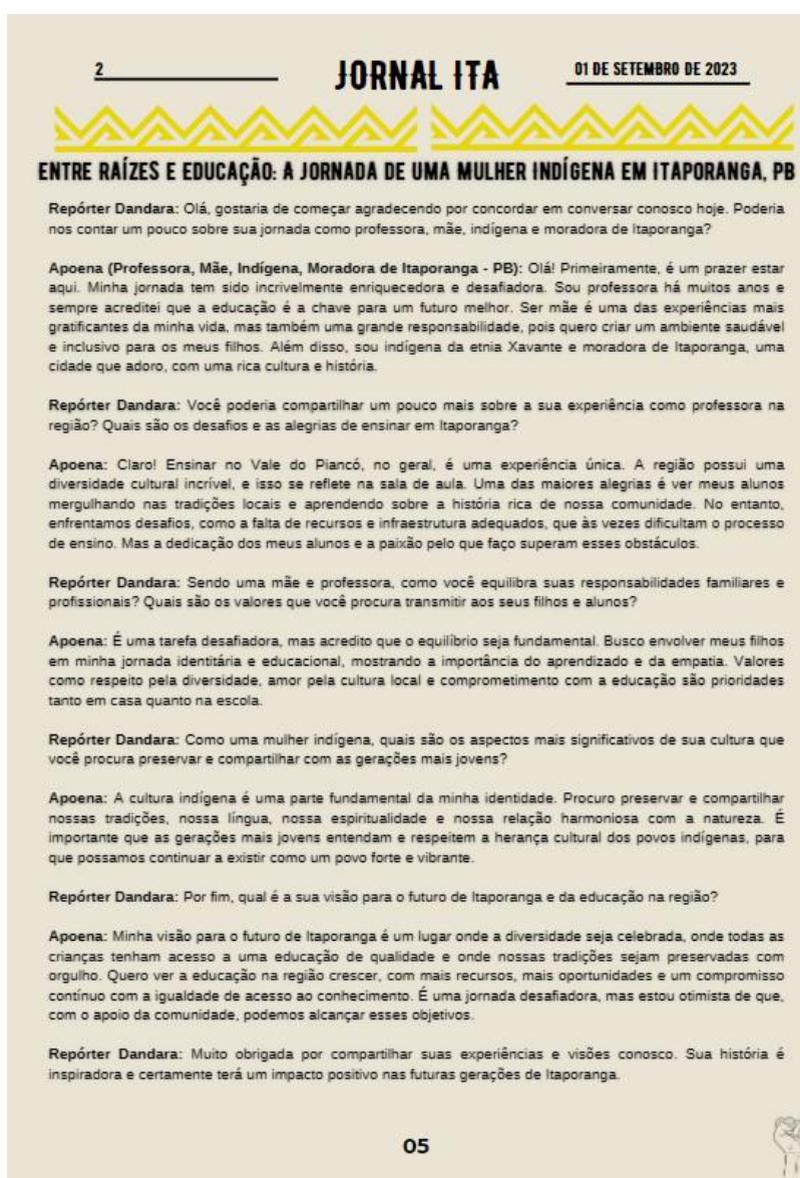
A discussão desses temas decoloniais não apenas informa, mas desafia os/as estudantes a questionarem estruturas preexistentes, reconhecerem o impacto das narrativas coloniais e refletirem sobre a importância da justiça social. Quanto à decolonialidade, a entrevista toca em aspectos fundamentais ao destacar as causas históricas dos problemas enfrentados pelos indígenas na região, mencionando a colonização, a expulsão de terras e a ausência de políticas públicas efetivas. Ela lança luz sobre a persistência de estruturas coloniais que continuam a impactar negativamente essas comunidades, promovendo assim uma compreensão contextualizada da realidade sociopolítica e estimulando a análise crítica das estruturas sociais e políticas que perpetuam a desigualdade.

De acordo com Oliveira (2018, p. 102), “[...] a perspectiva de educação decolonial requer pensar a partir dos sujeitos subalternizados pela colonialidade, como índios, negros, mulheres, homossexuais e outros marcadores das diferenças contrapostas às lógicas educativas hegemônicas brancas e eurocentradas”.

Dessa forma, a entrevista não apenas informa sobre a realidade indígena em Itaporanga, mas também contribui para uma compreensão mais profunda das dinâmicas sociais, promovendo uma perspectiva educacional e decolonial que busca ampliar a consciência coletiva e fomentar ações em prol da justiça social.

Vejamos uma análise da segunda entrevista, presente na Edição Oficial 02 do Jornal:

Figura 08 – Entrevista da Edição Oficial 02



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A entrevista intitulada “Entre Raízes e Educação: a jornada de uma mulher indígena em Itaporanga, PB” revela uma abordagem cuidadosa e empática por parte da repórter Dandara ao explorar a rica trajetória de Apoena, uma mulher indígena que desempenha papéis fundamentais como professora, mãe e moradora de Itaporanga - PB.

A entrevista inicia com uma saudação cordial e agradecimento, estabelecendo um tom acolhedor. Dandara conduz a entrevista de maneira respeitosa, buscando informações sobre a jornada de vida de Apoena. As perguntas são elaboradas de forma a proporcionar uma narrativa abrangente, abordando sua jornada profissional, experiência como mãe, identidade indígena e sua ligação com a cidade de Itaporanga - PB.

Apoena, por sua vez, compartilha sua história de maneira envolvente, destacando a interseção de sua identidade indígena com suas funções como educadora e mãe. A entrevistada aborda as alegrias e desafios de ensinar na região, revelando sua paixão pelo aprendizado e sua dedicação aos estudantes, apesar das dificuldades estruturais.

A questão do equilíbrio entre responsabilidades familiares e profissionais é explorada de maneira sensível, evidenciando a importância dos valores transmitidos por Apoena. A entrevistada destaca a necessidade de respeito à diversidade, amor pela cultura local e compromisso com a educação, valores que permeiam tanto sua casa quanto sua sala de aula.

A preservação da cultura indígena surge como um ponto central na entrevista, com Apoena enfatizando a importância de transmitir tradições, língua, espiritualidade e uma conexão harmônica com a natureza às gerações mais jovens. Sua visão para o futuro de Itaporanga reflete um desejo de celebração da diversidade, acesso igualitário à educação e orgulho na preservação das tradições.

Ao finalizar, Dandara expressa agradecimento pela partilha de experiências, reconhecendo a inspiração que a história de Apoena pode proporcionar às futuras gerações de Itaporanga.

Essa entrevista, portanto, não apenas revela uma abordagem respeitosa e sensível à narrativa de uma mulher indígena, mas também destaca a importância da preservação cultural, da educação inclusiva e do reconhecimento da diversidade para o futuro da região.

No que tange ao enunciado, cada fala da entrevistada Apoena e da repórter

Dandara é tratada como uma unidade comunicativa completa, indo além das palavras e incorporando as vozes, experiências e perspectivas dos participantes. O dialogismo é palpável na constante interação entre ambas, onde as vozes se entrelaçam de maneira dinâmica para construir significados mais profundos.

Sabendo disso, compreendemos que

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo processo psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação discursiva, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação discursiva constitui assim, a realidade fundamental da Língua (Bakhtin, 2003a [1979], p.123).

O discurso, conforme Bakhtin (2003a [1979]), transcende as palavras, incluindo o contexto social, histórico e cultural. As respostas de Apoena não são apenas manifestações individuais, mas reflexos situados em um contexto mais amplo, abordando sua identidade indígena e a riqueza cultural de Itaporanga.

A responsividade é evidente na troca contínua de perguntas e respostas, criando um diálogo interativo ao longo da entrevista. Dandara dialoga com as falas de Apoena com perguntas posteriores, demonstrando uma interação responsiva que enriquece a profundidade da conversa.

A escrita da entrevista corresponde ao gênero por seguir uma estrutura padrão de perguntas e respostas. O propósito foi permitir que Apoena compartilhasse sua jornada, perspectivas e desafios como mulher indígena e professora em Itaporanga.

O impacto educacional dessa entrevista reside na capacidade de disseminar informações relevantes sobre a realidade indígena em Itaporanga. Funciona como uma ferramenta educativa ao proporcionar reflexões sobre desafios e conquistas, promovendo a conscientização e entendimento na comunidade.

No âmbito da decolonialidade, a entrevista traz à tona a luta histórica dos povos indígenas, destacando desafios relacionados à colonização, preservação cultural e a importância de uma educação contextualizada. Ao fazer isso, contribui para desafiar perspectivas coloniais e ampliar a compreensão sobre a diversidade cultural e as necessidades específicas das comunidades indígenas.

A segunda entrevista apresenta melhorias significativas em relação à primeira. A entrevista começa com uma saudação amigável e uma expressão de gratidão,

estabelecendo imediatamente um tom acolhedor. A repórter Dandara inicia a conversa agradecendo por concordar em participar, demonstrando respeito pela entrevistada, Apoena. Além disso, a repórter contextualiza a entrevista ao mencionar que gostaria de conhecer a jornada de Apoena como professora, mãe, indígena e moradora de Itaporanga. Essa abertura mais detalhada e contextualizada contribuiu para uma compreensão mais ampla do escopo da entrevista.

As perguntas formuladas pela repórter Dandara são mais elaboradas e exploratórias, buscando não apenas informações básicas, mas também aprofundamentos sobre a experiência da entrevistada. São questionamentos que incentivam a narrativa pessoal, permitindo que Apoena compartilhasse suas vivências de maneira mais aberta e completa.

A entrevista abrange uma variedade de temas, desde a jornada como professora até os desafios enfrentados, valores transmitidos aos filhos e estudantes, a preservação da cultura indígena e a visão para o futuro de Itaporanga.

A repórter expressa empatia ao reconhecer a tarefa desafiadora de Apoena em equilibrar suas responsabilidades familiares e profissionais. Esse reconhecimento adiciona uma dimensão mais humana à entrevista, estabelecendo uma conexão genuína entre a entrevistadora e a entrevistada.

A entrevistadora conclui de maneira positiva, agradecendo a Apoena por compartilhar suas experiências e visões. A repórter destaca que a história de Apoena é inspiradora e certamente terá um impacto positivo nas futuras gerações de Itaporanga.

Nesse sentido, a segunda entrevista apresenta melhorias notáveis na abertura, nas perguntas formuladas, na diversidade de temas abordados, na expressão de empatia e no encerramento. Essas melhorias contribuem para uma experiência de leitura mais envolvente e informativa, enriquecendo a compreensão do leitor sobre a vida e as perspectivas da entrevistada.

A reescrita desempenhou um papel crucial nesse processo de aprimoramento, permitindo ajustes e refinamentos para criar uma entrevista mais impactante e informativa. A evolução observada entre as duas edições ressalta a importância da revisão constante e do comprometimento com a excelência na comunicação jornalística.

Nessa perspectiva, Menegassi (2001, p.50) “considera que reescrever seja um processo de descoberta da escrita pelo próprio autor que passa a enfocá-la

como forma de trabalho, auxiliando o desenvolvimento do processo de escrever do aluno”.

Na visão de Menegassi (2001), a reescrita é encarada como um processo que permite ao próprio autor descobrir a escrita, transformando-a em uma forma de trabalho que contribui para o desenvolvimento do processo de escrita dos/as estudantes. Essa perspectiva ressalta a importância não apenas da produção inicial, mas também da revisão e reelaboração como ferramentas essenciais no aprimoramento das habilidades de escrita. Ao focalizar a reescrita como uma etapa valiosa, destaca a evolução contínua e a compreensão mais profunda da escrita como uma prática social em constante desenvolvimento.

Nessa perspectiva,

[...] a escrita envolve momentos diferentes, como o planejamento, a execução, a revisão e a reescrita. Estas duas últimas, especialmente, despertam no aluno a consciência de que escrever é trabalhar, que as mudanças na escrita não são apenas no aspecto superficial, mas também em sua estrutura interna e discursiva, considerando-se as condições de produção do texto (Menegassi, 2006, p.35).

Desse modo, as crônicas e entrevistas analisadas fornecem uma perspectiva multifacetada sobre a sociedade, destacando-se como instrumentos poderosos para informar e sensibilizar os leitores. As crônicas, por sua natureza mais subjetiva e reflexiva, transcendem a simples apresentação de fatos, mergulhando nas experiências individuais dos autores. Ao narrar situações do cotidiano, essas crônicas revelam nuances emocionais e oferecem uma compreensão mais profunda das complexidades da vida.

Por outro lado, as entrevistas adotam uma abordagem mais objetiva e jornalística, buscando trazer informações diretas por meio do diálogo estruturado entre a entrevistadora e os entrevistados. Essa interação proporciona uma visão verídica sobre eventos, experiências ou opiniões, contribuindo para a construção de um conhecimento fundamentado.

Ambas as formas de escrita desempenham papéis complementares na informação do público. As crônicas, ao explorarem as dimensões subjetivas da existência, estimulam a empatia e oferecem reflexões sobre as emoções humanas. Por outro lado, as entrevistas, ao priorizarem a objetividade, apresentam uma base sólida de fatos e opiniões, enriquecendo a compreensão do leitor sobre diferentes perspectivas.

Nessa abordagem da escrita, o ato de produção textual é concebido, conforme destacado por Geraldi (1997), como uma ação de interlocução no ambiente escolar. Nesse contexto, o pesquisador sugere que sejam consideradas as seguintes condições:

- a) se tenha o que dizer;
 - b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
 - c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
 - d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz;
 - e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b) e (d).
- (Geraldi, 1997, p. 137).

A abordagem de Geraldi (1997) destaca a inter-relação complexa entre o que é dito, a razão para dizê-lo, o público-alvo, a identidade do locutor e as estratégias escolhidas. Essas condições, quando consideradas de maneira integrada, promovem uma produção textual mais significativa e eficaz no ambiente escolar.

Ao unir essas abordagens, o leitor é conduzido por uma jornada informativa que não apenas apresenta dados e eventos, mas também proporciona uma conexão mais profunda com as experiências humanas. A conjugação de crônicas e entrevistas, cada uma contribuindo com suas características distintas, enriquece a narrativa informativa, tornando-a mais abrangente, envolvente e significativa para o público.

5.3 DISCUSSÃO DO PROCESSO: TRILHANDO O CAMINHO DO PLANEJAMENTO À EXECUÇÃO

Neste momento do trabalho, iremos relatar o processo de desenvolvimento do Jornal Ita, desde o planejamento até sua execução. No percurso do desenvolvimento do Jornal Ita, cada etapa foi meticulosamente planejada e executada, refletindo o comprometimento e a dedicação da equipe envolvida. Desde o estágio inicial de concepção até a efetiva execução, diversas considerações foram fundamentais para garantir um resultado que atendesse às expectativas da comunidade escolar.

Durante o processo de desenvolvimento do Jornal Ita, é crucial destacar que os/as estudantes envolvidos/as na pesquisa estavam matriculados/as em um curso do Ensino Médio Profissionalizante integrado ao curso de Informática. Essa contextualização é fundamental para compreender como as práticas de letramento digital desempenharam um papel central no desenvolvimento editorial do jornal. Ao longo de seu curso, esses/as estudantes adquiriram habilidades específicas em

informática, o que refletiu positivamente no planejamento e na execução do projeto jornalístico. A habilidade de utilizar tecnologias digitais, como a plataforma *Canva*, foi essencial para a criação colaborativa e o design atrativo do jornal, evidenciando a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no contexto do ensino médio profissionalizante.

A inserção do letramento digital, neste contexto específico, contribuiu formação crítica dos/as estudantes, proporcionando não apenas uma vivência educacional, mas também fomentando uma abordagem mais dinâmica e contemporânea na produção do Jornal Ita. A proficiência em informática desses/as estudantes não apenas ofereceu suporte, mas desempenhou um papel fundamental na eficácia do processo editorial.

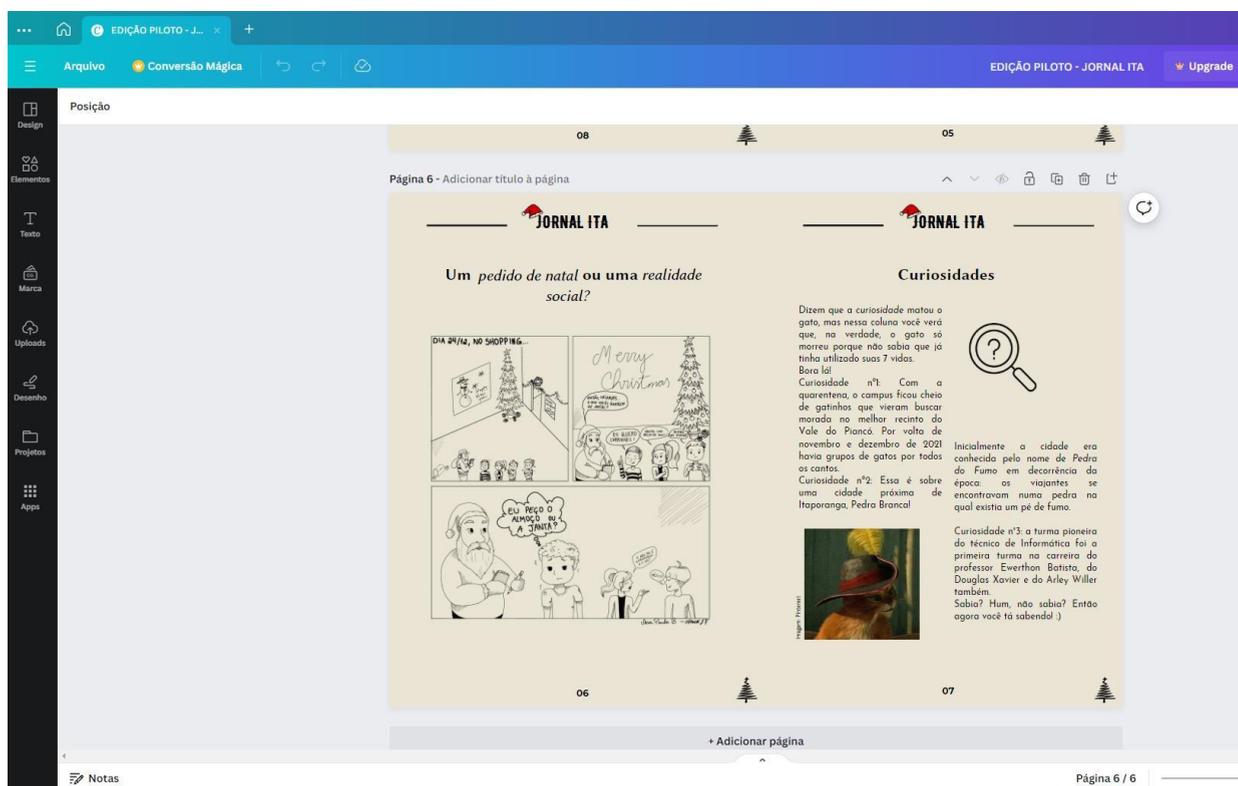
Destaca-se, assim, como a formação técnica e as práticas de letramento digital estão intrinsecamente conectadas, revelando-se essenciais para iniciativas editoriais inovadoras. Ao considerar o suporte como uma categoria, torna-se imperativo reconhecer o impacto específico dessa habilidade técnica e digital no âmbito do ensino médio profissionalizante, evidenciando uma influência positiva e orientada para o futuro. A formação crítica dos meios digitais emerge como um componente fundamental desse cenário, instigando os/as estudantes a não apenas utilizar ferramentas digitais, mas a analisar de forma crítica, questionar e moldar ativamente a narrativa digital, alinhando-se às demandas da sociedade contemporânea e preparando-os/as para enfrentar os desafios do mundo digital em constante evolução.

O ponto de partida desse processo foi o planejamento estratégico, no qual a equipe editorial se reuniu para estabelecer os objetivos do jornal, identificar as principais temáticas a serem abordadas e definir o público-alvo. Esse cuidadoso planejamento permitiu uma visão clara do propósito do jornal, proporcionando uma base sólida para as fases subsequentes.

Todo o processo de *design* do Jornal Ita foi conduzido de forma colaborativa pelos/as estudantes, utilizando a plataforma digital *Canva*. Desde a concepção até a finalização, os/as estudantes assumiram a responsabilidade pela elaboração visual, explorando as ferramentas proporcionadas pelo *Canva* para criar um *layout* atrativo e alinhado com os objetivos comunicativos do jornal. Essa abordagem digital não apenas ofereceu flexibilidade criativa, mas também promoveu a aquisição de habilidades relevantes em *design* gráfico e produção de mídia digital, enriquecendo a

experiência educacional dos/as envolvidos/as. O uso do *Canva* como meio para desenvolver o *design* do jornal destaca a integração das tecnologias contemporâneas no processo de aprendizagem, possibilitando que os estudantes expressassem suas ideias de maneira visualmente impactante e acessível.

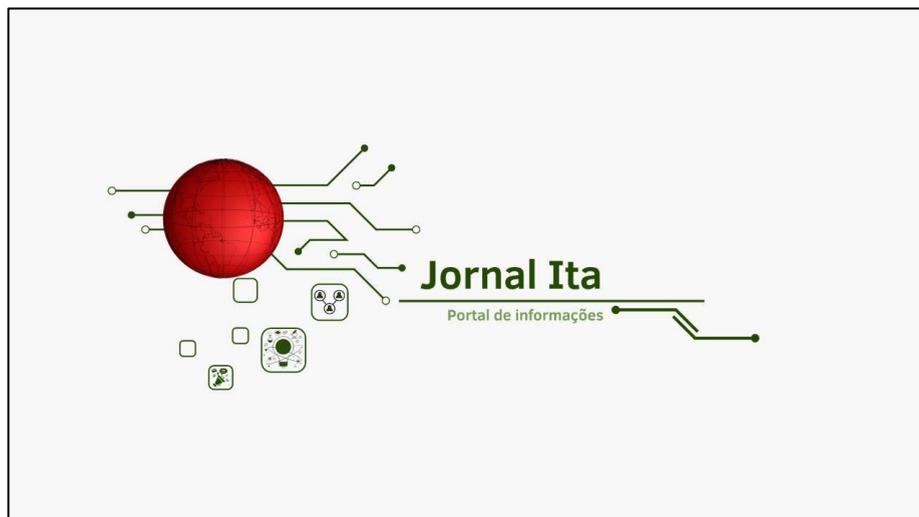
Figura 09 – Demonstração de página de elaboração no *Canva*



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Além da elaboração do *design* geral do Jornal Ita, os/as estudantes também foram responsáveis por criar a *logo* distintiva do jornal utilizando a plataforma digital *Canva*. Essa ferramenta permitiu que os/as estudantes explorassem sua criatividade no desenvolvimento de uma identidade visual única para o jornal, representando visualmente os valores e propósitos da publicação. A capacidade de projetar a própria *logo* proporcionou aos/as estudantes uma experiência prática e envolvente, estimulando o pensamento criativo e reforçando a autonomia na produção de conteúdo jornalístico. Essa abordagem, que integra a criação da *logo* ao processo de design no *Canva*, destaca a versatilidade e a amplitude de possibilidades oferecidas pela plataforma no contexto da produção do jornal escolar.

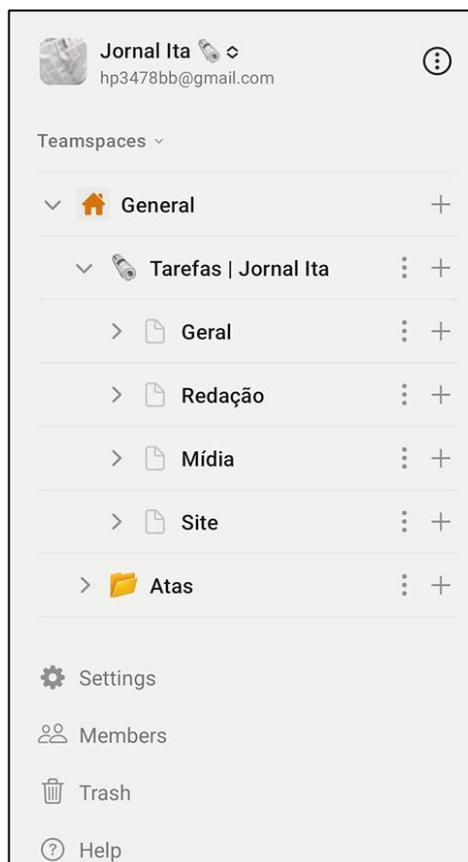
Figura 10 – Logo do Jornal Ita



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Além da plataforma *Canva*, os/as estudantes engajados na pesquisa exploraram as funcionalidades do aplicativo *Notion* para otimizar a organização das tarefas relacionadas ao desenvolvimento do Jornal Ita. O *Notion* ofereceu uma abordagem integrada, permitindo que a equipe estruturasse e coordenasse suas atividades de maneira eficiente. Com recursos como listas de verificação, tabelas e cronogramas, o aplicativo facilitou o acompanhamento do progresso de cada etapa do processo, garantindo uma gestão mais transparente e colaborativa. A escolha do *Notion* como ferramenta complementar ressalta o comprometimento dos/as estudantes em adotar tecnologias contemporâneas para aprimorar a eficácia e a organização na execução do projeto jornalístico.

Com o objetivo de garantir uma compreensão mais abrangente por parte da equipe, uma das estudantes elaborou um tutorial detalhado, oferecendo explicações claras sobre a operação e funcionalidades da plataforma. Esse guia abordou aspectos práticos, proporcionando um entendimento sobre o uso e a navegação na plataforma em questão. Essa iniciativa evidencia o compromisso em promover a integração e a familiaridade de todos os membros da equipe com a ferramenta, contribuindo para a eficiência e o sucesso do projeto.

Figura 11 – Tutorial de explicação do Aplicativo *Notion*

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Ao longo do processo de elaboração do Jornal, os/as estudantes desempenharam diversas funções, demonstrando uma abordagem colaborativa e multidisciplinar. As principais funções atribuídas foram:

- ✓ Desenvolvedora/Desenhista
- ✓ Repórter/Colunista
- ✓ Colunista/Mídias/Desenhista
- ✓ Repórter/Mídias
- ✓ Repórter
- ✓ Desenvolvedora/Revisora
- ✓ Designer/Revisora
- ✓ Colunista
- ✓ Mídias

Essa diversidade de papéis reflete a necessidade de habilidades variadas

para a produção completa do Jornal, desde a criação de conteúdo escrito até as atividades de *design*, mídias e revisão, garantindo uma representação abrangente das capacidades dos/as estudantes envolvidos.

Crachás foram confeccionados com o intuito de proporcionar uma identificação mais clara e eficiente dos/as estudantes participantes da pesquisa. Essa iniciativa gerou uma notável expressão de alegria e entusiasmo entre os/as estudantes, evidenciando o impacto positivo que a simples ação de criar crachás teve na atmosfera colaborativa do projeto.

Figura 12 – Modelo de crachá confeccionado



Fonte: dados da pesquisa (2023)

Figura 13 – Entrega dos crachás



Fonte: dados da pesquisa (2023)

A equipe, devidamente organizada e identificada por meio dos crachás, iniciou o processo de definição dos objetivos fundamentais para a produção do Jornal Ita. Esse momento de delineamento não apenas estabeleceu diretrizes claras e alinhou as metas da equipe, mas também criou um espaço onde os membros puderam expressar suas visões e valores individuais. Nessa interação, a afetividade, como conceituada por bell hooks (2020), desempenha um papel crucial. Através do diálogo e da colaboração, os membros da equipe foram capazes não apenas de estabelecer metas comuns, mas também de cultivar relações de confiança, respeito e empatia uns com os outros. Essa base sólida de afetividade não apenas fortaleceu os laços dentro da equipe, mas também influenciou positivamente o processo de produção do jornal, criando um ambiente propício para a expressão criativa, a inovação e o crescimento pessoal e coletivo.

Os encontros com os/as estudantes foram realizados quinzenalmente, e em cada sessão, a equipe dedicou-se à elaboração de atas para documentar de maneira minuciosa as decisões e acordos estabelecidos durante as reuniões. Essa prática assegurou um registro preciso de todas as discussões, contribuindo para a transparência e a eficácia na implementação das estratégias definidas coletivamente.

Figura 14 – Modelo de ata



Pauta da call

Data: 07/11/22

Presentes: _____

- solicitar assinaturas do Ridas e do Franks p/ deixar o projeto na régua;
- planejamento sobre como dividiremos os tópicos no jornal (no momento da integração de tudo);
- versão do jornal para o site e versão impressa:
 - fazer duas versões – uma colorida para o site e o instagram e depois duplica e deixa preto e branco p/ impressão
- debate sobre o lançamento do instagram, suspense, vibe + juntar isso com a movimentação das entrevistas;
- entrevistas e lançamento do instagram serão feitos dia 22/11/22;
- 1ª edição ser voltada para os gostos da equipe, com a nossa cara;
- mix de Natal + apresentação do nosso jornal;
- ideia: criar playlist natalina p/ add o QR code na 1ª edição do jornal;
- definição de demais datas de entrega das coisas:
 - textos: 18/11/22
 - lançamento: 01/12/22
 - entrevistas + instagram: 22/11/22

Fonte: dados da pesquisa (2023)

Com os objetivos delineados, a fase de pesquisa e levantamento de informações teve início. A equipe buscou compreender as necessidades e interesses da comunidade escolar, explorando temas relevantes e atuais. Esse processo de pesquisa foi essencial para orientar a seleção de tópicos a serem abordados nas edições do jornal, assegurando que o conteúdo fosse significativo e envolvente para os leitores.

A elaboração do conteúdo editorial foi conduzida com atenção aos princípios jornalísticos educacionais, equilibrando profundidade informativa com uma linguagem acessível. As entrevistas e crônicas produzidas refletiram não apenas a busca pela objetividade e veracidade, mas também a preocupação em dar voz e vez à diversidade de experiências e perspectivas na comunidade escolar.

A produção editorial do Jornal Ita foi uma jornada colaborativa e envolvente. As seções foram cuidadosamente delineadas para abranger uma variedade de temas e interesses, refletindo a diversidade de vozes na comunidade escolar, tais como:

Equipe: Apresentação dos membros envolvidos na produção do jornal, fornecendo uma visão dos talentos e contribuições individuais.

Editorial: Espaço para expressar opiniões, análises ou posicionamentos sobre temas relevantes para a comunidade escolar.

Curiosidades: Destaque para informações interessantes e curiosas que despertam a atenção dos leitores.

Coluna Gastronômica – Receita: Compartilhamento de receitas e dicas relacionadas à gastronomia.

Entrevista: Abordagem aprofundada de diálogos com diferentes personalidades, proporcionando reflexões valiosas.

Crônica: Narrativas pessoais e reflexivas que exploram aspectos diversos da experiência humana.

Notícia: Cobertura de eventos recentes e relevantes na comunidade escolar.

Artigos de Opinião: Textos que expressam opiniões e pontos de vista sobre questões específicas.

Reportagem: Exploração detalhada de acontecimentos ou situações relevantes, promovendo a informação.

Poema – Coluna Literária: Espaço dedicado à expressão artística por meio de poesia e literatura.

Indicações Fílmicas e Indicações Musicais: Sugestões culturais para filmes e músicas, proporcionando recomendações aos leitores.

Classificados/Empregos: Seção destinada a anúncios, empregos ou informações classificadas da região;

Cruzadinhas: Elemento lúdico que desafia intelectualmente os leitores, adicionando uma camada de entretenimento ao jornal.

A diversidade de seções no Jornal Ita não apenas reflete um compromisso editorial em abordar uma ampla gama de interesses, mas também demonstra uma valorização dos saberes locais e uma abertura para a incorporação de perspectivas decoloniais. Ao oferecer uma variedade de seções que refletem os interesses e as preocupações da comunidade escolar, o jornal reconhece e valida os saberes locais, promovendo uma narrativa que é autenticamente enraizada na experiência e na cultura daqueles que a comunidade escolar.

Nesse sentido, a reafirmação dos saberes locais é um ato de resistência contra a dominação cultural e epistêmica impostas pelo colonialismo. Ao valorizar e celebrar as expressões culturais, histórias e perspectivas da comunidade escolar, o Jornal Ita contribui para a descolonização do conhecimento, reconhecendo que há múltiplas formas válidas de compreender o mundo e que nenhum sistema de conhecimento deve ser considerado superior ou dominante sobre os outros.

Além disso, a diversidade de seções no jornal também abre espaço para uma reflexão crítica sobre questões sociais, políticas e culturais, permitindo que os membros da comunidade escolar se envolvam em diálogos significativos e construtivos sobre temas importantes. Essa abordagem informativa e reflexiva não apenas amplia os horizontes da comunidade escolar, mas também fortalece sua capacidade de análise e engajamento cívico.

Portanto, a diversidade de seções no Jornal Ita não é apenas uma escolha editorial, mas sim uma manifestação do compromisso em promover uma educação emancipatória e inclusiva, que valoriza e respeita os saberes locais, enquanto também desafia as estruturas de poder e os paradigmas dominantes que perpetuam a exclusão e a marginalização.

Figura 15 – Seções da Edição Piloto e das Versões Oficiais 01 e 02

EQUIPE	02	PRIMEIRA EDIÇÃO
O VISLUMBRAR DO JI	03	
TECH VIAGEM	04	
ENFIM, É NATAL	05	
UM PEDIDO DE NATAL OU UMA REALIDADE SOCIAL?	06	
CURIOSIDADES	07	
NATAL COM CRÍTICA SOCIAL	08	
INVESTIMENTOS LAISER IFPB	09	
INDICAÇÃO DE FILMES CLASSIFICADOS	10	
	11	
	12	
		DEZ 20
		PARAÍBA

EQUIPE	02	PRIMEIRA EDIÇÃO
O VISLUMBRAR DO JI	03	
CURIOSIDADES	04	
VOZES INDÍGENAS	05	
A VULNERABILIDADE QUE TRANSFORMA	06	
NUCA: LUTA CONTRA O ASSÉDIO	07	
MOSTRA CIENTÍFICA E CULTURAL	08	
INDICAÇÕES FÍLMICAS E MUSICAIS	09	
ALÉM DAS MÁSCARAS CLASSIFICADOS	10	
	11	
	12	
		JUNHO
		PARAÍBA

IFPB PROMOVE A ENTREVISTA "SETEMBRO AMARELO: UM GESTO DE AFETO PODE MUDAR TUDO".	EQUIPE	02
	EDITORIAL JORNAL ITA	03
	COLUNA GASTRONÔMICA	04
	ENTREVISTA ENTRE RAÍZES E EDUCAÇÃO	05
	CRÔNICA SOMBRAS E CORES	06
	NOTÍCIA: SEMANA DE CIÊNCIAS IFPB	07
	ARTIGO DE OPINIÃO: VOZES NÃO-BRANCAS	08
	POEMA: RAINHAS DO SERTÃO	09
	CULTURA, MÚSICA E ARTE	10
	CLASSIFICADOS	11
	CRUZADINHA	12

Fonte: dados da pesquisa (2023)

A incorporação de códigos *QR* em grande parte dos textos do Jornal Ita revela uma abordagem inovadora e interativa na comunicação com os leitores. A estratégia de usar *QR codes* para fornecer informações adicionais, jogos, vídeos, músicas e outros conteúdos complementares acrescentou uma dimensão multimídia ao jornal, enriquecendo significativamente a experiência dos leitores.

Essa prática demonstra sensibilidade para as tendências tecnológicas contemporâneas, proporcionando aos leitores a oportunidade de explorar além do conteúdo textual tradicional. Os *QR codes* servem como pontes digitais, conectando o impresso ao digital, e oferecem uma experiência mais envolvente e interativa.

Além disso, a utilização de *QR codes* estimulou a curiosidade dos leitores da comunidade e incentivou a exploração de conteúdos adicionais e proporcionando uma experiência mais personalizada. Essa abordagem inovadora não apenas mantém o jornal relevante na era digital, mas também destaca a criatividade e a adaptabilidade da equipe na busca por formas novas e envolventes de comunicação.

O processo de produção foi impulsionado por uma abordagem colaborativa e organizada, com reuniões regulares, registros detalhados e a utilização de ferramentas digitais como o *Canva* e o *Notion*. Cada seção desempenhou um papel crucial na construção do jornal, resultando em uma publicação informativa, envolvente e representativa da riqueza da vida escolar.

A execução propriamente dita do Jornal Ita envolveu uma coordenação cuidadosa entre os diversos membros da equipe, desde os repórteres até os responsáveis pela diagramação e *design*. A colaboração e o diálogo foram essenciais para manter a integridade do projeto, assegurando que cada contribuição se alinhasse à visão e aos padrões estabelecidos.

O processo não se encerrou com a publicação das edições. A equipe realizou avaliações contínuas, coletando *feedbacks* da comunidade escolar e identificando áreas de aprimoramento. Essa abordagem reflexiva possibilitou ajustes e

refinamentos, contribuindo para o constante aprimoramento do Jornal Ita.

Nesse sentido, o desenvolvimento do Jornal Ita foi marcado por um planejamento estratégico sólido, uma pesquisa abrangente, uma produção editorial comprometida e uma execução colaborativa. A abordagem reflexiva e a busca contínua por melhorias atestam o empenho da equipe em criar um veículo informativo que não apenas informe, mas também fortaleça os laços dentro da comunidade escolar.

Por fim, a distribuição do Jornal Ita na cidade de Itaporanga/PB foi realizada de forma estratégica para alcançar um amplo público. Optou-se pela versão impressa do jornal, uma escolha que pode ser atribuída a diversas considerações.

A versão impressa do jornal oferece uma presença tangível que se destaca em meio às diversas formas de comunicação digital. Ao escolher o formato impresso, a equipe do jornal pôde atingir um público mais amplo, incluindo aqueles que podem não ter acesso constante à tecnologia digital.

Além disso, a versão impressa proporciona uma experiência física que muitos leitores da região ainda apreciam. Tocar, folhear e ler um jornal impresso muitas vezes cria uma conexão mais duradoura com o conteúdo, em comparação com a leitura digital.

A escolha pelo formato impresso também foi motivada pelo desejo de envolver a comunidade de forma mais direta e oferecer uma experiência palpável aos leitores. A distribuição física do jornal em locais estratégicos da cidade, como escolas, comércios e espaços públicos, pode ter contribuído para fortalecer os laços entre o jornal e a comunidade local.

Assim, a versão impressa do Jornal Ita atuou como uma ferramenta eficaz para alcançar um público diversificado no Vale do Piancó, oferecendo uma experiência de leitura única e reforçando a presença do jornal na vida cotidiana da comunidade.

Figura 16 – Distribuição do Jornal Ita pela cidade de Itaporanga/PB



Fonte: dados da pesquisa (2023)

O Jornal Ita, ao ser entregue à comunidade de Itaporanga/PB e região, teve um impacto significativo, ampliando seu alcance para além dos muros escolares. Através das diversas seções, os leitores foram convidados a explorar uma variedade de temas, desde notícias locais até expressões literárias e culturais. A inclusão de *QR codes* em muitos textos enriqueceu ainda mais a experiência, proporcionando aos leitores acesso a informações adicionais, jogos, vídeos e músicas, ampliando as possibilidades interativas do jornal.

O processo de produção editorial envolveu estudantes em diversas funções, desde repórteres e colunistas até desenvolvedores e revisores. Essa diversidade de papéis permitiu que os/as estudantes desenvolvessem habilidades práticas em comunicação, design, organização e trabalho em equipe. Além disso, a experiência de escrita e reescrita ao longo das edições contribuiu para o aprimoramento das competências linguísticas e para a compreensão mais profunda dos temas abordados.

A abordagem de temáticas decoloniais no jornal não apenas reflete um compromisso com a diversidade de vozes e perspectivas, mas também promove uma consciência crítica sobre questões históricas e sociais. Os/as estudantes, ao se envolverem na elaboração de textos que exploram diferentes narrativas e

experiências, tiveram a oportunidade de aprender e contribuir para a construção de conhecimento emancipatório.

Dessa forma, o Jornal Ita não é apenas um veículo informativo, mas um ecossistema comunicativo que desafia e inspira os/as estudantes, ao mesmo tempo em que oferece à comunidade uma janela para as reflexões e realizações da juventude local. Este projeto editorial não só fortalece os laços entre a escola e a comunidade, mas também se destaca como uma iniciativa educativa que transcende as páginas impressas.

Nesse sentido, propomos um jornal de acordo com o que nos apresenta Freinet (1974, p.44), quando nos diz que “um jornal escolar não está, não pode estar, não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica que lhe diminuiria o alcance. Deve estar sim à medida de uma educação que, pela vida, prepara para a vida”.

Freinet (1974) ressalta a importância de um jornal escolar como uma ferramenta educacional que vai além dos limites de uma abordagem escolástica. Ao afirmar que o jornal não deve estar ao serviço de uma pedagogia escolástica, destaca a necessidade de conectar a educação com a vida real e preparar os estudantes para os desafios do cotidiano. Propor um jornal escolar alinhado a essa visão implica em criar um veículo que não apenas informe, mas que também promova a participação ativa dos estudantes na construção do conhecimento, incentivando a expressão autêntica e a compreensão crítica do mundo ao seu redor. Essa abordagem educacional mais ampla busca transcender as fronteiras da sala de aula, integrando a experiência escolar à vida e proporcionando uma preparação mais holística para os/as estudantes. O jornal escolar, nesse contexto, tornou-se uma ferramenta que reflete e impulsiona essa educação centrada na vida.

À GUIA DE (IN)CONCLUSÕES

O lugar social não determina uma consciência discursiva sobre esse lugar. Porém o lugar que ocupamos socialmente nos faz ter experiências distintas e outras perspectivas. A teoria do ponto de vista feminista e lugar de fala nos faz refutar uma visão universal de mulher e de negritude, e outras identidades, assim como faz com que homens brancos, que se pensam universais, se racializem, entendam o que significa ser branco com metáfora do poder, como nos ensina Kilomba.

(Djamila Ribeiro)²⁹

Sob o título *Jornal Ita: uma vivência educ comunicativa decolonial no contexto do Ensino Médio Profissionalizante*, nesta dissertação propomos uma análise que buscou realizar uma encruzilhada de saberes e fazeres a partir dos pressupostos da Teoria Dialógica da Linguagem, da Educomunicação e dos Estudos Decoloniais.

Alinhados a estes pressupostos teóricos, a partir da criação de um ecossistema comunicativo propício a interações discursivas, no *Jornal Ita*, destacamos as vozes dos saberes locais, sociais e culturais dos/as estudantes do Ensino Médio Profissionalizante. No contexto desta pesquisa é importante destacar que esse processo não se limitou apenas à divulgação de informações da comunidade, mas representou um ato de desobediência epistêmica por desafiar narrativas hegemônicas e ser um espaço de resistência e de construção de conhecimento alternativo, contribuindo para a desconstrução de hierarquias e para a promoção de uma educação mais democrática.

O Ensino Médio Profissionalizante, cenário dessa investigação, emergiu como um espaço de (trans)formação crucial, no qual a análise de dados demonstra que os/as estudantes não apenas desenvolveram habilidades técnicas, mas também consciência crítica em relação aos discursos midiáticos e às dinâmicas de poder que os envolvem. Portanto, nossa dissertação buscou contribuir para uma reflexão sobre a importância da educomunicação em perspectiva decolonial como ferramenta de empoderamento e transformação social no contexto educacional contemporâneo. O *Jornal Ita*, nesse contexto, emergiu como um ecossistema não apenas de notícias, mas de vozes silenciadas, de narrativas subalternas que clamam por visibilidade e reconhecimento todos os dias.

É relevante ressaltar que a escrita de gêneros jornalísticos e a abordagem de temas decoloniais nas produções coletivas de crônicas, entrevistas, notícias e

²⁹ RIBEIRO, Djamilla. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017.

reportagens não foram apenas exercícios acadêmicos, mas sim ferramentas de emancipação e transformação social. Entendemos, juntos/as, que cada gênero discursivo produzido pôde representar pontes que conectam passado, presente e futuro, tecendo uma teia de conhecimentos que rompe com as amarras do colonialismo epistêmico.

Ao longo desta pesquisa, procuramos responder à problemática central: *“Como a construção de um jornal escolar pode impactar a formação de estudantes do Ensino Médio Profissionalizante acerca de conhecimentos sobre a escrita de gêneros jornalísticos?”*

O alcance dos objetivos delineados nesta pesquisa revelou-se fundamental para uma compreensão mais ampla do fenômeno estudado. O objetivo geral, de *compreender como os/as estudantes do Ensino Médio Profissionalizante se apropriam da prática da escrita de gêneros jornalísticos com foco na incorporação de temas decoloniais*, foi alcançado através de uma análise cuidadosa das práticas sociais de escrita demonstradas pelos/as estudantes envolvidos nesta investigação. Observamos não a habilidade técnica na produção de textos jornalísticos, mas a capacidade dos/as estudantes em abordar criticamente os temas decoloniais.

Os objetivos específicos também foram atingidos. Primeiramente, situamos as práticas sociais de escrita dos/as estudantes, identificando seus contextos, motivações e desafios. Esta etapa foi crucial para compreendermos o ponto de partida dos/as estudantes e as concepções a serem construídas no processo de auxílio à formação. Em seguida, descrevemos detalhadamente o processo de concepção, produção e circulação do jornal escolar, adotando uma abordagem metodológica que privilegiou a participação ativa dos/as estudantes em todas as etapas. Essa imersão prática permitiu além da aplicação dos conhecimentos teóricos adquiridos, também o desenvolvimento de habilidades colaborativas, criativas e críticas.

Nesse sentido, investigamos o impacto formativo nos/as estudantes em relação à construção de conhecimentos crítico-reflexivos sobre a função social do jornalismo e os temas decoloniais. Através de análises qualitativas, pudemos constatar não apenas um aumento na compreensão teórica desses temas, mas também uma transformação nas atitudes e percepções dos/as estudantes em relação ao seu papel como agentes de mudança social. O Jornal Ita tornou-se, um espaço de resistência e empoderamento, onde os estudantes puderam expressar

suas vozes, questionar paradigmas dominantes e promover a diversidade cultural e epistêmica.

Diante disso, podemos afirmar que esta dissertação não apenas respondeu à questão de pesquisa proposta, mas também contribuiu significativamente para o avanço do conhecimento no campo da Educomunicação, destacando a importância do jornal escolar como ecossistema relevante para uma educação crítica e emancipatória. Esperamos que os resultados deste estudo inspirem novas práticas e pesquisas que promovam uma educação verdadeiramente transformadora e comprometida com a justiça social e a equidade.

Nossos resultados refletem uma jornada de descoberta e aprendizado, dividida em três categorias de análise que elucidam diferentes aspectos dessa experiência educacional. Na primeira categoria, exploramos as perspectivas dos/as estudantes antes e depois de sua participação na elaboração do Jornal Ita. Observamos não apenas uma evolução nas habilidades práticas de escrita jornalística, mas também uma transformação nas percepções sobre o jornalismo como ferramenta de expressão e intervenção social. A análise revelou o impacto formativo da experiência, evidenciando o potencial do jornal escolar para moldar sujeitos críticos e ativos na sociedade.

A segunda categoria nos levou a analisar as crônicas e entrevistas com temáticas decoloniais e examinar seu impacto e compreensão pelos/as estudantes. Observamos como a exposição a esses gêneros discursivos além de enriquecer o repertório jornalístico e literário dos/as estudantes, também os ajudou a desenvolver uma consciência crítica sobre questões de colonialismo, poder e identidade. Essa análise ressaltou a relevância da escrita engajada desses gêneros na promoção de uma educação mais equitativa e na formação de uma visão reflexiva sobre a sociedade e sua história.

Na terceira categoria, relatamos o processo de desenvolvimento do Jornal Ita, desde o planejamento até a execução. Destacamos a integração do letramento digital no projeto editorial, evidenciando como as habilidades técnicas em informática dos/as estudantes foram essenciais para o sucesso do Jornal Ita. O uso da plataforma *Canva* para o design do jornal exemplifica a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos no contexto do Ensino Médio Profissionalizante, preparando os/as estudantes para os desafios do mundo digital em constante evolução.

Em síntese, esta pesquisa proporcionou reflexões sobre o impacto da escrita de gêneros jornalísticos, numa perspectiva decolonial, frente ao auxílio à formação de estudantes do Ensino Médio Profissionalizante. Demonstramos que o Jornal Ita, enquanto ecossistema educacional decolonial, aprimorou as habilidades de escrita jornalística dos/as estudantes e instigou o empoderamento dos/as participantes como agentes de mudança social.

É relevante ressaltar que a pesquisa representou não apenas uma investigação acadêmica, mas uma jornada de descoberta e reflexão sobre o potencial transformador do trabalho com a linguagem, as práticas educacionais e a decolonialidade. Os resultados obtidos revelam a relevância significativa deste estudo nos âmbitos acadêmico, científico e escolar, bem como a sua influência pessoal na nossa trajetória enquanto professora e pesquisadora.

Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa contribuiu para a ampliação do conhecimento sobre a educação e seus impactos na formação dos/as estudantes do Ensino Médio Profissionalizante. Ao adotar uma abordagem decolonial, exploramos novas perspectivas sobre o papel da escrita de gêneros jornalísticos na promoção da diversidade cultural e epistêmica, abrindo caminho para debates e reflexões mais profundas no campo da educação.

No contexto científico, os resultados deste estudo forneceram reflexões para pesquisas futuras sobre práticas educacionais e decoloniais. As categorias de análise desenvolvidas neste trabalho oferecem um arcabouço teórico-metodológico sólido para investigações posteriores, incentivando a continuidade do diálogo acadêmico sobre a importância da escrita de gêneros discursivos a partir de temáticas decoloniais na construção de uma educação crítica e emancipatória.

Na esfera escolar, a implementação de projetos similares ao Jornal Ita pode enriquecer o ambiente educacional, proporcionando aos/as estudantes oportunidades de desenvolver habilidades de escrita, pensamento crítico e cidadania ativa. A vivência educacional decolonial oferece uma alternativa pedagógica empoderadora, capaz de engajar os/as estudantes em questões relevantes para suas comunidades e sociedade como um todo.

Para nossa jornada, como professora e pesquisadora, esta travessia foi especialmente significativa. O afeto envolvido na condução desta pesquisa, a conexão com os/as estudantes e a troca de conhecimentos e experiências foram fontes de inspiração e aprendizado. Testemunhar o crescimento e a transformação

dos/as estudantes ao longo do processo foi uma experiência gratificante e reafirmou o valor do poder da educação como potência criadora de mudança social.

Encerramos esta dissertação expressando profunda gratidão a todos/as os/as envolvidos/as neste processo: aos/as estudantes que criaram e participaram do Jornal Ita, pela sua dedicação e entusiasmo; aos colegas colaboradores/as que apoiaram e enriqueceram esta pesquisa com suas contribuições, cuja orientação e incentivo foram fundamentais para o sucesso deste trabalho.

Portanto, essa pesquisa nos impulsiona a continuar investindo academicamente, pois não apenas revela, mas também reafirma o potencial transformador da educação e de projetos educacionais decoloniais. Ao explorar as pedagogias do afeto, a participação cidadã e a interdisciplinaridade como pilares essenciais para uma educação crítica e comprometida com as demandas sociais, este momento de conclusão não marca apenas o fim de uma etapa, mas também o início de novas possibilidades e contribuições que desejamos seguir construindo e compartilhando em nossa trajetória acadêmica e profissional.

REFERÊNCIAS

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS - ABL. **Educomunicação**. Disponível em: <https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/educomunicacao>. Acesso em: 06 ago. 2023.

ALENCAR, Eunice Soriano de. **O processo da criatividade**. São Paulo: Makron, 2000.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019. 264 p.

ALMEIDA, Lígia Beatriz Carvalho. **Projetos de intervenção em Educomunicação**. Campina Grande: 2016. Disponível em: <http://docplayer.com.br/37588150-Projetos-de-intervencao-em-educomunicacao.html>. Acesso em: 23 dez. 2022.

ANZALDÚA, Gloria. **Falando em línguas**: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. Revista Estudos Feministas, v.8, n.1, p. 229-236. Florianópolis, 2000.

ARAÚJO, Laura Filomena Santos de; DOLINA, Janderléia Valéria; PETEAN, Elen; MUSQUIM, Cleiciene dos Anjos; BELLATO, Roseney; LUCIETTO, Grasiela Cristina. Diário de pesquisa e suas potencialidades na pesquisa qualitativa em saúde. **Revista Brasileira Pesquisa Saúde**, Vitória, Espírito Santo, p. 53-61, jul./set. 2013.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES E PROFISSIONAIS EM EDUCOMUNICAÇÃO - **ABPEDUCOM**. Roteiro Formativo – Trilha de Saberes. Disponível em: < <https://abpeducom.org.br/>>. Acesso em: 05 de jun. de 2023.

AZEVEDO, Maria Ivete Pinto. **Criatividade e percurso escolar**: um estudo com jovens do Ensino Básico. Braga: Instituto de Educação e Psicologia - Universidade do Minho, 2007. Disponível na internet: http://pt.scribd.com/doc/36846006/Maria_Ivete_Azevedo. Acesso em: 05 de jun. de 2023.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Palavra e discurso**. História e literatura. São Paulo: Ática, 2004.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Para uma filosofia do ato responsável**. Tradução de Carlos Alberto Faraco e Valdemir Miotello. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010 [1986].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O discurso no romance. *In*: **Questões de literatura e de estética**: teoria do romance. Trad. Aurora F. Bernardini et al. 5ª. ed. São Paulo: Hucitec, 2002 [1934-1935].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Problemas da poética de Dostoiévski**. 4ª. ed.

revista e ampliada. Tradução, notas e prefácio de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008 [1929].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003a [1979].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os gêneros do discurso. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003b [1952/1953].

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. O problema do texto na linguística, na filologia e em outras ciências humanas. *In*: BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Tradução do russo por Paulo Bezerra. 4^a. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003c [1959-1961].

BENVENISTE, Émile. Forma e sentido na linguagem. *In*: **Problemas de linguística geral II**. 2. ed. Campinas: Pontes, 2006 [1966].

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos. Portugal: Porto Editora, 1994.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**: introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola, 2008.

BRAIT, Beth. Interação, gênero e estilo. *In*: PRETI, Dino (org.) **Interação na fala e na escrita**. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2^a. ed., 2002.

BRAGA, José Luiz.; CALAZANS, Regina. **Comunicação e Educação**: questões delicadas na interface. São Paulo: Hacker, 2001.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

BRASIL. Resolução Nº 510, de 07 de abril de 2016. **Dispõe sobre as normas aplicáveis a pesquisas em Ciências Humanas e Sociais**. CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE, 2016, Ministério da Saúde, 2016.

BRASIL. **Lei n. 10.639/03, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.639.html. Acesso em: 27 set. 2023.

CANDIDO, Antonio et al. **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas: UNICAMP; Rio de Janeiro: Casa Rui Barbosa, 1992.

CITELLI, Adilson Odair. (org.). **Inter-relações comunicação e educação no contexto do ensino básico** [recurso eletrônico]. – São Paulo: ECA-USP, 2020. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/mecom/>. Acesso em: 31 set. 2023.

COLELLO, Sílvia de Mattos Gasparian. **A escola que (não) ensina a escrever**. 2ª ed. Revisada. São Paulo: Summus, 2012.

CRENSHAW, Kimberle. A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero. In: VV.AA. **Cruzamento: raça e gênero**. Brasília: Unifem, 2004. Disponível em: <https://bit.ly/25YkehZ>. Acesso em: 05 dez. de 2023.

CRENSHAW, Kimberle. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, ano 10, vol. 1, 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11636.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2023.

DEMO, Pedro. **Pesquisa participante: saber pensar e intervir juntos**. Brasília: Liber Livro, 2008.

DEMO, Pedro. **Habilidades e Competências no Século XXI**. Campinas, SP: Ed. Mediação, 2010.

DEMO, Pedro. **Metodologia do Conhecimento Científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n. 15, p. 7–35, mai.-ago. 2007.

FARACO, Carlos Alberto. As sete pragas do ensino de português. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). **O texto na sala de aula**. Cascavel: ASSOESTE - Editora Educativa, 1984.

FIORIN, José Luiz. A construção da identidade nacional brasileira. **Bakhtiniana - Revista de Estudos do Discurso**, v. 1, n. 1, p. 115-126, 2009a. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/3002/1933>. Acesso em: 03 ago. 2023.

FIORIN, José Luiz. **Língua, discurso e política**. Alea, v. 11, n. 1, p. 148-155, jan/jul, 2009b.

FREINET, Célestin. **O Jornal Escolar**. Lisboa: Ed. Estampa, 1974.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019 [1967].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: Cartas Pedagógicas e Outros Escritos**. São Paulo: Paz e Terra, 2014 [1992-1997].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 [1968].

FREIRE, Paulo. **Cartas a Cristina**, São Paulo: Ed. Paz e Terra, 1994.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra,

1981 [1975].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002 [1997].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1997 [1992].

GARCEZ, Lucília Helena do Carmo. **A escrita e o outro**: os modos de participação na construção do texto. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1998.

GERALDI, João Wanderley. O ensino de língua portuguesa e a Base Nacional Comum. **Revista Retratos da Escola**. Brasília, v. 9, n. 17, p. 381-396, jul./dez. 2015. Disponível em: <http://www.esforce.org.br>. Acesso em: 15 dez. 2023.

GERALDI, João Wanderley. A leitura e suas múltiplas Faces. Texto reelaborado a partir de A leitura na sala de aula: as muitas faces de um leitor, publicado na revista **Ideias**, vol. 5, São Paulo: FDE, 1988.

GERALDI, João Wanderley. **Portos de passagem**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GERALDI, João Wanderley. Concepções de linguagem e ensino de português. *In*: GERALDI, João Wanderley **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, Escrita e Poder**. São Paulo: Livraria Martins Fontes. 3ª edição brasileira. Produção Gráfica Geraldo Alves. 1991.

GNERRE, Maurizio. Linguagem e poder. *In*: **Subsídios à proposta curricular de língua portuguesa**. Vol. IV, Secretaria de Estado da Educação de São Paulo, 1978.

GONZALEZ, Lélia. **Por um Feminismo Afro-Latino-Americano**: Ensaios, Intervenções e Diálogos. Rio Janeiro: Zahar, 2020.

HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2008 [1970].

hooks, bell. **Vivendo de Amor**. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/vivendo-de-amor/>. 2010. Acesso em: 15 dez. 2023.

hooks, bell. **Tudo sobre o amor**: novas perspectivas. São Paulo: Elefante, 2020.

IFPB. **Plano de Desenvolvimento Institucional (2015 - 2019)**. 2015.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal e vivências humanas**: um roteiro de viagem. São Paulo. ECA/USP. Tese de doutorado, 2002.

IJUIM, Jorge Kanehide. **Jornal Escolar e Vivências Humanas**: Teoria e Técnicas em apoio a professores do Ensino Fundamental e Médio. Mato Grosso Do Sul: Universidade Federal De Mato Grosso Do Sul, 2000.

JESUS, Denise Meyrelles de; VIEIRA, Alexandre Braga; EFFGEN, Ariadna Pereira Siqueira. Pesquisa-ação colaborativo-crítica: em busca de uma epistemologia. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 771–788, set. 2014.

JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. In: FONTANA, Felipe; ROSA, Marcos Paulo. Observação, questionário, entrevista e grupo focal, 1ª ed., Maringá, PR: Gráfica e Editora Massoni, 2021, p. 96.

JÚNIOR, Carlos Alberto de Oliveira Magalhães; BATISTA, Michel Corci. **Metodologia da pesquisa em educação e ensino de ciências**. In: GONÇALVES, Emerson Nunes da Costa; COMPIANI, Mauricio. Pesquisa-ação: constructos formativos para o fazer docente, 1ª ed., Maringá, PR: Gráfica e Editora Massoni, 2021, p. 220-221.

KENSKI, Vani Moreira. Educação e comunicação: interconexões e convergências. **Educação & Sociedade**, v. 29, n. 104, p. 647–665, out. 2008.

LABORNE, Ana Amélia de Paula. Branquitude, colonialismo e poder: a produção do conhecimento acadêmico no contexto brasileiro. In: Müller, T.; Cardoso, L. (Org.). **Branquitude**: estudos sobre identidade branca no Brasil. Curitiba: Appris, 2017. p. 91-105.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018. p. 27-53.

MALDONADO-TORRES, Nelson. A topologia do Ser e a geopolítica do conhecimento. Modernidade, império e colonialidade. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, vol 80, 2008, p. 71-114.

MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSGOUEL, R. (Orgs.). **El giro decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar, Universidad Central-IESCO, Siglo del Hombre Editores, 2007. p. 127-167.

MANGUEIRA, Ana Beatriz da Costa. **A contribuição do pensamento decolonial para o ensino básico e o acadêmico brasileiro**: desafios e perspectivas. In: Congresso Internacional: América Latina: Resgatar a Democracia. Repensar a Integração, XVII, 2019, Foz do Iguaçu.

MARTIN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista**: o diálogo possível. 3. ed. São Paulo: Ática, 1990.

MEDVIÉDEV, Pável Nikoláievitch. **O método formal nos estudos literários: introdução crítica a uma poética sociológica.** Tradução de Ekaterina Vólkova Américo e Sheila Camargo Grillo. São Paulo: Contexto, 2012 [1928].

MENEGASSI, Renilson José. Da revisão a reescrita: operações linguísticas sugeridas e atendidas na construção do texto. **Mimesis**, Bauru, v. 22, n. 1, p. 49-68, 2001.

MENEGASSI, Renilson José. Interação, escrita e metaconsciência na formação inicial de professores. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 9, n. 2, p. 151–168, 2006. DOI: 10.5433/2237-4876.2006v9n2p151. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/3943>. Acesso em: 2 fev. 2023.

METZKER, Gabriela Felipe Rodrigues. **Educomunicação: um novo campo e suas áreas de intervenção social.** In: XIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, São Paulo, 2008. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/>. Acesso em: 08 de jul. 2023.

MIGNOLO, Walter. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. In: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas.** Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 71-103.

MIGNOLO, Walter. **Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar.** Tradução de Solange Ribeiro de Oliveira. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

MOGADOURO, Cláudia de Almeida. **Educomunicação e escola: o cinema como mediação possível (desafios, práticas e proposta).** 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-23092011-174020/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

MORAES, Dênis de. (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2003.

MORIN, Edgar. A entrevista nas Ciências Sociais, no rádio e na televisão. In: MOLES, Abraham A. et al. **Linguagem da cultura de massa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 1973. p. 115-135.

MUNGIOLI, Maria Cristina Palma; VIANA, Claudemir Edson; RAMOS, Daniela Osvald. Uma formação inovadora na interface educação e comunicação: aspectos da licenciatura em educomunicação da Escola de Comunicações e Artes da USP. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación - ALAIC**, v. 14, n. 27, p. 218-228, 2017.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos: uma jornada interdisciplinar rumo o desenvolvimento das inteligências múltiplas.** São Paulo: Érica, 2005.

NOGUEIRA, Nilbo Ribeiro. **Pedagogia dos projetos**: etapas, papéis e atores. São Paulo: Érica, 2009.

NYAMNJOH, Francis. B. Cecil John Rhodes: 'The Complete Gentleman' of Imperial Dominance. *In: The Jugaad Project*, 23 Feb. 2021, Disponível em: <http://thejugaadproject.pub/rhodes-the-complete-gentleman>. Acesso em: 12 dez. 2023.

OLIVEIRA JÚNIOR, Osvaldo Barreto. **Coerência, coesão e texto na sala de aula**: o essencial é invisível aos olhos? 2015. 351 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, Salvador, 2015.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **Educação e Militância Decolonial**. Rio de Janeiro: Selo Novo, 2018.

OLIVEIRA, Luiz Fernandes de; Candau, Vera Maria Ferrão. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. **Educação em Revista** [online]. 2010, v. 26, n. 1, p. 15- 40.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. Campinas: Editora da Unicamp, 2013.

PAIVA, Francis Arthuso.; SANTOS, Záira Bomfante. A multimodalidade nos ambientes escolares e os seus signos de aprendizagem: designs transformadores de estudantes e professores. *In: PAIVA, Francis Arthuso. Professores transformadores de ambientes multimodais de aprendizagem: projetos de ensino de linguagens*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2022.

PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural: infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990.

PRENSKY, Marc. Digital Natives Digital Immigrants. *In: PRENSKY, Marc. On the Horizon. NCB University Press*, Vol. 9 No. 5, October (2001). Disponível em <<http://www.marcprensky.com/writing/>>. Acesso em: 12 jan. 2024.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *In: LANDER, Edgardo (org.). A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas Latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 227-278.

RAUEN, Fábio José. **Roteiros de investigação científica**. Tubarão: Editora Unisul, 2002.

RODRIGUES, Rosângela Hammes. **A Constituição e Funcionamento do Gênero Jornalístico Artigo**: Cronotopo e Dialogismo. Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada e Estudos da Linguagem – LAEL – PUCSP). São Paulo: PUCSP, 2001.

SANTOS, Richard. **Maioria minorizada**: um dispositivo analítico de racialidade. Rio de Janeiro: Telha, 2020.

SARTORI, Ademilde. A educomunicação como resposta possível às inter-relações

entre comunicação e educação: promoção de ecossistemas comunicativos. *In*: CONGRESO LATINOAMERICANO DE INVESTIGACIÓN DE LA COMUNICACIÓN, 30, 2008. Monterrey- México. **Anais...** Monterrey: Tecnológico Monterrey, p. 12.

SCHAUN, Ângela. **Educomunicação: Reflexões e Princípios**. Rio de Janeiro, Mauad, 2002.

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.

SERAFINI, Maria Tereza. **Como escrever textos**. 9. ed. Rio de Janeiro: Globo, 1998.

SILVA, Mauricio da. **A contribuição da Abordagem Triangular do Ensino das Artes e Culturas Visuais para o desenvolvimento da epistemologia da Educomunicação**. 2016. 110 f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27160/tde-03022017-163215/pt.br.php>. Acesso em 06 fev. 2023.

SOARES, Ismar de Oliveira. Inovação na gestão e nas práticas pedagógicas: a contribuição da Educomunicação para a renovação da base curricular nacional. *In*: VII Congresso de Educação Básica, Florianópolis, 2018. **Anais...** Florianópolis, 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação, o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão Comunicativa e Educação: caminhos da educomunicação**. Revista Comunicação & Educação. Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. Ed. 23, jan/abr 2002, p. 16-25.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. Three Metaphors for a New Conception of Law: the Frontier, the Baroque and the South. **Law & Society Review**, Amherst, v. 29, n. 4, p. 569-584, 1995.

SOUSA SANTOS, Boaventura de. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SOUZA, João José Veras de. **Emancipação/libertação e o movimento social do Brasil contemporâneo a partir da teoria crítica decolonial**. Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, Rio de Janeiro: ANINTER-SH / PPGSD –UFF, 03 a 06 de setembro de 2012.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

THIOLLENT, Michel. Notas para o debate sobre pesquisa-ação. *In*: BRANDÃO, Carlos Rodrigues (Org.). **Repensando a pesquisa participante**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 82-103.

TRIPP, David. **Pesquisa-ação**: uma introdução metodológica. Educação e pesquisa, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

VOLÓCHINOV, Valentin. **A palavra na vida e a palavra na poesia**: ensaios, artigos, resenhas e poemas. Organização, tradução, ensaio introdutório e notas de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2019, 400 p.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Trad. Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017 [1929].

XAVIER, Manassés Morais. **As redes sociais digitais como acontecimentos enunciativos de interações discursivas**. São Paulo: Editora Mentis Abertas, 2023.

XAVIER, Manassés Morais. **Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva**. São Paulo: Mentis Abertas; Campina Grande: EDUFCEG, 2020. 256 p.

APÊNDICES

APÊNDICE A - CARTA DE ANUÊNCIA



INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA – IFPB CAMPUS ITAPORANGA

CARTA DE ANUÊNCIA

Eu, _____, CPF _____ representante legal do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus Itaporanga, localizado no endereço: PB 386, Km 2, S/N, Centro, CEP: 58780-000, Itaporanga – PB, venho através deste documento, conceder a anuência para a realização da pesquisa intitulada: **PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA DE GÊNEROS JORNALÍSTICOS NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA**, tal como foi submetida à Plataforma Brasil, sob responsabilidade da pesquisadora Priscila Nunes Brazil e orientação do professor Doutor Manassés Moraes Xavier, ambos vinculados ao Programa de Pós Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), a ser realizada no âmbito da referida instituição.

Declaro conhecer e cumprir as resoluções Éticas Brasileiras, em especial a resolução 466/12 e suas complementares.

Esta instituição está ciente de suas responsabilidades, como instituição co-participante do presente projeto de pesquisa e de seu cumprimento no resguardo da segurança e bem estar dos participantes de pesquisa nela recrutados, dispondo de infra-estrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem estar.

Ciente dos objetivos, métodos e técnicas que serão usados nesta pesquisa, concordo em fornecer todos os subsídios para seu desenvolvimento, desde que seja assegurado o que segue abaixo:

- 1) O cumprimento das determinações éticas da Resolução 466/12 CNS/MS;
- 2) A garantia do participante em solicitar e receber esclarecimentos antes, durante e depois do desenvolvimento da pesquisa;
- 3) Liberdade do participante de retirar a anuência a qualquer momento da pesquisa sem penalidade ou prejuízos.

Antes de iniciar a coleta de dados o/a pesquisador/a deverá apresentar a esta Instituição o Parecer Consubstanciado devidamente aprovado, emitido por Comitê de Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos, credenciado ao Sistema CEP/CONEP.

Itaporanga/PB, 13/03/2023

Ridelson Farias de Sousa – Diretor Geral
Telefone (_____) _____

Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – campus Itaporanga
PB 386, Km 2, S/N, Centro, CEP: 58780-000, Itaporanga – PB, Fone/Fax: _____

APÊNDICE B - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO**

ESTUDO: JORNAL ITA: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA DECOLONIAL NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE

Você está sendo convidado(a) a participar do projeto de pesquisa acima citado. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que estamos fazendo. Sua colaboração neste estudo será de muita importância para nós, mas se desistir, a qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você.

Eu, _____, portador(a) da cédula de identidade RG _____ e inscrito(a) no CPF _____, nascido(a) em ___/___/_____, abaixo-assinado(a), concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) do estudo “JORNAL ITA: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA DECOLONIAL NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE”. Declaro que obtive todas as informações necessárias, bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente de que:

A presente pesquisa tem como objetivo geral objetivo geral: investigar o

impacto formativo em estudantes implicados/as na pesquisa quanto à escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação discursiva do jornalismo; e como *objetivos específicos*: 1) situar as práticas sociais de escrita demonstradas pelos estudantes implicados nesta investigação; 2) descrever o processo de concepção, produção e circulação de um jornal escolar empreendido na proposta metodológica da pesquisa; e 3) investigar o impacto formativo dos/as estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo e de temas decoloniais.

Os (As) participantes da pesquisa serão estudantes das turmas de primeiro ano do Ensino Médio, do Instituto Federal da Paraíba, no sertão do estado.

- a) A geração de dados será realizada por meio da construção e divulgação de um jornal escolar, tendo como foco principal compreender a linguagem como prática social a fim de que os/as estudantes se apropriem, de maneira crítica, de diferentes conhecimentos imperativos às mudanças sociais e às transformações decorrentes de uma sociedade que ainda perpetua tantas desigualdades.
- b) A pesquisa pode apresentar alguns riscos aos(às) participantes, que incluem: constrangimento provocado pela perda de privacidade, desconforto ocasionado pela evocação de alguma lembrança com carga emocional e tomada de tempo dos(as) participantes causadas pela necessidade de responder a questionários.
- c) A pesquisadora adotará medidas cautelosas para minimizar os possíveis riscos, tais como: estar atento a sinais verbais e não verbais de constrangimento e desconforto, assegurar liberdade de não resposta a perguntas e garantir confiabilidade, privacidade e proteção da imagem dos(as) participantes.
- d) A realização da pesquisa trará benefícios com a possibilidade de uma maior disseminação acerca das temáticas abordadas pela produção do jornal escolar e trabalhadas na instituição locus da pesquisa, bem como aos participantes compreenderem de forma efetiva as peculiaridades que envolvem as vivências com o objeto aqui delineado.
- e) Os (As) participantes da pesquisa poderão desistir ou interromper a colaboração no momento em que desejar, sem necessidade de qualquer explicação e sem nenhum tipo de penalização e/ou prejuízo.

- f) Os dados gerados e coletados seguirão mantidos em sigilo e a privacidade dos(as) participantes será respeitada.
- g) Os resultados obtidos poderão ser publicados, assegurando-se a não utilização de dados que possibilitem a identificação dos(as) participantes da pesquisa.
- h) A pesquisa não acarretará nenhum tipo de despesa financeira aos(às) participantes.
- i) Caso desejem, os(as) participantes serão informados quanto aos resultados obtidos pela pesquisa.
- j) Os (As) participantes da pesquisa receberão uma via do TCLE.
- k) Quaisquer dúvidas sobre a realização dessa pesquisa poderão ser sanadas a partir do e-mail: prinunesbra31@gmail.com.

Estou ciente também de que, caso me sinta prejudicado(a) por participar desta pesquisa, poderei recorrer ao Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos da UFCG, localizado no Hospital Universitário Alcides Carneiro (HUAC), situado à rua Dr. Carlos Chagas, s/n, São José, CEP 58401-490, Campina Grande-PB, tel. 2101-5545, e-mail cep@huac.ufcg.edu.br.

Campina Grande-PB, _____ de _____ de 2023.

Participante

Priscila Nunes Brazil Pesquisadora E-mail: prinunesbra31@gmail.com Tel:	Prof. Dr. Manassés Morais Xavier Orientador E-mail: manasses.morais@professor.ufcg.edu.br
Endereço institucional: Rua Aprígio Veloso, 882 (Bloco BA, 2º andar), CEP: 58.429-900, Bairro Universitário, Campina Grande-PB.	

APÊNDICE C - TERMO DE ASSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TALE



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA EM SERES HUMANOS HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TALE **Para crianças e adolescentes (maiores que 6 anos e menores de 18 anos e para legalmente incapaz)**

Eu, _____, estou sendo convidado (a) a participar da pesquisa intitulada JORNAL ITA: UMA VIVÊNCIA EDUCOMUNICATIVA DECOLONIAL NO CONTEXTO DO ENSINO MÉDIO PROFISSIONALIZANTE, que tem como objetivo geral: investigar o impacto formativo em estudantes implicados/as na pesquisa quanto à escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação discursiva do jornalismo; e como *objetivos específicos*: 1) situar as práticas sociais de escrita demonstradas pelos estudantes implicados nesta investigação; 2) descrever o processo de concepção, produção e circulação de um jornal escolar empreendido na proposta metodológica da pesquisa; e 3) investigar o impacto formativo dos/as estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo e de temas decoloniais.

Fui informado (a) pelo (a) pesquisador (a) (Priscila Nunes Brazil) de maneira clara e detalhada de todas as etapas da pesquisa. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novos esclarecimentos e o meu responsável poderá modificar a decisão de participar, se assim o desejar.

Tendo o consentimento do meu responsável já assinado, declaro que aceito participar do estudo, sabendo que tenho liberdade de recusar a responder qualquer questionamento sem que haja qualquer de prejuízo seja ele físico, psicológico ou financeiro, bem como de retirar meu consentimento a qualquer momento.

Se me sentir prejudicado (a) durante a realização da pesquisa, poderei procurar o Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande para esclarecimentos no endereço abaixo discriminado:

Rua Prof^a. Maria Anita Furtado Coelho, S/N, Sítio Olho D'Água da Bica, Bloco: Central de

Laboratórios de Análises Clínicas (LAC), 1º andar, Sala 16. CEP: 58175 – 000, Cuité-PB,
Tel: 3372 – 1835, E-mail: cep.ces.ufcg@gmail.com.

Campina Grande-PB, _____ de _____ de 2023.

(Priscila Nunes Brazil – Matrícula: 222015020170)
Orientador(a)/Pesquisador (a) responsável

Assinatura da criança, adolescente ou legalmente incapaz

OU quando aplicável, impressão dactiloscópica
da criança, adolescente ou legalmente incapaz



APÊNDICE D - QUESTIONÁRIO

(verificação do *impacto formativo e escritor* no tocante à produção dos textos jornalísticos)

Parte 1 - sobre a escrita:

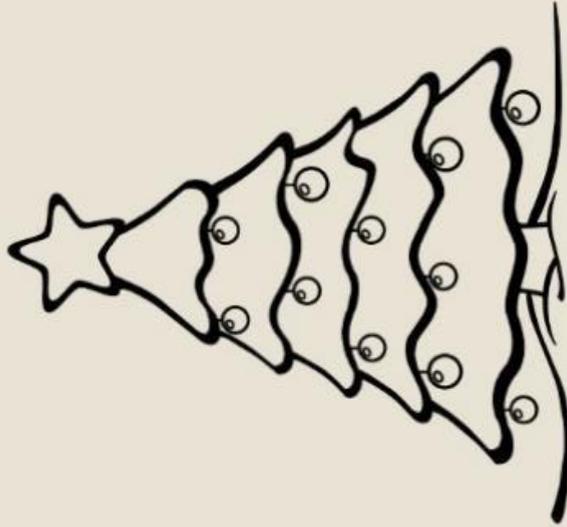
1. O que é escrever?
2. Com que frequência você escreve?
3. Qual é o seu gênero de escrita preferido?
4. Qual é o maior desafio que você enfrenta ao escrever?
5. Você costuma planejar o que vai escrever antes de começar?
6. Você prefere escrever à mão ou digitar?
7. Você costuma revisar seu texto antes de finalizá-lo? Com que frequência?
8. Como você lida com o bloqueio criativo na escrita?
9. O que você faz para melhorar a sua habilidade de escrita?
10. De que forma você acredita que escrever pode melhorar seu conhecimento?
11. Em sua opinião, qual é a importância da escrita na vida pessoal e profissional?

Parte 2 - sobre a escrita de textos jornalísticos:

1. Você costuma ler gêneros jornalísticos? Se sim, quais e por quê? Se não, por qual razão?
2. Com que frequência você lê notícias jornalísticas?
3. Qual é o seu meio de comunicação preferido para ler notícias (jornal impresso, *site* de notícias, aplicativo de notícias, etc.)?
4. Você costuma ler notícias de diferentes fontes para comparar informações?
5. Como você avalia a qualidade da informação apresentada em uma notícia?
6. Qual é o assunto que mais lhe interessa em matérias jornalísticas?
7. Como você identifica as fontes citadas em uma notícia?
8. O que você acha mais importante em uma matéria: a imparcialidade ou a opinião do jornalista?
9. Você já teve alguma experiência em escrever textos jornalísticos? Como foi?
10. Em sua opinião, qual é a importância dos textos jornalísticos na sociedade atual?

ANEXOS

ANEXO A - EDIÇÃO PILOTO


Escaneie e seja feliz :)

Feliz Natal




PRIMEIRA EDIÇÃO

DEZ 20

PARAÍBA

Feliz Natal

O2
 O3
 O4
 O5
 O6
 O7
 O8
 O9
 O0
 T

EQUIPE
 O VISLUMBRAO DO JI
 TECH VAGUEI
 O MUNDO DO NATA
 UM PEDIDO DE NATA
 O REALIDADE SOCIAL
 O CURIOSIDADES
 O NATA COM CRITICA
 O SOCIAL
 O INVESTIMENTOS LAISER
 O IFBB
 O INDICACAO DE FILMES
 O CLASSIFICADOS



Imagem autoral

Equipe JI

Classificados



Versos da Cléo - 83 9948-7536, escritora de cordéis

RC Xerox e Variedades - 83 9695-5913, serviços de xerox e impressão

Lojas Veste Bem - 83 9859-3451, loja de roupas

Jessyca Sweet Cake - 83 9626-1134, loja de doces

NSS Makeup - 83 99814-8875, estúdio de maquiagem

Suzanny Fotografias - 83 99918-0625, ensaios fotográficos

Empregos

Vaga de Vendedor Interno
Localização: Itaporanga/PB
Salário: a combinar
Empresa: Selpe Selecao de Pessoal Ltda

Vaga de Técnico de Consultoria
Localização: Itaporanga/PB
Salário: a combinar
Empresa: Vhs Promotora de Vendas

Confira mais vagas em:

Escaneie aqui



Indicações de filmes Natalinos



- Get Santa
- The Night Before
- Shrek the Halls
- 12 Presentes de Natal
- Klaus
- El Camino Christmas
- The Star
- Love Hard
- Black Christmas
- Um menino chamado Natal
- Uma quedinha de natal
- A Boy Called Christmas
- Falling for Christmas
- A Princesa e a Plebeia



O vislumbrar do JI

Sabemos que na atualidade o jornalismo é uma das formas mais relevantes de promover informação e transmitir conhecimento sobre determinado assunto. Diante disso, é importante salientar que, no cenário atual, as ferramentas e mídias digitais estão em constante crescimento e, juntamente com elas, a desinformação e a repercussão que as notícias falsas tomam. Sobre esse aspecto, o jornalismo atua como ferramenta que leva dados e informações verdadeiras até o público. A partir dessas circunstâncias, quanto mais próximos os acontecimentos e fatos ocorrem, maior a importância que as pessoas ficam cientes de tais informações. Pensando nisso, o Jornal Ita tem como objetivo levar informações, dados e fatos decorrentes do Vale do Piancó, atribuindo maior ênfase e visibilidade aos acontecimentos e eventos regionais.



Tech Viagem



Em dezembro, a estudante do 3º ano do curso técnico em Informática e voluntária no projeto Tech Teacher, Ana Paula Berto Bezerra, junto com o professor e coordenador do projeto, Douglas Francois Xavier Silva, realizaram uma viagem incrível.

O destino foi Brasília, vulgo terra onde o João de Santo Cristo ficou bestificado e o motivo foi a participação da dupla dinâmica no evento promovido pelo IFES, FACTO e Sebrae como encerramento do Edital IFES 05/2020, financiado pela SETEC/MEC.

Segundo nos contou em detalhes o professor Douglas, "houve uma cerimônia de abertura e palestras no primeiro dia. No segundo, tivemos apresentações de pitches dos projetos participantes. No terceiro dia participamos do evento do MEC, a 19ª Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, dentro do qual aconteceu a 2ª Semana Nacional de Educação Profissional e Tecnológica". A alegria em saber que pessoas engajadas e esforçadas do campus, no tocante às atividades extracurriculares, tiveram uma oportunidade assim é compartilhada por todos.

04



Investimentos LaSER IFPB

Uma das mais recentes aquisições do IFPB campus Itaporanga, no Vale do Piancó - PB, foi a GTMaX 3D - a 1ª impressora 3D do campus! - que chegou ao LaSER em novembro de 2022.



Alice dos Santos e Jamile Farias, estudantes do 3º ano do curso técnico em Informática e membros do LaSER, contam um pouco mais sobre a impressora 3D em entrevista ao Jornal Ita:

Poderiam falar um pouco sobre a nova obtenção do LaSER?

A GTMaX 3D custou R\$5000,00 e conta com o que há de melhor no mundo da impressão em 3D: estrutura robusta, peças usinadas e 100% em metal e um painel touchscreen que facilita super na utilização da máquina. Um fun fact sobre ela é que sua inauguração foi marcada pela impressão de um barquinho de plástico. Demais, né?

Qual o impacto da aquisição para benefício de desenvolvimento de projetos?

O campus tem um time de robótica dos sonhos que desenvolve vários projetos legais envolvendo sistemas embarcados, principalmente com Arduino e LEGO EV3. Muitos desses projetos e protótipos desenvolvidos no LaSER seguem a linha maker de construção, onde há uma abertura top para a criação, adaptação e imaginação voarem longe por parte dos alunos. Com a impressora 3D, a energia que se forma durante o desenvolvimento se intensifica ainda mais, pois os alunos agora contam com um equipamento que não deixará a criatividade na mão, como naqueles momentos em que algumas peças faltavam no kit e a finalização do protótipo ficava nas mãos de Deus. Agora com a impressora 3D é só imprimir a peça que falta e ser feliz!



Escaneie para conferir a notícia completa.

09



Natal com crítica social

A fome de quem tem comida de sobra parece ser insaciável. Dentro da casa luxuosa, os porcos parecem devorar tudo que há pela frente. A mesa bonita poderia alimentar um bairro inteiro e as crianças que nada sofreram na vida deixam a comida inteira no prato. A fome de quem nada comeu a três dias parece ser insaciável. Na casa que é de todos, cobertos pelo frio que faz lá fora, as pequenas criaturas tentam pegar no sono, enquanto o suco gástrico devora seus próprios estômagos. Na casa que é de todos, dois ou três biscoitos satisfariam uma mãe que não vê o filho comer a três dias. Na casa que é de todos, mais vale para uma criança ganhar um prato de comida a rasgar um papel de presente.

Todo ano é assim. Parece um ritual. Quando se aproxima o Natal, algo diferente acontece dentro de nós. Ficamos mais sensíveis; sentimentos, muitas vezes adormecidos, afloram intensamente e a emoção se faz mais presente.

O natal desperta nas pessoas a vontade de ajudar, de ser solidário mais do que qualquer época do ano. Por outro lado, também provoca um consumismo desenfreado. Todo mundo quer comprar presentes, quer se dar presentes. Também quer uma ceia farta para reunir familiares e amigos.

O lamentável nisso tudo é que muitas pessoas esquecem o verdadeiro sentido do Natal. A data marca, e é para comemorar, o nascimento de Jesus. Jesus imortal, único, bom, que nos indica a luz, nos transmite paz e nos mostra o caminho da estrada do bem! Mas, poucos lembram...

Vivemos hoje em dia uma rotina alucinante, o que, muitas vezes, faz com que as pessoas deixem de lado coisas importantes. Todo mundo com a agenda cheia. Ninguém tem tempo para nada. Paremos, então, ao menos, neste período de Natal para colocar nossas reflexões em dia.

Enfim, é natal

Não podemos deixar que o brilho que há dentro de nós se apague facilmente e que virtudes tão bonitas se percam à toa. É preciso empolgação para que ao passar de cada dia nos tornemos seres humanos melhores.

Pare, sinta. Olhe para os lados. Olhe para você. Faça um balanço das coisas ruins que aconteceram nos últimos tempos, mas não as absorva. Apenas aprenda com elas. Tome como lição. Se orgulhe das coisas boas. Tente enxergar a pessoa do seu lado. Dê importância à ela. Enalteça suas qualidades. Olhe para a sua família. Se doe mais a ela. Seja menos exigente, seja mais carinhoso. Procure aprimorar o seu eu, afinal, ninguém é perfeito que não possa ser melhorado. Seja verdadeiro, sempre. Mais humilde e mais humano!

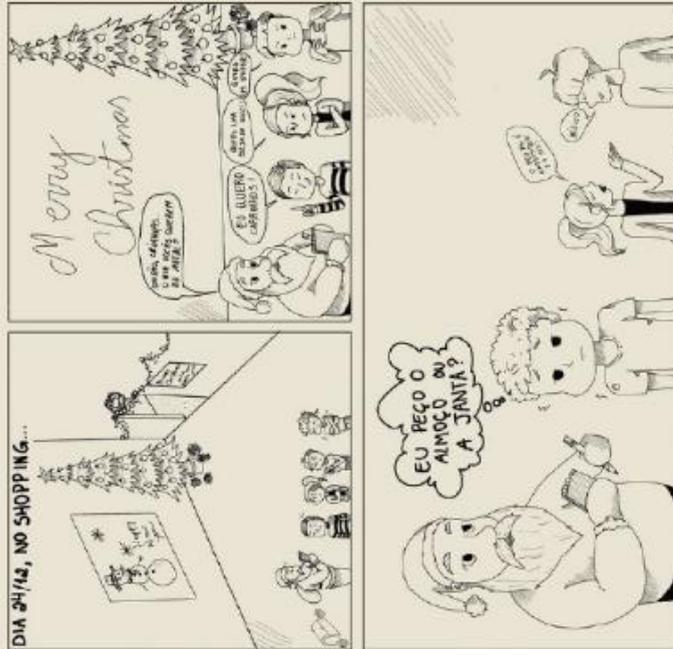
Que neste Natal, você, leitor, que nos acompanha, tenha momentos de muita alegria, rodeado pela família e pelas pessoas queridas. Que o despertar de Cristo desperte em você uma imensidão de sentimentos positivos e a reflexão necessária para seguir melhorando a cada dia.

Queremos que o seu presente seja o melhor presente: amor, paz, felicidade. Presentes estes que não custam dinheiro

Um esplendoroso e abençoado Natal!



Um pedido de natal ou uma realidade social?



Curiosidades

Dizem que a curiosidade matou o gato, mas nessa coluna você verá que, na verdade, o gato só morreu porque não sabia que já tinha utilizado suas 7 vidas.

Bora lá!
Curiosidade nº1: Com a quarentena, o campus ficou cheio de gatinhos que vieram buscar moradia no melhor recinto do Vale do Piancó. Por volta de novembro e dezembro de 2021 havia grupos de gatos por todos os cantos.

Curiosidade nº2. Essa é sobre uma cidade próxima de Itaporanga, Pedra Branca!



Inicialmente a cidade era conhecida pelo nome de Pedra do Fumo em decorrência da época: os viciantes se encontravam numa pedra na qual existia um pé de fumo.

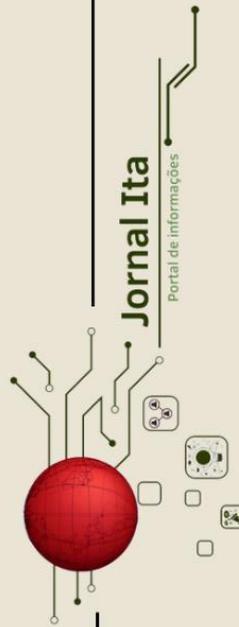
Curiosidade nº3: a turma pioneira do técnico de Informática foi a primeira turma na carreira do professor Ewerthon Batista, do Douglas Xavier e do Arley Willer também.
 Sabia? Hum, não sabia? Então agora você tá sabendo! :)



Imagem em: Pinterest



ANEXO B - EDIÇÃO JUNHO



Jornal Ita
Portal de informações

JORNAL ITA

CRUZADINHAS

D	M	J	T	E	D	U	C	A	Ç	A	O	N	L
S	E	S	C	R	A	V	A	T	U	R	A	J	I
C	P	K	N	R	A	O	F	I	L	H	O	S	B
J	C	B	Z	M	V	N	Z	Ô	J	O	L	S	E
L	G	Y	I	F	P	G	R	L	D	F	I	R	
S	T	O	R	T	U	R	A	I	Ü	C	D	Í	D
I	V	A	B	D	T	V	S	E	Z	Ç	A	R	A
U	I	K	H	O	A	G	I	U	D	B	G	D	
U	S	F	R	E	L	I	G	I	A	O	H	S	E
Ş	C	R	P	O	I	U	I	H	S	Ş	P	S	E
H	E	L	E	S	E	G	U	R	A	N	Ç	A	L
U	Z	F	P	R	O	P	R	I	E	D	A	D	E
Ğ	P	E	R	S	O	N	A	L	I	D	A	D	E
Ü	Ğ	Ğ	A	V	Ö	Ş	R	U	E	A	Ğ	Ü	

- Direito a...
- Liberdade de pensamentos, consciência e...
- Direito de requerer e receber asilo.
- Direito à vida, ... e segurança pessoal.
- Direito a ... jurídica.
- Direito a ... social.
- Proibição de ... e tratamento degradante
- Direito a ...
- Proibição de ...



PARA JOGAR ONLINE:

01 DE JUNHO DE 2023

PRIMEIRA EDIÇÃO

JUNHO

DARAÍBA

02
03
04
05
06
07
08
09
10
11
12

EQUIPE
O VISLUMBRAR DO JI
CURIOSIDADES
VOZES INDÍGENAS
A VULNERABILIDADE QUE TRANSFORMA
NUGA: LUTA CONTRA O ASSÉDIO
MOSTRA CIENTÍFICA E CULTURAL
INDICAÇÕES FILMÍCAS E MUSICAIS
ALÉM DAS MÁSCADAS
CLASSIFICADOS
CRUZADINHA

01 DE JUNHO DE 2023



Imagem: Autoria própria



Imagem: Autoria própria

CLASSIFICADOS



- Versos da Cléo - 83 9948-7536, escritora de cordéis
- RC Xerox e Variedades - 83 9695- 5913, serviços de xerox e impressão
- Lojas Veste Bem - 83 9859-3451, loja de roupas
- Jessyca Sweet Cake - 83 9626-1134, loja de doces
- NSS Makeup - 83 99814-8875, estúdio de maquiagem
- Suzanny Fotografias - 83 99918-0625, ensaios fotográficos

EQUIPE

- desenvolvedora
- desenvolvedora/desenhista
- repórter
- colunista
- colunista
- marketing
- colunista/mídias/desenhista
- desenvolvedora/ revisora
- repórter/mídias
- repórter
- repórter/colunista
- mídias
- Priscila Brazil - orientadora
- repórter
- designer/revisora

02

EMPREGOS

- Vaga de Jovem Aprendiz
- Localização: Itaporanga/PB
- Salário: a combinar
- Empresa: Bradesco
- Promotor de Vendas
- Localização: Itaporanga/PB
- Salário: a combinar
- Empresa: Indeed

Confira mais vagas em:

ESCANEE AQUI



11



INDICAÇÕES FÍLMICAS

1. Corral (2017)
2. Infiltrado na Klan (2018)
3. Selma - Uma Luta Pela Igualdade (2014)
4. Moonlight: Sob a Luz do Luar (2016)
5. O Ódio que Você Semeia (2018)

INDICAÇÕES MUSICAIS

AMARELO É O TERCEIRO ÁLBUM DE ESTÚDIO DO RAPPER, CANTOR E COMPOSITOR BRASILEIRO EMICIDA. FOI LANÇADO EM 30 DE OUTUBRO DE 2019 E ELEITO UM DOS 25 MELHORES ÁLBUNS BRASILEIROS DO SEGUNDO SEMESTRE DE 2019 PELA ASSOCIAÇÃO PAULISTA DE CRÍTICOS DE ARTE.



AmarElo
EMICIDA

10



O VISLUMBRAR DO JORNAL ITA



Sabemos que na atualidade o jornalismo é uma das formas mais relevantes de promover informação e transmitir conhecimento sobre determinado assunto. Diante disso, é importante salientar que, no cenário atual, as ferramentas e mídias digitais estão em constante crescimento e, juntamente com elas, a desinformação e a repercussão que as notícias falsas tomam. Sobre esse aspecto, o jornalismo atua como ferramenta que leva dados e informações verdadeiras até o público. A partir dessas circunstâncias, quanto mais próximos os acontecimentos e fatos ocorrerem, maior a importância que as pessoas fiquem cientes de tais informações. Pensando nisso, o Jornal Ita tem como objetivo levar informações, dados e fatos decorrentes do Vale do Piancó, atribuindo maior ênfase e visibilidade aos acontecimentos e eventos regionais.



03

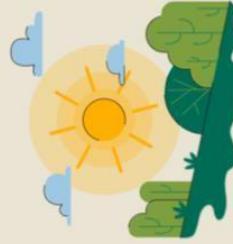
CURIOSIDADES

1º Cultura do Couro e da Culinária: A região é conhecida por sua cultura de produção de couro, especialmente na cidade de Itaporanga. Além disso, a culinária local apresenta pratos típicos como a "buchada de bode" e o "sarapatel", que são bastante apreciados pelos habitantes locais e visitantes.



2º Origem do Nome: O nome "Itaporanga" tem origem na língua tupi-guarani e significa "pedra bonita" ou "pedra preciosa". Esse nome provavelmente se refere à paisagem da região, que possui formações rochosas interessantes.

3º Festas Tradicionais: O Vale do Piancó é conhecido por suas festas tradicionais, como a Festa de São Pedro e a Festa de São Sebastião, que atraem muitos visitantes todos os anos.



4º História: A região possui uma rica história, com muitos vestígios da presença indígena, além de ter desempenhado um papel importante durante o período colonial e a independência do Brasil.



Imagem: Google Imagens

ALÉM DAS MÁSCARAS: DESVENDANDO E COLORINDO A LUTA

Nas margens sombrias da sociedade, A vulnerabilidade se revela em plena realidade. Questões raciais, feridas abertas, Refletem o mundo de injustiças encobertas.

Cores da pele, marcadas diferenças, Que geram dores e profundas ofensas. A vulnerabilidade grita em cada olhar, Enquanto o preconceito insiste em calar.

É tempo de erguer a voz com fervor, Romper correntes, combater o horror. Não basta fechar os olhos, é preciso enxergar, A dor daqueles que sofrem sem cessar.

Unamos mãos e corações em uma só voz, Construindo um mundo mais justo e veloz. Vulnerabilidade social e questões raciais, Em nosso grito de igualdade, encontram-se mais.

Que a crítica seja a semente da mudança, Quebrando barreiras, construindo esperança. Juntos, enfrentaremos as sombras da opressão, Construindo um futuro de verdadeira inclusão.



MOSTRA CIENTÍFICA DO IFPB CAMPUS ITAPORANGA: O BRILHO DA CIÊNCIA NO CORAÇÃO DO VALE DO PIANCÓ

Na região do Vale do Piancó, onde a cultura e a tradição se entrelaçam com a busca pelo conhecimento, o Instituto Federal da Paraíba (IFPB) - Campus Itaporanga está prestes a realizar uma celebração da ciência que promete iluminar ainda mais os horizontes da educação e da cultura locais. A Mostra Científica do IFPB - Campus Itaporanga está chegando e promete ser um evento de destaque não apenas para a comunidade acadêmica, mas também para toda a população.

Um Fôlego de Conhecimento

A Mostra Científica do IFPB - Campus Itaporanga é um evento anual que tem como objetivo principal destacar a produção científica e tecnológica de seus alunos e professores, bem como promover a integração com a comunidade local. Com uma programação repleta de atividades, a mostra oferece uma visão ampla e diversificada do mundo da ciência.

A mostra inclui exposições de projetos de pesquisa, apresentações de trabalhos acadêmicos, palestras, mesas-redondas e atividades culturais. É uma oportunidade única para os estudantes compartilharem suas descobertas, inovações e soluções para desafios do mundo real, enquanto também aprendem com os especialistas em suas respectivas áreas.

Relevância para o Campo Científico e Cultural

A Mostra Científica do IFPB - Campus Itaporanga não é apenas um evento acadêmico; é uma celebração da inteligência, da criatividade e da curiosidade humanas. Aqui estão algumas das maneiras pelas quais a mostra é relevante tanto para o campo científico quanto para o cultural:

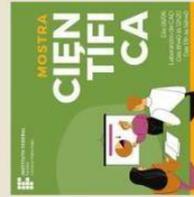
- Fomento à Pesquisa:** A mostra incentiva o desenvolvimento de projetos de pesquisa e a busca pelo conhecimento científico, contribuindo para o avanço em diversas áreas do saber.
- Integração Comunitária:** A mostra fortalece os laços entre a instituição acadêmica e a comunidade local, promovendo o diálogo e a troca de experiências.
- Divulgação Científica:** Ao tornar a ciência mais acessível e compreensível para o público em geral, a mostra desempenha um papel fundamental na divulgação científica.
- Estímulo à Criatividade:** Os projetos expostos demonstram não apenas conhecimento, mas também criatividade na resolução de problemas e na geração de novas ideias.
- Valorização da Cultura Local:** Além da ciência, a mostra também destaca a cultura local por meio de atividades culturais, promovendo a valorização das tradições e do patrimônio cultural da região.
- Preparação para o Futuro:** Os estudantes que participam da mostra têm a oportunidade de desenvolver habilidades essenciais para o mercado de trabalho, como comunicação, trabalho em equipe e pensamento crítico.

Promovendo a Excelência em Educação e Cultura

A Mostra Científica do IFPB - Campus Itaporanga é mais do que um evento; é uma celebração da excelência em educação e cultura. Ela ilumina o caminho para um futuro mais brilhante, onde o conhecimento e a inovação são os protagonistas. Portanto, se você está na região do Vale do Piancó, não perca a oportunidade de participar deste evento fascinante que une tradição e vanguarda, enriquecendo a mente e o espírito.

A ciência está em constante evolução, e eventos como a Mostra Científica são vitais para manter essa chama de descoberta viva. É uma ocasião para celebrar o potencial humano de compreender o mundo que nos cerca e moldar um futuro melhor para todos.

Não deixe de acompanhar a Mostra Científica do IFPB - Campus Itaporanga e ser parte deste movimento que brilha como um farol de conhecimento no coração do Vale do Piancó. A ciência e a cultura estão esperando por você!



VOZES INDÍGENAS: REALIDADE(S) E OS DESAFIOS EM ITAPORANGA - PB

Repórter Dandara: Boa tarde, professor. Gostaria de fazer algumas perguntas sobre a questão dos indígenas na região do interior de Itaporanga, na Paraíba. Podemos começar?

Professor Kaique: Boa tarde! Claro, estou à disposição para responder suas perguntas sobre esse importante tema. Pode começar.

Repórter Dandara: Qual é a situação dos indígenas na região de Itaporanga, na Paraíba?

Professor Kaique: Em Itaporanga e em diversas regiões do interior da Paraíba, a situação dos indígenas é marcada por desafios e lutas pela preservação de sua cultura e território. Muitas comunidades indígenas enfrentam problemas como falta de acesso à saúde, educação e infraestrutura básica, além de conflitos de terra e perda de suas tradições.

Repórter Dandara: Quais são as principais causas desses problemas enfrentados pelos indígenas na região?

Professor Kaique: As principais causas são históricas e estão relacionadas à colonização, à expulsão de suas terras e à falta de políticas públicas efetivas para garantir seus direitos. A ausência de demarcação de terras e a invasão de seus territórios por atividades econômicas predatórias, como a agropecuária e a mineração, são fatores que agravam a situação.

Repórter Dandara: Quais são as iniciativas que estão sendo tomadas para ajudar os indígenas nessa região?

Professor Kaique: Existem organizações indígenas, movimentos sociais e instituições que têm lutado pela garantia dos direitos indígenas. Além disso, a atuação de órgãos governamentais, como a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), é fundamental para auxiliar na demarcação de terras e na implementação de políticas de assistência, saúde e educação voltadas para as comunidades indígenas.

Repórter Dandara: Como a sociedade pode contribuir para melhorar a situação dos indígenas em Itaporanga e região?

Professor Kaique: A sociedade pode contribuir de várias formas. É importante promover o respeito e a valorização da cultura indígena, combater o preconceito e a discriminação, além de apoiar as reivindicações das comunidades indígenas. Também podemos participar de projetos e iniciativas que visem à melhoria das condições de vida dessas comunidades, seja por meio de doações, ações voluntárias ou conscientização da importância de preservar suas tradições e direitos.

Repórter Dandara: Muito obrigada pelas respostas, professor. Essa entrevista foi esclarecedora e me fez refletir sobre a importância de apoiarmos os indígenas em nossa região.

Professor Kaique: Eu que agradeço pela oportunidade de abordarmos esse assunto tão relevante. É fundamental que, como cidadãos conscientes, busquemos a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva, reconhecendo a importância dos indígenas e apoiando suas demandas.



A VULNERABILIDADE QUE TRANS(FORMA): A CONEXÃO DE ANTÔNIO E SOFIA



Era uma manhã cinzenta, onde as ruas da cidade pareciam carregar o peso das histórias que ali se desenrolavam. Em meio ao tumulto das pessoas apressadas, uma figura solitária chamava a atenção. Seu semblante cansado e seus olhos tristes revelavam a dura realidade da vulnerabilidade social.

Era o senhor Antônio, um homem de cabelos grisalhos que carregava consigo uma mala surrada e um coração repleto de sonhos perdidos. Todos os dias, ele percorria as ruas, um fantasma invisível aos olhos daqueles que passavam apressados por ele. Mas, naquela manhã, algo de diferente estava prestes a acontecer.

Enquanto Antônio caminhava vagarosamente, uma garotinha de vestido puído e sapatos desgastados aproximou-se timidamente. Seus olhos castanhos e brilhantes revelavam uma inocência que o mundo havia roubado de seus lábios infantis. Ela estendeu a mão em direção a Antônio, oferecendo-lhe um sorriso frágil e puro.

O velho homem olhou para ela, e uma chama de esperança acendeu em seus olhos cansados. Ele segurou a mão pequena e fria da menina, enquanto um diálogo silencioso se estabelecia entre eles. Naquele instante, Antônio sentiu que a conexão humana, mesmo nas circunstâncias mais adversas, poderia ser um bálsamo para a alma.

Enquanto caminhavam juntos, a garotinha chamada Sofia contou a Antônio sobre sua vida difícil e os desafios que enfrentava todos os dias. Ela vivia em um abrigo temporário, um lar temporário que não oferecia o conforto de uma família. Mas Sofia tinha um espírito resiliente e uma capacidade notável de encontrar beleza nos momentos mais simples.

Antônio ouviu atentamente cada palavra de Sofia, maravilhado com a sua força interior e a inocência que a vida não havia conseguido roubar. Ele compartilhou suas próprias histórias, revelando os sonhos que um dia tivera e as batalhas que enfrentara. Naquele breve encontro, a vulnerabilidade social se transformou em uma oportunidade de compreensão mútua e empatia.

O dia passou rápido e o sol começou a se pôr, pintando o céu com tons de laranja e rosa. Antônio e Sofia se despediram com abraços apertados, mas um vínculo especial os unia agora. Aquela breve conexão havia deixado marcas profundas em seus corações, lembrando-os de que a vulnerabilidade pode ser transformada em força e que a solidariedade pode florescer mesmo nos lugares mais sombrios.

Enquanto Antônio caminhava de volta para o seu lugar de dormir improvisado, sentiu uma sensação de gratidão. Ele percebeu que, apesar de todas as suas adversidades, havia encontrado algo valioso naquele dia: a certeza de que não estava sozinho. E, mesmo que o mundo pudesse parecer frio e indiferente, a beleza da conexão humana era capaz de aquecer até os corações mais despedaçados.

Assim, a história de Antônio e Sofia ecoou nas ruas da cidade, sussurrando um lembrete silencioso para todos nós. Que possamos enxergar além das aparências e estender a mão para aqueles que estão invisíveis aos olhos da sociedade. Pois, no fim das contas, é através do amor e da empatia que construímos um mundo onde a vulnerabilidade seja transformada em dignidade e a esperança floresça em todos os corações.



06

ESTUDANTES DO IFPB CAMPUS ITAPORANGA FORTALECEM A LUTA CONTRA O ASSÉDIO COM O NUCA

NÚCLEO DE COMBATE AO ASSÉDIO PROMOVE CONSCIENTIZAÇÃO E APOIO ÀS VÍTIMAS

ITAPORANGA, PARAÍBA - 10 DE MAIO DE 2023

No IFPB Campus Itaporanga, um grupo de estudantes vem se destacando na luta contra o assédio e na promoção de um ambiente escolar seguro e acolhedor. Trata-se do NUCA (Núcleo de Combate ao Assédio), uma iniciativa estudantil que tem como objetivo principal conscientizar a comunidade escolar sobre essa questão tão relevante e oferecer apoio às vítimas.



O NUCA foi criado no início deste ano por um grupo de alunos engajados, motivados a combater o assédio em todas as suas formas. Desde então, eles têm trabalhado incansavelmente para promover debates, palestras, campanhas e ações de conscientização que visam educar e sensibilizar toda a comunidade escolar. Uma das atividades mais marcantes promovidas pelo NUCA foi a realização de um ciclo de palestras ministradas por profissionais especializados, abordando temas como assédio moral, sexual, ciberbullying e relacionamentos abusivos. As palestras foram abertas a todos os estudantes e servidores do campus, proporcionando um espaço seguro para discussões e esclarecimentos sobre essas questões sensíveis.

Para Camila Silva, membro do NUCA, o trabalho desenvolvido pelo núcleo tem sido fundamental para mudar a cultura e conscientizar a comunidade escolar. "Nosso objetivo é criar um ambiente onde todos se sintam seguros e respeitados. O assédio não pode ser tolerado, e estamos aqui para combater essa realidade", afirmou Camila. O NUCA recebeu apoio e reconhecimento da direção do IFPB Campus Itaporanga, ações que tem incentivado as ações do grupo e se comprometido a promover ações institucionais de combate ao assédio.

Uma das atividades mais marcantes promovidas pelo NUCA foi a realização de um ciclo de palestras ministradas por profissionais especializados, abordando temas como assédio moral, sexual, ciberbullying e relacionamentos abusivos. As palestras foram abertas a todos os estudantes e servidores do campus, proporcionando um espaço seguro para discussões e esclarecimentos sobre essas questões sensíveis.

Com a iniciativa e dedicação dos estudantes envolvidos, o NUCA do IFPB Campus Itaporanga se tornou um exemplo de mobilização e combate ao assédio, mostrando que a união e o engajamento da comunidade escolar são essenciais para promover mudanças significativas.



07

ANEXO C - EDIÇÃO SETEMBRO

JORNAL ITA

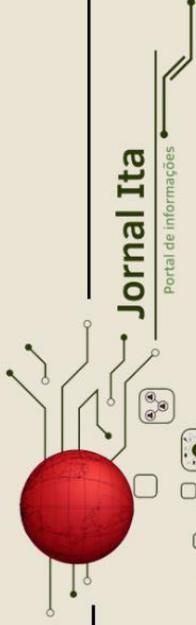
CRUZADINHA

I	A	N	D	I	N	A	M	I	S	M	O	C
A	N	Ç	O	D	C	U	L	T	U	R	A	E
Ş	R	F	Ğ	T	H	G	Ü	N	K	V	T	C
K	N	H	O	Ş	I	U	B	Ç	Ğ	E	R	U
H	G	R	J	R	I	C	P	F	H	O	B	R
O	E	O	V	M	N	I	C	C	V	I	I	
Z	A	P	R	O	Ü	A	N	A	J	E	M	O
Ö	T	O	N	Ü	U	A	Ç	T	I	R	V	S
D	A	R	A	K	M	J	E	Ä	Ö	D	Ö	I
Ç	N	T	L	I	Ç	Ä	F	O	A	V	D	
I	V	E	O	Ä	I	Ç	Ö	C	G	D	Ö	A
C	E	R	P	Ü	L	F	K	F	A	E	Ç	D
J	O	R	N	A	L	I	S	M	O	I	G	E



PARA JOGAR ONLINE:

01 DE SETEMBRO DE 2023 | EDIÇÃO 2 | ANO 1 | CIRCULAÇÃO NO VALE DO PIAUÍ | E-MAIL: JORNALITA@GMAIL.COM



IFPB PROMOVE A ENTREVISTA "SETEMBRO AMARELO: UM GESTO DE AFETO PODE MUDAR TUDO".

SOA VOM E IMPORTANTE

PROFESSOR A WELTON FELIX

IFPB

02 EQUÍDE

03 EDITORIAL JORNAL ITA

04 COLUNA GASTRONÔMICA

05 ENTREVISTA ENTRE RAÍZES E EDUCAÇÃO

06 CRÔNICA SOMBRAS E CORES

07 NOTÍCIA: SEMANA DE CIÊNCIAS IFPB

08 ARTIGO DE OPINIÃO: VOZES NÃO-BRANCAS

09 POEMA: RAINHAS DO SERTÃO

10 CULTURA, MÚSICA E ARTE

11 CLASSIFICADOS

12 CRUZADINHA

01 DE SETEMBRO DE 2023 | EDIÇÃO 2 | ANO 1 | CIRCULAÇÃO NO VALE DO PIAUÍ | E-MAIL: JORNALITA@GMAIL.COM



imagem: autoria própria

EQUIPE

- desenvolvedora
- desenvolvedora/desenhista
- repórter
- colunista
- colunista
- marketing
- colunista/mídias/desenhista
- desenvolvedora/visora
- repórter/mídias
- repórter
- repórter/colunista
- mídias
- Priscila Brazil - orientadora
- repórter
- designer/visora

CLASSIFICADOS

Services Commercial Properties

Versos da Cléo - 83 9948-7536, escritora de cordéis
 RC Xerox e Variedades - 83 9695- 5913, serviços de xerox e impressão
 Lojas Veste Bem - 83 9859-3451, loja de roupas
 Jessyca Sweet Cake - 83 9626-1134, loja de doces
 NSS Makeup - 83 99814-8875, estúdio de maquiagem
 Suzanny, Fotografias - 83 99918- 0625, ensaios fotográficos



EMPREGOS

Vaga de Jovem Aprendiz
 Localização: Itaporanga/PB
 Salário: a combinar
 Empresa: Banco do Brasil

Gerente de negócios
 Localização: Itaporanga/PB
 Salário: a combinar
 Empresa: Sicredi

ESCANEE AQUI



CULTURA, MÚSICA E ARTE

INDICAÇÕES FÍLMICAS

- "Cidade de Deus" (2009): Dirigido por Fernando Meirelles e Kátia Lund, este filme é um retrato impactante da vida nas favelas do Rio de Janeiro. Ele aborda as desigualdades sociais, a violência e a luta pela sobrevivência, com um foco especial na juventude negra que vive nessas áreas. "Cidade de Deus" é amplamente aclamado e internacionalmente reconhecido.
- "Que Horas Ela Volta?" (2015): Dirigido por Anna Muylaert, este filme estrela Regina Casé como Val, uma empregada doméstica que trabalha para uma família rica em São Paulo. O filme explora as complexidades das relações de classe e a desigualdade econômica no Brasil, especialmente entre patrões e empregados domésticos. Foi um sucesso tanto no Brasil quanto internacionalmente.
- "Branco Sai, Preto Fica" (2014): Dirigido por Adirley Queiros, este filme mistura ficção e documentário para abordar questões de raça, política e desigualdades. A história segue dois homens negros que foram vítimas de violência policial em Brasília e, anos depois, voltam a se encontrar. O filme oferece uma visão contundente da vida e das lutas da comunidade negra no Brasil.

INDICAÇÕES MUSICAIS

EM CASA COM OS GIL (2023)



Imagem: YouTube



VÍDEO COMPLETO



JORNAL ITA : CONECTANDO COMUNIDADES E PROMOVENDO CIDADANIA

É com grande entusiasmo que apresentamos o Jornal ITA, uma voz vibrante e comprometida com a comunidade do nosso amado Vale. Nossa missão vai muito além de informar; somos um veículo de comunicação que desempenha um papel fundamental na promoção da cidadania e no fortalecimento dos laços entre as pessoas que chamam essa região de lar.

Nossa região é um lugar de rica diversidade cultural, história e paisagens deslumbrantes. Ao abordar uma variedade de tópicos, desde eventos locais e notícias da escola até questões globais, estamos conectando nossos leitores com o mundo ao seu redor. Ao fazê-lo, construímos pontes de compreensão e solidariedade, promovendo uma sensação de pertencimento e orgulho na identidade do Vale do Piancó.

Um dos principais pilares do nosso jornal é a amplificação das vozes da comunidade. Damos espaço aos líderes comunitários, aos estudantes, aos professores, aos pais e a qualquer pessoa que tenha algo importante a dizer. Ao destacar os desafios e sucessos locais, ajudamos a sensibilizar as questões que afetam diretamente nossos leitores. Com essa voz coletiva, podemos pressionar por mudanças positivas e soluções para os problemas que enfrentamos.

A educação é a espinha dorsal do nosso jornal. Além de informar, buscamos educar. Através de artigos informativos, análises aprofundadas e entrevistas, pretendemos fornecer informações necessárias para que nossos leitores se tornem cidadãos ativos e informados. Queremos que todos compreendam seu papel na construção de uma comunidade mais forte e justa.

Nosso jornal não é apenas uma fonte de informações, mas também um veículo para o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita. Incentivamos os estudantes a se envolverem na redação de artigos, promovendo o pensamento crítico, a criatividade e a comunicação eficaz.

O Jornal ITA é uma ferramenta poderosa para conectar, educar e capacitar nossa comunidade. Em um mundo onde as notícias e informações circulam rapidamente, desempenhamos um papel fundamental na promoção de valores locais e globais, na construção de um espírito cívico forte e na formação das mentes brilhantes que moldarão o futuro desta região.

Juntos, vamos continuar a fortalecer nossa comunidade, celebrando suas conquistas, enfrentando desafios e inspirando ações positivas. Juntos, somos o Vale do Piancó e podemos realizar grandes coisas.



ESPAÇO CULINÁRIO

CHEFF INAË

HORTELÃ

Pode ser utilizada para o mau hábito, alívio de cólicas menstruais e intestinais, gases, tratamento de resfriados, alívio dos sintomas da rinite, sinusite e asma, dores de cabeça, melhora da concentração, diminuir sintomas do estresse e da ansiedade.

MANGA

É rica em fibras, que atuam no bom funcionamento do intestino e evitam prisão de ventre. Reforço no sistema imunológico: as vitaminas A e C presentes em sua composição aumentam a imunidade e previnem doenças.



Imagem: Autoria própria

NOSSA SUBSTÃO: SALADA DE VERÃO COM MOLHO DE MANGA E HORTELÃ

Ingredientes:

- 2 mangas maduras, cortadas em cubos
- 2 abobrinhas pequenas, cortadas em tiras finas
- 2 cenouras, raladas
- 1 pepino, cortado em rodela finas
- 1 pimentão vermelho, cortado em tiras finas
- 1 cebola roxa, cortada em rodela finas

Folhas frescas de hortelã a gosto
1 limão, suco
2 colheres de sopa de azeite de oliva
Sal e pimenta a gosto

Instruções:

Em uma tigela grande, combine as mangas, abobrinhas, cenouras, pepino, pimentão vermelho e cebola roxa. Para o molho de manga e hortelã, em um liquidificador, coloque as folhas de hortelã, o suco de limão, o azeite de oliva, uma pitada de sal e pimenta a gosto. Misture até obter um molho homogêneo. Despeje o molho de manga e hortelã sobre a salada de vegetais. Delicadamente, misture todos os ingredientes até que a salada esteja bem revestida com o molho. Prove e ajuste o tempero, se necessário, adicionando mais sal, pimenta ou suco de limão, conforme seu gosto pessoal. Sirva imediatamente, decorando com algumas folhas de hortelã fresca para dar um toque final.

Essa salada de verão é refrescante, saudável e repleta de sabores naturais da terra. É uma ótima opção para acompanhar churrascos, grelhados ou como uma refeição leve em um dia quente. Aproveite!



04

RAINHAS DO SERTÃO: POEMA EM HOMENAGEM ÀS MULHERES NEGRAS



Nas terras áridas do Sertão abençoado, resplandecem mulheres, tesouros ocultos, Negras rainhas do chão rachado, Guardiãs de histórias, segredos sepultos.

Sob o sol escaldante, pele de ébano irradia, Cabelos entrelaçados em majestosa coroa, Histórias ancestrais, sabedoria que não se esfria, Nas veias, o sangue dos que aqui antes entoaram.

Com força e graça, enfrentam desertos e desdém, são semeadoras da esperança em solo árido, Na dança das palmas, no canto que além, celebra a luta, a vida, o amor compartilhado.

Nos traços, nos traquejos, traçam a própria trilha, enfrentam ventanias, resistem, não se curvam, na solidariedade, na fé que brilha, Mulheres negras do Sertão, que o mundo observe.

Nossas avós, nossas mães, nossas filhas, herdeiras de uma história de força e coragem, No Sertão Paraibano, suas vidas brilham, com amor, respeito e justiça como mensagem.

Em meio ao calor, à poeira, à seca, renasce a beleza de sua história ancestral, Mulheres negras do Sertão, sua luta nos encanta e com amor e respeito, erguemos um altar.

Na palma da mão, o futuro se tece, pelos caminhos do Sertão, elas conduzem, Mulheres negras, nossa eterna prece, para que seu legado de luz sempre resplandeça.

No Sertão Paraibano, onde o sol queima forte, Mulheres negras, vocês são a luz que guiam as histórias mais belas e sua arte torna esse chão seco um oásis de alegria.



09

A IMPORTÂNCIA DAS VOZES NÃO-BRANCAS NO SERTÃO PARAIBANO NO CONTEXTO DO SETEMBRO AMARELO

No coração do Brasil, onde o sol brilha forte e a cultura é diversa, encontramos as cidades do Sertão Paraibano. Essa região, marcada por sua rica herança cultural e tradições profundamente enraizadas, é habitada por pessoas de diversas origens étnicas e culturas. No entanto, ainda enfrentamos desafios significativos quando se trata de garantir que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Neste mês de Setembro Amarelo, é fundamental destacar a importância de dar voz às comunidades não-brancas no contexto do Sertão Paraibano.

Diversidade Invisível

Embora a região do Sertão Paraibano abrigue uma rica tapestria de culturas e tradições, as vozes não-brancas muitas vezes permanecem invisíveis ou marginalizadas. A diversidade étnica e cultural é uma das riquezas mais preciosas de nossa região, mas muitas vezes não é devidamente celebrada ou reconhecida. Isso pode criar um sentimento de alienação entre as comunidades não-brancas, contribuindo para problemas de saúde mental, como a depressão e a ansiedade.

Setembro Amarelo e Saúde Mental

Setembro Amarelo é um mês dedicado à conscientização sobre a saúde mental. É um período em que todos são incentivados a se envolverem na conversa sobre o bem-estar emocional e a prevenção do suicídio. Nesse contexto, é crucial abordar as questões de saúde mental enfrentadas por comunidades não-brancas no Sertão Paraibano.

A marginalização e a invisibilidade podem ter um impacto profundo na saúde mental das pessoas. Quando as vozes não-brancas são ignoradas ou sub-representadas, isso pode levar a sentimentos de isolamento e desesperança. E por isso que, neste Setembro Amarelo, devemos destacar a importância de incluir todas as vozes em nossa conversa sobre saúde mental.

Amplificando Vozes Não-Brancas

Para abordar essa questão, é essencial que as cidades do Sertão Paraibano trabalhem ativamente para amplificar as vozes não-brancas. Isso inclui:

1. **Inclusão nas instituições:** Garantir que as instituições educacionais, culturais e governamentais representem e incluam ativamente pessoas de todas as origens étnicas.
2. **Promoção da educação:** Investir em programas que promovam a educação sobre a história e cultura das comunidades não-brancas na região.
3. **Oportunidades de liderança:** Criar oportunidades para que líderes não-brancos assumam posições de liderança e influência.
4. **Mídia inclusiva:** Encorajar a mídia local a retratar e dar voz às diversas comunidades do Sertão Paraibano.

Neste Setembro Amarelo, devemos lembrar que a saúde mental é um direito fundamental para todas as pessoas, independentemente de sua origem étnica ou cultural. As cidades do Sertão Paraibano são verdadeiramente enriquecidas pela diversidade de suas populações, e é imperativo que todas as vozes sejam ouvidas e respeitadas. Ao promover a inclusão e amplificar as vozes não-brancas, podemos trabalhar juntos para construir uma região mais justa, equitativa e saudável para todos os seus habitantes. Afinal, a saúde mental não conhece barreiras étnicas, e a empatia e a solidariedade são os alicerces para um Sertão Paraibano mais forte e unido.



ENTRE RAÍZES E EDUCAÇÃO: A JORNADA DE UMA MULHER INDÍGENA EM ITAPORANGA, PB

Repórter Dandara: Olá, gostaria de começar agradecendo por concordar em conversar conosco hoje. Poderia nos contar um pouco sobre sua jornada como professora, mãe, indígena e moradora de Itaporanga?

Apoena (Professora, Mãe, Indígena, Moradora de Itaporanga - PB): Olá! Primeiramente, é um prazer estar aqui. Minha jornada tem sido incrivelmente enriquecedora e desafiadora. Sou professora há muitos anos e sempre acreditei que a educação é a chave para um futuro melhor. Ser mãe é uma das experiências mais gratificantes da minha vida, mas também uma grande responsabilidade, pois quero criar um ambiente saudável e inclusivo para os meus filhos. Além disso, sou indígena da etnia Xavante e moradora de Itaporanga, uma cidade que adoro, com uma rica cultura e história.

Repórter Dandara: Você poderia compartilhar um pouco mais sobre a sua experiência como professora na região? Quais são os desafios e as alegrias de ensinar em Itaporanga?

Apoena: Claro! Ensinar no Vale do Piancó, no geral, é uma experiência única. A região possui uma diversidade cultural incrível, e isso se reflete na sala de aula. Uma das maiores alegrias é ver meus alunos mergulhando nas tradições locais e aprendendo sobre a história rica de nossa comunidade. No entanto, enfrentamos desafios, como a falta de recursos e infraestrutura adequados, que às vezes dificultam o processo de ensino. Mas a dedicação dos meus alunos e a paixão pelo que faço superam esses obstáculos.

Repórter Dandara: Sendo uma mãe e professora, como você equilibra suas responsabilidades familiares e profissionais? Quais são os valores que você procura transmitir aos seus filhos e alunos?

Apoena: É uma tarefa desafiadora, mas acredito que o equilíbrio seja fundamental. Busco envolver meus filhos em minha jornada identitária e educacional, mostrando a importância do aprendizado e da empatia. Valores como respeito pela diversidade, amor pela cultura local e comprometimento com a educação são prioridades tanto em casa quanto na escola.

Repórter Dandara: Como uma mulher indígena, quais são os aspectos mais significativos de sua cultura que você procura preservar e compartilhar com as gerações mais jovens?

Apoena: A cultura indígena é uma parte fundamental da minha identidade. Procuo preservar e compartilhar nossas tradições, nossa língua, nossa espiritualidade e nossa relação harmoniosa com a natureza. É importante que as gerações mais jovens entendam e respeitem a herança cultural dos povos indígenas, para que possamos continuar a existir como um povo forte e vibrante.

Repórter Dandara: Por fim, qual é a sua visão para o futuro de Itaporanga e da educação na região?

Apoena: Minha visão para o futuro de Itaporanga é um lugar onde a diversidade seja celebrada, onde todas as crianças tenham acesso a uma educação de qualidade e onde nossas tradições sejam preservadas com orgulho. Quero ver a educação na região crescer, com mais recursos, mais oportunidades e um compromisso contínuo com a igualdade de acesso ao conhecimento. É uma jornada desafiadora, mas estou otimista de que, com o apoio da comunidade, podemos alcançar esses objetivos.

Repórter Dandara: Muito obrigada por compartilhar suas experiências e visões conosco. Sua história é inspiradora e certamente terá um impacto positivo nas futuras gerações de Itaporanga.





SOMBRAS E CORES: REFLETINDO SOBRE AS TEIAS DAS DESIGUALDADES

Era uma tarde quente de verão, daquelas em que o sol parecia queimar mais forte, como se quisesse testar nossa resistência. Eu estava sentado em um banco do parque, observando o movimento ao meu redor. Não pude deixar de notar a diversidade das pessoas que passavam por ali, cada uma com sua história, suas lutas e suas alegrias. Enquanto observava, meus pensamentos começaram a vagar pelas desigualdades que permeiam nossa sociedade. Desigualdades de cor, raça e gênero que, mesmo em pleno século XXI, ainda persistem como feridas abertas em nossa convivência. Vi uma mulher negra, de cabelos crespos e olhar determinado, empurrando um carrinho de bebê. Pensei em como ela, além de cuidar de seu filho, muitas vezes deve enfrentar o peso das estatísticas que mostram que as mulheres negras têm menos oportunidades e enfrentam mais obstáculos do que a maioria. Ao lado dela, passou um casal de mãos dadas. Ele branco, ela negra. Perguntei-me se já haviam enfrentado olhares de reprovação ou comentários maldosos por simplesmente estarem juntos. Afinal, o amor não deveria conhecer barreiras de cor. Uma jovem com roupas masculinas e cabelos curtos chamou minha atenção. Sua postura era confiante, mas eu me perguntei quantas vezes ela teve que lutar para ser aceita e respeitada como ela mesma, independentemente das expectativas de gênero que a sociedade impõe. Enquanto eu refletia sobre essas situações, um sentimento de indignação crescia dentro de mim. Como é possível que em um mundo tão conectado e avançado ainda enfrentemos essas desigualdades? Por que algumas pessoas são julgadas e discriminadas por características que não escolheram, como a cor de sua pele, sua raça ou seu gênero? Mas, ao mesmo tempo, eu também senti esperança. Porque, apesar das desigualdades, vi a força e a resiliência das pessoas que enfrentam esses desafios todos os dias. Vi a solidariedade e a empatia de muitos que estão dispostos a lutar por um mundo mais justo e igualitário. E então, naquele parque, sob o sol escaldante, eu entendi que as desigualdades podem ser combatidas com educação, empatia e ação. Cada um de nós pode contribuir para construir um mundo onde a cor da pele, a raça ou o gênero não determinem o destino de alguém. É uma jornada longa e desafiadora, mas, juntos, podemos torná-la realidade. Porque, afinal, somos todos parte da mesma humanidade, e é hora de tratarmos uns aos outros como tal.

SEMANA DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO IFPB ITAPORANGA ABORDA DESIGUALDADES SOCIAIS EM AMPLAS PERSPECTIVAS



O Instituto Federal da Paraíba (IFPB), campus de Itaporanga, está organizando sua aguardada Semana de Ciência e Tecnologia, e este ano o foco será nas questões cruciais das desigualdades sociais. O evento, que acontecerá de 18 a 22 de outubro, promete ser uma plataforma de discussão e aprendizado sobre como a ciência e a tecnologia podem ser aliadas na busca por um mundo mais justo e equitativo.

A Semana de Ciência e Tecnologia do IFPB Itaporanga é tradicionalmente reconhecida por sua contribuição para a disseminação do conhecimento científico na região e, neste ano, não será diferente. A temática das desigualdades sociais foi escolhida com o objetivo de destacar a importância da educação, da pesquisa e da inovação como ferramentas essenciais para abordar questões que afetam as comunidades locais e globais.

O evento contará com uma variedade de atividades, incluindo palestras, mesas-redondas, workshops, exposições e apresentações de projetos desenvolvidos por estudantes e professores. As discussões abrangerão tópicos como desigualdades de renda, acesso à educação, saúde, gênero e raça, bem como a influência da tecnologia nesse contexto.

A abertura oficial contará com a presença de autoridades locais e especialistas renomados na área de ciência, tecnologia e desigualdades sociais. As atividades serão realizadas tanto no campus do IFPB quanto em espaços da comunidade, proporcionando uma conexão direta entre a academia e a sociedade.

Para o Prof. Douglas Xavier, coordenador da Semana de Ciência e Tecnologia, "Esta edição do evento é uma oportunidade única para ampliar nossa compreensão das complexas questões que envolvem as desigualdades sociais e, ao mesmo tempo, inspirar soluções inovadoras que contribuam para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva".

A Semana de Ciência e Tecnologia do IFPB Itaporanga é aberta ao público em geral e busca envolver não apenas estudantes e pesquisadores, mas também toda a comunidade local interessada em discutir e enfrentar os desafios das desigualdades sociais por meio da ciência e da tecnologia. A organização do evento convida a todos a participarem e contribuírem para uma semana enriquecedora de reflexão e aprendizado.

ANEXO D – PARECER DO COMITÊ DE ÉTICA

<p>UFCG - HOSPITAL UNIVERSITÁRIO ALCIDES CARNEIRO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE / HUAC - UFCG</p>	
---	--

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Práticas de leitura e de escrita de gêneros jornalísticos no contexto do ensino médio profissionalizante: uma vivência educacional

Pesquisador: PRISCILA NUNES BRAZIL

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 69266623.9.0000.5182

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.102.961

Apresentação do Projeto:

De acordo com o pesquisador a presente pesquisa de Mestrado Acadêmico em andamento apresenta uma discussão embasada pelos estudos da Teoria Dialógica da Linguagem (TDL) e pela Educomunicação em perspectiva dialógico-discursiva, tendo como ênfase o jornal escolar enquanto mídia capaz de possibilitar construções leitoras e escritoras no âmbito social com vistas à formação de sujeitos críticos. O foco principal dar-se-á em relação a compreensão da linguagem como prática social a fim de que os/as estudantes se apropriem de diferentes conhecimentos imperativos às mudanças sociais e às transformações decorrentes de uma sociedade que ainda perpetua tantas desigualdades. A proposta está delineada a partir da seguinte questão de pesquisa: qual o impacto formativo à construção de conhecimentos sobre leitura e escrita de gêneros jornalísticos de estudantes do Ensino Médio Técnico-Profissionalizante? Na busca pela resposta à questão de pesquisa apresentada, temos como objetivo geral analisar as práticas sociais dos/as estudantes implicados na pesquisa no tocante à leitura e escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação discursiva do jornalismo; e como objetivos específicos: articular o ensino de linguagens no Ensino Médio Técnico-Profissionalizante à luz da TDL, da Educomunicação e do que preconiza a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio (BNCC/EM); descrever o processo de concepção, produção e circulação do jornal escolar

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.		CEP: 58.107-670
Bairro: São José		
UF: PB	Município: CAMPINA GRANDE	
Telefone: (83)2101-5545	Fax: (83)2101-5523	E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.102.961

empreendido na proposta metodológica desta pesquisa; e investigar o impacto formativo dos/das estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo. Nessa perspectiva, a proposta está pautada em analisar os textos produzidos por estudantes de turmas do Ensino Médio Técnico-Profissionalizante em uma instituição pública federal no Sertão da Paraíba. O trabalho, almejando suscitar as relações entre a prática social e as produções do jornal escolar impresso e virtual, constitui uma pesquisa interventiva e colaborativa junto aos sujeitos do estudo. Para efetivação da proposta, utilizaremos, metodologicamente, a pesquisa-ação, tendo o diário de campo como instrumento de registro, considerando o conhecimento gerado e compartilhado pelos sujeitos da pesquisa e pela pesquisadora, bem como a utilização de questionários abertos e fechados que visam registrar, na visão dos/as estudantes, suas compreensões sobre leitura, escrita e gêneros jornalísticos e as edições produzidas e postas em circulação social do jornal escolar. A presente pesquisa será realizada no Instituto Federal da Paraíba (IFPB) – campus Itaporanga, localizado no alto sertão do estado, e terá como participantes 15 estudantes matriculados nos primeiros anos das turmas do Ensino Médio da referente instituição de ensino, com faixa etária entre 15 e 18 anos de idade, que participarão, integralmente, do processo de planejamento, execução e avaliação da elaboração de um jornal escolar impresso e virtual já denominado de ITA (referência popular ao codinome da cidade de Itaporanga). A presente pesquisa será dividida em quatro fases: 1) na primeira fase, conheceremos a realidade em que os estudantes estão inseridos, como forma de realizar um diagnóstico comunitário para compreendermos as diferentes possibilidades interventivas; 2) na segunda, iremos situar os estudantes em relação ao domínio jornalístico e, principalmente, da necessidade do conhecimento crítico diante do jornalismo convencional; 3) na terceira fase, iniciaremos o processo de produção do jornal escolar, a partir da seleção da equipe e do processo de distribuição das funções e tarefas de cada indivíduo/grupo; 4) por último, realizaremos uma análise dialógico-discursiva do jornal escolar elaborado pelos estudantes das turmas do Ensino Médio, na tentativa de alcançar os objetivos almejados na pesquisa. Será realizada ao longo do processo de escrita do trabalho aqui delineado, uma pesquisa para sintetizar o estado do conhecimento do tema em questão nas plataformas de Teses e Dissertações da Capes nos últimos dez anos, como forma de validar a originalidade e necessidade da realização desse estudo e, ainda, de sua realização ser efetivada na região Nordeste e, principalmente, em uma cidade do alto sertão paraibano. Ao todo, serão elaboradas três edições do Jornal Escolar ITA pelos/as estudantes

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.102.961

com a mediação da pesquisadora: a primeira edição em novembro de 2023, com a temática étnico-racial; a segunda edição em abril de 2024, com a temática Páscoa, e a última edição em junho de 2024, com a temática festas juninas. Nesse ínterim, analisaremos os diferentes modos que os/as estudantes se apropriam dos vários gêneros discursivos inseridos na produção do jornal escolar. Desse modo, esperamos a partir da análise de dados investigar o impacto formativo junto às práticas de leitura e escrita na construção do jornal escolar e na elaboração de práticas significativas no âmbito dessa pesquisa. As categorias de análise serão mobilizadas a partir da TDL e da Educomunicação, levando em consideração os dados já em fase geração com o objetivo de desenvolver a formação de estudantes leitores-produtores críticos e responsivos.

Objetivo da Pesquisa:

O pesquisador elenca como objetivos:

Objetivo Geral:

Analisar as práticas sociais dos/as estudantes implicados na pesquisa no tocante à leitura e escrita de gêneros pertencentes ao campo da comunicação discursiva do jornalismo.

Objetivos Específicos:

Articular o ensino de linguagens no Ensino Médio Técnico-Profissionalizante à luz da TDL, da Educomunicação e do que preconiza a Base Nacional Comum Curricular para o Ensino Médio (BNCC/EM);
Descrever o processo de concepção, produção e circulação do jornal escolar empreendido na proposta metodológica desta pesquisa;

Investigar o impacto formativo dos/das estudantes no tocante à construção de conhecimentos crítico-reflexivos a respeito da função social do jornalismo.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

O pesquisador descreve como riscos e benefícios da pesquisa:

Riscos:

Por ocasião da publicação dos resultados, compreendemos que o sigilo de participação seja um risco possível para o participante da pesquisa e, para isso, garantimos que o nome dos participantes será mantido em sigilo. Esses riscos serão minimizados mediante: Garantia do anonimato/privacidade do participante na pesquisa, onde não será preciso colocar o nome do mesmo; Para manter o sigilo e o respeito ao participante da pesquisa, apenas a discente aplicará

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.102.961

as técnicas de pesquisa e somente a pesquisadora discente e o orientador poderão manusear os dados. Um outro risco possível é o estudante se cansar em sua participação, ou mesmo se constranger mediante alguma fala de seus colegas, bem como sentir-se na vontade de não participar da pesquisa. Para isso, a pesquisadora poderá a qualquer momento interromper a dinâmica de pesquisa, evitando qualquer constrangimento ou insatisfação, de modo que garantirá um ambiente acolhedor e confortável para a criança.

Benefícios:

O benefício desta pesquisa é a possibilidade de uma maior disseminação acerca da temática na instituição lócus da pesquisa, bem como aos participantes compreenderem de forma efetiva as peculiaridades que envolvem as vivências com o objeto aqui delineado.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa denota relevância científica e social.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram anexados ao sistema:

Projeto completo

Folha de rosto

Termo de Anuência Institucional

Termo de Compromisso dos Pesquisadores

Instrumento de Coleta de dados

Orçamento

Cronograma

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não existem inadequações éticas para o início da pesquisa.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.	CEP: 58.107-670
Bairro: São José	
UF: PB	Município: CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545	Fax: (83)2101-5523
	E-mail: cep@huac.ufcg.edu.br

UFCG - HOSPITAL
UNIVERSITÁRIO ALCIDES
CARNEIRO DA UNIVERSIDADE
FEDERAL DE CAMPINA
GRANDE / HUAC - UFCG



Continuação do Parecer: 6.102.961

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2102595.pdf	30/04/2023 22:30:16		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termodocompromisso.pdf	30/04/2023 22:29:44	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_completo.docx	18/04/2023 10:43:09	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito
Folha de Rosto	folhaderosto.pdf	17/04/2023 23:08:28	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TALE.docx	17/04/2023 23:08:09	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	tcle.docx	17/04/2023 23:07:59	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito
Outros	Questionario.docx	17/04/2023 23:07:35	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito
Outros	TermodAnuenciaassinado.pdf	17/04/2023 23:04:58	PRISCILA NUNES BRAZIL	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINA GRANDE, 06 de Junho de 2023

Assinado por:
Andréia Oliveira Barros Sousa
(Coordenador(a))

Endereço: CAESE - Rua Dr. Chateaubriand, s/n.
Bairro: São José **CEP:** 58.107-670
UF: PB **Município:** CAMPINA GRANDE
Telefone: (83)2101-5545 **Fax:** (83)2101-5523 **E-mail:** cep@huac.ufcg.edu.br